



Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de História  
Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS)  
Área de Concentração: História Cultural  
Linha de Pesquisa: Identidades, Tradições, Processos

---

## TIA NEIVA: A TRAJETÓRIA DE UMA LÍDER RELIGIOSA E SUA OBRA, O VALE DO AMANHECER (1925-2008)

---



Autor: **Marcelo Rodrigues dos Reis**  
Orientadora: **Marcia de Melo Martins Kuyumjian**

Brasília, Setembro de 2008



**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Departamento de História**  
**Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS)**  
**Área de Concentração: História Cultural**  
**Linha de Pesquisa: Identidades, Tradições, Processos**

---

# **TIA NEIVA: A TRAJETÓRIA DE UMA LÍDER RELIGIOSA E SUA OBRA, O VALE DO AMANHECER (1925-2008)**

---

Tese de doutorado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação do  
Departamento de História da  
Universidade de Brasília, vinculada à  
linha de pesquisa em História Cultural,  
sob orientação da Professora Dra.  
Marcia de Melo Martins Kuyumjian  
como requisito para a obtenção do  
título de Doutor em História.  
1º 2008

Autor: **Marcelo Rodrigues dos Reis**  
Orientadora: **Marcia de Melo Martins Kuyumjian**

Brasília, Setembro de 2008



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA CULTURAL  
LINHA DE PESQUISA: IDENTIDADES, TRADIÇÕES, PROCESSOS

**Tia Neiva: a trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer (1925-2008)**

Marcelo Rodrigues dos Reis

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Marcia de Melo Martins Kuyumjian (UnB – Departamento de História)  
Orientadora

---

Prof. Dr. Sullivan Charles Barros (UNIEURO)  
Examinador

---

Profa. Dra. Deis Elucy Siqueira (UnB – Departamento de Sociologia)  
Examinadora

---

Profa. Dra. Eleonora Zicari Costa de Brito (UnB – Departamento de História)  
Examinadora

---

Profa. Dra. Maria Thereza Ferraz Negrão (UnB – Departamento de História)  
Examinadora

---

Prof. Dr. Victor Hugo Veppo Burgardt (INESC)  
Suplente

Brasília, 05 de setembro de 2008

*In Memoriam,*

*Aos filhos de Yucatã, Magano, Marabô, Umaytã, Camuty, Yuricy, Amayã, Cayrã, Japuarã, Arqueiro, Tapuruã e, com deferência especial, aos filhos de Tapurã, Jaruã e Aluxã.*

*Aos meus pais, Joana e José, aos meus irmãos Alex, Caio e Junior, a minha esposa Patrícia, aos meus amados filhos Rhuan e Bruna, a minha orientadora Marcia Martins, às professoras Deis Siqueira, Eleonora Zicari e Thereza Negrão, à tribo e aos demais que se somaram à inspiração e à condução de minha existência.*

## Agradecimentos

À Tia Neiva, por fecundar este *Vale* e pelo altruísmo de se deixar revelar à luz da minha compreensão.

A Mário Sassi, sábio, pelos princípios, pelo devotamento, pelo arrojo e, em especial, pelo êxito incontestável de sua missão, que há de ser também o do Jaguar.

A Urano em Amanto, a Fanácio, a João, à Janaína, a Joaquim e ao Inca por tudo o que só eu posso e me encanta avaliar.

Aos *jaguares*, pela vida em comunidade e pela partilha de um bem comum: divisar mundos etéreos e eternos.

À querida Marcia, minha orientadora, por acreditar em nosso sonho e por ter se revelado autêntica companheira de luta e de leituras.

À professora Eleonora, eterna referência, por sua generosidade em nos acolher a todos e pela luz emanada de suas palavras sensíveis e encaminhadoras, que a tornam única e fundamental.

À Thereza Negrão, por seu entusiasmo, por suas palavras inteiras de poesia e por despertar em mim a fixação pelos domínios da cultura.

À professora Deis Siqueira, pela mescla de espiritualidade e de espirotuosidade que faz *encantar* a todos os que verdadeiramente a conhecem.

Aos professores Sullivan Barros e Victor Hugo Burgardt, por acatar a meu convite com diligência e pela disposição de avaliar minhas letras.

Aos professores do Departamento de História e das demais áreas da UnB, o meu muito obrigado pelo aprendizado. Em especial a Eduardo Carreira, a Dinair e a Celso, referências permanentes no ofício de ensinar.

À coordenação do Programa de Pós-Graduação e funcionários.

Ao CNPq, por tornar possível parte do encaminhamento deste trabalho.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília, o meu obrigado pela convivência sempre edificante.

Aos jaguares, Émerson e Márcia: reafirmo o meu reconhecimento pela beleza dos trabalhos acadêmicos que realizaram em busca do Amanhecer.

A Gertrudes, que, sabedora de minhas reais intenções, acompanhou-me em todo o percurso do doutorado.

Aos amigos e *mestres* Rivanildo, Mitisilau, Marcão, André, Fabiano e Leônio, a quem devo o companheirismo e as lições de vida que só a amizade franca pode proporcionar.

À Dália e Calácia, ninfas aguerridas, que invariavelmente me tratam com carinho a espontaneidade fraternais.

Ao indócil Wuerland, por seu espírito libertário e por sua companhia sempre impactante e radiante.

A Murilo e Ana Paula, por suas parcerias especiais e pela solicitude ilimitada.

A Luiz Henrique, por ser quem é: um exemplo de amizade, de respeito e de bondade para com todos que o cercam e inevitavelmente o admiram.

A Juliano, por sua festiva presença e por seu edificante companheirismo acadêmico.

A Michele, pela precocidade e intensidade de seu brilho intelectual e humano.

À professora Ângela, por invariavelmente se dispor a me ouvir e a encaminhar soluções para as minhas urgências.

Aos amigos históricos: Paulão, André, Emerson Dionisio.

Aos meus orientandos, pela partilha de interesses e de horizontes comuns.

À Maria Helena, pelas novas e proficientes traduções e pela diligência de me ajudar.

Aos amigos do Inventário Nacional de Referências Culturais do Vale do Amanhecer: George Bessoni, Gláucia, Lúcia e Andres.

Aos meus alunos, por me ouvir, pela compreensão e, em especial, pelo que têm me ensinado.

À Amélia, pela manutenção de sua alegria contagiante e de sua pureza de propósitos.

À Nancyara, pelo altruísmo incondicional e pela sua sabedoria em lidar com as carências e as vacilações humanas, heranças de *nossa mãe*.

À Carmem Lúcia, por tornar para mim a Casa Grande ainda maior, acolhendo-me e me confiando seus tesouros.

À Consuelo, a Jefferson, a Vicente por suas amizades sinceras e edificantes, que, para mim, convencem-se inapagáveis.

Ao meu irmão Jairo, porque sua fidelidade, parceria e amor não me faltam em tempo algum.

A Caio, *velho e insubstituível Joe*, pela presença confiante, pela partilha de experiências e pela amizade de que sou cativo e de que tenho intraduzível orgulho.

Ao irmão Robert, por sua presença iluminada e por sua notável e inspiradora alegria de viver.

Aos distantes Rogério, Marcelo e Roger, pelo muito o que aprendi na arte de ser amigo.

A meus pais, Joana e José, e meu irmão, Alex, aos quais devo o esteio da minha formação intelectual e humana.

À Maria José, a Milton e à Tia Jovita pelo carinho e pelas lições de vida.

À Vó e ao Vô, pelo modelo de simplicidade e por todo o sagrado que verte de suas vivas e eloqüentes imagens.

À minha família, Patrícia, Rhuan e Bruna: sem a qual, em tempo algum deixarei de atestar, minha vida não teria qualquer brilho.

Por último, a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho pudesse *Amanhecer*.

*O entendimento dos símbolos e dos rituais (simbólicos) exige do intérprete que possua cinco qualidades ou condições, sem as quais os símbolos serão para ele mortos, e ele um morto para eles.*

*A primeira é a **simpatia**; não direi a primeira em tempo, mas a primeira conforme vou citando, e cito por graus de simplicidade. Tem o intérprete que sentir simpatia **pelo símbolo** que se propõe interpretar. A atitude cauta, a irônica, a deslocada – todas elas privam o intérprete de primeira condição para interpretar.*

*A segunda é a **intuição**. A simpatia pode auxiliá-la, se ela já existe, porém não criá-la. Por intuição se entende aquela espécie de entendimento com que se sente o que está além do símbolo, sem que se veja.*

*A terceira é a **inteligência**. A inteligência analisa, decompõe, ordena, reconstrói noutra nível o símbolo; tem, porém, que fazê-lo depois que se usou da simpatia e da intuição. Um dos fins da inteligência, no exame dos símbolos, é o de relacionar no alto o que está de acordo com a relação que está embaixo. Não poderá fazer isto se a simpatia não tiver lembrado essa relação, se a intuição a não tiver estabelecido. Então a inteligência, de discursiva que naturalmente é, se tornará analógica, e o símbolo poderá ser interpretado.*

*A quarta é a **compreensão**, entendendo por esta palavra o conhecimento de outras matérias, que permitam que o símbolo seja iluminado por várias luzes, relacionado com vários outros símbolos, pois que, no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia ter dito, pois a erudição é uma soma; nem direi cultura, pois a cultura é uma síntese; e a compreensão é uma vida. Assim certos símbolos não podem ser bem entendidos se não houver antes, ou no mesmo tempo, o entendimento de símbolos diferentes.*

*A quinta é menos definível. Direi talvez, falando a uns que é a **graça**, falando a outros **que é a mão do Superior Incógnito**, falando a terceiros **que é o Conhecimento e Conversação do Santo Anjo da Guarda**, entendendo cada uma dessas coisas, que são a mesma da maneira como as entendem aqueles que dela usam, falando ou escrevendo.*

(Nota preliminar de *Mensagem*, célebre livro de poemas de Fernando Pessoa ele-mesmo, 1934)

## RESUMO

O presente esforço intelectual se empenha em direcionar um olhar dedicado à história da líder religiosa da comunidade do Vale do Amanhecer: a *médium* que ficou nacionalmente conhecida como Tia Neiva. Migrante nordestina, Neiva Chaves Zelaya, após se estabelecer provisoriamente em muitas cidades em busca de estabilidade, em 1957, radica-se na Cidade Livre, Núcleo Bandeirante, e se envolve diretamente com os esforços que resultariam na edificação da nova capital federal. Informada pelas imagens de predestinação que qualificavam Brasília como uma *Terra Prometida* e dotada de vigorosa religiosidade, nesse período, dá início a sua vida mística, a sua *trajetória hierofânica*, na esteira da qual estabelece a Doutrina do Amanhecer. Diante desse objeto de estudo, nossa proposta se associa ao esforço de compreender como a imagem de Tia Neiva, por meio das representações a que deu vida e das que se viram consignadas por atores outros e permanecem a se constituir em torno de suas apresentações temporal e espiritual, autorizam a concepção, a solidificação e garantem a preservação de sua comunidade religiosa. Considerado, ainda, o *centralismo carismático* que fez perseverar a sua liderança, reconhecemos que a inspiração e a materialização dos saberes e dos fazeres religiosos que têm lugar na doutrina do Amanhecer passavam no mais das vezes pela enunciação de Tia Neiva ou então decorriam de sua legitimação. Isso porque atuava a *Clarividente* (como a nomeiam os entusiastas de suas *revelações*) na condição de canal de comunicação privilegiado com a dimensão *transcendente*, uma vez que se fazia reconhecer entre os da comunidade como detentora de *poderes sobre-humanos*. Temos, portanto, que a sistematização dos ritos, a narração dos mitos e a distribuição das competências de interação com a esfera espiritual, operações que no campo religioso, afiançamos, têm relevância ímpar, germinaram de sua palavra sagrada.

**Palavras-chave:** Tia Neiva; Vale do Amanhecer; Representações; Imaginário; Identidade; Novas Religiosidades; Trajetória Hierofânica; Centralismo Carismático.

## ABSTRACT

The present research focuses on the history of the religious leader of the community known as “*Vale do Amanhecer*”, the world famous medium *Aunt Neiva*. After dwelling temporarily in several different cities, searching for stability, the migrant from the north eastern region of the country, Neiva Chaves Zelaya, would get directly involved in the construction of the federal capital. Following the fore visions which showed Brasília as the *promised land* and endowed with vigorous religiosity, she started her *mystical hierophantic trajectory* establishing the Doctrine of “*Amanhecer*”. Face the study subject, our proposition consists of explaining how, the image built by Aunt Neiva, through the representations she developed and the ones consigned by other actors, perpetuates around its temporal and spiritual representations, authorizes the conceptions, solidify and grant the maintenance of the religious community. The consideration that the charismatic centralism contributed to maintain her leadership, confirms the recognition of the inspiration and materialization involved in the knowledge and the spiritual work, all dependent of her speech or her legitimating clairvoyance, that acted as a privileged communication channel with the transcending dimension, once she was recognized by the ones of the community as a vessel of super human powers. The findings points that the systematization of the rites, the narration of the myths and the distribution of competences concerning the interactions with the spiritual sphere, the operations that in the religious field, are supported as having strong relevance, germinated from her sacred words.

**Key words:** Aunt Neiva; “Vale do Amanhecer”; Representations; Imaginary; Identity; New Religiosities; Hierophantic Trajectory; Charismatic Centralism.

## RÉSUMÉ

La présente recherche se concentre sur l'histoire du chef religieux de la communauté connue sous le nom de "Vale do Amanhecer", le célèbre moyen "Tia Neiva". Après logement temporaire dans plusieurs différentes villes, à la recherche de la stabilité, les migrants de la région nord-est de la pays, Neiva Chaves Zelaya, seraient directement impliqués dans la construction du Fédéral Capital. A la suite de la vision avant Brasília, qui a montré que la terre promise et dotée de vigoureuse religiosité, elle a commencé sa trajectoire mystique hierophant instituant la Doctrine de "Amanhecer". Face sujet de l'étude, notre proposition consiste en expliquant comment, à l'image construit par la Tia Neiva, à travers les représentations elle a développé et ceux expédiés par d'autres acteurs, perpétue autour de son temporel et spirituel des représentations, autorise la conceptions, solidifier et accorder à l'entretien de la communauté religieuse. L'examen que le centralisme charismatique contribué à maintenir son leadership, confirme la reconnaissance de l'inspiration et la matérialisation impliqués dans la connaissance et le spirituel de travail, tous les dépendant de son discours ou sa légitimation clairvoyance, qui a agi comme un privilégié canal de communication avec la dimension transcendant, une fois qu'elle a été reconnue par ceux de la communauté comme un navire de super pouvoirs de l'homme. Les conclusions de points que la systématisation de la rites, le récit de mythes et de la répartition des compétences concernant la interactions avec la sphère spirituelle, les opérations que dans le domaine religieux, sont pris en charge comme ayant une forte pertinence, de son germé sacré mots.

**Mots clés:** Tia Neiva; "Vale do Amanhecer"; Représentations; Imaginaire; Identité; Nouvelles Religiosités; Hierophant Trajectoire; charismatique centralisme.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>51</b>
<b>BRASÍLIA: MOSAICO DE ETNIAS E DE CREDOS .....</b>	<b>51</b>
1.1 Mitos e feitos: os fertilizadores de Brasília .....	56
1.2 Brasília, Terra prometida e de promettimentos: sob o ímpeto da afluência mística .....	61
1.3 A dimensão religiosa .....	71
1.4 Brasília: nascente e ancoradouro de signos sagrados .....	81
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>108</b>
<b>VALE DO AMANHECER – POR UMA APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>108</b>
2. <i>Lugares Praticados - A Hierópolis Sonhada.....</i>	108
2.1 O percurso do religioso e a hierarquia no Vale do Amanhecer .....	113
2.2 Aspectos do representacional simbólico do Amanhecer .....	119
2.3 As matrizes do movimento religioso .....	123
2.3.1 Pai Seta Branca, a hierofania maior .....	124
2.3.2 Mário Sassi: o decodificador.....	130
2.3.3 Tia Neiva: a líder religiosa.....	135
<b>CAPÍTULO III .....</b>	<b>137</b>
<b>TIA NEIVA: TRAÇOS DE UM ITINERÁRIO EXISTENCIAL .....</b>	<b>137</b>
3.1 Tia Neiva: contornos de uma biografia.....	138
3.1.1 Dos primeiros anos: a edificação de um sentido de soberania .....	138
3.2 Por um imaginário sagrado: visão de mundo e de mundos .....	164
3.2.1 Dos tempos contíguos: mitos e ritos a delinear a experiência.....	166
3.2.2 A mitificação do tempo: o recurso às narrativas de origem e o reforço do espírito comunal .....	169
3.2.3 Tempo ritualístico: a reatualização do tempo mítico a sacralizar o cotidiano .....	184
3.2.4 Da disposição gregária: por uma universalização do sagrado.....	205
3.2.5 Do sentido existencial prevalente: o doutrinador .....	211
3.2.6 Da mensagem sumarizada: o amor incondicional.....	214
<b>CAPÍTULO IV .....</b>	<b>219</b>

<b>TIA NEIVA: MARCOS DE UM INVENTÁRIO REPRESENTACIONAL.....</b>	<b>219</b>
4.1 <i>Fontes doutrinárias: da expressão da excepcionalidade ao endosso e reforço do carisma</i> .....	222
4.1.1 Fontes textuais .....	222
4.1.2 Fontes iconográficas.....	227
4.1.3 Das fontes orais: múltiplas evocações e reminiscências .....	230
4.2 <i>Das fontes temporais: do impacto do estranhamento à domesticação da alteridade</i> .....	242
4.2.1 Fontes Impressas .....	242
4.2.2 Fontes acadêmicas.....	249
4.3 Identidade em construção: do centralismo carismático à liderança religiosa .....	254
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>272</b>
<b>CORPUS DOCUMENTAL .....</b>	<b>280</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>286</b>

## INTRODUÇÃO

Antes de tudo, compete-nos ressaltar: o estudo que apresentamos nasceu de um percurso acadêmico há muito principiado e sentidamente informado por uma perspectiva temática predominante, o Vale do Amanhecer. Convence-se, pois, igualmente o resultado de esforços de pesquisa precedentes que têm como marco inaugural a consecução de nossa monografia final de curso no ano de 2001<sup>1</sup>. Como desdobramentos, cronologicamente, seguiram-se nossa dissertação de mestrado<sup>2</sup>, concluída em 2004, e a presente tese.

O exercício e o desafio continuados de devassar o universo simbólico e material da Doutrina do Amanhecer conduziram-nos, *pari passu*, a um incontornável encontro com aquela que, em síntese, avaliamos, encarnou e encarna o sagrado para os que se resolveram seguidores de sua *revelação*: Neiva Chaves Zelaya, a médium que se afirmou conhecida nacionalmente por Tia Neiva. Em regra, nomeada altiva e reverentemente entre os seus de a *Clarividente*<sup>3</sup>.

Antes de iniciar propriamente a apresentação dos aspectos teórico-metodológicos e demais encaminhamentos que constam desta introdução, que se alinharam e orientaram o presente empenho, cumpre-nos, minimamente, dar notícia ao leitor da obra cuja matriz geradora e executora de maior relevo afirmou-se, como queremos evidenciar na seqüência deste trabalho, Tia Neiva: o Vale do Amanhecer.

---

<sup>1</sup> Marcelo Rodrigues dos Reis. *A apropriação do tempo na construção do imaginário e da identidade no Vale do Amanhecer*. Monografia de graduação. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2001.

<sup>2</sup> Marcelo Rodrigues dos Reis. *Discurso e Temporalidades: a construção da memória e da identidade no Vale do Amanhecer (1957-2004)*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2004.

<sup>3</sup> Conforme a leitura dos próprios religiosos, Tia Neiva era *clarividente* por possuir mediunidade universal, ou seja, detinha o privilégio de fazer uso de todas as faculdades mediúnicas, de acessar irrestritamente os planos existenciais, de reconhecer aspectos do passado e de antever o futuro. Dessa leitura, depreende-se uma amostra da *extraordinariedade* que assumiu a *Clarividente* em meio a seus adeptos. Esclarecemos, por oportuno, que a adoção da expressão *a Clarividente* para designar nossa personagem se fará existir em alguns momentos deste esforço.

Trata-se de um grupo sócio-religioso sob a denominação de Ordem Espiritualista Cristã, cujo registro oficial em cartório responde por Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã (OSOEC)<sup>4</sup>, mas que popularmente é conhecido pelo nome de Vale do Amanhecer, expressão que, a partir de agora, passa também a identificar o movimento doutrinário principiado por Tia Neiva no decurso de nosso texto.

O Vale do Amanhecer converteu-se em uma das referências fundamentais do misticismo de Brasília e sua líder religiosa, Tia Neiva, resultou conhecida nacionalmente por suas visões e vivências espirituais. A seu grupo e ela mais detidamente direcionamos nossos empenhos de pesquisa e de análise, que se consubstanciaram neste trabalho acadêmico.

Há uma pergunta que se nos parece providente: por que estudos endereçados ao campo das religiosidades? Expliquemo-nos em tons afirmativos e teóricos. O Vale do Amanhecer tem sido mote preferencial de nossas inquietações intelectuais não sem razão. Primeiro aspecto: a religião sempre nos pareceu desempenhar papel expressiva nas inumeráveis paisagens socioculturais espaço-temporalmente definidas, mesmo quando seu opositor mais destacado, o espírito secular, objetivou se radicar postura férrea e absoluta ao regular o indivíduo sob a égide de uma pretensa armadura racional, em sua ânsia plenipotenciária de codificação do mundo. Ensaçou-se a aparição do homem irreligioso. Ato morto.

O que se evidencia, de fato, considerado o fenômeno contemporâneo a que alguns pensadores denominaram de *reencantamento do mundo*<sup>5</sup>, é o larguear da margem de competência e de intervenção do sagrado na definição de aspectos epistêmicos, éticos e estéticos de coletividades as mais diversas, essas que se resolvem responsáveis por imprimir textura à trama social. Também o que Robert Hinde, biólogo e psicólogo inglês, nomeou de *a persistência dos deuses*<sup>6,7</sup>.

---

<sup>4</sup> Vejamos como descreve a Ordem uma de suas lideranças, José Carlos do Nascimento Silva: “A entidade denominada Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã - OSOEC - Vale do Amanhecer - fundada em 15 de abril de 1964, é uma sociedade civil, de natureza beneficente, apolítica e constituída de acordo com as leis vigentes no país e revelações doutrinárias emanadas da *Clarividente* Neiva Chaves Zelaya, tendo por finalidade a prática e desenvolvimento do mediunismo e prestação de assistência social, tudo sob a égide do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.” José Carlos do Nascimento Silva. *Observações Tumarã*. Brasília: s. ed., out. 1999.

<sup>5</sup> Para um eventual adensamento da noção de *reencantamento do mundo*, sugerimos: Ilya Prigogine et Isabelle Stengers. *A Nova Aliança: a metamorfose da ciência*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

<sup>6</sup> Cf. Robert A. Hinde. *Why Gods Persist: A Scientific Approach to Religion*. London: Reoutledge, 1999.

Em entrevista a Edmond Blattchen, Edgar Morin, pensador francês devotado a descortinar a complexidade do social, contempla-nos com uma reflexão conveniente, aguda e que põe em cena indicadores que denunciam a persistência da religiosidade humana. Morin defende a idéia de que os homens invariavelmente deixaram-se instigar por crenças pessoais. Mesmo enquanto se serviam afirmativamente de motivações ideológicas, estas pareciam guardar uma íntima correspondência com inspirações avisadas ostensivamente pelo sagrado. E mais: adverte-nos de uma fraternidade enquanto projeto a ser perseguido pela humanidade. Com a palavra, Edgar Morin:

*Inicialmente, diria que não creio na frase de Malraux<sup>8</sup>, que dizia que o século seguinte veria a ressurreição dos deuses, porque os deuses sempre permaneceram entre nós. Somente nós tivemos um certo tipo de deuses, deuses abstratos, deuses ideológicos. Diria que o socialismo foi um deus, a democracia é um deus, a liberdade... [Edmond Blattchen o interpela: A razão?] A razão foi divinizada, evidentemente! Vivemos sob o império de deuses abstratos, tão cegos e tão tirânicos quanto os antigos. A humanidade viveu, até agora, uma relação bárbara com seus deuses. (...) É preciso ter uma relação mais amistosa com nossos deuses. Evidentemente, é recíproco! Por exemplo, eu gosto da liberdade, gosto da amizade, gosto da fraternidade; considero-as como minhas deusas. Note que eu prefiro falar de deusas a deuses! Uma coisa é importante: não defenderei a fraternidade mandando massacrar outras pessoas, dizendo: “Para que se realize a fraternidade, é preciso que eu liquide os amigos da fraternidade!”<sup>9</sup>*

Rubem Alves, mineiro de Boa Esperança e mestre em Teologia pela *Union Theological Seminary* de Nova Iorque, a quem devemos, pelo estilo poético, sensível, torrencial e, igualmente, erudito, parte da motivação por esquadriñar o extenso território do sagrado, não poderia deixar de figurar entre nossos destacados interlocutores. Voz de

---

<sup>7</sup> O físico Eduardo Rodrigues da Cruz publicou recentemente um trabalho capaz de nos proporcionar um mapeamento do fenômeno religioso nas sociedades e nos circuitos intelectuais. Aspecto importante da obra prende-se ao diálogo entre estudiosos da religião e cientistas naturais. Robert A. Hinde é ele mesmo exemplo dessa interlocução: municiado do paradigma darwinista, procura identificar a sobrevivência de índices de religiosidade no homem. Cf. Eduardo Rodrigues da Cruz. *A Persistência dos Deuses: Religião, Cultura e Natureza*. 1ª ed. São Paulo: UNESP, 2003.

<sup>8</sup> O político e escritor francês André Malraux (1901-1976) escreveu: “Penso que a tarefa do século vindouro [XXI], perante a mais terrível ameaça já conhecida pela humanidade, vai ser a de reintegrar os deuses.” Apud Edgar Morin. Ninguém sabe o dia que nascerá. Nomes de Deuses. Entrevistas a Edmond Blattchen. São Paulo: Editora UNESP. Belém, UEPA, 2002, p. 05.

<sup>9</sup> Edgar Morin. Ninguém sabe o dia que nascerá. Nomes de Deuses. Entrevistas a Edmond Blattchen. São Paulo: Editora UNESP. Belém, UEPA, 2002, p. 70-71.

autoridade nos domínios das religiosidades, em diálogo com Émile Durkheim e Albert Camus, Rubem Alves dá ênfase à aliança estabelecida entre o simbólico e a imaginação, pacto inquebrantável que se esmera em permitir ao homem figurar e simultaneamente ordenar sua existência:

*Os homens não vivem só de pão, vivem também de símbolos, porque sem eles não haveria ordem, nem sentido para a vida, nem vontade de viver. Se pudermos concordar com a afirmação de que aqueles que habitam um mundo ordenado e carregado de sentido gozam de um senso de ordem interna, integração, unidade, direção e se sentem mais fortes para viver (Durkheim), teremos então descoberto a efetividade e o poder dos símbolos e vislumbrado a maneira pela qual a imaginação tem contribuído para a sobrevivência dos homens.<sup>10</sup>*

Também a prática historiográfica parece não se posicionar indiferente ao envolvimento progressivo do circuito acadêmico com as manifestações religiosas que pontuam os cenários socioculturais no tempo<sup>11</sup>. Historiadores como Carlo Ginzburg<sup>12</sup>, Jean-Claude Schmitt<sup>13</sup> e Jérôme Baschet<sup>14</sup> distinguem-se por dar acento aos bens sagrados como recurso legítimo de acesso às visões de mundo de culturas espaço-temporalmente delineadas.

Desde a definição de seu estatuto intelectual e disciplinar a partir da segunda metade do século XIX, não ignorando as contribuições da Escola Sociológica Francesa (Émile Durkheim, Lévy-Bruhl e Marcel Mauss) e as reflexões levadas a efeito por Lévi-Strauss, passando pela atuação vigorosa da corrente fenomenológica de estudos da religião, campeada por Mircea Eliade, até os estudos facultados pela escola italiana de

<sup>10</sup> Rubem Alves. *O que é Religião?* 6ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 34-35.

<sup>11</sup> Um mapeamento sintético e igualmente pertinente acerca da evolução dos estudos historiográficos em diálogo com a religião pode ser encontrado em: Eduardo Gusmão de Quadros. “Os tempos da eternidade: os desafios de uma história das idéias religiosas”. In: *Em tempo de histórias: revista dos alunos da pós-graduação da UnB, Brasília*. V. 5, n. 5, 2002, p. 133-156; Jaqueline Hermann. “História das Religiões e Religiosidades”. In: *Ciro Flamarion Cardoso et Ronaldo Vainfas (orgs.). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 329-352.

<sup>12</sup> Do historiador italiano, consideradas suas obras que se utilizam mais enfaticamente da religião como instrumento de interlocução com o passado, recomendamos as leituras a seguir: Carlo Ginzburg. *O Queijo e os Vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; Carlo Ginzburg. *Os andarilhos do bem*. Feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1988; Carlo Ginzburg. *História Noturna: decifrando o sabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

<sup>13</sup> Jean-Claude Schmitt. “Deus”. In: Jacques Le Goff; Jean-Claude Schmitt (coord.) *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. V. 1. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 301-316.

<sup>14</sup> Jérôme Baschet. “Diabo”. In: Jacques Le Goff; Jean-Claude Schmitt (coord.) *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. V. 1. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 319-331.

História das Religiões, em que despontam e atuam vigorosamente nomes como Raffaele Pettazzoni, Ernesto de Martino, Angelo Brelich, Marcello Massenzio<sup>15</sup>, Maurílio Adriani, Carlo Prandi e Giovanni Filoramo<sup>16</sup>, parece-nos haver não somente ininterruptão, mas, sim, uma sentida revitalização do sagrado na seara do pensar e do fazer acadêmicos.

Obrigamo-nos a sublinhar: da Antropologia Cultural, igualmente, decorre a determinação de nos acercar do sagrado. Convocamos, para tanto, o antropólogo norte-americano Clifford Geertz, considerado o instituidor da Antropologia Interpretativa, de modo que o mesmo nos esclareça a respeito da prática e do discurso religiosos enquanto uma das estratégias adotadas por múltiplos grupos culturais quando de seu empenho em atribuir sentidos ao real<sup>17</sup>. Consoante o entendimento do antropólogo hermenêutico, dotar o mundo de significação, emprestar-lhe **fatualidade** e definir-lhe a contextura são práticas também resultantes de disposições hieráticas. Reflexão essa que tornou possível inferirmos e se reforça se tomarmos de empréstimo a definição geertziana de religião:

*Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas.*<sup>18</sup>

Clifford Geertz, ademais, defende tenazmente a viabilidade de uma leitura hermenêutica das comunidades a partir de seu quadro íntimo de referências simbólicas, isto porque as vê sinteticamente como universo textual, sendo que a leitura desse *texto culturalmente inspirado e grafado* por parte do pesquisador pode lhe encaminhar ao encontro com as especificidades que revelam e afirmam um **saber** que inelutavelmente se convence **local**<sup>19</sup>.

---

<sup>15</sup> Marcello Massenzio. *A História das Religiões na cultura moderna*. São Paulo: Hedra, 2005. Importa registrar: o presente trabalho, disposto cronologicamente, inclinou-se a evidenciar as contribuições legadas por destacados estudiosos associados ao campo das religiosidades e a seus fenômenos correspondentes.

<sup>16</sup> Carlo Prandi e Giovanni Filoramo. *As Ciências das Religiões*. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1999.

<sup>17</sup> Cf. Clifford Geertz. "A religião como sistema cultural". In: Clifford Geertz. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978, p. 101-142. Cf. Clifford Geertz. "O beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder". In: *Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 149-165.

<sup>18</sup> Clifford Geertz. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978, p. 104-105.

<sup>19</sup> Cf. Clifford Geertz. *O Saber local*. Petrópolis: Vozes, 1998.

Do aporte teórico constituído por Geertz, duas noções outras ganham proeminência e servem de instrumento eficaz ao pesquisador que se empenha em sondar o universo religioso. São elas: *ethos* e *visão de mundo*. Uma e outra dialogam e se deixam fertilizar e exemplificar pela comunicação com o sagrado. A Geertz, a palavra:

*O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de vida, seu estilo moral e estético e sua disposição; é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao mundo que a vida reflete. A visão de mundo é o quadro das coisas como são na realidade, o conceito que um povo tem da natureza e de si mesmo. Esse quadro contém suas idéias mais abrangentes sobre a ordem.*<sup>20</sup>

Diante do exposto, queremos indicar que as experiências históricas relacionadas ao sagrado incitam pesquisadores recorrentemente a cuidar de seu inesgotável território. Esse crescente investimento intelectual aplicado aos domínios das religiosidades aparenta nos autorizar a ponderação de que estão em marcha um retorno ao mágico, ao fabuloso e ao onírico, dimensões do cultural que passam a operar decisivamente como mecanismos de percepção e de significação do mundo, instrumentalizando processos identitários, que podemos sentir se disseminar em profusão.

Ao confiar que as religiosidades operam decisivamente na constituição de grupos socioculturais interessados em enunciar seu pertencimento identitário, assenta-se nessa leitura interpretativa da paisagem contemporânea, assim avaliamos, o fenômeno do neotribalismo expresso por Michel Maffesoli e sua íntima conexão com o *reencantamento do mundo*:

*Contrariamente aos que continuam a analisar nossas sociedades em termos de individualismo e desencanto, já mostrei que o que parecia estar na ordem do dia remetia, em vez disso, para um tipo de tribalismo, tendo por contrapartida um verdadeiro reencantamento do mundo.*<sup>21</sup>

Clifford Geertz igualmente reconhece que a religião e a fé – a exteriorização mais visível daquela, a despeito dos reiterados investimentos de secularização direcionados

---

<sup>20</sup> Clifford Geertz. *A interpretação das culturas...* Op. Cit., p.143-144.

<sup>21</sup> Michel Maffesoli. *Elogio da razão sensível*. 2º ed. Trad. Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 2001, p.104.

ao conjunto das sociedades reguladas pelo signo do racionalismo moderno, que se arvorava e se pretendia permanente, não se submeteu, como se pronunciou Richard Tarnas, à *maré montante do pensamento secular*<sup>22</sup>. Antes, tornou-a maré vazante:

*Os eventos dos cem anos decorridos desde que James fez suas palestras [1902] – duas guerras mundiais, o genocídio, a descolonização, a disseminação do populismo e a integração tecnológica do mundo – menos contribuíram para impelir a fé para dentro, para as comoções da alma, do que para impulsioná-la para a fora, para as comoções da sociedade, do Estado e desse tema complexo a que chamamos cultura.*<sup>23</sup>

A religião, reconhecida enquanto expressivo agente cultural, como quer evidenciar Geertz, crava-se em múltiplos cenários contemporâneos e, por vezes, torna-se instrumento útil inclusive a políticas de Estado. Consoante o seu uso político-ideológico, pode vir a alimentar, por exemplo, o espírito belicoso em meio à humanidade, servir de reforço ao etnocentrismo e recrudescer a intolerância religiosa. Geertz, ante ao fenômeno crescente da identidade religiosa enquanto mecanismo instaurador e disseminador de tensões interculturais, vai denominar de “reconfiguração religiosa da política do poder”<sup>24</sup> esse estreito diálogo entre poder e fé a que assistimos.

A experiência devocional, no entanto, não se submete exclusivamente aos ditames e aos interesses secularistas, não se destina restritivamente a aprovisionar os poderes institucionalmente consolidados. Para Geertz, há uma dimensão comunal e pessoal a autorizar e a ilustrar as práticas inspiradas pela fé, expressa por atores sociais que, em sua interioridade, deixam-se preencher por princípios de fundamentação religiosa<sup>25</sup>. Ressaltam-se o fortalecimento das subjetividades e a proliferação de grupos que reivindicam inserção identitária. Trata-se, portanto, de uma dimensão merecedora de cuidados investigativos cujas fronteiras não devem em absoluto se definir comprimidas.

O segundo aspecto capaz de justificar o presente investimento cognitivo renovadamente direcionado ao território do sagrado encontra abrigo em nossa

---

<sup>22</sup> Expressão assinalada por Richard Tarnas, que, interessado em versar sobre o gérmen do secularismo no contexto da Europa medieval, descreve-nos como se dá essa emergência do pensamento laico, responsável por preanunciar, no transcurso do século XIII, a autonomização do homem na tarefa de significar o mundo. Richard Tarnas. *A Epopéia do Pensamento Ocidental*: para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo. Tradução: Beatriz Sidou. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 214-222.

<sup>23</sup> Clifford Geertz. “O beliscão do destino... Op. Cit., p. 151-152.

<sup>24</sup> Idem, ibidem, p. 157.

<sup>25</sup> Idem, ibidem, p. 159.

subjetividade. Passamos a cristalizar, com o tempo, um registro de profunda familiaridade e indisfarçável empatia com o universo sócio-religioso em questão. Identificação essa que, frisemos, sob hipótese alguma se assume restritiva. Antes, põe-se atenta e receptiva. Em síntese: desde há muito o campo fértil das religiosidades e o sagrado que o distingue revelam ser, para nós, índices determinantes de inquietude intelectual e reguladores de nosso itinerário acadêmico.

Antes mesmo de proceder à apresentação melhor cuidada do tema de pesquisa por nós eleito, por oportuno, colocamo-nos impositivamente uma questão: efetivamente, que princípios motivadores se somaram de modo a conduzir o presente projeto em direção ao exercício de melhor nos instruir quanto ao universo representacional consolidado no Amanhecer por força da liderança religiosa levada a efeito por Tia Neiva?

Uma resposta abreviada. Indefinidas as ocasiões em que, no decurso de nossas investidas de campo, prospecção e cerrada análise documental, somaram-se vozes provenientes da academia e de interlocutores os mais diversos - colaboradores, simpatizantes ou avaliadores de nossas produções, que nos alertavam contundentemente da urgência de reservar um tratamento mais diligente a esta que, nos permitam a reincidência, se bem e convenientemente ouvidas as persistentes enunciações proferidas pelos documentos, que se manifestaram ruidosos, convence-se a matriz fundamental do movimento religioso do Amanhecer.

Paul Veyne, emérito<sup>26</sup> historiador francês, ao argumentar resolutamente que a história, enquanto constructo, não é lógica, adverte-nos de sua natureza lacunar e, ao cuidar de referenciar o leitor, dá ênfase à credibilidade que este confia ao historiador em seu ofício de narrar o passado. Avança ainda mais em suas reflexões e valida a idéia do arbítrio de que se serve o historiador na seleção dos eventos que se lhe parecem merecedores de cuidado historiográfico:

*(...) O curioso é que as lacunas da história fecham-se espontaneamente a nossos olhos e que só as discernimos com esforço, tanto são vagas as nossas idéias sobre o que devemos, a priori, esperar encontrar na história, de tal modo a abordamos desprovidos de um questionário elaborado. Um século é um branco em nossas fontes, e o leitor mal sente*

---

<sup>26</sup> Receba o leitor com indulgência a adjetivação não sem razão que reservo a Paul-Marie Veyne. Assim procedo por entender o notável historiador como a mais significativa e segura referência teórica em minha formação acadêmica. Antes de uma determinação elogiosa, trata-se, efetivamente, de justo reconhecimento.

*a lacuna. O historiador pode dedicar dez páginas a um só dia e comprimir dez anos em duas linhas: o leitor confiará nele, como um bom romancista, e julgará que esses dez anos são vazios de eventos. (...) Assim, os historiadores, em cada época, têm a liberdade de recortar a história a seu modo (...) pois a história não possui articulação natural.*<sup>27</sup>

É com base nas elucidações de Paul Veyne e na inspiração de uma história que se deve prestar ao desejável exercício incessante de reescrever-se<sup>28</sup> que avaliamos ser oportuno oferecer ao leitor um novo direcionamento de pesquisa inspirado no universo humano e simbólico do Amanhecer.

Em síntese, municiados do arbítrio a que Paul Veyne faz menção, reconhecíamos persistir uma lacuna: a de identificar e, a nosso modo, desvelar possíveis sentidos derivados do contributo representacional que Tia Neiva consolidou e tornou herança a seu movimento religioso, por meio do qual se consolidou no tempo um imaginário exógeno que objetivou e objetiva apreendê-la e, na esteira dessa nossa aspiração, enriquecer ilustrativamente as imagens que se somam ao reconhecimento do Amanhecer de Tia Neiva.

Lacuna essa que nos posicionou desconfortáveis e simultaneamente impõe ao sujeito cognoscente uma incompletude correlata. Esposado dessa incompletude emerge o apelo aos sentidos possíveis, estes últimos, edificados pela linguagem, destinam-se a domesticar e a harmonizar a relação do sujeito com o que se lhe apresenta privação, vacância. Eni Puccinelli Orlandi, dedicada à prospecção da linguagem e de seus múltiplos sentidos, vai afirmar que:

*nem os textos nem os sujeitos estão completos, constituídos definitivamente. Constituem-se e funcionam sob o modo do entremeio, da falta, do movimento. Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível.*<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> Paul Marie Veyne. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. 3ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995, p. 18-19. (grifos nossos).

<sup>28</sup> Em relação à reescrita da história, que, conforme expressão empregada por José Carlos Reis, apresenta-se sob o signo da mudança, deixamos como sugestão de leitura: José Carlos Reis. "Introdução". In: José Carlos Reis. 4ª ed. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2001, p. 7-20.

<sup>29</sup> Eni Puccinelli Orlandi. *A Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 3ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999, p. 52 (grifos nossos).

É a essa mesma incompletude, subjetivamente orquestrada, sublinhemos, que se pretendeu dar vazão e radicá-la produtora de sentidos por se convencer franqueada ao diálogo. Da disposição: importou-nos prover essa clareira interior. Do movimento: avançou-se em busca desse *lugar possível*.

Falemos, agora, da delimitação temporal que orienta a presente tese: elegemos 1925 como seu marco inicial, ano em que, a 31 de novembro, nasce Neiva Chaves Zelaya. Evidente está que nosso cuidado maior centrou-se em sua trajetória sócio-religiosa (1957-1985). Não obstante, um estudo que se quer permitir um encontro com a líder do Amanhecer, assim reconhecemos, não deve prescindir da formação histórico-cultural que se convence responsável por informar e entretecer nossa personagem. Conseqüentemente, o acesso ao tempo que antecede a vida religiosa da *Clarividente* por nós satisfeito resolveu-se fundamental.

Outro marco temporal que assume assinalável importância prende-se a 1957: é no transcurso desse ano, na Cidade Livre, primeiro foco de ocupação dos candangos e que se tornaria o *Núcleo Bandeirante* da futura Capital Federal, que Tia Neiva passa a experimentar suas primeiras hierofanias, ou seja, na expressão dos adeptos, dá-se o despertar de sua *clarividência*, revela-se a sua *mediunidade* e sua *destinação missionária*.

Tem início, então, a trajetória de sua vida religiosa e a caminhada que desempenhará paralela à arregimentação de um grupo de adeptos a cada dia mais numeroso, estes que, após um período de aproximadamente 13 anos, em 1969, fixar-se-ão em definitivo no espaço onde hoje se tem o Vale do Amanhecer, na região de Planaltina, no Distrito Federal.

Como baliza final do percurso temporalmente demarcado elegemos o ano de 2008 como a mais apropriada. Isso por alguns motivos que nos pareceram pertinentes. É no decurso desse ano que se consumou o presente empenho de pesquisa em que se deixaram identificar aspectos representacionais afetos à Tia Neiva e ao imaginário sócio-religioso por ela informado e autorizado. A arrematação das visitas ao campo, da recolha dos depoimentos junto aos adeptos da comunidade, da imersão nas fontes e da exigida e resultante análise do empírico se viram consubstanciadas de modo que conferiram, gradativamente, materialidade final à nossa proposta.

O que justificaria um olhar acadêmico sobre Tia Neiva e sua obra? Nos dias de hoje, é manifesto o fato de ser o Vale do Amanhecer identificado como um dos mais conhecidos e destacados pontos de atração turística do Distrito Federal. Alguns fatores contribuem decisivamente para essa reputação. O principal, talvez, reside na crença, presente no imaginário social, na aura mística em que se vê inserida a profética Brasília de Dom Bosco. Some-se a esse traço identificador da Capital Federal a monumentalidade das construções sagradas do Vale do Amanhecer, a exotividade de suas práticas ritualísticas e o *atendimento espiritual* oferecido gratuitamente ao grande público.

Cabe acentuar: não bastasse a curiosidade que naturalmente desperta o Vale do Amanhecer, se considerada a peculiaridade de seu *locus religiosus*, contam os adeptos com um sistema de crenças, corporificado em uma Doutrina - aqui entendida como um conjunto de princípios e normas que orientam e ao mesmo tempo reproduzem as práticas do grupo, à semelhança do seu espaço sagrado, igualmente *sui generis*. Crenças religiosas que contemplam desde a reencarnação até a viabilidade da *comunicação* com seres extraplanetários.

Por todos esses fatores apontados não passa despercebido o Vale do Amanhecer àqueles que de uma forma ou de outra cruzam seu caminho. Pouco explorado pela academia, o Vale do Amanhecer vê-se restrito a trabalhos monográficos ou dissertações de mestrado<sup>30</sup>. Malgrado a patente qualidade dos mesmos, cumpre-nos

---

<sup>30</sup> Trabalhos acadêmicos que têm o Vale do Amanhecer como mote central: Ana Lúcia Galinkin. *A cura no Vale do Amanhecer*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Brasília, 1977; Arackci Rodrigues et Francine Muel-Dreyfus. "Reencarnações. Notas de pesquisa sobre uma seita espírita em Brasília". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 31, 1987. Carmen Luisa Chaves Cavalcante. *Xamanismo no Vale do Amanhecer: o caso Tia Neiva*. São Paulo: Annablume, Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000 [Originalmente, uma dissertação de mestrado]; Djalma Barbosa Gonçalves. *Vale do Amanhecer, Análise Antropológica de um Movimento Sincrético Contemporâneo*. Dissertação de Graduação, Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Brasília, 1999; Dorotéo Émerson Storck de Oliveira. *A Pluralidade de Símbolos no Imaginário Coletivo do Vale do Amanhecer*. Monografia de Prática de Pesquisa de Campo II. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Brasília, 1999; Márcia Regina da Silva. *Vale do Amanhecer: Aspectos do Vestuário em um Contexto Religioso*. Dissertação de Graduação, Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Brasília, 1999; Roberta da Rocha Salgueiro. *De Pretos-Velhos e Princesas: Imaginário Afro-Brasileiro no Vale do Amanhecer*. Dissertação de Graduação, Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Brasília, 2000; José Francisco de Souza. *Tia Neiva, la sibila brasileira, estudios histórico, religioso y literario*. Tese de Doutorado, Universidad de León, Departamento de Estudios Clásicos, Curso de doctorado en Antigüedad y Humanismo, León, 2001; Marcelo Rodrigues dos Reis. *A apropriação do tempo na construção do imaginário e da identidade no Vale do Amanhecer*. Monografia de graduação. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2001; Marcelo Rodrigues dos Reis. *Discurso e Temporalidades: A Construção*

observar, seus autores, contudo, não perseveraram no tema. Justifica-se esta preocupação, pois o Vale do Amanhecer pode ser visto, em uma perspectiva dos estudos culturais, como um espaço privilegiado de engendramento e reconfiguração de performances identitárias.

Nasceram daí a aceitação e a importância do desafio de compreender como Tia Neiva, ao longo de sua trajetória sócio-religiosa, dá forma a um imaginário singular, que se vê impresso na e expresso pela doutrina do Vale do Amanhecer. Reconhecer como o exercício continuado de recorrer à memória, que tem nela seu referencial basilar, perpetrado pelo grupo, é capaz de fixar uma tradição responsável por legitimar suas práticas, tanto sagradas quanto profanas e, conseqüentemente, operar decisivamente na caracterização identitária desse grupo religioso. Identidade essa que importa aos pesquisadores das ciências humanas por se traduzir numa contribuição que lhes permite lançar novos e detidos olhares em direção ao fenômeno contemporâneo de revalorização do *homo religiosus* eliadiano.<sup>31</sup>

Por último: mais proximamente conhecer a médium que principiou e oportunizou os contornos de maior realce do movimento sócio-religioso é corresponder ademais a uma demanda local. Brasília, observada a profecia do padre salesiano Dom Bosco, conforme exploraremos mais demoradamente no capítulo que abre a presente tese, caracteriza-se por ser imaginariamente concebida como a *Terra Prometida*, aquela em que se pronunciaria a civilização do *Terceiro Milênio*, espaço privilegiado de uma convivencialidade religiosa que, se validado seu projeto utópico, deverá se afirmar tolerante, solidária e, projetam alguns místicos, unificada. Sinal evidente dessa predestinação diagnosticamos se reconhecido o número indeterminado de novas religiosidades, como evidencia a socióloga Deis Siqueira<sup>32</sup>, que encontram ancoradouro naquela que também é reconhecida como a Capital Mística do Brasil.

Passemos, agora, ao campo teórico-metodológico. A premissa: ferramentas cognitivas aplicáveis à pesquisa que se quer desenvolver configuram-se, a nosso ver, indispensáveis. O presente objeto de estudo deve, em princípio, ser abordado consideradas as seguintes categorias analíticas prevalentes: imaginário, representações, cotidiano,

---

Memória e da identidade no Vale do Amanhecer (1957-2004). Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2004.

<sup>31</sup> Cf. Mircea Eliade. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.16-23.

<sup>32</sup> Cf. Deis Siqueira et Ricardo Barbosa de Lima (Orgs.). *Sociologia das Adesões: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond/Vieira, 2003.

identidade e memória. Como não poderia ser diferente, tais noções teóricas, definidas e oportunamente empregadas ao longo da pesquisa, somaram-se com vistas a não só contemplar nosso tema com um suporte teórico sólido, mas, sobretudo, melhor clarificaram o objeto para o sujeito da pesquisa.

Questão que se impõe à reflexão prende-se ao contínuo esforço de aproximação e de incorporação de ferramentas teóricas capazes de orientar mais adequadamente o curso das análises de um tema específico. Em termos afirmativos: franquear-se à eventual adoção de aportes teórico-conceituais outros resulta dispor-se a proporcionar rigidez e estabilidade à ossatura de qualquer empreendimento cognitivo.

Tal convicção nos remete à experiência e à sensibilidade franca traduzidas no exemplo narrado pelo historiador das religiões Raffaele Pettazzoni. Quando da elaboração do prefácio de *L'onniscienza di Dio* (1955), momento final da materialização desta que é sua obra basilar, Pettazzoni, revelando maturidade, descreve-nos como se deu seu encontro com os conceitos:

*(...) não me foram sempre assim claros em mente como o são agora. Nem eu os aprendi inicialmente em nenhuma escola. Aliás, eles foram se esclarecendo e se desenvolvendo gradualmente no curso do próprio trabalho. E desse progressivo delinear-se de um pensamento experimentado e vivido são visíveis as marcas no complexo dos meus escritos, até este último que vê agora a luz como coroação de uma pesquisa começada há muitos anos.*<sup>33</sup>

Pettazzoni não se deixou constranger por fronteiras teóricas demarcadas aprioristicamente. Antes, em atitude libertária e exploratória, definiu-as por largos horizontes. Persuadidos dessa predisposição inclusiva, falemos dos instrumentos teóricos que possibilitaram clarificar a dimensão empírica que nos inquietava. A categoria do *imaginário*, região em que se concentram as representações, por nós associada a uma perspectiva historiográfica inspirada, entre outras, na chamada Nova História Cultural, apresentou-se como norte desejável de nossas preocupações investigativas.

Reconhecemos que o Vale do Amanhecer se faz depositário de um imaginário coletivo instigante, carregado de representações e, a despeito da concretude do

---

<sup>33</sup> Raffaele Pettazzoni. *L'onniscienza di Dio*. Turim: 1955, p. X-XI. *Apud* Marcello Massenzio. *A História das Religiões na cultura moderna*. São Paulo: Hedra, 2005.

seu sistema religioso impresso, hoje, na dimensão daquilo que poderíamos nomear de “real”, é o sonho de uma mulher, personagem anônima dos primórdios da construção de Brasília, que serviu de elã para a materialização do universo sócio-religioso em tela. A partir dessa breve reflexão é que ressoa a noção de imaginário proposta por Cornelius Castoriadis:

*(...) o que denomino o imaginário, nada tem a ver com as representações que circulam correntemente sob este título. Em particular, isso nada tem a ver com o que algumas correntes psicanalíticas apresentam como “imaginário”: o “especular”, que, evidentemente, é apenas imagem de e imagem refletida, ou seja, reflexo. (...) O imaginário não é a partir da imagem no espelho ou no olhar do outro. O próprio “espelho”, e sua possibilidade, e o outro como espelho são antes obras do imaginário que é criação ex nihilo. Aqueles que falam de “imaginário” compreendendo por isso o “especular”, o reflexo ou o “fictício”, apenas repetem, e muito frequentemente sem o saber, a afirmação que os prendeu para sempre a um subsolo qualquer da famosa caverna: é necessário que (este mundo) seja imagem de alguma coisa. O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”. Aquilo que denominamos ‘realidade’ e ‘racionalidade’ são seus produtos.<sup>34</sup>*

Castoriadis nos fala de um imaginário enquanto instância criadora por excelência, instituidor de práticas sócio-históricas. Um imaginário radical, instituinte, autêntico *motor* da história. É esse mesmo imaginário fundante que permite ao homem significar, situar-se e, sobretudo, proceder à criação de bens simbólicos e materiais responsáveis por alicerçar sua existência. Deduz-se de Castoriadis sua ênfase no que poderíamos denominar: o primado da imaginação.

Explorar o imaginário é se deixar orientar, portanto, por uma estrada régia que nos conduz ao reconhecimento das potencialidades imaginativas e inventivas de indivíduos inscritos em dado circuito cultural, entendimento esse que nos autoriza a adentrar sua rede maior de significados, esta que se realiza pelo cultivo de símbolos, valores, crenças e mitos. Para nosso empreendimento, em resumo, configurou-se a viabilidade de mapear e tornar reconhecíveis a produção de bens simbólicos e materiais

---

<sup>34</sup> Cornelius Castoriadis. *A instituição imaginária da sociedade*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p.13 (grifos nossos).

desse grupo sócio-religioso, produção esta principiada e alargada por sua matriz capital: Tia Neiva.

Bens materiais e bens simbólicos, texto e contexto, *real* e imaginário, ciência e sonho. Alianças já defendidas pelo epistemólogo e teórico da imaginação Gaston Bachelard, que, na década de 40, consagra-se o pensador responsável por marcar a *grande virada* epistemológica em direção ao imaginário<sup>35</sup> e por contribuir enormemente para o declínio de monolíticas posturas positivistas e para a ruína da crença nas verdades que antes se queriam impor unívocas.

Acompanhamos o abrandamento do cientificismo paralelamente à ressurgência do *mundus imaginalis*. É por tudo isso, por compartilhar da visão de que o paradigma iluminista, laudatório da racionalidade de molde cartesiano, perde força especialmente no âmbito das ciências humanas é que optamos por, na execução do ofício de historiador, contemplar e valorizar a dimensão do imaginário enquanto enfocávamos nosso objeto<sup>36</sup>.

Não é possível versar sobre o imaginário sem ter acesso a seu substrato fundamental: as *representações*. Apoiando-se em proposições teóricas proporcionadas por Denise Jodelet, é possível enxergar as representações sociais como realidades mentalmente construídas, construtos estes capazes de significar objetos, indivíduos, acontecimentos ou idéias, guias de referência que ordenam e permitem um convívio minimamente harmônico com a concretude.<sup>37</sup> Jodelet nos fala da amplitude do conceito de representações sociais ao afirmar que essas:

*compõem-se de elementos informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens, organizados sempre sob a aparência de um saber que tem algo a dizer sobre a realidade.*<sup>38</sup>

---

<sup>35</sup> Sandra Jatthy Pesavento. “Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário”. In: Revista Brasileira de História. *Representações*. Vol. 15, nº 29. São Paulo: Ed. Contexto/ANPUH, 1995, p. 46.

<sup>36</sup> A respeito da fragilização das posturas científicas que marcam e se acentuam na cena contemporânea e da correspondente revitalização do imaginário enquanto instância legítima de prospecção epistemológica, sugerimos: Gilbert Durand. *O imaginário*. Rio de Janeiro: Difel, 1999.

<sup>37</sup> Cf. Denise Jodelet. “Representações sociais: um domínio em expansão”. In: Denise Jodelet (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 45-64.

<sup>38</sup> Idem, *ibidem*, p.21.

Essas mesmas representações são responsáveis por produzir a realidade, dotá-la de sentido, conferir evidências ao cotidiano, instituir sociabilidades, consumir afetos, conduzir práticas, interditar espaços, suavizar ou robustecer conflitos, enfim, configurar saberes e sistematizar fazeres. Eis, em súpula, as competências múltiplas a que se vêm associadas as representações sociais.

Expressas pelos discursos e impressas no cenário do grupo, peça motriz do jogo simbólico da comunidade do Vale do Amanhecer, as representações negociadas e perpetradas por Tia Neiva por lá circularam e circulam intensamente enquanto autorizam práticas cotidianas, legitimam as relações sociais. Interessou-nos, portanto, especificamente, mapeá-las em nosso intento de pesquisa.

Importa-nos deixar divisar por um outro olhar, este psicossocial. Serge Moscovici, pensador que propôs inauguralmente o conceito de *representações sociais*, contribuindo de modo intenso com a revitalização da noção de *representação* no circuito acadêmico, parece querer convidar cientistas sociais, mais pontualmente sociólogos, antropólogos e historiadores, a se lançarem na detecção e compreensão desses grupos emergentes<sup>39</sup>. Entendemos decorrer de sua reflexão duas constatações capitais: primeira, a de que se está diante de uma multiplicidade crescente de grupos reivindicadores de identidade e, por último, supervaloriza-se a imaginação, dimensão psíquica capaz de dar a conhecer, definir e harmonizar os contornos da relação daqueles com *real*.

Depreende-se de Moscovici que diferentes sociedades representam distintamente o mundo e, portanto, habitam mundos particulares. É o mesmo Moscovici quem vai afirmar que “... a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos.”<sup>40</sup>.

A esse *conhecimento particular* entendemos estar visceralmente associada a idéia de partilha, de interação, de inserção e estabilização na contextura social por meio de uma inteligibilidade comum. A essa elaboração, ainda, corresponde a necessidade de refletir acerca de uma outra categoria analítica, que viabilizou o presente intento e vem

---

<sup>39</sup> Cf. Serge Moscovici. “Das representações coletivas às Representações Sociais: elementos para uma história”. In: Denise Jodelet (org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 65.

<sup>40</sup> Serge Moscovici. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978, p. 26.

servindo de mote para uma autêntica profusão discursivo-acadêmica nos últimos anos: a de *identidade*.

As questões nacionalistas, o propalado multiculturalismo característico de um mundo globalizado e o reconhecimento reservado à alteridade são elementos que gravitam em torno do conceito de identidade e o colocam na ordem do dia das contendas e problematizações acadêmicas. O Vale do Amanhecer, enquanto manifestação, *stricto sensu*, religiosa e, *lato sensu*, cultural, possui um caráter identitário, resultante do conjunto de representações forjado em larga medida por sua fundadora e que lhe é peculiar, representações essas que, somadas, consubstanciam o imaginário de seus religiosos e lhe prestam uma marca identitária.

Ao refletir a noção de identidade, o historiador alemão Jörn Rüsen destaca o papel essencial do saber histórico na materialização do caráter identitário de um grupo dado ao asseverar que:

*(...) ao longo da cadeia de gerações, as experiências e as interpretações são conservadas e consolidadas, para o fim de preservação e da estabilização da comunidade e do pertencimento a ela, de sua especificidade e da autopercepção positiva.*<sup>41</sup>

Tem-se, a partir daí, a noção clara de que a apreensibilidade do passado, pela via da memória, serve de fomento à tradição. Com isso, grandes enunciados passam a consolidar-se e a vigorar como verdades legitimadoras - claras representações para Chartier<sup>42</sup> - motivadoras de práticas que espelham a concretude existencial do homem contemporâneo.

Perguntamo-nos: em que palco podemos assistir às práticas e representações assinaladas por Chartier? Resposta objetiva: o *cotidiano*. O cotidiano aqui entendido enquanto espaço cênico privilegiado de apresentações e representações culturalmente motivadas e socialmente identificáveis. Dimensão em que se processam as ritualizações sagradas e profanas dos religiosos do Amanhecer.

---

<sup>41</sup> Jörn Rüsen. *Razão histórica*. Brasília: EdUnB, 2001, p. 156.

<sup>42</sup> Cf. Roger Chartier. *História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manoela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

Inferimos do exposto até então um circuito cultural, de matriz hierática, que, grosso modo, comporta inter-relacionalmente as categorias analíticas supramencionadas, particulariza e, por que não, estigmatiza esses religiosos em meio ao tecido social em que se acham emaranhados e, por que não ainda, promovem a sua urdidura. Uma trama individualizadora expressa na articulação e exteriorização das práticas discursivas que têm lugar no cotidiano desse grupo. Essa reflexão nos impele a dar voz a Stuart Hall:

*É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.*<sup>43</sup>

Diante da reflexão de Stuart Hall, resta-nos reconhecer, ponderados seus atores prevalentes, o *local histórico* e *institucional* em que emerge a manifestação religioso-cultural do Vale do Amanhecer, ela própria o *local institucional* de que o mesmo pensador nos fala, a fim de que possamos perceber os sentidos impressos em e expressos por suas práticas, estratégias e iniciativas específicas. Esse nos apresentou ao longo da pesquisa como um desafio. Ao enfrentá-lo, deparamo-nos com a larga margem de competência assumida por Tia Neiva na modelagem desse local institucional e, conseqüentemente, no estabelecimento, endosso ou reforço dos marcadores que configuram aspectos expressivos do perfil identitário de seus entusiastas.

Não se pode avançar sem antes pensar a identidade enquanto construção histórica empreendida na sua relação bidirecional e fecunda com a alteridade. O *eu mesmo* não pode ser pensado isoladamente. Percebida como constructo, a identidade não é fixa, imutável. O sujeito e as coletividades se significam inclusive pelo *não ser*, e este obedece a uma dinâmica existencial que o transforma permanentemente. Essas são algumas das preocupações da Teoria das Representações Sociais assinaladas por Sandra Jovchelovitch.<sup>44</sup> É ela quem vai afirmar categoricamente:

---

<sup>43</sup> Stuart Hall. “Quem precisa de identidade?”. In: Tomaz Tadeu da Silva (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 109.

<sup>44</sup> Cf. Sandra Jovchelovitch. “Re(des)cobrir o outro: para um entendimento da alteridade na Teoria das representações sociais”. In: Ângela Arruda (org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998, p. 69 a 82.

*Sem o reconhecimento do outro, a produção de sentidos e seus correlatos – a forma simbólica, a linguagem e as **identidades** – seriam inexistentes. É (...) a positividade da alteridade que necessita ser discutida, pois é nesta positividade que residem os elementos fundantes de toda a vida psíquica e social.*<sup>45</sup>

Intersubjetividade e interdiscursividade são fenômenos de formulação identitária que não escapam à apreciação também de Kathryn Woodward. Para a qual – reforçando as impressões de Jovchelovitch – a identidade é sempre relacional, uma vez que se afirma especialmente na sua relação com a diferença<sup>46</sup>.

À diferença estão associadas as exclusões, o *não ser* que define o religioso do Amanhecer. Ser praticante de uma doutrina espiritualista é antes não ser católico. Ser reencarnacionista é o não crer na finitude do ser. Depende a identidade do grupo sócio-religioso dessas negações para que sejam definidas e viabilizadas a sua existência, a sua caracterização e a sua permanência sócio-históricas.

Ainda assim é recomendável uma atitude cautelara. Uma leitura bipolarizada do objeto, de cariz maniqueísta, pode resultar em soluções simplistas, precipitadas, reducionistas. Considerada a complexidade cultural de que são representativos Tia Neiva e o Vale do Amanhecer, expressos por sua multirreferencialidade simbólico-religiosa, seu processo de constituição identitária não se processa apenas pela negação do outro, mas igualmente pela incorporação deste.

Tia Neiva assumia a responsabilidade de estabelecer o arranjo dos bens simbólicos assimilados pelo Amanhecer e, conseqüentemente, competia-lhe mapear a configuração do espaço sagrado. No exercício dessa vocação, não lhe faltou a adoção de signos religiosos há muito valorizados pela cultura ocidental de matriz fundamentalmente judaico-cristã.

O que se exemplifica se pensarmos na posição de centralidade ocupada pela imagem de Jesus no interior do Templo, na adoção do Pai Nosso, ainda que submetido a adaptações em seu conteúdo enunciativo, e no cumprimento habitual que identificam os seguidores da doutrina que ressoa repetidamente na espacialidade do Amanhecer: “Salve

---

<sup>45</sup> Idem, *ibidem*, p. 69.

<sup>46</sup> Cf. Kathryn Woodward. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.” In: Tomaz Tadeu da Silva (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 9.

Deus!”. São esses bens simbólicos apropriados do Cristianismo – especialmente de sua veste católica – e ressignificados pela doutrina do Amanhecer.

Não seria equívoco pensarmos estar diante daquilo que Chartier, interessado em evidenciar as condições de recepção do leitor e ampliando a margem de competência do conceito, convencionou nomear de *apropriação*<sup>47</sup>.

Ao redimensionarmos a análise para o campo dos grupos culturais que ocupam e fertilizam a tessitura social, também os símbolos, uma vez postos em circulação – é oportuno evocar a noção de *circularidade cultural* cara a Bakhtin e a Carlo Ginzburg<sup>48</sup>, destinam-se a ser incorporados, apropriados e, na esteira desse processo, convenientemente às aspirações de situacionalidade, de enraizamento e de construção identitária do grupo cultural que os acolhe, verem-se submetidos a reelaborações. Por oportuno: esse permanente diálogo intercultural cuida de motivar a identidade na sua busca pela estabilização e, ambigualmente, a faz viver sob o signo do deslocamento.

A última categoria analítica por nós eleita e digna de nota é a da *memória*. Ao tratarmos de memória, entendemos ser indispensável evocar a reflexão teórica construída por Ecléa Bosi, cujas matrizes conceituais podem ser encontradas em Henri Bergson e Maurice Halbwachs.

Para Bosi, a memória é “uma imagem constituída pelos materiais que estão, agora, à disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual...”<sup>49</sup>. E mais: vai considerar ainda que a memória é trabalho, isto porque o tempo presente “trabalha” o material do passado. Esse labor mnemônico, manifesto discursivamente, permite ao pesquisador o acesso ao universo instigante e complexo de representações que estão a sustentar epistemologicamente os narradores e a lhes desenhar seu perfil identitário.

---

<sup>47</sup> Roger Chartier vai assim posicionar-se ante o conceito de *representação*: “a apropriação, a nosso ver, visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem [Chartier ressalta a importância de Michel de Certeau na presente construção conceitual, em particular o trabalho. Michel de Certeau. *L'Invention du quotidien, I, Arts de faire*. Paris: Union Générale d'Éditions, 10/18, 1980]. Assim, voltar a atenção para as condições e os processos que, muito concretamente, sustentam as operações de produção do sentido (na relação de leitura, mas em tantos outros também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as idéias são desencarnadas, e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam elas filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas.” Roger Chartier. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 5, n. 11, 1991, p. 190.

<sup>48</sup> Cf. Mikhail Bakhtin. *A cultura popular na Idade Média*. São Paulo: Hucitec, 1987. Carlo Ginzburg. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

<sup>49</sup> Ecléa Bosi. *Memória e sociedade – lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p.55.

Parece-nos providente retomar Rüsen quando este, ao versar sobre o paradigma narrativista, fala-nos da constituição histórica de sentido, expressa por uma matriz disciplinar da *ciência histórica* – assim nomeada pelo autor, neweberiano que se revela, engendrada por três estratégias: a política, a cognitiva e a estética ou poética.<sup>50</sup> Mesmo não se tratando de uma história elaborada por uma ciência especializada – a histórica – essas mesmas estratégias podem ser depreendidas e reconhecidas se considerado o exame da tradição constituída em meio aos discursos disseminadores dos mitos fundantes característicos do Vale do Amanhecer, estes que são parte representativa do repertório memorial de nossos narradores, portanto, da própria história da comunidade, considerada, ainda, a recorrência contumaz àquela que nomeiam de *Mãe*, Tia Neiva.

Essa tradição, por ser compartilhada pelos da comunidade religiosa, identificando-os, é *política* porque, estrategicamente conduzida, endereça e legitima poderes; é *cognitiva* uma vez que produz um saber do *homo religiosus* acerca de si mesmo e do mundo que habita, conferindo-lhe sentidos orientadores de sua prática cotidiana, viabilizando-lhe uma mundivisão específica; é *estética* porque encerra um *corpus symbolicum*, frutificado em solo histórico, capaz de sinalizar o “peculiar” dessa comunidade e, como quer Michel Maffesoli, exteriorizar o “nós fusional”, a comunhão, o conexionismo presentificado no Vale do Amanhecer.<sup>51</sup>

Ao recorrermos preliminarmente ao dado empírico, torna-se possível detectar a imperiosidade que se revela para as lideranças religiosas do grupo acentuar e reproduzir as tradições míticas - o tempo sagrado eliadiano – afetas à comunidade. Mário Sassi, líder intelectual e autor do grosso das publicações oficiais do Vale do Amanhecer, típico intelectual orgânico, ao partir dos princípios e imagens propostos por Tia Neiva<sup>52</sup>, é quem vai referendar essa proposição enquanto se dirige aos religiosos do Vale:

---

<sup>50</sup> Cf. Jörn Rüsen. *Razão histórica...* Op. cit., p. 163-164.

<sup>51</sup> Cf. Michel Maffesoli. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 1997, p. 171-262. Maffesoli nos fala do aparecimento de uma nova ordem decorrente da implosão do político e da tibieza do racionalismo ocidental. Esse desmoronamento dos sistemas ideológicos mais rígidos permite o aparecimento de movimentos particularistas, a exemplo dos religiosos em sua miríade de roupagens, pautados por uma estética comum: são idéias, emoções, sentimentos e paixões, que, compartilhados por uma comunidade específica, viabilizam, em tese, a noção de “nós fusional” proposta pelo sociólogo francês.

<sup>52</sup> Queremos destacar que a recepção das representações proporcionadas por Tia Neiva a Mário Sassi, parece-nos, não se resolvia passiva. Sassi as incorporava e, considerado o dialogismo que pode resultar ressignificador, revesti-as de amplitude, de linguagem mais elaborada.

*(...) seu espírito tem a experiência de muitas encarnações, de experiências vividas durante milhares de anos. Ele tem a experiência acumulada de 20 ou 30 encarnações diferentes (...) O Vale existe para reavivar sua memória espiritual, a principal coisa que ele vai lhe ensinar é a retomada de contato com seu próprio espírito.*<sup>53</sup>

Diante disso, antecipamos que a noção de tempo sagrado para o adepto do Amanhecer opera como instrumento explicativo da sua própria essência e realidade. É manancial que cuida de forjar justificativas para o eventual caos estabelecido nas sociedades humanas e, mais do que isso, sugestionar ações – no plano religioso, ritualísticas; no plano terrenal, comportamentais – que viabilizem a ordenação dessa realidade difusa, em nível pessoal ou coletivo.

É nesse tempo hierático, respaldado na crença reencarnacionista, insistentemente advertida pela líder do movimento, que podemos encontrar o substrato maior das representações formuladas por esse grupo religioso acerca de sua própria auto-percepção. Mário Sassi, intérprete de Neiva, fala-nos desse passado que abriga representações performativas:

*Aos poucos esses espíritos [alguns desses, hoje, integram-se à doutrina do Amanhecer] foram (...) nascendo em meio aos povos e nações que eles haviam ajudado a criar. A partir daí podemos entrar na História e identificar razoavelmente as civilizações que se seguiram até nossa época. Nomes como Chineses, Caldeus, Assírios, Persas, Hititas, Fenícios, Dórios, Incas, Assírios, Astecas, Gregos e etc., já nos são familiares pela História. Nessas raças e povos, através de milhares de anos, esses experimentados espíritos [que, segundo o Vale, seriam originários de Capela<sup>54</sup> e dispunham de um grau evolutivo acima dos*

<sup>53</sup> Mário Sassi. *Instruções práticas para os médiuns*. Fascículo 1. Brasília: Editora Vale do Amanhecer, 1977, p. 19 (grifos nossos).

<sup>54</sup> Capela, considerado o imaginário do Amanhecer, é interpretado como um planeta de origem, típica referência antropogônica e cosmogônica. O que se quer acentuar é a recorrente percepção partilhada pelos membros do grupo de uma vívida interação estabelecida entre os seres de outros planetas com os que habitam a Terra. Mário, em declarações à imprensa e mesmo ao dar forma ao acervo literário do Amanhecer, sempre se posicionou enfático quanto ao tema. Trata-se, no grupo, de uma verdade incontroversa. É o próprio Mário Sassi quem vai assinalar: “A doutrina do Amanhecer considera o relacionamento interplanetário, entre a Terra e os outros corpos celestes, como coisa natural e própria da mecânica do Universo. (...) existem comunicações entre espíritos encarnados na Terra (que nesse caso poderiam ser chamados de “terráqueos”) e espíritos “encarnados” num conjunto planetário existente do outro lado do Sol. Por razões que ainda não foram convenientemente explicadas, dá-se a esse conjunto o nome de “Capela”, que é a maior Estrela da Constelação do Cocheiro de nossas Cartas Celestes. Pela nossa visão do problema, todos os espíritos encarnados na Terra vieram de Capela e algum dia retornarão para esse mundo. Os capelinos são físicos, embora não se possa afirmar que sejam da nossa natureza física.” Mário Sassi. *O que é o Vale do Amanhecer?* 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, 1987, p. 46-47. Obra de importância seminal aos que se

demais que na Terra se encontravam personificados] *acabavam sempre por ocuparem (sic) posições de mando e se destacavam como reis, nobres, ditadores, cientistas, artistas e políticos.*<sup>55</sup>

Falamos em performatividade não sem razão: aspecto primordial para o entendimento do imaginário social dos médiuns do Vale do Amanhecer está presente na citação acima. Parcela generosa deles acredita ser a reencarnação de uma - ou mais de uma - personalidade histórica reconhecível. Tia Neiva, por exemplo, via-se como uma das pitonisas de Apolo.

Reiteradas as ocasiões em que nos cenários e nas falas ritualísticas investem os religiosos do Amanhecer em reconhecerem-se num tempo imemorial, este que se posiciona responsável por lhes propiciar o que nomeiam de *heranças transcendentais*. Há um reconhecimento identitário a partir de uma memória coletiva informada pelo sagrado. O historiador português Fernando Catroga, que não descarta falar de uma memória cujos vestígios não apresentam materialidade, parece-nos providente quando se dedica a reforçar a idéia do rito de recordação enquanto instância de transmissão de uma memória socialmente compartilhada. Catroga vai assinalar:

*A memória só poderá desempenhar sua função social através de liturgias próprias, centradas em reavivamentos, que só os traços-vestígios do pretérito são capazes de provocar. Portanto, o seu conteúdo é inseparável dos seus campos de objetivação e de transmissão – linguagem, imagens, relíquias, lugares, escrita, monumentos – e dos ritos que o reproduzem. O que mostra que, nos indivíduos, não haverá memória colectiva sem suportes de memória ritualisticamente compartilhados. (...) É certo que a memória também pode operar a partir de traços inscritos na mente, mas a socialização do suporte exige revivificações rituais (...).*<sup>56</sup>

---

interessam em reconhecer mais detidamente as narrativas de origem próprias do Amanhecer é a que se segue: Mário Sassi. 2000 – *A Conjunção de Dois Planos*. 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, n.d. A referência ao *Exilados de Capela* não é privativa do Vale do Amanhecer. Podemos encontrá-la em outras denominações espiritualistas. Por exemplo, o fundador da Aliança Espírita Evangélica, Edgar Armond, escreve um clássico espírita a esse respeito. Cumpre-nos pontuar que as obras de Edgar Armond circulavam copiosamente a partir da década de 50. Ver: Edgar Armond. *Os Exilados de Capela*. 23ª ed. São Paulo: Editora Aliança, 1987.

<sup>55</sup> Mário Sassi. *O que é...* Op. cit., p. 34 (grifos nossos).

<sup>56</sup> Fernando Catroga. “Memória e história”. In: Sandra Jatahy Pesavento (org.) *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001, p. 48.

Catroga confere à memória papel relevante na aspiração própria dos indivíduos de estabelecer e de estreitar laços identitários. Como instrumento eficaz de ativação e salvaguarda da memória coletiva, Fernando Catroga elege os ritos de recordação uma vez mais, cuja tarefa última, segundo o autor, “é a de criar sentido e perpetuar o sentimento de pertença e de continuidade, num protesto, de fundo metafísico, contra a fluxão do tempo.”<sup>57</sup> E realimenta a reflexão que nos autoriza a situar a relação de interdependência a envolver memória e identidade quando aquela se presta a cumprir seu papel *pragmático e normativo*:

*Em nome de uma história ou de um patrimônio comum (espiritual e/ou material), ela [a memória] visa inserir os indivíduos em cadeias de filiação identitária, distinguindo-os e diferenciando-os em relação a outros, e impor, em nome da identidade do eu, ou da perenidade do grupo, deveres e lealdades endógenas. Para isso, o seu efeito ritual tende a traduzir-se numa mensagem. E esta, ao unificar recordações pessoais, ou memórias coletivas, constrói e conserva uma unidade que domestica a fugacidade do tempo num presente que dura.*<sup>58</sup>

A prática ritualística concernente ao Amanhecer opera como autêntico *rito de recordação* na medida em que apresenta nítidas articulações com o tempo sagrado e mitos fundacionais que se afiguraram mediante a intermediação de Tia Neiva. Queremos demonstrar, assim, que esse tempo sagrado funciona para a comunidade como índice que configura as *verdades* que a sustentam, assim como justifica, legitima e atribui sentido à condução daqueles que a integram, interferindo contundentemente em suas práticas cotidianas. Nossos religiosos estão sujeitos a um circuito cultural específico, a uma linguagem que os singulariza, a uma historicidade performativa de sua identidade.

Ao finalizar a exposição do presente quadro nocional norteador, reproduzimos texto monográfico de nossa lavra, em que estão relacionadas a memória e a tradição e ao mesmo tempo se enfatiza a relevância destas para a comunidade religiosa do Vale do Amanhecer:

---

<sup>57</sup> Fernando Catroga. “Memória e história”. In: Sandra Jatahy Pesavento (org.) *Fronteiras...* Op. Cit., p. 51 (grifos do autor).

<sup>58</sup> Idem, *Ibidem*, p. 50 (grifos do autor).

*Cumprir observar (...) que não interessa reconhecer ou negar a eventual veracidade dos fatos narrados por essa memória que se constitui como origem. Mas sim considerar que a atualização desse tempo sagrado é vital para a elaboração de uma tradição, que, por sua vez, torna-se responsável por definir a identidade do grupo religioso, conferindo legitimidade às ações cotidianas ao mesmo tempo em que serve de guia de conduta.<sup>59</sup>*

Tia Neiva, *a Clarividente, o sagrado encarnado*<sup>60</sup>, deve ser lida enquanto centro produtor, legitimador e irradiador do conjunto de representações que, em última análise, instituem o imaginário religioso que caracteriza e singulariza identitariamente a comunidade do Vale do Amanhecer ao mesmo tempo em que informa e autoriza suas práticas cotidianas, tanto profanas quanto sagradas.

Com base nessas reflexões, oportunizamos ao leitor a problemática que orientou a presente tese: nossa pesquisa primou por se entregar à tarefa de compreender como a mulher Neiva Chaves Zelaya, de origem humilde e pouca escolaridade, fez cristalizar no que denominaríamos de real seus sonhos, compondo um complexo sistema religioso, ímpar em sua compleição e, sobretudo, inquietador, o Vale do Amanhecer.

Para tanto, partimos do pressuposto de que Tia Neiva se consolidou matriz e protagonista da orquestração desse imaginário religioso eivado de representações. Diante disso, objetivamos demonstrar como é notória a recorrência às *idéias e às imagens de representação coletiva*<sup>61</sup>, constituidoras de sentidos e organizadoras do mundo, quando do exercício de memória e dos discursos correntes empreendidos por seus adeptos, interessados que estão estes últimos em fixar uma noção comunal e uma tradição vigorosa o bastante para legitimar suas ações, tanto sagradas quanto profanas.

Considerados o estabelecimento desse sentido comunal e a consolidação dessa tradição, reconhecidos em sua plena vigência, conformou-se nossa pretensão ainda esclarecer como essas concorrem decisivamente para a caracterização identitária desse grupo religioso. Pesou-se, por último, em que medida, na esteira dessa identidade, dá-se a afirmação do grupo e assegura-se o seu devir.

---

<sup>59</sup> Marcelo Rodrigues dos Reis. *A apropriação do tempo na construção do imaginário e da identidade no Vale do Amanhecer*. Op. cit., p. 55.

<sup>60</sup> Cf. Arackci Rodrigues et Francine Muel-Dreyfus. "Reencarnações. Notas de pesquisa sobre uma seita espírita em Brasília". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* nº 31, 1987, p. 102-121.

<sup>61</sup> Sandra Jatahy Pesavento. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003, p.43.

A abordagem acolhida para a consecução da proposta, semelhantemente às escolhas categoriais e à materialização da problemática central que orientam o projeto, definiu-se de imediato na eleição do objeto. Interessou-nos trabalhar a presente temática à luz da etno-história, tão cara ao historiador norte-americano Robert Darnton. É ele um confesso defensor do diálogo interdisciplinar. Fala-nos, inclusive, de uma relação de boa vizinhança<sup>62</sup> que deve pautar a convivência entre os campos disciplinares, o que observamos em seus trabalhos mais pronunciadamente a entretecer História e Antropologia cultural.

Influenciado por seu aprendizado nos domínios da Antropologia junto a Clifford Geertz, Darnton é quem nos adverte da relevância da produção de uma história cultural interessada na forma como as pessoas pensam, como interpretam o mundo, conferem-lhe significado e lhe infundem emoção.<sup>63</sup>

Se considerarmos que a imagem de Tia Neiva e o conjunto das representações que a instruem servem de modelo de conduta direcionado aos que pertencem à comunidade do Vale do Amanhecer, como se quis evidenciar ao longo da pesquisa de que se servirá o leitor, não é difícil avaliar a imperiosidade de uma análise cuidadosa daquilo que se impõe representativo a seus adeptos. Conhecer-lhes sua linguagem, ritos, mitos, gestos, signos fez-se um desafio irrecorrível.

Enfim, há muito, estamos convencidos existir um fluxo de princípios e disposições característico desses religiosos que tem em Tia Neiva seu princípio gerador, o norte orientador, a sombra modelar. Em síntese: Neiva é, em considerável medida, a nascente de perfis identitários que informam e conferem especificidade aos médiuns do Amanhecer.

Ademais, o exame de sua pedra angular nos permitiu uma aproximação dessa visão de mundo *pouco familiar*<sup>64</sup>, característica da comunidade do Vale do Amanhecer. Esforçamo-nos por conhecer traços destacados de seu imaginário, de seu sistema de significados, de seu conjunto de representações, por instigar a sua memória e por meio dela situar sua tradição para, por fim, ver aflorados aspectos configuradores de

---

<sup>62</sup> Cf. Robert Darnton. “Bons vizinhos”. In: Robert Darnton. *O Beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>63</sup> Cf. Robert Darnton. “Introdução”. In: Robert Darnton. *O Grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

<sup>64</sup> Idem, *ibidem*, p. 13.

sua identidade. Essa, em sùmula, a proposta que, acreditamos, viu-se correspondida pelo tipo de abordagem com o qual conduzimos esta tarefa.

Cumpre-nos, ainda, pontuar: a pesquisa em curso definiu-se inscrita no universo da chamada Nova História Cultural. É Roger Chartier um dos que procura descrever o percurso dos estudos históricos na última metade do século XX. Chartier acentua o fenômeno da anexação de territórios do saber aos domínios historiográficos: Antropologia, Sociologia, Filosofia, Psicologia Social, Lingüística, considerados os demais – ainda que não mencionados, passam a disponibilizar uma série de instrumentais teórico-metodológicos capazes de potencializar a investigação do historiador. Uma nova prática disciplinar, em defesa de “uma sociologia histórica das práticas culturais”, rompe com a “primazia do estudo das conjunturas econômicas e demográficas ou das estruturas sociais”.<sup>65</sup>

Holística em sua apresentação e, em particular, em sua manifestação, a História Cultural rompe com os determinismos históricos, filhos diletos do projeto moderno, racionalista e cientificista, originário das formulações cartesianas, e passa a dar voz às inumeráveis manifestações sócio-históricas coletivamente arranjadas e que, na ânsia de harmonizar sua relação com o mundo *real*, imaginariamente se definem e exteriorizam práticas assentes em relações de poder simbolicamente definidas. Chartier nos informa acerca de uma realidade social culturalmente arquitetada:

*A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.*<sup>66</sup>

A relação dialógica envolvendo Darnton e Chartier nos parece presente, dado que ambos reconhecem a imperiosidade de reconhecer a identidade cultural de um grupo social, espacial, temporal e simbolicamente instituído. Interessou a esta proposta identificar a *visão de mundo*, conforme a reconheceu Geertz - a quem anteriormente

---

<sup>65</sup> Cf. Roger Chartier. *História Cultural: entre práticas...* Op. cit., p. 13-28.

<sup>66</sup> Idem, *Ibidem*, p. 16.

aludimos, do grupo sócio-religioso em tela ao instigar seu manancial identitário prevalente: a Grande Mãe<sup>67</sup> do grupo.

Finalmente, frisemos, viu-se enredado este trabalho em uma história plural, interdisciplinar, portanto, receptiva às contribuições das mais diversas áreas especializadas do conhecimento. Tendência essa reconhecível se avaliados nossos empreendimentos de pesquisa precedentes. Conseqüentemente, Antropologia Cultural, Sociologia, Psicologia Social, Filosofia, Lingüística, entre outros campos institucionalizados do saber, envolveram-se em diálogo intenso a bem desse fazer epistemológico. A Complexidade dos objetos do conhecimento nos impõe essa postura norteada por um propiciador dialogismo. Valendo-nos da alcunha consignada por Edgar Morin a ele mesmo, importa ao homem acadêmico se reconhecer, convicta e confortavelmente, um digno “contrabandista de saberes”.<sup>68</sup>

Outra perspectiva de orientação atrelada à Nova História Cultural que nos interessa frontalmente está associada a uma das especificidades dessa corrente historiográfica apontada por Ronaldo Vainfas:

*A chamada Nova História cultural não recusa de modo algum as expressões culturais das elites ou classes “letradas”, mas revela especial apreço, tal como a história das mentalidades, pelas manifestações das massas anônimas: as festas, as resistências, as **crenças heterodoxas**...*<sup>69</sup>

Tia Neiva dá forma a um conjunto de crenças, ritos e tradições míticas pouco ortodoxo, além de agregar em seu continente de adeptos indivíduos no mais das vezes reconhecidamente comuns. De ordinário, anônimos sociais. Portanto, enquadra-se a pesquisa ajustadamente à idéia de *massas anônimas* expressa por Vainfas.

Por fim, torna-se oportuno reafirmar que esses *anônimos* dispõem de um conjunto de manifestações culturais legítimas e que são responsáveis por – para usar um conceito aproximado de imaginário selado por Michel Vovelle e em paralelo indisfarçável

---

<sup>67</sup> Aspectos relacionados ao arquétipo junguiano da Grande Mãe são explorados com maior expressividade por ocasião do capítulo quatro da presente tese.

<sup>68</sup> Edgar Morin. “Edgard Morin, contrabandista de saberes”. In: Guita Pessis-Pasternak. *Do caos à inteligência artificial: quando os cientistas se interrogam*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1993.

<sup>69</sup> Ronaldo Vainfas e Ciro Flamarion Cardoso. Op. cit., p. 148-149 (grifos nossos)

com Geertz<sup>70</sup> – revelar a sua *visão de mundo*, a maneira como se interpretam e conferem sentido ao universo sócio-cultural que os substantiva.

Por agora, apresentaremos ao leitor a dimensão estrutural do trabalho. A presente tese se estrutura considerados quatro capítulos. O primeiro deles destina-se a passar em revista aspectos dos mitos que anunciaram a nova capital federal como uma *Terra Prometida*. Nele se vêem contempladas e analisadas, ademais, algumas das expressões de sua religiosidade característica.

O segundo capítulo se propõe a ambientar o leitor nos domínios do Vale do Amanhecer: ingredientes contextuais que nos apresentarão a cidade em suas dimensões temporal e espiritual, o percurso do adepto, o arranjo hierárquico do Amanhecer e aspectos de seu representacional simbólico. Apresentaremos, ainda, as matrizes do movimento religioso, com ênfase para Mário Sassi, Secretário Geral da Ordem por longos anos, e Pai Seta Branca, que representa a hierofania maior do Vale do Amanhecer.

Na seqüência, o terceiro capítulo se interessará em traçar, em seu primeiro momento, parte representativa do percurso biográfico cumprido por nossa personagem fundamental: origem histórica, processo de formação sociocultural e, ênfase, sua caminhada religiosa, a quem nomeamos de *trajetória hierofânica*<sup>71</sup>. Tal corte sincrônico destina-se a dar a conhecer índices configuradores da personalidade de Tia Neiva e as motivações que a conduziram à implementação da Doutrina do Amanhecer.

Exploraremos ainda o tempo transcendente, que, na crença do Amanhecer, refere-se ao repertório em que se inscrevem as *encarnações passadas* dos adeptos. Isso porque se assume crença basilar para a Doutrina do Amanhecer a reencarnação, que, à semelhança de uma temporalidade identificável, histórica, está a constituir representações e legitimar sua *identidade enunciativa* e atuação em meio a seu *universo discursivo*. Tia Neiva se afirmou decisiva para a constituição desse painel de temporalidades míticas e ritológicas. Apresentaremos, também, alguns dos princípios doutrinários que avaliamos prevalentes, que, por Tia Neiva referendados, assumem-se vigorosas representações a orientar a conduta dos adeptos.

---

<sup>70</sup> Cf. Sandra Jatahy Pesavento. “Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário”. In: Revista Brasileira de História. *Representações*. Vol. 15, nº 29. São Paulo: Ed. Contexto/ANPUH, 1995, p. 22.

<sup>71</sup> A noção de *trajetória hierofânica* será apresentada por ocasião do desenvolvimento do capítulo terceiro da presente tese.

O capítulo que dá termo a este esforço preocupa-se em identificar, num primeiro momento, frações do imenso painel de representações internas ao movimento doutrinário. Trata-se de um rastreamento do feixe de representações elaborado pelo grupo com respeito à Tia Neiva. Aquelas veiculadas pelo acervo doutrinário, também as expressas por sua copiosa iconografia, isto porque o cenário imagético presente no Amanhecer cuida de representar Tia Neiva de modo abundante.

Também o recurso à memória dos narradores conforma-se estratégia de captação das representações respeitantes à Tia Neiva. Com base nessas lembranças, que se convertem em perspectivas de compreensão, intencionamos alargar a nosso entendimento dessa que se convence a personagem central desta pesquisa.

A segunda parte do capítulo final está comprometida com a detecção e a análise de representações forjadas externamente ao grupo. Aspectos da literatura acadêmica que, não importando a ênfase, ocuparam-se de referenciar Tia Neiva. Também as representações midiáticas, considerados os veículos de comunicação, com ênfase para os jornais associados à imprensa local (*Correio Braziliense, Jornal de Brasília, Última Hora*).

Por fim, fundamentados em uma reflexão teórica mais aprofundada, potencializada pela análise dos dados empíricos que a essa altura do trabalho resultou constituída, procuramos compreender como Tia Neiva se fez reconhecer uma líder religiosa e como afirmou sua autoridade em meio ao grupo de adeptos.

Vencidas as considerações respeitantes à abordagem por nós acolhida para consecução desta tese e a exposição de sua correspondente estruturação, exigem-nos as fontes uma apreciação à parte. As fontes de que dispusemos para o desenvolvimento da pesquisa se apresentaram superabundantes e provenientes de origens diversas. Como foi observado alhures, a fonte oral ofereceu-nos os testemunhos dos religiosos, depoimentos reveladores, narrativas memoriais que se converteram importantes para a materialização da proposta.

Não sem razão Paul Thompson<sup>72</sup>, cujo pioneirismo nos domínios da *História Oral* inglesa merece realce, vai defender a aliança das fontes tradicionais com os

---

<sup>72</sup> Paul Thompson. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

depoimentos orais de modo a democratizar as vozes que nos informam o passado e constituem a memória em suas infindas roupagens.

Conseqüentemente, uma vez mais, estamos a colocar em relevo as leituras que se posicionam mais ou menos convergentes ou divergentes e que se afirmam capazes de se desdobrar em ilustrações, consoante a multivocalidade que as instrui. Deparamo-nos com uma estetização do passado cujo cinzel e as habilidades que o moldam se convencem pluriformes.

Incorporado aos depoimentos de que dispomos, devemos lembrar o copioso *corpus* documental que se nos apresentou quando do início das pesquisas. Material garimpado ao longo dos anos e de natureza diversa: acervo de cartas, obras doutrinárias, manuais, fotografias, vídeos, fitas, canções, manuscritos, autobiografia, pinturas, publicações outras, enfim, todo um volumoso aparato documental que, reiteramos, a princípio, de modo acentuado, tendeu a tornar árdua a delimitação do objeto, assim como nos impeliu reiteradamente a reconhecer as miríades de possibilidades de se construir a história, representar o passado, endereçar sentidos ao vivido.

Os variados suportes documentais à disposição do estudioso interessado em aproximar-se do universo sócio-religioso do Amanhecer, ademais, convocam-no à aproximação com *sistemas de signos* múltiplos, exigindo-lhe empenho interpretativo à luz de metodologias e de expedientes teórico-conceituais compulsoriamente ajustados ao amplo leque em que se abriga a tipologia documental. Dessa pluralidade de fontes, a Análise do Discurso cuida de identificar as suas especificidades e de reconhecer-lhes a mediação que passam a exigir do gesto interpretativo. É o que Orlandi quer assinalar quando declara:

*(...) não há um sistema de signos só, mas muitos. Porque há muitos modos de significar e a matéria significante tem plasticidade, é plural. Como os sentidos não são indiferentes à matéria significante, a relação do homem com os sentidos se exerce em diferentes materialidades, em processos de significação diversos: pintura, imagem, música, escultura, escrita, etc. A matéria significante e/ou sua percepção – afeta o gesto de interpretação, dá forma a ele.*<sup>73</sup>

---

<sup>73</sup> Eni Puccinelli Orlandi. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 12.

Ante a esse *ofertório de signos* postos, está claro que interessou à esta produção reconhecer as representações que fecundam o imaginário dos religiosos do Vale do Amanhecer. Perceber a relação representacional de orientação bidirecional que envolve Tia Neiva e seus seguidores. Como a matriarca do movimento é mentalmente desenhada por seus seguidores e, igualmente, em que medida estes religiosos são interpelados pelo sistema de representações por ela, em larga medida, engendrado. Denise Jodelet, ao identificar as instâncias em que transitam essas mesmas representações, não se esquece de relacionar a linguagem:

*(...) representações sociais (...) circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e organizações materiais e espaciais.*<sup>74</sup>

Diante do exposto, é forçoso reconhecer que é no campo teórico-metodológico da Análise de Discurso que se encontra um rico ferramental para identificar e explorar analiticamente as representações irradiadas pelos religiosos do Amanhecer e que se deixam captar em seus dizeres, expressivos estes últimos do que sentem e ilustrativos ainda de suas práticas cotidianas. Uma prática discursiva reveladora dos enunciados propostos por Tia Neiva. O discurso desde já entendido como lugar privilegiado de produção de sentidos e configurador de identidades. Um discurso performativo, aquele que, simultaneamente, revela e dá existência ao sujeito.

Ancorada na escola francesa da Análise de Discurso (AD), cuja matriz intelectual de maior relevo é Michel Pêcheux, Eni Puccinelli Orlandi é, reconhecidamente, nome de peso nesse circuito. É nela e em suas reflexões teóricas e propostas metodológicas afetas à Análise do Discurso que se apóia, em assinalável medida, o intento de prospectar essa soma de discursos que nos interpela.

Orlandi denuncia com obstinação a historicidade presente no discurso. História e discurso esposados nos depoimentos dos narradores e produtores do discurso, considerados os seus múltiplos suportes. A linguagem, enquanto canal de manifestação de nossas representações, deixa-nos revelar a historicidade que a anima e lhe impõe limites. No caso particular de nossos recordadores, como os nomeou Ecléa Bosi<sup>75</sup>, estimulados que

<sup>74</sup> Denise Jodelet. “Representações sociais: um domínio...”. Op. cit., p. 17 (grifos nossos).

<sup>75</sup> Ecléa Bosi. *Memória e sociedade...* Op. cit., p.37.

estão pelo exercício mnemônico, oferecem ao pesquisador dados representativos do universo sócio-cultural em que se inscrevem. Permitem o acesso a suas representações, considerados o dito e o não-dito<sup>76</sup>. Orlandi atesta:

*Entre as inúmeras possibilidades de formulação, os sujeitos dizem x e não y, significando, produzindo-se em processos de identificação que aparecem como se estivessem referidos a sentidos que ali estão, enquanto produtos da relação evidente de palavras e coisas. (...) as palavras refletem sentidos de discursos já realizados, imaginados ou possíveis. É desse modo que a história se faz presente na língua.*<sup>77</sup>

Orlandi dá ênfase à noção de *silêncio*, este que é responsável pela imposição de limites ao sujeito no itinerário que percorre ao encontro dos sentidos. No entanto, o silêncio não apenas esconde, mas revela. Num gesto o silenciamento poda, noutra germina. Orlandi define-o:

*O silêncio é assim a “respiração” (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito.*<sup>78</sup>

Reconheçamos no já-dito, no dito e no não-dito, assim como no silêncio, possibilidades de sentido a serem lidas. Assim, à interpretação dessa memória histórico-discursiva está vinculada a metodologia desta proposta. Como diz Orlandi: “a análise de discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao corpus e análise.”<sup>79</sup> Portanto, a exploração do solo teórico, a recolha do material empírico (discursos expressos por adeptos e não adeptos) e a seqüente confrontação deste com aquela (procedimentos analíticos) deram forma final ao corrente estudo.

De posse do instrumental teórico-metodológico anunciado é que se pretende perscrutar a trajetória da fundadora do Vale do Amanhecer e identificar nesta a dimensão

---

<sup>76</sup> Investimos na exploração da noção de interdiscurso, especialmente no que se refere à intervenção indispensável deste na viabilização dos sujeitos e dos sentidos. Consideramos, entretanto, que o sujeito não é apenas determinado pela formação discursiva, mas ele afeta e determina sua prática discursiva.

<sup>77</sup> Eni Puccinelli Orlandi. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 3ª ed. Campinas: Pontes, 2001, p. 67.

<sup>78</sup> Eni Puccinelli Orlandi. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 5ª ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2002, p. 13.

<sup>79</sup> Eni Puccinelli Orlandi. *Análise de Discurso...* Op. cit., p. 67.

de sua presença criadora. Reconhecida a *poiésis*<sup>80</sup> como um ente histórico que se corporifica e inescapavelmente se doa à recriação. Por oportuno, é justo assinalar: Tia Neiva, para seus seguidores, personificou a cosmicização do caos, tornou-se exemplo de uma passagem existencial que se consagra pelo êxito. Ademais, naqueles imprimiu valores, definiu-lhes uma ética existencial, prestou-se e presta-se a autorizar seus discursos e projeções de poder e, ao cabo, parece-nos resistir enquanto imagem ideal ao servir-lhes recorrentemente de paradigma.

Em vida, ao expressar e ao difundir seu carisma, reforçava sua liderança, compreendida entre os seus como natural, essencial, alicerçada que se encontrava no sobrenatural, em um transcendente imaginal, capaz de conferir crédito às suas palavras e tornar seu sonho uma concretude. Perpetua sua obra por força dessa tradição erguida e vivenciada por seus adeptos a cada dia em maior número.

Por fim, é nosso vivo ânimo assumir a subjetividade que orientou e certamente se revelou contiguamente ao resultado final do propósito por nós levado a efeito. Para tanto, convocamos reiteradamente Paul Veyne. O historiador francês chama a atenção para a noção de trama impressa na construção histórica empreendida pelo pesquisador.

Veyne coloca que os fatos não existem isoladamente, e é nesse sentido que ele vai nomear o tecido da história de trama, de uma mistura humana.<sup>81</sup> E vai mais longe ao afirmar que “o objeto de estudo nunca é a totalidade de todos os fenômenos observáveis, num dado momento ou num lugar determinado, mas somente alguns aspectos escolhidos”.<sup>82</sup>

Não partilhamos em absoluto da postura férrea de que existam fontes capazes de validar um discurso historiográfico cientificamente posto. Fontes que remetam automaticamente a uma leitura unívoca e, pretensiosamente, invulnerável aos sentidos

---

<sup>80</sup> *Poiésis* é aqui empregada, de forma prevalente, consoante o entendimento que lhe destinou Cornelius Castoriadis, não se esquecendo o *filósofo da imaginação* de acentuar a vinculação daquela com a história. Se não, vejamos: “**A história é essencialmente *poiésis* e não poesia imitativa, mas **criação e gênese ontológica no e pelo fazer e o representar/dizer dos homens**. Este fazer e este representar/dizer se instituem também historicamente, a partir de um momento, como fazer pensante e pensamento se fazendo.” Cornelius Castoriadis. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, p.14 (grifos nossos).**

<sup>81</sup> Cf. Paul Marie Veyne. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. 3ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995, p. 28.

<sup>82</sup> Idem, *ibidem*, p. 29.

exteriorizados pelos eventos e fatos históricos. A história, manifestação discursivamente engendrada, disto estamos convencidos, não obedece a essa mecanicidade.

Farto número de historiadores de ofício atualmente diverge dessa convicção, vendo-a, para sermos polidos, como ingênua e anacrônica. A cientificidade da história, como evidencia o historiador inglês Keith Jenkins, vê-se desafiada por limitações epistemológicas, metodológicas, teóricas, ideológicas e práticas<sup>83</sup>.

O binômio história-passado não se curva a uma correspondência perfeita. O discurso historiográfico é não mais do que uma representação do passado<sup>84</sup>. A fonte histórica, Foucault e Le Goff<sup>85</sup> assim a divisam, deve ser lida e assimilada enquanto monumento, construção espaço-temporalmente erguida, sob a disposição de uma subjetividade, portanto, carregada de intencionalidades, jamais inócua. Em resumo: não há isenção ou purismo na produção do conhecimento.

Queremos dizer com isso, enfim, que essa se definiu uma história concebida segundo a seleção e a utilização das fontes por nós empreendidas. Tratamos, conseqüentemente, de dar forma a uma *narrativa* histórica, resultante do entretecimento fecundo da empiria, da teoria e da metodologia, que se revelasse capaz de configurar um sentido honesto e possível, representativo da história de Tia Neiva e conseqüentemente do *modus vivendi* dos atores que compõem a cenografia histórico-cultural do Vale do Amanhecer.

Um dado propiciador: temos claras e incorporadas as sinalizações postas pela noção da *narrativa* de Walter Benjamin. O ensaísta alemão a ilustrou belamente realçando-lhe seu percurso de efetivação que se afirma bidirecional. Narrador e tema narrado delineando-se reciprocamente: essa relação de cumplicidade criacional remete-nos à compreensão de que o gesto de autoria, de que resulta a narrativa, não se convence desapaixonado ou deva se objetivar purista. Em letras benjaminianas, a narrativa, *forma artesanal de comunicação*, “(...) mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro

---

<sup>83</sup> Cf. Keith Jenkins. *A história repensada*. Trad. Mário Vilela. São Paulo, Contexto, 2004.

<sup>84</sup> Compartilha desse entendimento a historiadora Sandra Jatahy Pesavento. Cf. Sandra Jatahy Pesavento. “Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário”. In: *Revista Brasileira de História. Representações*. Vol. 15, nº 29. São Paulo: Ed. Contexto/ANPUH, 1995, p. 09-27.

<sup>85</sup> Cf. Jacques Le Goff. “Documento/Monumento”. In: *Enciclopédia Einaudi, Memória-história*. (trad.) Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, p. 95-106.

na argila do vaso.”<sup>86</sup> Narrar é o labor que se quer pronunciar uma arte e que se põe a modelar a vida mesma.

Por fim, reitero (eu) o convite ao poeta de heterônimos no momento em que se finaliza a presente reflexão introdutória. Fernando Pessoa, ao dar título à obra de que nos valem quando da definição de nossa epígrafe, revelou funda sensibilidade e inspiração singular. Dos textos clássicos, mais precisamente da Eneida, de Virgílio, o célebre poeta e escritor português tomou de empréstimo a expressão latina *mens agitat molem*<sup>87</sup>, por meio da qual sua genialidade permitiu-lhe formular o vocábulo *mensagem*. Da tradução do latim, temos: *a mente move a matéria*. Nada mais assinalável se reconhecermos que a concretude se afigura, estabelece-se e reinaugura-se mediante o recurso a ímpetos mentalmente principiados, gestados e tornados maduros o bastante a ponto de se permitirem renascer em roupagens restauradas.

Não nos descuidemos, pois, da motricidade que se assume característica basilar de um *mundo em processo*. Essa mesma motricidade capaz de nos facultar a reflexão reiterada de que nenhuma *realidade dada* ou *imaginário instituído*<sup>88</sup> se intimidam estáticos. Redefinir a amplitude, a interioridade e os contornos da concretude é obra inexorável de autoria. *O mundo como representação* ganha expressividade no entusiasmo renovado que nos incitou e nos provocou as letras de um *poeta clarividente*<sup>89</sup>. *Poiésis* e mundo: eis o mote da existência.

---

<sup>86</sup> Walter Benjamin. "O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas, v.1. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 205.

<sup>87</sup> *Mens agitat molem*: mens + ag + em = "mensagem".

<sup>88</sup> Estamos a falar de *imaginário instituído* à luz das formulações teóricas assinaladas por Cornelius Castoriadis: sentidos que habitam o imaginário social e operam como "verdades postas", legitimadas e legitimadoras. Castoriadis, a propósito de nossa reflexão, pontua igualmente a existência de um *imaginário* instituinte, este o anverso daquele, responsável por alavancar inovadores sentidos promotores e reguladores da dinâmica social. Cf. Cornelius Castoriadis. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

<sup>89</sup> Alusão a Fernando Pessoa, que nos inspirou a epígrafe com que inauguramos esta tese.

## CAPÍTULO I

### BRASÍLIA: MOSAICO DE ETNIAS E DE CREDOS

*Brasília é branca e luminosa,  
de mármore e vidraças  
refletindo nuvens metafísicas (...)  
Pirâmides, tumbas faraônicas  
cabalísticas  
erguidas  
sobre rochas imantadas  
a salvo dos dilúvios,  
anunciando o Terceiro Milênio.  
Como evitar o misticismo?  
Yokaanam refugiou-se na  
eclética cidade,  
Tia Neiva fecundou o vale  
no sincretismo das crenças  
dos humildes  
enobrecidos, capas e véus, vestais  
em castas devocionárias.  
Vivemos entre nordestinos  
gaúchos, cariocas, paulistas  
e extraterrestres.<sup>90</sup>*

(Antonio Miranda)

Da epígrafe: Antonio Miranda, membro da Academia de Letras do Distrito Federal e professor desta universidade, descreve-nos, com o acento preciso e agudo da poesia, a multivocalidade étnica e o enlevo místico que fertilizam e singularizam a paisagem cultural e o imaginário de Brasília. É traço distintivo da Capital Federal, ressaltamos, reconhecer-se povoada e inseminada simbolicamente por “gaúchos, cariocas,

---

<sup>90</sup> Antonio Miranda. *Canto Brasília*. Brasília: Thesaurus, 2002, p 27-28.

paulistas e extraterrestres”, o que reforça em nós a imagem de uma terra em que a polifonia étnica e transcendente irrompe e se anuncia prevalente.

Brasília, assim avaliamos, aparenta se oferecer como protótipo e a se afirmar o entre-lugar de que nos fala Homi Bhabha<sup>91</sup>, uma zona intersticial a envolver vanguarda e tradição. Atestaríamos estar a capital nacional a principiar e a conduzir, com vigor invejável, o jogo da alteridade. Eis a sua vocação, ainda gestacional, mas notadamente sentida, de produzir a articulação entre espaços e tempos de origem diversos, que, imbricados, definem os contornos de uma paisagem humana particular, informada e distinguida pela multietnicidade.

O antropólogo Roque de Barros Laraia, que adotou Brasília como lócus prioritário de sua experiência e produção acadêmicas<sup>92</sup>, comunga dessa mesma compreensão que nos seduz à admissão da imagem de uma Brasília em que a heterogeneidade a anima e lhe confere especificidade. Deixemos com que Laraia ele mesmo se manifeste:

*Os habitantes de Brasília são oriundos de todos os lugares, compõem um complexo mosaico de fenótipos e utilizam-se de muitas maneiras de falar. Pode-se dizer que o ecletismo é a primeira característica dessa gente.*<sup>93</sup>

Por oportuno, mas sem descuidar de nossa reflexão, ocupamo-nos de uma digressão que nos permita recorrer ao plano simbólico com o intuito deliberado de nele enxergar com maior acuidade a policromia ilustrativa da nova capital. Dentre as divisas que oficialmente referenciam Brasília, avaliamos ser pertinente mencionar a do Brasão de Armas do Distrito Federal. Confeccionado pelo poeta e especialista em Heráldica Guilherme de Almeida, instituído pelo decreto nº 11, de 12 de setembro de 1960, nele o

---

<sup>91</sup> Homi Bhabha. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço, Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. (Introdução).

<sup>92</sup> Roque de Barros Laraia é professor emérito do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Atua como docente e pesquisador nesta universidade desde 1969. Destaca-se por seus estudos etnográficos dedicados às comunidades indígenas, entre elas a Surui, os Akuawa-Assurini, os Kamayurá e os Urubu-Kaapor. É dele o clássico trabalho, amplamente empregado pela comunidade acadêmica, dedicado a uma leitura introdutória do conceito de cultura e de seus desdobramentos mais evidentes, a saber: Roque de Barros Laraia. *Cultura: um conceito antropológico*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

<sup>93</sup> Roque de Barros Laraia. “Candangos e Pioneiros”. In: *Série Antropologia*. Número 203. Departamento de Antropologia: UnB, 1996, p.3.

seu criador optou por inscrever a expressão latina *Venturis Ventis*, que, ao ganhar tradução, quer dizer: *aos ventos que não de vir*.

O dístico do brasão, apropriada e projetivamente, dispõe-se a nos advertir da inclinação de Brasília para a acomodação de ventos egressos de múltiplas origens e passagens. A linguagem heráldica, ainda, parece-nos ganhar em concretude se contemplada a face humana que anima a capital brasileira, esta que se vê a braços com subjetividades e sensibilidades multiformes.

É o mesmo Guilherme de Almeida que, na leitura da poesia<sup>94</sup> por ele elaborada por ocasião da inauguração do Museu da cidade, a 21 de abril de 1960, data de fundação de Brasília, encarregar-se-á de reafirmar o cosmopolitismo da capital que vinha a lume ao denominá-la, em um de seus versos, de o *crisol das raças*<sup>95</sup>. Guilherme de Almeida, é relevante salientar, nomeia sua obra poética em deferência à Brasília de *prece*. O termo em destaque empenha-se em revelar haver uma indisfarçável dimensão de sacralidade naquele gesto de se instaurar uma cidade que primava por acreditar estar reservada a sua existência um pronunciado e inalienável sentido missionário: radicar-se cadinho de culturas.

Constituíam-se, pelo recurso aos signos lingüísticos reclamados pelos que se dedicavam a referenciar enunciativamente a nova capital brasileira, os sentidos que se fundiam com o intuito manifesto de lhe consignar um ideário, uma motivação existencial, uma identidade de estro urbano. Mikhail Bakhtin, destacado intelectual do campo da Filosofia da Linguagem, adverte-nos das relações de interdependência em que se vêm atreladas a Linguagem, a Ideologia e a Experiência.

*De fato, a forma lingüística (...) sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A **palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial**. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos*

---

<sup>94</sup> Trata-se da *Prece natalícia de Brasília*. Consoante observamos: é de autoria do advogado, jornalista e poeta Guilherme de Andrade de Almeida e foi lida, na presença de Juscelino Kubitschek e comitiva, quando da solenidade relativa à inauguração do Museu da Cidade (Centro Cultural Três Poderes).

<sup>95</sup> O texto original da lavra de Guilherme de Almeida é assim grafado: *crizol de raças*.

*àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.*<sup>96</sup>

A *Capital do Terceiro Milênio*, como a identificou seu idealizador<sup>97</sup> no contexto de sua criação, em síntese, dispõe-se a concorrer para o reforço ao entrecruzamento de saberes, fenômeno este proveniente da progressiva complexificação de um real que se desenha e se redesenha, instruído por disposições e fisionomias imaginárias multiformes.

A essa coexistência de saberes, a essa *braçagem de culturas* de que Brasília é representativa, deve-se parte do entendimento das razões que motivaram a eflorescência de grupos que, instruídos intensamente pela adesão confessa ao sagrado, granjearam expressividade pelo recurso sistemático a signos conceituais representativos dessas comunidades religiosas e que se revelaram capazes de consolidar a idéia do que nomeamos de *afluência mística*, a saber: ecletismo, ecumenismo, holismo, sincretismo, bricolagem, diálogo inter-religioso. Ao estudioso, mais enfaticamente, e mesmo àqueles que estabelecem vínculos variavelmente próximos com Brasília, não soam estranhas essas expressões. O poeta Antônio Miranda, fazendo repercutir seu ofício, deixou-se sensibilizar por essas pronunciadas referências de sensibilidade mística: *nuvens metafísicas... Pirâmides... tumbas faraônicas... misticismo... Yokaanam... sincretismo das crenças...*

Não indiferente a essa presença mística, sob o signo de um espírito religioso que, empenhamos nosso entendimento, resolveu-se includente, Tia Neiva, lembrada pelo poeta como aquela que *fecundou o vale*, convence-nos, crescentemente, de ter *incorporado e dado voz* não apenas a entidades sobre-humanas<sup>98</sup>, mas acima de tudo aparentou conduzir-se existencialmente manifestada e informada por um espírito vigorosamente sincrético, aglutinador e reorganizador de fazeres e de saberes.

---

<sup>96</sup> Mikhail Bakhtin. *Marxismo e filosofia da Linguagem*. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006, p. 98-99 (grifos nossos).

<sup>97</sup> Juscelino Kubitschek assim a nomeou a nova Capital que se empenhou em implantar.

<sup>98</sup> Esclarecemos que estamos, desde já, a entender entidades sobre-humanas à luz das formulações consignadas pelo historiador das religiões italiano Angelo Brelich. Cf. Angelo Brelich. "Prolegómenos a una Historia de las Religiones". In: Henri Charles Puech. *Historia de las Religiones*. Vol. 1. México: Editora Siglo XXI, 1977, p. 43-53.

Por seu turno, a *Clarividente*<sup>99</sup> Neiva, mote prevalente das inquietações que orientam este esforço, soube habilmente e, se observada a extensão<sup>100</sup> de sua obra, de modo efetivo, convencer-se promotora de um conversação religiosa permeável, acolhedora e que vê suas implicações marcadamente impressas na obra que inspirou e consumou: o Vale do Amanhecer. É esse o *espaço sagrado* que, conforme reafirmaremos alhures, encarrega-se de dar abrigo a um hibridismo religioso desconcertante e de fronteiras simbólicas cujas demarcações não estabelecem divisas precisas. E que, pontuemos de imediato, define-se igualmente em construção.

Diante desse cenário, importa-nos assinalar: no campo das religiosidades, o Vale do Amanhecer, reconhecido por nós como nítida zona de influxo simbólico, aparenta fraternizar-se com a Brasília que buscamos refletir e apresentar, especialmente se a concebemos em seu cosmopolitismo cumulativo e em sua vocação para servir de palco à dinâmica social que nos intima a lhe estimar por sua crescente diversidade cultural.

A seguir, nosso empenho se ocupa de apresentar e, abreviadamente, dimensionar aspectos históricos que nos permitam avistar os sentidos que, na linha do tempo, somaram-se com o propósito de anunciar e de representar aquela que se nomearia, consoante o epíteto ressoado pelo geógrafo Aldo Paviani, como *A Brasília de todos os brasileiros*<sup>101</sup>.

---

<sup>99</sup> De acordo com o que pontuamos quando da introdução desta tese e, conforme, ainda, a leitura de seus seguidores, Tia Neiva era *clarividente* por possuir mediunidade universal, ou seja, a ela estaria reservado o privilégio de fazer uso de todas as faculdades mediúnicas, de acessar irrestritamente os planos existenciais, de reconhecer aspectos do passado e de antever o futuro. Dessa leitura, depreende-se uma amostra da *extraordinariedade* que assumiu a *Clarividente* em meio a seus seguidores. Esclarecemos, por oportuno, que a adoção da expressão *a Clarividente* para designar nossa personagem se fará existir em múltiplos momentos deste esforço.

<sup>100</sup> Referimo-nos pontualmente ao crescimento visível sentido pela Doutrina do Amanhecer. Atualmente, o Vale do Amanhecer, além de sua sede localizada em Planaltina, Distrito Federal, conhecida como o *Templo-Mãe*, contabiliza mais de seiscentas unidades outras, referidas pelos adeptos como os *Templos do Amanhecer*, alguns destes, inclusive, situados no exterior, conforme veremos, com mais vagar, no capítulo II.

<sup>101</sup> Expressão que dá título ao artigo publicado na imprensa, em novembro de 2001, de autoria do geógrafo Aldo Paviani, professor emérito da Universidade de Brasília. Ressaltamos que o autor proporciona a quem o lê um diagnóstico crítico em relação à Brasília de nossos dias. Ele a vê polinucleada e afirma não haver correspondência entre a sua realidade presente e as formulações ufanistas com as quais a identificaram e a estimaram seus idealizadores. Para tanto, o autor dá ênfase à varredura de visíveis problemas infra-estruturais sentidos especialmente pelas populações que se situam na periferia do Plano Piloto. Cf. Aldo Paviani. *A Brasília de todos os brasileiros*. *Correio Braziliense*, Brasília, 04 mai. 2001. Caderno de Opinião, p. 2.

## 1.1 Mitos e feitos: os fertilizadores de Brasília

Brasília nasceu de uma dupla disposição que oportunizaríamos nomeá-la onírica: os sonhos do progresso, enlaçado de modernidade e de vanguarda, e um segundo, este que nos interessa mais detidamente, figurado pelo profetismo de Dom Bosco e sua *presciência* no despontar de uma terra de bem-aventurança. São esses os mitos fundacionais, discursivamente trabalhados e retrabalhados, que, no devir, responsabilizaram-se por instituir expressivos marcadores identitários na nova Capital Federal.

Misticismo e Modernidade. Terra de predestinação e de oportunidades. Mito e Razão. São essas as raízes, postas aos pares, mas em diálogo estável, a que se recorreu e se recorre os que se esmeram em dar visibilidade aos mitos fundadores que operam na expectativa de se afirmar um caráter identitário à capital do Brasil. Dotá-la de historicidade, parece-nos, um sumo esforço de não simplesmente enaltecê-la, e, sim, de lhe definir especificidades, trajar-lhe de uma roupagem histórico-cultural em nenhum momento descurada de seus traços imanentes e transcendentais.

Essa reflexão nos remete à noção de discurso fundador assim como a resolveu Eni Puccinelli Orlandi: “...em relação à história de um país, os discursos fundadores são discursos que funcionam como referência básica no imaginário constitutivo desse país”<sup>102</sup>. O imaginário de Brasília ganhou concretude graças a essas raízes que se anunciaram vigorosas e fecundantes desde a sua concepção.

A Nova Capital, quando de sua gênese histórica, proclamava-se, convictamente, protótipo da modernidade, sede do poder e vigoroso motor que se dispunha a ensejar e a acelerar o progresso. Definia-se território em que se tornaria finalmente possível promover a integração de múltiplos brasis. No entanto, constatamos, vinha à luz a capital em terras do Planalto Central, sim, mas privada de uma historicidade que a precedesse e lhe instituísse, como desdobramento da tradição, uma memória. Carecia de ancoragem histórica. Ausência identificada, a alusão vigorosa aos mitos se fez estratégia

---

<sup>102</sup> Eni Puccinelli Orlandi. *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2001. p.7.

simbólica eficaz na afirmação daquela que se pretendeu reconhecer como a *capital de todos os brasileiros*.

Mitos pródigos e loquazes oportunizavam sua aparição paralelamente à projeção de Brasília na tela da realidade. A obstinação de Juscelino Kubitschek expressa por seu ânimo indômito de se arraigar a ideais mudancistas<sup>103</sup>, historicamente engendrados, e de se consolidar como o idealizador e propiciador mais entusiástico do desenvolvimento, que, projetivamente, encarregar-se-ia de minimizar as desigualdades sociais e fundar uma nova civilização.

O talento exaltado, o virtuosismo e a abnegação de homens que, especialistas de diversos campos, aderiram prestamente ao sonho de JK: Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Israel Pinheiro, Bernardo Sayão, Athos Bulcão, Burle Marx, entre outros. O pioneirismo, a bravura e o empenho edificador dos candangos, que, a despeito de suas múltiplas origens, assomavam-se em comunidade, esta que se via orientada pela consecução de um feito que, no limite, entendiam ser heróico. Ressalvemos, por fim, o sonho profético de Dom Bosco, por meio do qual, no último quartel do século XIX, o clérigo italiano teria preanunciado o nascimento de uma nova civilização em terras do Planalto Central<sup>104</sup>. Vejamos como o historiador Ernesto Silva, ao recorrer à história e a seu correspondente efeito autenticador, ressalvou em letras a predestinação divina de Brasília, a destacada intrepidez de seus construtores e a preanunciação onírica de Dom Bosco:

*No dia 21 de abril de 753 a.C., Rômulo fundava, no Monte Palatino, uma cidade que seria o marco de uma nova era no Mundo Pagão – a Roma dos Césares –, o berço da Civilização Cristã. Quis a **Providência Divina** que, no mesmo dia, 27 séculos mais tarde, **uma plêiade de homens destemidos** presenteasse Brasília ao Brasil, cumprindo assim os **desígnios eternos** manifestados na **Visão Profética de D. Bosco**: “quando escavem as minas aqui escondidas no meio destas montanhas,*

---

<sup>103</sup> Com respeito aos discursos, especialmente os de imprensa, comprometidos com o imaginário mudancista por meio do qual se irradiou a imagem de uma Brasília desejável e concretizável, recomendamos: Michelle dos Santos. *A Construção de Brasília nas tramas de imagens e memórias pela imprensa escrita (1956-1960)*. Dissertação de Mestrado/Universidade de Brasília, 2008. (em andamento).

<sup>104</sup> À frente, em nossas reflexões, com maior vagar, retomaremos a imagem de Dom Bosco.

*surgirá, neste lugar, a grande civilização, a terra prometida, de uma riqueza inconcebível.”*<sup>105</sup>

Temos que o mito JK, as façanhas dos candangos, as incontestáveis proficiências e o destacado engenho de seus idealizadores e ordenadores, também a palavra revelada do jovem padre salesiano se enlaçam e dão vigor à imagem de uma Brasília épica. Reiteramos: essa a tessitura humana que, considerado o imaginário social que gravita em torno da edificação da capital no centro geográfico do país, passou a ser miticamente representada e, mesmo nos dias atuais, conta com o prestígio dos que, em nome de uma (pre)destinação, envolveram-se com feitos que se afiguraram lendários. Queremos, com isso, reivindicar o argumento de que os sentidos legitimadores e identificadores de Brasília se erguiam, *pari passu*, ideal e concretamente.

Juscelino Kubitschek, ele mesmo, justificava seu propósito de transferir a capital da República do litoral para o interior do país valendo-se reiteradamente de imagens históricas que se entranhavam em seus discursos. Uma previdente e arguta visitação às enunciações discursivas de matriz histórica, articuladas de modo a revelar vívido comprometimento com a interiorização da capital, define-se por contribuir com o *presidente visionário* para que este alcançasse a validação de seu propósito e, na seqüência, conquistasse a adesão dos que a ele e a seu intento de modo entusiástico se vincularam.

Mais do que isso, à época da construção de Brasília, o governo de Juscelino Kubitschek não se descuidou de investir recursos e esforços na produção de uma densa massa documental capaz de registrar copiosamente os eventos, públicos e privados, que se sucediam e concorriam para a consolidação da nova sede do poder político do país<sup>106</sup>.

As enunciações discursivas de matriz histórica a que fizemos alusão se vêem convenientemente documentadas. Como exemplo de verificação, recorremos uma vez mais a Ernesto Silva, historiador e ex-diretor da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP), que, em seu clássico trabalho *História de Brasília*, ressalva que na

---

<sup>105</sup> Ernesto Silva. *História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade*. Brasília: Secretaria de Educação e Cultura do DF, 1985, p.11 (grifos nossos).

<sup>106</sup> Para a identificação mais pormenorizada dos documentos que ganharam materialidade no transcurso do governo JK, sugerimos: Ismael Pordeus. *Raízes históricas de Brasília*. Datas e documentos. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1960.

data de dois de outubro de 1956, em visitação ao Planalto, Juscelino Kubitschek teria sentenciado no Livro de Ouro de Brasília:

*Parecendo um sonho, a construção de **Brasília** é obra realista. Com ela realizamos **um programa antigo: o dos constituintes de 1891** (...) É um **ideal histórico: o dos bandeirantes dos séculos XVII e XVIII.** (...) Do ponto de vista econômico, Brasília resolverá situações já esgotadas, para maior equilíbrio, melhor circulação e mais perfeita comunicação entre o litoral e o interior, entre norte e o sul. Politicamente, Brasília significa a instalação do Governo Federal no coração mesmo da nacionalidade, permitindo aos homens de Estado uma visão mais ampla do Brasil como um todo e a solução dos problemas nacionais com independência, serenidade e paz interior. (...) Na primeira História do Brasil, que se escreveu, a de **Frei Vicente do Salvador, nos primórdios do século XVII**, já observava o seu autor que a colonização se fazia como a de **caranguejos, agarrados ao litoral. Euclides da Cunha** acrescentava profeticamente, no limiar do século XX, que **o drama político e sociológico do Brasil** continuaria a ser a **separação**, com disparidade de estilos de vida, **entre o litoral e o interior**, como se fôssemos duas nações dentro de uma mesma nação.<sup>107</sup>*

Frente a esse inquietante fragmento documental, saturado de signos temporais, ajuizamos ser oportuno recorrer ao historiador Jacques Le Goff, que, em seu clássico escrito acerca do binômio história-memória, afiançou-nos:

*A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.<sup>108</sup>*

Não obstante a advertência que encerra a passagem de Le Goff em destaque, empenhada em nos impressionar – o que entendemos ser válido – quanto ao notável poder da memória de promover a libertação ou, na via contrária, instaurar a servidão, o fato é que esse gesto de preservação da *memória coletiva*, que, em tese, vincula-se ao propósito de *salvar o passado*, não se resume ingênuo, desinteressado. A destinação que pronunciadamente lhe é atribuída é a de *servir o presente e o futuro*. Isso se dá efetivamente, uma vez que seus preservadores, recordadores – que igualmente o são

---

<sup>107</sup> Ernesto Silva. *História de Brasília: um sonho, uma esperança*, Op. Cit., p. 137 (grifos nossos).

<sup>108</sup> Jacques Le Goff. *História e memória*. Trad. de Bernardo Leitão. 2ª ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992, p. 477.

formuladores – e disseminadores inscrevem-se em uma trama de poder que os orienta a dar visibilidade ao passado consoante suas vinculações ideológicas.

Com base nessa reflexão, importa-nos assinalar: não é sem pretexto a resolução adotada por Juscelino Kubitschek de dar a público a famosa *Coleção Brasília*<sup>109</sup>, que, tendo o compromisso de sua elaboração assumido pelo Serviço de Documentação da Presidência da República, às vésperas da inauguração da nova Capital, põe em circulação seus primeiros tomos, sentidamente empenhados em se apropriar de uma memória que se prestasse a oferecer legitimidade à fundação de Brasília e, com ênfase, identificar essa última como o resultado *racional* da história brasileira.

Torna-se evidente o imperativo de se recorrer ao passado, este que se consubstancia solo fértil de que se podem extrair índices de afirmação de atores históricos e de corroboração de propósitos. Em síntese: o feito político juscelinista prezava por se apresentar como uma resposta afirmativa às sentenciosas e altissonantes vozes do passado, que, originadas de paisagens e temporalidades as mais diversas, resolviam-se empenhadas em idealizar, amparar ou prescrever a interiorização da capital. Declinava-se um plano, soerguia-se uma memória e, a partir dela e de sua ação autenticadora, o *não-lugar* de Juscelino era gradualmente tornado real.

Juscelino parecia crer e, em especial, aperfeiçoava-se em fazer acreditar que a edificação de Brasília se vinculava ao desafio confesso de inaugurar no país uma nova realidade, uma nova civilização, um novo porvir. Evidencia-se, considerada a trama discursiva a que dava forma, o intento aclarado de promover a consolidação de um imaginário utópico<sup>110</sup> comprometido em confiar sentidos pósteros à Nova Capital e que resultasse eficaz o bastante para salvaguardar suas aspirações de poder e, especialmente, tornar sua obstinação por Brasília um intento que não se restringisse personalista, insular,

---

<sup>109</sup> Trata-se de uma coleção de livros empenhada em descrever eventos do cotidiano relacionados à construção de Brasília e, ademais, igualmente comprometida com a narração dos antecedentes históricos da transferência da capital. A *Coleção Brasília* deve ser reconhecida pelo impressionante volume de fontes documentais que proporciona ao pesquisador ou a outros interessados. Convence-se uma generosa versão da História de Brasília e do Brasil. A propósito da *Coleção Brasília*, eis um artigo que se empenha em apresentá-la em maiores detalhes e, convencemo-nos, revela-se merecedor de um olhar mais diligente: Márcio de Oliveira. *A participação goiana na construção de Brasília*. Sociedade e cultura, Goiânia, v. 8, n. jan/jun, 2005, p. 97-109.

<sup>110</sup> Acerca do diálogo entre imaginário e utopia, sugerimos vivamente a leitura do artigo do sociólogo e professor da Universidade de Santiago de Compostela Angel Enrique Carretero Pasín, o qual será por nós referenciado uma vez mais ainda neste capítulo, a saber: Angel Enrique Carretero Pasín. *Imaginario y utopias*. Athenea Digital, 7, 40-60. Disponível em: <<http://antalya.uab.es/athenea/num7/carretero.pdf>>. Acesso em 07 de novembro de 2007.

mas, destacada a sua dinâmica e a urgência de um expressivo investimento em sua propagação - o que se consumou, deveria se desdobrar comunal, idealmente fraternal.

*Deste Planalto Central, desta solidão que, em breve, se transformará em cérebro das mais altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã de meu País e antevejo esta alvorada, com uma fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino.*<sup>111</sup>

O tom calculado e ostensivamente ufanista dos discursos se encarregava de recrudescer a experiência desejada de pôr em pé a nova capital do Brasil e de oferecer resistência aos que se opunham ferreamente àquele que se resolveu como o mais expressivo dos desígnios juscelinistas. À aventura insólita e aferrada de dar seiva e autenticação a um *novo território* e sua correspondente face humana somava-se a composição cuidada de uma imagem futurista que asseguraria a grandeza de seu destino e sua *pertinência histórica*.

## **1.2 Brasília, Terra prometida e de prometimentos: sob o ímpeto da afluência mística**

Brasília não se fez concretude informada tão-somente por sua confessa aliança com a modernidade. Os signos transcendentais pareceram encontrar abrigo nessa zona de influxo que se configurou a nova Capital e fertilizaram um imaginário que, com vigor, encorpou-se e figurou como guia de conduta a seus concretizadores. Em acordo com o que até então assinalamos, não se faz previdente descuidar das utopias de matriz transcendente que fecundam o imaginário da capital no Planalto.

Insuspeita aos crentes e, no mais das vezes, aos seus habitantes e aos que a com ela tiveram é a atmosfera mística e profética em que se inscreve a *Capital do Terceiro*

---

<sup>111</sup> O fragmento em análise resulta do pronunciamento dado pelo presidente Juscelino Kubitschek, a 2 de outubro de 1956, quando de sua visita inaugural ao local exato em que seria erguida a Nova Capital do Brasil. Notabilizou-se a histórica frase de Juscelino Kubitschek e, atualmente, pode ser encontrada, em destaque, no Museu da Cidade, Centro Cultural Três Poderes. Ver: Juscelino Kubitschek. *50 anos em 5: Meu caminho para Brasília*. V. III. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1978, p. 83 (grifos nossos).

*Milênio*. Os que se convencem arautos de uma Nova Era, iteradamente, empenham-se em dar acento a esse *locus* que se assume investido do sagrado. Instruído por essa leitura imaginária de Brasília, o astrólogo francês Yves Christiaen, interessado em robustecê-la, vai assinalar:

*Brasília nasceu. Era zero hora de 21 de abril de 1960. O Brasil mudava de capital, ao mesmo tempo em que o sol mudava de signo do zodíaco e entrava no signo de touro, o signo de Abraão que deixava seu país para fundar uma nova raça... Sobre o grande círculo invisível das civilizações, traçado pelo deslocamento do pólo a superfície terrestre, a marca celeste é perfeita. Depois de Atenas, Roma e Paris, Brasília é por sua vez, no prolongamento desta linha misteriosa, a descerradora da era de aquários; do outro lado dos mares, pela primeira vez depois de 13.000 anos isso aconteceu no hemisfério sul... Seu nascimento é simultaneamente espiritual, cósmico, profético e histórico. Um laço estreito que reata a civilização ocidental...*<sup>112</sup>

No Brasil, Iara Kern, que se fez nome e referência corrente especialmente entre os que sentenciavam a nova capital como uma urbe predestinada, em 1984, publica a mais comentada de suas obras, *Brasília Secreta*, na qual a autora privilegia argumentos conjecturais em defesa da existência de uma correspondência entre a Brasília de Juscelino Kubitschek e a Akhenaton fundada pelo faraó Amenófis IV, também chamado de Akhenaton, célebre reformador religioso.

As referências expressas a Akhenaton e ao Egito Antigo, estes que, no imaginário, respectivamente, cristalizaram-se como o faraó a quem pesou a responsabilidade de fazer cumprir os desígnios de Aton<sup>113</sup>, ao implementar o monoteísmo em lugar do culto tradicionalmente prestado à pluralidade de deuses, e a civilização em que o fator religioso se resolvia como um marcador cultural prevalente, responsável por divinizar, inclusive, a própria representação faraônica, somam-se de modo a definir a fisionomia de uma terra divinamente inspirada e eleita.

---

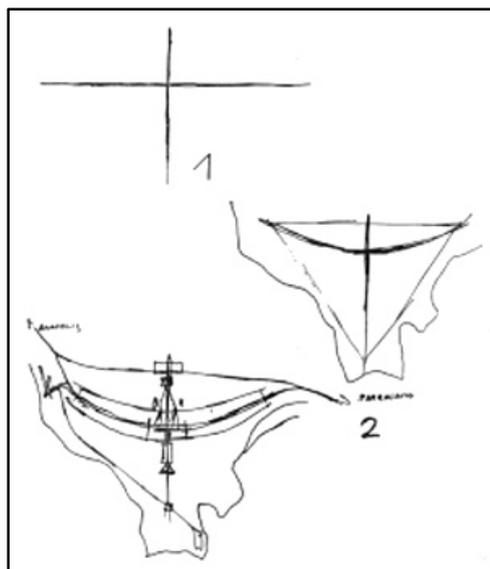
<sup>112</sup> Yves Christiaen. *La Mutation du Monde*. De nouveaux cieux... Une nouvelle Terre. Essai d'une nouvelle conscience historique. Paris, Dervy - Livres, 1978, p. 169.

<sup>113</sup> Aton, conforme o entendimento consignado por Chevalier e Gheerbrant, corresponde ao "Deus egípcio cujo culto exclusivo foi estabelecido pelo célebre reformador religioso, o faraó Acnátón, Amenófis IV (...) era o Deus tutelar, solar e espiritual a um só tempo, que transmitia a irradiação de seu calor e de sua luz para todos os seres". Jean Chevalier et Alain Gheerbrant. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p. 98.

Vejamos como Iara Kern dá forma discursiva a sua inabitual imagem em que personalidades e espaço-temporalidades são comparadas:

*Akhenaton construiu em 4 anos Akhenaton (cidade do Horizonte de Aton), cidade planejada que serviu de transição religiosa e política do país. No mundo moderno, Juscelino construiu em 4 anos Brasília, cidade que serviu de transição política e social do Brasil. Os dois eram empreendedores destemidos, não tiveram filhos varões e levaram adiante uma idéia tão magnífica que não podia ser compreendida pelos cétricos: fundar uma nova capital, destinada a mudar a vida de um povo. Tanto Akhenaton como JK viveram somente 16 anos após a inauguração de suas cidades e ambos tiveram morte violenta. Segundo especialistas esotéricos, Juscelino e Brasília vieram nos dias atuais para consolidar o que Akhenaton e Akhenaton não puderam fazer em sua época. **Tanto Juscelino quanto Akhenaton construíram para o futuro**, apesar de os outros faraós terem construído para os mortos, na própria visão de Juscelino. Segundo especialistas de várias partes do mundo que se dedicam ao assunto, **Brasília representará, no Terceiro Milênio, o que a cidade de Akhenaton deveria representar em sua época. Segundo eles, a cidade de Brasília seria, na falta de outra palavra, uma reencarnação da de Akhenaton e seu destino será o de resgatar o que se projetou no passado remoto para o futuro da humanidade.**<sup>114</sup>*

Da passagem em análise, uma fixação: torna-se perceptível a adoção deliberada de reiterados signos que se associam a um desejado e inexorável porvir. Brasília, na trama discursiva de seus muitos cultores, assinalamos, viu-se constituir instruída sentidamente por uma têmpera profética e igualmente modernizadora. Parecia reconhecer estar reservada a ela o exercício de um missionarismo que se afiguraria responsável fundamentalmente por gestar uma civilização que, para os místicos, instruiria aquele que se colocaria em perfeito alinhamento com o *ethos* representativo do homem do *Terceiro Milênio*, o homem da Era de Aquários, e, para os pregoeiros da modernidade, corresponderia à imagem de uma terra de infindas



Primeiros esboços de Lúcio Costa: a figura cruciforme se destaca

<sup>114</sup> Iara Kern et Ernani Figueiras Pimentel. *Brasília Secreta: enigma do Antigo Egito*. Brasília: Pórtico Editora, 1984, p. 64 (grifos nossos).

oportunidades e propiciadora de uma sociedade equânime. Iara Kern, ao recorrer à configuração urbanística cruciforme de Brasília (ver imagem da página anterior), acaba por tonificar o conceito de uma *capital do futuro*:

*O traçado de Brasília, na forma de cruz é típica, mas isso também é um pássaro. Como pássaro não poderia deixar de estar em vôo. Vôo para algum lugar. Brasília é algo que vai servir de transição de uma coisa para outra, de uma era para outra era, **capital do terceiro milênio**, previsto em sonhos de Santos e em cálculos metafísicos.*<sup>115</sup>

A essa utopia, impressa nos discursos e nascida originalmente da apropriação e da disseminação do vaticínio de Dom Bosco e dos ideais professados por numerosos visionários, creditamos dever-se a maré montante de representações expressivas do sagrado em suas múltiplas roupagens e que notabilizou Brasília como o centro reitor da religiosidade e do misticismo brasileiros. A determinação enérgica de se instaurar um sítio propício à eflorescência e ao desenvolvimento de uma sociedade modelar corresponderia aos moldes que dão forma e materialidade ao que tipicamente entendemos se convencer um projeto utópico.

O sociólogo espanhol Angel Enrique Carretero Pasín, a partir da leitura e da incorporação de autores que se notabilizaram por suas contribuições aos estudos do Imaginário<sup>116</sup>, propõe-nos conceitualmente um entendimento das utopias e nos adverte, a nosso ver, apropriadamente, da força de mobilização das utopias frente aos arranjos que vitalizam e definem o que entenderíamos por *realidade social*:

*(...) as utopias se convertem em [forças] mobilizadoras do social, interagindo em sinergia com as demandas que emanam espontaneamente do corpo coletivo. Não somente representam um mundo ideal, mas também se entranham e dão vida às correntes do senso coletivo e, deste modo, conferem vitalidade a certos grupos sociais que delas se*

---

<sup>115</sup> Iara Kern. *De Akhenaton a JK. Das pirâmides a Brasília*. 2ª ed. Brasília: Ed. Gráfica Ipiranga, 1984, p. 128 (grifos nossos).

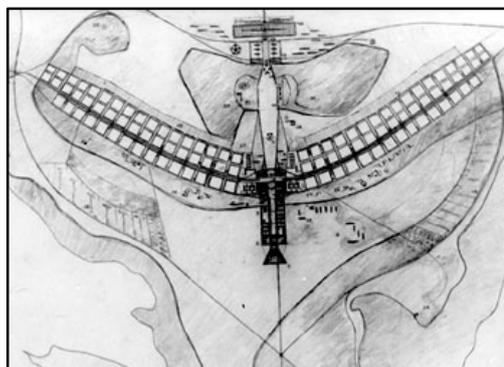
<sup>116</sup> Entre eles, mais detidamente, o autor se esmera em dialogar com Gilbert Durand, Gaston Bachelard, Cornelius Castoriadis, Bronislaw Baczko, Michel Maffesoli e François Laplantine.

*apropriam. A utopia é socialmente eficaz, penetra na realidade e a renova.*<sup>117</sup>

A abrangência dessas representações, que se põem a dar significação e forma à realidade, não se reduz ao conjunto de seus idealizadores e divulgadores, isto é, não se restringe exclusivamente àqueles que assumem ter notada conexão com o sagrado. Ao contrário: essas imagens de uma capital em que o misticismo se coloca como um característico marcador identitário enquistam-se no tecido social, grassam em meio a segmentos que, em tese, querem ser lidos como seculares. São essas as representações que servem de fomento à copiosa produção de um sem número de bens culturais e materiais que detêm destaque no panorama urbano da capital federal.

Diante dessa reflexão, propomo-nos, a partir de agora, a uma varredura histórica que nos possibilite o entendimento de como a presença do misticismo em Brasília se construiu, fez-se visível e consistente, considerados alguns dos segmentos religiosos, dos mitos em suas manifestações coletivas ou individualmente perpetradas, dos monumentos, dos eventos, das políticas de Estado e das produções intelectuais que se somaram de modo a contemplar a capital brasileira com o que nomeamos de *afluência mística*.

O Plano Piloto de Brasília nasce de um traço vigoroso e característico, proporcionado pela sensibilidade do urbanista Lucio Costa (1902-1998). Não se trata, consoante queremos evidenciar, de um traço aleatório, tecnicista, desenraizado, mas daquele que exprime com densidade incontestante o que há



Plano Piloto, projeto de Lúcio Costa.

de mais substancial no inventário simbólico que referencia a Cristandade: o sinal da cruz.

<sup>117</sup> Angel E. Carretero. *Imaginario y utopias*. Athenea Digital, 7, 40-60. p. 44. Disponível em: <<http://antalya.uab.es/athenea/num7/carretero.pdf>>. Acesso em 07 de novembro de 2007 (tradução nossa). Do original: “(...) las utopías se convierten en movilizadoras de lo social, entrando en una sinergia con las demandas que emanan espontáneamente del cuerpo colectivo. No solamente plantean un mundo ideal, sino que también impregnan y vivifican las corrientes de sentimiento colectivo y, de este modo, impulsan una vitalidad en ciertos grupos sociales que se reapropian de ellas. La utopía es eficaz socialmente, penetra la realidad y la renueva.”

Iara Kern, conforme discorremos anteriormente, instrumentalizada pela leitura interpretativa de uma *Brasília misterica*, ocupou-se de propor uma *tradução mágica* estimulada pelo traçado cruciforme que desponta do plano urbanístico da capital do país. Não indiferente a esse registro emblemático, também o antropólogo James Holston, que se dedicou, sob aporte acadêmico, a pensar a concepção espacial de Brasília, em diálogo com parte do instrumental teórico da semiótica de Peirce, vai assinalar:

*(...) a naturalização das origens levada a cabo por Costa, em seu plano, enfatiza a significação simbólica da figura da cruz. Como signo, a cruz, funciona aqui tanto como **índice** quanto como **ícone**, para usar a distinção de Charles S. Peirce. Aponta para um lugar espacialmente definido... indicando a presença de seres humanos e de seus atributos, tais como propriedades, povoamentos e civilização. É um índice porque indica a presença de uma cidade e de sua civilização como a origem de um cruzamento de eixos, assim como a fumaça indica a presença de uma fogueira que a origina. A cruz é também um **signo icônico** naquilo em que se assemelha a vários outros símbolos bem conhecidos, evocando, pela semelhança na forma, seu significado em nossa mente. Graficamente, a cruz do Plano Piloto parece a cruz da cristandade. Essa associação formal, **icônica**, evoca a idéia de um sítio sagrado para a cidade de Brasília e uma benção divina para a fundação da capital, em uma evocação baseada na associação convencional do mundo cristão entre cruzes e coisas sagradas.*<sup>118</sup>

A essa representação basilar de um sítio sagrado, abençoado e divinamente entalhado, são anexados sonhos em profusão, planos cobiçosos e perspectivas animadoras e, no limite, triunfalistas. Enfim, consumada a marcação do *lugar*, ao humano era consagrado o direito de aspirar ao *não-lugar*. Brasília se revestia de utopias, admitia-se predestinada e não se queria impor limites a suas pretensões.

Converteu-se a *meta-síntese* de Juscelino em amplo porto acolhedor de aventureiros, desbravadores, idealistas, sonhadores, visionários. Enfim, por todos os que se deixaram acender pela pulsão criacional e por não se intimidar em nome de seus traçados imaginais os mais impensáveis e inauditos. Dos devaneios precipita-se a vida em sua multidimensionalidade.

---

<sup>118</sup> James Holston. *A cidade modernista. Uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Cia das Letras, 1993, p.77 (grifo original).

Às utopias, portanto, marcadas pela diversidade, estava reservada uma nova arena em que pudessem representar, desenvolver-se e consagrar-se. Partimos, assim, da concepção que nos esclarece da força mobilizadora concentrada nos conteúdos utópicos. Sendo assim, entendemos ser válido considerar a especial contribuição epistêmica proporcionada por François Laplantine quando este se propõe a caracterizar o que nomeou de *As três vozes do Imaginário*. Laplantine, ao operar com a noção de *imaginação coletiva*, descreve-nos os três tipos de formulações mentais performatizadas pelos homens quando de seu exercício imaginário de projetar o futuro. Todos eles radicados em um terreno comum: a expectativa da salvação e da regeneração homem pelo fim do mundo e o advento de um Reino.

Das três vozes do Imaginário tipificadas por Laplantine, a da *espera messiânica* ou *milénarista*, a da *possessão* e, finalmente, a da *utopia*, a primeira delas nos interessa em particular. Isso porque confiamos que vai ao encontro do *momentum* histórico em que se dá o nascimento de Brasília e todas as projeções que a ela estavam endereçadas, em especial as que se empenhavam em alimentar no imaginário social as representações que a identificavam como uma Terra Prometida e, conforme concebemos, igualmente de *prometimentos*. Deixemos com que Laplantine ele mesmo se expresse a respeito da *voz do imaginário* que nos interessa enfatizar:

*A espera messiânica ou milénarista, que é a resposta sociológica normal de uma sociedade ameaçada por dentro ou por fora em seus fundamentos: multidões exploradas, sedentas de absoluto de justiça social se reúnem em torno de grandes profetas ou pequenos iluminados transformando seu desespero em esperança*<sup>119</sup>.

Compete-nos considerar, de modo a alcançar efetivo entendimento da reflexão a que nos propomos desenvolver, o incontornável fato de a nova capital, desde a sua concepção, não se posicionar isolada de uma conjuntura mais ampla, isto é, a da cenografia do Ocidente, que, à época, assumia uma postura questionadora de seus valores universais e de suas entranhadas verdades. As metanarrativas, alavancadas por um cientificismo idealizado e, não raro, ingênuo, por um racionalismo fundamentalista e por

---

<sup>119</sup> François Laplantine. *As Três Vozes do Imaginário*. Trad. Sérgio Coelho. São Paulo, n. 1, Out, 1993. Disponível em: <[http://www.imaginario.com.br/artigo/a0001\\_a0030/a0028.shtml](http://www.imaginario.com.br/artigo/a0001_a0030/a0028.shtml)>. Acesso em: 10 maio 2007.

ideologias que se desdobravam totalitárias, conformavam-se saturadas de fragilidades e de irrealizações e, ademais, pareciam querer denunciar uma cultura ocidental, que, desnuda, via-se incapaz de se deixar trajar por uma visão de mundo totalitária.

Ao se valer das clássicas argumentações e noções proporcionadas pelo pensador social Jean-François Lyotard<sup>120</sup> direcionadas a caracterizar a polêmica noção de Pós-Modernidade<sup>121</sup>, Richard Tarnas, professor de Filosofia e de Psicologia do Instituto de Estudos Integrais da Califórnia, contempla-nos com a abertura para uma visada em que despontam os relevos mais pronunciados do *pensamento pós-moderno* e que ocupam o painel da contemporaneidade: falência de paradigmas culturais monolíticos; derrocada das grandes fundamentações científicas; desmoronamento das interpretações unívocas da realidade, de matriz ética ou estética<sup>122</sup>.

Ante a esse desalinho das visões de mundo tradicionais, a que Lyotard vinculou a desconfiança do homem frente aos *Grands Récits*, isto é, a ampliada incredulidade para com os metarrelatos, é que Tarnas se dispôs a anunciar a experimentação por parte do homem de um *caos representacional*. Um momento dramático em que a humanidade estaria sendo acometida por um “estado de profunda indecisão metafísica e epistemológica”.<sup>123</sup>

É bem verdade que Lyotard publica sua obra mais aclamada e controvertida, *La Condition Postmoderne*<sup>124</sup>, em 1979. A rigor, é lúcido, ainda, não deixar de lembrar que a deliberação e a efetiva construção de Brasília têm lugar na segunda metade dos anos 1950 e sua afirmação como Capital Mística se resolve nas décadas seguintes. Não obstante, revela-se indispensável registrar que essas temporalidades mencionadas se vêem, sim,

---

<sup>120</sup> Jean-François Lyotard. *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

<sup>121</sup> Anthony Giddens, por exemplo, defende que expressões tais como pós-modernidade, pós-modernismo e sociedade pós-moderna não se sustentam completamente. Giddens reflete que ao invés de nos posicionarmos em um mundo sob a chancela da pós-modernidade, estaríamos alcançando um período em que as conseqüências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. Assim, o autor adotou a categoria de *modernidade tardia* para caracterizar a contemporaneidade. Portanto, apesar de reconhecermos a intrincada e aparentemente insolúvel polêmica em torno do termo pós-moderno, esta não será aqui explorada mais verticalizadamente. Apenas nos interessa reconhecer elementos destacados da atualidade/temporaneidade de modo a proporcionar uma melhor compreensão dos valores tradicionais submetidos a questionamentos e a repaginações. Cf. Anthony Giddens. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991, p. 13.

<sup>122</sup> Cf. Richard Tarnas. *A epopéia do pensamento ocidental*: para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo. Trad. Beatriz Sidou. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 422-440.

<sup>123</sup> Cf. Richard Tarnas. *A epopéia do pensamento ocidental...* Op. cit., p. 437.

<sup>124</sup> Jean-François Lyotard. *La condition postmoderne*. Paris: Editions de minuit, 1979.

afetadas pelas torrentes que, como fez reverberar o historiador Keith Jenkins<sup>125</sup>, desaguaram na *morte dos centros*.

De que transformações efetivamente estamos a falar? Propomo-nos, de modo abreviado, a melhor dimensionar essas *torrentes* a que fizemos menção e que se encarregaram de promover um enérgico destronamento dos centros tradicionais. Na arena das relações internacionais, o mundo se descobria vitimado pelo advento sombrio e pelos desdobramentos deletérios das duas grandes guerras mundiais. Corridas imperialistas ambiciosas e impensadas submeterem o homem a desatinos e lhe propiciaram, como consequência, a aproximação com a dura face da desrazão.

No campo científico, o avanço da Filosofia da Ciência, que nos apresentou o anarquismo epistemológico de Feyerabend, a revalorização da imaginação pela *verve* bachelardiana, o falsificacionismo popperiano, os paradigmas kuhnianos, a Teoria da Relatividade, de Albert Einstein, o Princípio da Indeterminação, ou da Incerteza – enunciado revolucionário da Mecânica Quântica proposto pelo físico alemão Werner Heisenberg, submeteu a comunidade e o modelo científicos ao exaustivo exame de suas íntimas e fixas verdades.

No árido e vasto terreno filosófico, a imagem estanque de uma inexorável curva evolutiva da história e a unívoca razão de inspiração hegeliana pareciam dar lugar às proposições filosóficas, prevenidas de nos assegurar a pluralidade e a descontinuidade dos saberes, consignadas por aqueles que foram, em medida variável, reconhecidos como herdeiros do ruidoso iconoclastismo nietzschiano, entre eles, Martin Heidegger, Michel Foucault, Jacques Derrida e Gilles Deleuze.

Na dimensão político-econômica, além do estado de privação a que se vê submetida parte significativa da população mundial, ressalvamos os regimes de governo que se queriam definir e se anunciaram consagradores da equidade entre os homens, mas que, no plano prático, viram-se descaracterizados - constituindo-se, não raro, totalitários,

---

<sup>125</sup> Cf. Keith Jenkins. *A História repensada*. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Contexto, 2001, p. 94. A propósito deste livro de Keith Jenkins, o autor, de modo abreviado e objetivo, oferece-nos uma reflexão acerca do ofício do historiador e da natureza do conhecimento histórico, além de se reconhecer sujeito gestado pelo mundo *pós-moderno*.

desencadeando, inclusive, a desilusão de parte dos intelectuais<sup>126</sup> que a eles se alinharam e, na esteira desse malsucedido processo, assistiram ao arrefecimento de sua marcha.

A esse sistemático exame crítico por que passaram os *centros tradicionais* (etnocentrismo, falocentrismo, logocentrismo, antropocentrismo, eurocentrismo, eclesiocentrismo) e suas correspondentes verdades essenciais e pretensamente inatacáveis, que, importa-nos acentuar, intensificou-se na segunda metade do século XX, devemos o reconhecimento da existência de um *espírito ocidental* representado por uma cultura polinuclear e crescentemente insubmisso a saberes e fazeres que se pretenderam convencer ordenadores e totalizantes.

A supremacia da modernidade, a era áurea da Ilustração, o racional hegemônico, a univocidade secularizadora: todos esses protocolos ocidentais incontroversos pareceram não se orientar capazes de sujeitar a aspiração incontida do homem de habitar mundos imaginados, estes que se fazem constituidores e difusores de sentidos. Por tudo isso, o estudioso italiano Stefano Martelli, ao ressaltar o progressivo investimento e poder de significação granjeado pelos indivíduos ante ao ocaso da modernidade, acaba por assentir:

*(...) A impossibilidade da modernidade de constituir o horizonte completo das aspirações humanas e sociais repropõe a transcendência como horizonte último de sentido, leva os significados e os símbolos da Religião institucional a serem reconsiderados pela sempre renovada interpretação dos indivíduos.*<sup>127</sup>

Em síntese, anuímos: a transcendência insiste em alocar e validar sentidos existenciais<sup>128</sup>. Diante desse painel, brevemente exposto, é que reassumimos, agora, mais

---

<sup>126</sup> Importa-nos ressaltar que o desapontamento a que nos referimos, especialmente o que afetou os intelectuais britânicos simpáticos a Moscou, não os anulou em sua combatividade. Deve-se, em larga medida, a esse momento a constituição e mobilização da Nova Esquerda e a eclosão dos *estudos culturais*. Tal movimento acabou por consagrar nomes como Raymond Williams, Perry Anderson, Eric Hobsbawm, Edward Palmer Thompson, Christopher Hill, Raphael Samuel e outros. A esse respeito, sugerimos: Maria Elisa Cevalco. “Formações Intelectuais: a Nova Esquerda”. In: Maria Elisa Cevalco. *Dez lições sobre os estudos culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003, p. 80-98.

<sup>127</sup> Stefano Martelli. *A religião na Sociedade Pós-Moderna: entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 455.

<sup>128</sup> Com respeito ao debate que se propõe a dimensionar as intersecções entre o discutível advento da pós-modernidade e a não menos controversa idéia de um revigoramento da religião, sugerimos: Sergio Sauer. *Religião e pós-modernidade: anotações esparsas de um debate contemporâneo*. Fragmentos de Cultura (volume especial sobre Teologia e Religiosidade), Goiânia, v. 13, p. 55-74, 2003.

confortavelmente, a interlocução com as reflexões teóricas consignadas por François Laplantine, quando este nos afiança a emergência do sagrado em face das urgências e carências humanas, que, a nosso ver, impuseram-se pela desilusão de um ego ocidental que pretendeu se definir exclusivamente temporal:

*Todas estas aspirações profundas estão ávidas por absoluto e querem preencher a insuficiência e a insignificância sociais. Elas irrompem a cada vez que as sociedades vivem horas difíceis no estrondo de seus valores destruídos, de um mundo que perdeu seu sentido, de instituições que se esvaziam e de um futuro no qual não se crê mais. Nestes momentos de efervescência social, a imaginação coletiva se dilata até o infinito e apela para aquilo que devemos chamar de sagrado.*<sup>129</sup>

Esses são aspectos relevantes do panorama que se forjou nas últimas décadas, a partir do qual nos é permitida a compreensão de que os valores monolíticos seculares não se radicaram plenipotenciários. Mais: dessa ponderação teórica consignada por Laplantine aparenta manar a percepção de que o sagrado revitaliza sua manifestação na cena da contemporaneidade, especialmente se avaliada a sua disposição em pronunciar sentidos e acumular a oferta de esperanças.

### **1.3 A dimensão religiosa**

O argentino Francisco García Bazán, pensador que se dedica a explorar as possessões do sagrado, interessado em proporcionar uma viva coloração ao que se nos apresenta como o *outro mundo*, serve-se das palavras de Elémire Zolla, estudioso italiano dedicado à temática religiosa, que, a despeito das infindas máscaras de que se revestem os mitos e os ritos, conclui que estes registros fixos das múltiplas religiosidades se inscrevem incontornavelmente na vida cotidiana:

---

<sup>129</sup> François Laplantine. *As Três Vozes do Imaginário*. Trad. Sérgio Coelho. São Paulo, n. 1, Out, 1993. Disponível em: <[http://www.imaginario.com.br/artigo/a0001\\_a0030/a0028.shtml](http://www.imaginario.com.br/artigo/a0001_a0030/a0028.shtml)>. Acesso em: 10 maio 2007.

*Todavia, na margem do social, de um mundo que se proclama indiferente a Deus, ou que lhe arma ciladas querendo mundanizá-lo, subsiste o **outro mundo**, realmente potente, o invisível e não apreensível, aquele que nos lembra nossa estranheza neste mundo, e que, por meio de ritos e mitos mascarados e crenças revestidas sob o disfarce de necessidades peremptórias, permanentemente se filtra na vida rotineira e coletivamente monocromática, como testemunho insubornável.*<sup>130</sup>

A nosso ver, inclusive, o sagrado parece insistir em não se recolher a domínios restritos uma vez que passa a ocupar crescentemente frentes antes reservadas às vivências, em tese, lidas ou interpretadas como profanas. O que se quer salientar é que a noção por nós assimilada de sagrado, diante das evidências que nos sugere a cena existencial, parece não estar confinada apenas aos domínios do transcendente, do religioso. A essa dualidade em que se vêem seccionados o sagrado e o profano não confiamos nosso reconhecimento.

O sagrado, revalidemos, que se faz perceber pelos bens culturais, materiais e simbólicos, que dele derivam, deve ser notado igualmente a partir de uma de suas peculiaridades prevalentes: a de transitar intensamente em meio ao social, a de esmaltar o mural cotidiano. Não seria equívoco notar que o investimento de sacralização a que o homem se dedica transborda para além dos circuitos institucionais que se anunciam estritamente religiosos. Personagens, espacialidades, temporalidades, acontecimentos e concepções de mundo que, em tese, deveriam ser significados a reboque de leituras exclusivamente seculares, mundanas, vêm-se aparelhados de sentidos emanados do sagrado.

O historiador Euclides Marchi, dedicado aos estudos das religiosidades, em uma dos momentos de seu artigo *O sagrado e a religiosidade: experiências e mutualidades*, após cumprir um rigoroso percurso de localização conceitual do sagrado, valendo-se prioritariamente das proposições de Émile Durkheim, Rodolph Otto, Mircea Eliade e Roger Caillois, a despeito da persistente leitura dicotômica que se depreende destes que são teóricos clássicos quando se referem às conversações entre o sagrado e o profano, acaba por acenar de forma incisiva com a sacralização do mundo enquanto

---

<sup>130</sup> Elémire Zolla. *Uscite dal mondo*. Milão: Adelphi, 1992. *Apud* Francisco García Bazán. *Aspectos incomuns do sagrado*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2002, p. 89 (grifos nossos).

instância inerente ao cotidiano, propiciadora de sentidos, direcionados ao transcendente e ao visível, e mantenedora de sociabilidades.

*Sob diferentes formas de manifestação, pode-se considerar que o sagrado está presente no cotidiano das sociedades independentemente da sua aceitação ou das crenças individuais. Na sua maneira de ser, ele supõe uma (re)ligação com o mundo, define-se como uma totalidade de sentido integradora do humano e que lhe confere um certo grau de inteligibilidade. O sagrado é, assim, o sentimento religioso que aflora e que provoca sentimentos múltiplos; é um estágio intrínseco à estrutura da subjetividade humana.*<sup>131</sup>

Euclides Marchi, no artigo supramencionado, dá voz ao pensador romeno Mircea Eliade, um dos maiores expoentes da chamada História das Religiões, que, ao final da vida, em entrevista concedida a Claude Henri-Rocquet, viu-se diante do questionamento que lhe exigia arquitetar um conceito do que entendia por sagrado. Eliade, na oportunidade, então, assinalou:

*Como delimitar o sagrado? É muito difícil. O que me parece inteiramente impossível, em todo o caso, é imaginar como o espírito humano poderia funcionar sem a convicção de que existe qualquer coisa de irredutivelmente real no mundo. É impossível imaginar como a consciência poderia aparecer sem conferir uma significação aos impulsos e às experiências do homem. **A consciência de um mundo real e significativo está intimamente ligada à descoberta do sagrado.** Pela experiência do sagrado, o espírito apreendeu a diferença entre o que se revela como real, poderoso, rico e significativo, e o que é desprovido dessas qualidades, a saber, o fluxo caótico e perigoso das coisas, as suas aparições e os seus desaparecimentos fortuitos e vazios de sentido. Mas é preciso ainda insistir sobre este ponto: o sagrado não é um estágio na história da consciência, é um elemento na estrutura desta consciência. Nos graus mais arcaicos de cultura, viver enquanto ser humano é, em si, um ato religioso, pois a alimentação, a vida sexual e o trabalho têm um valor sacramental. **A experiência do sagrado é inerente ao modo de ser do homem no mundo.** Sem a experiência do real e do que não o é, o ser humano não saberia construir-se [...] **O sagrado não implica a crença***

---

<sup>131</sup> Euclides Marchi. *O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades*. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 43, 2005, p. 47.

*em Deus, nos deuses ou em espíritos. É, repito-o, a experiência de uma realidade e a fonte da consciência de se existir no mundo.*<sup>132</sup>

Confiamos se apresentar cada vez mais abundante *essa fonte da consciência de se existir no mundo*. Percepção essa que vai ao encontro de nossa busca e contribui enormemente com a montagem do cenário histórico no qual se revelaram como protagonistas a urbe Brasília e seus múltiplos atores, especialmente os que se viam a braços com o sagrado. Para tanto, retomemos as reflexões de Richard Tarnas a propósito da interseção do pensamento pós-moderno com a *potência cultural* que prioritariamente institui, acolhe e difunde o sagrado: a Religião.

Richard Tarnas parece operar com a idéia de religião em sentido amplo, cujo alcance se estende à totalidade das relações do homem com a espiritualidade. Sem descuidar de ponderar a relevância do secularismo moderno e possivelmente sensibilizado pelo movimento que se encarregou de promover a socialização do sagrado, Tarnas nos fala de um processo de extenuação das religiões tradicionais e do recrudescimento de uma espiritualidade exercitada sobejamente no campo das subjetividades. Com a palavra, Richard Tarnas, que, a nosso juízo, merece a citação estendida pela lucidez e pelo rigor de sua análise:

*O papel cultural e intelectual da Religião foi drasticamente afetado pelos fatos secularizadores e pluralistas da Era Moderna; contudo, se em muitos aspectos a influência da religião institucionalizada continuou a diminuir, a sensibilidade religiosa parece ter sido revitalizada pelas novas circunstâncias ambíguas da era pós-moderna. A religião contemporânea foi também reanimada por sua própria pluralidade, descobrindo novas formas de expressão e novas fontes de inspiração e iluminação, que iam desde o misticismo oriental e a exploração psicodélica do eu à teologia da libertação e à espiritualidade ecológico-feminina (...) Em números crescentes, as pessoas sentiram-se convencidas e livres para decidir seu relacionamento com as condições essenciais da existência humana, a partir de uma variedade bem mais ampla de recursos espirituais.*<sup>133</sup>

---

<sup>132</sup> João Carlos Correia. Religiões e compaixão. *Cadernos ISTA* (Instituto S. Tomás de Aquino), Lisboa, n. 5, 2002. Apud Euclides Marchi. *O sagrado e a religiosidade...* Op. cit., p. 44 (grifos nossos).

<sup>133</sup> Cf. Richard Tarnas. *A epopéia do pensamento ocidental...* Op. cit., p. 431.

Tarnas prossegue seu raciocínio e se posiciona favorável à percepção da religião como um produto cultural que se faz digno de tradução intelectual e merecedor, ainda, de ser estimado por seu destacado papel de inspirar sentidos capazes de nortear o humano em sua conexão com os mundos interior e exterior, imanente e transcendente. Vejamos como se expressa o próprio Tarnas:

*Ao nível intelectual, a Religião já não tendia mais a ser entendida de modo redutivo, uma crença psicológica ou culturalmente determinada em realidades inexistentes ou explicada como acidente biológico, mas identificada como atividade humana fundamental, em que todas as sociedades e todos os indivíduos simbolicamente interpretam e se envolvem na natureza essencial da existência.*<sup>134</sup>

A propósito da emergência da Teologia da Libertação, lembrada por Tarnas, o filósofo Rubem Alves, ao proceder, em artigo, a uma visitação ao que denominou de *Os caminhos da Sociologia da Religião no Brasil*<sup>135</sup>, localizou nos anos 50 e 60 graves crises institucionais e ideológicas capazes de reorientar as relações entre as Igrejas, em suas versões Católica e Protestante, e a sociedade brasileira. Como resultados dessas crises, Rubem Alves, no Brasil, vai pautar:

*Os anos da década de 50 foram anos de rápidas mudanças sociais representados, como já indicamos, pela aceleração dos processos de urbanização e de industrialização. Modificações deste tipo tendem a corroer as maneiras tradicionais de pensar, pois enfraquecem os mecanismos sociais tradicionais de controle do pensamento e da ação. O clero jovem, seminaristas e estudantes universitários ligados às igrejas foram frontalmente atingidos por estes processos. A sua situação institucional ainda frouxa e indefinida os colocava numa situação privilegiada, gozavam de grande liberdade para repensar sua condição de cristãos.*<sup>136</sup>

A essa corrosão das maneiras tradicionais de pensar, como quer Rubem Alves, correspondeu uma sentida fragilização do eclesiocentrismo reinante no interior da cultura religiosa brasileira e, ressaltamos, uma explosão de expressões religiosas, que

---

<sup>134</sup> Idem, ibidem, p. 431.

<sup>135</sup> Rubem Alves. *A volta do sagrado: os caminhos da sociologia da religião no Brasil*. Religião e Sociedade, 3, out. 1978, p. 109-141.

<sup>136</sup> Idem, Ibidem, p. 128.

reivindicavam e afirmavam sua autonomia, em meio à cena urbana. Não apenas a Teologia da Libertação, que se organiza enquanto movimento, mais precisamente, no final da década de 1960, mas também, conforme a nomenclatura classificatória adotada pelo próprio Alves, reforçaram-se as *Religiões Exóticas*, os *Movimentos Messiânicos*, as *Religiões de Ajustamento* e a *Religiosidade Popular*.

A aparição de um número importante de novas expressões religiosas, institucionalmente estabelecidas ou não, consoante o nosso entendimento, não se restringiu a circuitos sócio-culturais em que o sagrado historicamente consolidou-se significativo. O mundo contemporâneo ocidental, na avaliação do professor Christopher Hugh Partridge, da Universidade de Lancaster, mormente nos últimos cinquenta anos, viu-se contemplado por essa sentida fertilização do campo das religiosidades. Vejamos como ele mesmo Christopher Partridge constrói sua reflexão que se presta a enunciar alguns dos fatores responsáveis por desencadear aquilo a que ele denominou de *o surgimento contemporâneo de novas religiões, seitas e espiritualidades alternativas*:

*Mesmo não sendo um fenômeno novo, não há dúvida de que os últimos cem anos e, em especial, os últimos cinquenta [2004]<sup>137</sup> assistiram a uma proliferação sem precedentes de novas religiões, seitas e espiritualidades alternativas. Uma das mudanças-chave subjacente a este crescimento nunca antes visto é o surgimento de sociedades plurais a nível religioso [...], as sociedades são cada vez mais multiculturais e multirreligiosas. Por um sem número de razões, as pessoas, por vezes comunidades inteiras, abandonaram os países em que nasceram, instalando-se em outro que possuíam uma cultura diferente. Como conseqüência, muitos indivíduos vivem em sociedades com pluralismo religioso. Os meios de transporte modernos põem as culturas mundiais a meras horas de distância umas das outras, ao mesmo tempo que, graças ao rádio, à televisão e à alfabetização crescente, a informação sobre outras culturas e comunidades religiosas é disseminada de forma mais rápida e abrangente. Como resultado, os habitantes do mundo moderno têm cada vez mais consciência da existência de outras religiões e culturas, e são cada vez mais influenciados e desafiados pelos ensinamentos delas.<sup>138</sup>*

<sup>137</sup> A presente obra de Christopher Partridge foi originalmente publicada na Inglaterra, em 2004, com o seguinte título: *The Encyclopedia of New Religions*.

<sup>138</sup> Christopher Partridge (org.). *Enciclopédia das Novas Religiões. Novos Movimentos Religiosos, Seitas e Espiritualidades Alternativas*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006, p. 14 (grifos nossos).

Também o antropólogo José Guilherme Cantor Magnani, em seu livro *Mystica Urbe. Um estudo antropológico sobre o circuito neoesotérico na metrópole*, empenhado em se aproximar das matrizes históricas que fundamentam a gênese do que denominou de *neoesoterismo*, a exemplo de outros interessados no tema, como ele mesmo anuncia, acaba por dar ênfase ao movimento de contracultura norte-americano, principiado nos anos 50, às correntes espiritualistas e teosóficas, partejadas no século XIX e às inumeráveis e recuadas vertentes associadas ao ocultismo, que, ressalva Magnani, na contemporaneidade, assim entendemos, confluem-se e se espraiam pelo Ocidente sob numerosas roupagens:

*Um dos pontos de referência que praticamente todas as interpretações, nativas e acadêmicas, costumam invocar para situá-lo é o movimento da contracultura que, a partir dos anos cinquenta, nos Estados Unidos, ensaiava alternativas ao status quo – nos campos da política, da estética, da religião, dos costumes [E que deu origem à great rucksack revolution dos anos 60, conforme expressão cunhada por Jack Kerouac (1958)]. Indo um pouco ainda para trás, pode-se também detectar nele a influência, entre outras, do espiritualismo e da teosofia de fins do século XIX e, se se quiser, quando se pensa numa gênese mais remota é possível incluir, de períodos mais recuados, muitas outras correntes e grupos ocultistas tanto do Ocidente como do Oriente. Contudo, mais do que tentar refazer a trajetória dos múltiplos e intrincados caminhos que, a partir das inesgotáveis fontes de antigas tradições, desembocaram no atual boom, já nas décadas de 1980 e 1990, o que importa é reconhecer sua contemporaneidade e as dimensões que hoje ostenta.<sup>139</sup>*

Sem a pretensão de proceder a uma categorização dessas múltiplas expressões religiosas, menos ainda de lhes sistematizar com base em uma tipologia precisa, nossa intenção é a de sensibilizar aos que nos lêem quanto à existência daquilo a que John Gordon Melton<sup>140</sup>, a nosso ver, com acerto, identificou como o *mundo das espiritualidades modernas*<sup>141</sup>.

---

<sup>139</sup> José Guilherme Cantor Magnani. *Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole*. São Paulo: Livros Studio Nobel, 1999, p. 12.

<sup>140</sup> John Gordon Melton é professor do Departamento de Estudos de Religião da Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara. Especialista em Religião e Novos Movimentos Religiosos, J. Gordon Melton tem vários trabalhos publicados. É fundador e diretor do *Institute for the Study of American Religion*.

<sup>141</sup> John Gordon Melton. “Prefácio”. In: Christopher Partridge (org.). *Enciclopédia das Novas Religiões...Op. cit.*, p. 10.

A exemplo das análises a que aludimos desenvolvidas por Magnani, pesquisas recentemente realizadas por Lísias Nogueira Negrão<sup>142</sup>, que igualmente tem como foco a metrópole de São Paulo, reforçam a percepção da existência de percursos percorridos por *agentes religiosamente mutantes*, crenças, pertencimentos e vivências duplas, múltiplas ou ambivalentes no que diz respeito ao vínculo institucional ou à tradição religiosa.

Ao nos reaproximar de nossa cidade, que nos serve de campo histórico-etnográfico, importa-nos frisar: a nós interessa particularmente salientar que parcela expressiva dessas novas denominações religiosas se fizeram representar e conquistaram visibilidade social em Brasília paralelamente à afirmação do sonho desenvolvimentista e da urbanização no Brasil. Cuidamos, ademais, de lhes reconhecer em sua concreta aparição e, se nos permitirmos um olhar presenteísta, identificarmos seu vigor e a correspondente afirmação do que se convencionou denominar de *reencantamento do mundo*.

O painel que se descortinou como resultado dessas observações empenhou-se em melhor ambientar o leitor quanto a aspectos contextuais relevantes, que, associados, atuaram como condicionantes históricos a partir dos quais se manifestou a aparição de um misticismo característico da Nova Capital. Temos em mente que inumeráveis outros fatores poderiam ser mencionados. Ocorre que nosso tímido esforço se esmera em proporcionar um mínimo acesso ao tempo em que Brasília passava a deixar se esculpir sob o cinzel do encantamento místico.

Por força dos mitos, que se constituem sobre uma base existencial concreta e se emancipam forjados por um mundo imaginal, as percepções e ações humanas se organizam e se põem em atividade. A partir da exposição encaminhada pela antropóloga Gláucia Buratto, o teórico do imaginário Gilbert Durand, que, a nosso juízo, viu-se interpelado por uma convicta disposição de revalidar a importância do pensamento mítico como canal privilegiado que conduz às sensibilidades e aos engenhos humanos, propõe um novo olhar direcionado ao *imaginário* e sua face discursiva, o *mito*. Vejamos como a autora encaminha sua exposição:

---

<sup>142</sup> Cf. Lísias Nogueira Negrão. “Pluralismo e Multiplicidades Religiosas no Brasil Contemporâneo”. In: Revista Sociedade e Estado/Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília: Dossiê *Diversidade Religiosa na América Latina*. Deis Siqueira e Renée de La Torre (orgs.). O Departamento, volume 23 – n. 04, jan/abril 2008, no prelo.

*A mitodologia durandiana entende que o Imaginário seja a referência última de toda a produção humana através da sua manifestação discursiva, o mito, e sustenta que o pensamento humano move-se segundo quadros míticos. Desta forma, Durand afirma que, em todas as épocas, em todas as sociedades existem, subjacentes, mitos que orientam, que modulam o curso do homem, da sociedade e da história. Daí que a mitodologia durandiana se proponha a desvelar estes que são os grandes mitos diretivos, responsáveis pela dinâmica social ou pelas produções individuais representativas do imaginário cultural, localizado no tempo e no espaço.<sup>143</sup>*

Essa a face do mito que nos interessa divisar. Intencionamos, à semelhança de Durand, tomá-lo enquanto *mito diretivo*, orientador dos saberes, dos dizeres e dos fazeres humanos. Revestido de uma nova percepção, revalidado e assimilado como expressão cultural de importância fundante para os homens em sociedade, em nenhum momento dissociado da realidade, assumimos o mito que não se faz opositor e tampouco se aparta do conhecimento científico. Gilbert Durand, ao propor transcendermos o caráter dicotômico em que pretensamente se definem as relações entre mito e realidade, com propriedade e correção, vai ponderar:

*Portanto, nossa civilização ocidental tinha sido muito desmitificante e iconoclasta. O mito era relegado e tolerado como o «um por cento» do pensamento pragmático. Bom, sob nossos olhos, em uma aceleração constante, esta visão do mundo, esta concepção do ser, do real (Wesenschau), está desaparecendo. Não somente mitos eclipsados recobrem os mitos de ontem e fundam o epistema de hoje, mas ainda os sábios na ponta dos saberes da natureza ou do homem tomam consciência da relatividade constitutiva das verdades científicas, e da realidade perene do mito. O mito não é mais um fantasma gratuito que subordinamos ao perceptivo e ao racional. É uma res real, que podemos manipular para o melhor como para o pior.<sup>144</sup>*

Os mitos não foram reduzidos a retalhos em sujeição aos prenúncios e aos investimentos propugnados pelas frentes do secularismo. Permanecem vívidos e são vividos por aqueles a quem oportunizam e endossam sentidos organizadores e harmonizadores dos mundos interior, exterior e supra-exterior. Expressões culturais

---

<sup>143</sup> Gláucia Buratto Rodrigues de Mello. *Contribuições para o Estudo do Imaginário*. Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994, p. 46.

<sup>144</sup> Gilbert Durand. “O retorno do mito: introdução à mitologia. Mitos e sociedades”. In: *Revista FAMECOS. Mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, Editora PUCRS, nº 23, abril de 2004, p. 20.

forjadas sob o ímpeto irreprimível da *linguagem do imaginário*, os mitos empenham-se em promover recorrentemente a *invenção do social*. Ao nos afiançar a pujança de uma cultura plural e imbuído da resolução de teorizar aspectos do imaginário polissêmico que recobre a cidade, Michel de Certeau (1925-1986) concorre para o endosso dessa percepção que nos fala da presença de *mitologias* pródigas e inexauríveis:

*A linguagem do imaginário multiplica-se. Ela circula por todas as nossas cidades. Fala à multidão e ela a fala. É o nosso, o ar artificial que respiramos, o elemento urbano no qual temos que pensar. As mitologias proliferam. Eis o fato. Isso poderia parecer estranho no momento em os empreendimentos se racionalizam, em que as ciências se formalizam, em que a sociedade passa, não sem dificuldades, a um novo estatuto de organização técnica. Na realidade, por razões cuja análise exigiria muito tempo, o desenvolvimento técnico que acarreta o descrédito das ideologias não elimina a necessidade à qual elas correspondiam. Transforma as crenças em lendas ainda mais carregadas de sentido (qual?, não se sabe mais). Marginaliza as doutrinas que, transmudadas em nuvens cintilantes, evocam sempre razões para viver.*<sup>145</sup>

Finda essa reflexão teórica em torno da evidenciada *legalidade* e da contumaz *reprodutibilidade* das *mitologias*, instruídos e motivados por De Certeau, deliberamos por assumir uma postura sensível a essa linguagem do imaginário que se multiplica e se põe a circular pelas cidades, falando às multidões e a ela mesma, oxigenando as percepções mentais e as práticas humanas em seu compromisso inalienável de calcificar sua conexão com os sentidos que autorizam e orientam o viver.

---

<sup>145</sup> Michel de Certeau. *A cultura no plural*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. 3ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1995 (Coleção Travessia do Século), p. 41.

## 1.4 Brasília: nascente e ancoradouro de signos sagrados

Principiamos nosso encontro com os conteúdos místicos inscritos na capital brasileira ao nos dispor a dissecar o mais expressivo e ressoado dos mitos que se destinou a validar Brasília como uma terra prometida: o sonho profético de Dom Bosco. Da personagem: nascido a 16 de agosto de 1815, em Castelnuovo d’Asti, Piemonti, Itália, Giovanni Merchior Bosco, cujas origens de família eram humildes, conquistou projeção no



Placa da Ermida Dom Bosco que faz referência a seu sonho-visão

cenário religioso católico-cristão por fundar, em Turim, no ano de 1859, a Pia Sociedade São Francisco de Sales, conhecida como a Ordem dos Salesianos de Dom Bosco (SDB). Após se afirmar educador reconhecido por seu interesse em desenvolver o ensino de crianças e de jovens, assim como potencializar o ensino profissional, e se destacar como divulgador do catolicismo, Dom Bosco, a 31 de janeiro de 1888, vem falecer na cidade de Turim. Em 1929, teve a sua beatificação anunciada por Roma e, cinco anos mais tarde, por Pio XI, seria canonizado, declarado santo: São João Bosco.

Outro registro relevante de sua biografia, que, ressalvemos, interessa-nos mais em particular, centra-se no copioso inventário de sonhos proféticos que o sacerdote católico teria experienciado. Seus biógrafos<sup>146</sup> descrevem que os sonhos, no mais das vezes premonitórios, apresentavam-se desde a sua infância. Dentre as eventuais experiências pré-cognitivas de matriz onírica experimentadas pelo sacerdote e educador, uma delas ganhou destacada importância para a história e a caracterização identitária de Brasília: o sonho que vivenciara a 30 de agosto de 1883<sup>147</sup>, no qual, confiam os que se aliam ao relato auspicioso, teria preanunciado o surgimento da *Terra Prometida*. Por se nos apresentar como uma versão discursiva do mito prospectivo que avaliamos bastante completa e que

<sup>146</sup> A propósito da história de vida de Dom Bosco, sugerimos: Giovanni Battista Lemoyne. *Vita di San Giovanni Bosco*. Torino: Società Editrice Internazionale, 1977; Terésio Bosco. *Dom Bosco: uma nova biografia*. 6ª ed. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 2002.

<sup>147</sup> Importa-nos a advertência: outras datas são mencionadas. Assumimos a presente datação por se colocar em alinhamento com a adotada pela Paróquia Santuário Dom Bosco.

evidencia a conexão entre Brasília e as predições oníricas do padre salesiano, vejamos como o site oficial da Paróquia Santuário Dom Bosco dá conteúdo narrativo a seu sonho visionário:

***Dom Bosco sonhou com a fundação de Brasília. Era o dia 30 de agosto de 1883. Dom Bosco vê, em sonho, aproximar-se um jovem muito amável e de beleza sobre-humana, dizendo-se seu amigo e dos Salesianos e que vinha em nome de Deus para dar-lhe um pouco de trabalho: começaram fazendo uma grande viagem pela América Latina. Partem de trem de Cartagena na Venezuela. Atravessam regiões de densas matas e caudalosos rios, onde encontraram pessoas de estatura gigantesca. Pergunta Dom Bosco ao jovem onde estavam e ele responde: "Note bem, observe! Viajaremos ao longo da cordilheira da América do Sul". Enquanto examinavam o mapa, a máquina apitou e o trem pôs-se em movimento. Atravessaram montanhas, bosques e planícies. Enxergavam nas vísceras da[s] montanhas e no subsolo da terra. Tinham debaixo dos olhos as riquezas incomparáveis daqueles países, riquezas que um dia viriam a ser descobertas. Viam numerosos filões de metais preciosos, minas inexauríveis de carvão, depósitos de petróleo extremamente abundantes. Exatamente entre os paralelos de 15° e 20° havia uma enseada bastante extensa que partia do ponto onde se formava um grande lago. Ouviu-se então uma voz: "Quando se escavarem essas minas escondidas em meio a esses montes aparecerá aqui a terra prometida que jorra leite e mel. Será uma riqueza inconcebível". A viagem prosseguiu até o sul da Patagônia e houve o regresso até o ponto de partida na Venezuela.***<sup>148</sup>

A rigor, diferentemente do que sugere o fragmento discursivo em análise, não seria equívoco depreender que as visões oníricas de Dom Bosco não se dispusessem efetivamente a preanunciar a fundação de Brasília. No entanto, isso se nos parece ser menos relevante. O fato notório é que no imaginário da Nova Capital essa se convenceu uma representação prevalente, instituidora de sentidos, patrocinadora da pertença social de seus habitantes e que recomendava sentenciosamente Brasília como uma *terra prometida de riqueza inconcebível*.

O historiador Fernando Catroga, ao refletir acerca das relações horizontais em que se vêem ajustadas a memória e o esquecimento, acentua o quão indispensável se faz para um circuito sócio-cultural o recurso ao que nomeia de *campos de objetivação e*

---

<sup>148</sup>Disponível em <[http://www.santuariodombosco.com.br/dom\\_bosco.php](http://www.santuariodombosco.com.br/dom_bosco.php)>. Acesso em 10 de agosto de 2007 (grifos nossos).

de transmissão, uma vez que se atribui a esses últimos a incumbência de oportunizar aos registros de memória a sua sobrevivência face ao assombro contumaz do esquecimento. Vejamos como Catroga ele mesmo fundamenta a sua análise teórica:

*A memória só poderá desempenhar a sua função social através de liturgias próprias, centradas em reavivamentos, que só os traços – vestígios do pretérito são capazes de provocar. Portanto, o seu conteúdo é inseparável dos seus campos de objectivação e de transmissão – linguagem, imagens, relíquias, lugares, escrita, monumentos – e dos ritos que o produzem. O que mostra que, nos indivíduos, não haverá memória colectiva sem suportes de memória ritualisticamente compartilhados.*<sup>149</sup>



Ermida Dom Bosco

O entendimento de Catroga, que nos fala de *linguagem, imagens, relíquias, lugares, escrita e monumentos* associados aos ritos, portanto, claramente nos indica os suportes que têm por função assegurar a longevidade da memória. A título de exemplificação e sem nos apartarmos da prestigiosa representação de Dom Bosco e de sua correspondente visão profética para Brasília, não é sem razão identificarmos no rol de monumentos que singularizam a capital dois deles estreitamente associados à imagem do sacerdote salesiano: a Ermida Dom Bosco e o Santuário Dom Bosco<sup>150</sup>.

Dom Bosco, cumpre-nos ressaltar, no imaginário da cidade, é reconhecido como o padroeiro de Brasília<sup>151</sup>. Mas as homenagens a ele não se resumem a essa distinção

<sup>149</sup> Fernando Catroga. “Memória e História”. In: Sandra Jatahy Pesavento (org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2001, p. 48.

<sup>150</sup> Recentemente, é oportuno registrar, na data de 26 de março 2006, inaugurou-se um terceiro templo em homenagem ao fundador da ordem dos salesianos, a Capela Dom Bosco. Essa iniciativa nos permite ter a noção de quão carregada de sacralidade se resolve a representação de Dom Bosco na Capital Federal.

<sup>151</sup> Oficialmente, Nossa Senhora Aparecida é reconhecida com a padroeira de Brasília e do Brasil.

popular. A Ermida Dom Bosco<sup>152</sup>, construída por determinação governamental às margens do Lago Paranoá<sup>153</sup> – uma clara alusão simbólica à imagem lacustre que consta do enunciado onírico-profético, geograficamente se instala na passagem da linha imaginária do paralelo 15°.

Inaugurada em 1957, a partir de um projeto assinado por Oscar Niemeyer, o monumento arquitetonicamente se apresenta sob a forma piramidal, o que inspira nos que crêem, de forma imediata, o reconhecimento de seu ostensivo conteúdo místico. Ao topo da pirâmide, encontra-se, em destaque, uma cruz confeccionada em metal.



Cruz metálica, topo da Ermida Dom Bosco

Entrecruzam-se, assim, símbolos que nos reportam a tradições espirituais diversas e que apresentam, dentre um mar de leituras interpretativas possíveis, uma significação comunal: de um lado, a geometria piramidal, expressiva da pretensão humana de afirmar sua conexão com uma realidade que se revela sobrenatural, largamente empregada, em particular, pelos egípcios<sup>154</sup>; de outro, a figuração cruciforme, interessada em propiciar a unificação das dimensões terrenal e celeste, que, remota em sua aparição, viu-se vigorosamente incorporada pela tradição cristã com vistas a reafirmar indefinidamente o conexionalismo em que se vêem enredados o divino e a humanidade<sup>155</sup>.

Continuemos a visitação à ermida. Em seu interior, cuidadosamente esculpida por artistas italianos em mármore estatuário de Carrara, pronuncia-se a imagem de São João Bosco. Cumpre-nos ressaltar que a Ermida, admitida a sua dimensão simbólica, empenha-se explicitamente em revalidar de modo indefinido a profecia, é seu

<sup>152</sup> Tendo em vista o seu incontestável valor histórico-cultural, importa-nos registrar que a Ermida Dom Bosco teve seu tombamento decretado pelo Governo do Distrito Federal em 02 de março de 1988 (Decreto de número 11.032).

<sup>153</sup> Localiza-se precisamente na Estrada Parque Dom Bosco, QI 29, Lago Sul.

<sup>154</sup> Cf. Jean Chevalier et Alain Gheerbrant. *Dicionário de símbolos*: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p. 719-721. Cf. Manfred Lurker. *Dicionário de Simbologia*. Trad. Mario Krauss e Vera Barkow. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 226. Compete-nos o registro: edificações outras assumem em sua arquitetura a forma piramidal e despontam do cenário urbano da capital federal o Templo da Boa Vontade – que, à frente, exploraremos, o Teatro Nacional de Brasília, a sede da Companhia de Energia Elétrica de Brasília (CEB).

<sup>155</sup> Cf. Jean Chevalier et Alain Gheerbrant. *Dicionário de símbolos...Op. cit.*, p. 309-317. Cf. Manfred Lurker. *Dicionário de Simbologia...Op. cit.*, p. 176.

marco histórico. Anterior à própria fundação de Nova Capital, é ela um dos templos inaugurais da cidade. Sua concretude monumental se justifica se pesada a sua atribuição de fazer perseverar na memória de Brasília a convicção de que esta se viu erguida em cumprimento a um desígnio que, imaginariamente, não se restringia mundano, mas acolhia a uma determinação espiritual, supra-humana. Em síntese: a ermida se faz representar e se ratifica como a morada da memória de Dom Bosco, orago da Capital do Terceiro Milênio.



Visão externa do Santuário Dom Bosco

Também o Santuário Dom Bosco<sup>156</sup> merece ser mencionado. Reconhecida como uma das igrejas mais fascinantes e imponentes da capital federal, o Santuário, projetado pelo arquiteto Carlos Alberto Naves e inaugurado em 1970, apresenta, além de sua rígida estrutura composta de 80

colunas que se fecham em arcos góticos (ou ogivais), uma impactante visão interior, na qual despontam seus vitrais capazes de combinar doze tons azulados salpicados de branco, além de quatro colunas de vitrais róseas. Dos elementos que compõem o Santuário, destacamos a presença de uma imponente estátua de Dom Bosco ladeada por uma outra representativa de Nossa Senhora Auxiliadora, padroeira das instituições salesianas.

Dois registros materiais da igreja, saturados de simbolismo, ainda, a nosso ver, merecem ser observados. O primeiro deles diz respeito à presença de uma estrutura metálica em forma piramidal que está a encimar a pia batismal do Santuário: uma vez mais um signo caro aos místicos se associa ao templo que se anuncia de motivação cristã. Por último e mais relevante, das portas que dão acesso ao interior do Santuário, compostas por quadros, em alto relevo, entalhados em ferro e bronze, aquela que serve de fachada principal traz representações que evocam o sonho visionário de Dom Bosco. Sendo assim, oportunizamos assinalar que a concretude do lugar em análise não se constrói na ausência de nós simbólicos, mas antes se une inapelavelmente a um universo cultural,

<sup>156</sup> O referido Santuário localiza-se na W3 sul, quadra 702, bloco B.

historicamente engendrado, que denuncia suas possibilidades, estabilidades e inovações de *conteúdo sígnico*.

São essas amostras dos lugares, da linguagem, das imagens, das relíquias, da escrita e dos monumentos, que se põem a oferecer suporte aos *ritos de recordação* e se vêem capazes de consignar a perpetuação da memória e falar da historicidade de um lugar animado por seus atores, por sua ancestralidade, por suas antevisões e suas colorações identitárias. Catroga, apoiado em Bourdieu, confia, e com eles somamos, que os ritos comemorativos têm por função reavivar a memória e instituir sociabilidades:



Detalhe das portas do Santuário Dom Bosco

*Em nome de uma história, ou de um patrimônio comum (espiritual e/ou material), ela visa inserir os indivíduos em cadeias de **filiação identitária**, distinguindo-os e diferenciando-os em relação a outros, e impor, em nome da identidade do eu, ou da perenidade do grupo, deveres e lealdades endógenas. Para isso, o seu efeito ritual tende a traduzir-se numa **mensagem**. E esta, ao unificar recordações pessoais, ou memórias colectivas, constrói e conserva uma unidade que domestica a fugacidade do tempo num presente que dura.*<sup>157</sup>

A imagem de Dom Bosco não se submete às fronteiras simbólicas do cristianismo de lineamento católico. Se não, vejamos: por ocasião do vigésimo aniversário de Brasília, data em que o Papa João Paulo II faz a primeira das suas três visitas ao Brasil, o baiano e psicógrafo Ariston Santana Teles<sup>158</sup>, que residia na capital brasileira desde 1974, publica seu trabalho de nome *O médium Dom Bosco*. A obra de Ariston Teles se

<sup>157</sup> Fernando Catroga. “História e memória... Op. Cit., p. 50 (grifos originais).

<sup>158</sup> Ariston Santana Teles, atualmente, dirige *um centro espírita holístico* – expressão adotada por seus frequentadores, de nome *Monte Alverne*, situado na região do Grande Colorado e cuja fundação data de 21 de abril de 1985. Radicado em Brasília desde 1974, o médium, além de conferencista e divulgador da doutrina espírita, publicou mais de 30 livros, a maior parte deles psicografados. O médium afirma, inclusive, receber mensagens psicofônicas atribuídas ao espírito de Chico Xavier.

esmera em retratar o *padroeiro* de Brasília sob o enquadramento da visão de mundo espírita.

Jorge Cauhy (1924-2005)<sup>159</sup>, pioneiro e político renomado de Brasília, espírita confesso, é quem assinou a aba (orelha) do trabalho de Ariston Teles e nos apresenta, de forma sintética, notícias tanto do propósito da mensagem do autor quanto dos traços que conferem notoriedade e especificidade à personagem central da obra:

*Rigorosamente respeitoso nas referências ao meio religioso em que frutificou o valoroso espírito daquele sacerdote católico, Ariston Teles buscou tão-somente a interpretação lógica à luz do espiritismo para nos brindar, sem sectarismos, com uma versão mais ampla e racional sobre a vida e a obra desse varão que se incorporou à história de Brasília e à fé do brasileiro.*<sup>160</sup>

Essa *versão mais ampla e racional*, resultado de uma *interpretação lógica à luz do espiritismo*, prescrevia ser Dom Bosco, ao sabor do imaginário espírita, um homem dotado de faculdades mediúnicas as mais variadas<sup>161</sup>. O autor chega a afirmar mesmo ter sido Dom Bosco um dos grandes médiuns da história. Não resulta esforço algum discernir, na *formação discursiva*<sup>162</sup> em que se ancora nosso autor, dizeres atrelados à cosmovisão que autoriza o espiritismo: *valoroso espírito, lógica, racionalidade*. Enunciados que se particularizam pelo exercício da erudição, pela adjetivação hipertrofiada e pelo recurso a

---

<sup>159</sup> O mineiro Jorge Cauhy Junior, que adotou Brasília como sua desde 1959, importa-nos esclarecer, trata-se de um dos nomes mais conhecidos do meio espírita kardecista em Brasília. Além de sua longa trajetória política, sua memória é reverenciada em meio aos espíritas pelas instituições por ele fundadas e dirigidas, dedicadas a prestar assistência social aos menos favorecidos. Entre essas instituições, temos: Lar dos Velhinhos Maria de Madalena, Casa da Gestante, Casa da Sopa e o Lar das Crianças Irmã Elvira.

<sup>160</sup> Ariston Santana Teles. *O médium Dom Bosco*. Brasília: Edição Centro Espírita “Sebastião, o mártir”, 1980, aba da contracapa.

<sup>161</sup> Idem, *ibidem*, p. 27.

<sup>162</sup> Entendemos *formação discursiva* consoante a acepção que lhe foi atribuída pela Escola francesa de Análise de Discurso, assim enunciada conceitualmente por Eni Puccinelli Orlandi: “As formações discursivas são diferentes regiões que recortam o interdiscurso e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes”. Orlandi, Eni Puccinelli. *As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: UNICAMP, 1997, p. 20. Importante: a noção de interdiscurso, citada no corpo conceitual de *formação discursiva*, compreende o que se apresenta como dizível para o enunciador, a memória do dizer.

um repertório fundamentado na observância à *razão*<sup>163</sup> dão forma ao discurso dos que falam em nome do espiritismo.

Estamos diante de um fenômeno bastante recorrente no largo campo de experimentações do sagrado: o trânsito de bens religiosos. A imagem de Dom Bosco, como já nos ocupamos de evidenciar, naturalmente se destaca em meio ao elenco de personagens sagradas que habitam o imaginário de Brasília. Portanto, não é sem motivo que tenha sido acolhida, reelaborada e difundida nos circuitos espíritas. Em dado momento da obra, São João Bosco, inclusive, é identificado pelo epíteto de o *sacerdote-espírito*<sup>164</sup>.

No interminável terreno religioso, à semelhança de outros arranjos culturais concebidos pelo engenho humano, flertar com sinalizadores identitários circunvizinhos se faz estratégia oportuna, competente e, por vezes, incontornável. Sendo assim, da obra em análise, ainda, interessa-nos explorar com zelo maior o capítulo em que Ariston Teles se propõe a fundamentar a predestinação de Brasília em diálogo com os sonhos premonitórios de Dom Bosco. Vejamos como o autor espírita concebe a sua narrativa:

*Neste penúltimo capítulo falaremos mais especificamente sobre a mais famosa visão de São João Bosco – exatamente a que se refere ao surgimento da nova capital da República brasileira. Sim, essa cidade arquitetada por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, apresentando em sua forma arquitetônica um avião, tem suas origens num “universo paralelo”, ou seja no lado espiritual da História. E no último quartel do século XIX um homem, lá na Itália, percebia o seu plano original, que certamente jazia nos arquivos da Engenharia Sideral, aos cuidados dos emissários do Cristo – Governador Espiritual do nosso planeta.*<sup>165</sup>

Consoante a compreensão do autor, ancorada por uma *formação discursiva* específica, que lhe oportuniza o dizível, claro está que a História, dotada de sentidos e zelosa para com as determinações consignadas pelos *mundos espirituais*, previa em seu *plano original*, constante dos arquivos da *Engenharia Sideral*, o surgimento da nova capital da República brasileira. A predestinação de Brasília se consumava mediante um

---

<sup>163</sup> Avaliamos ser oportuno assinalar: a doutrina espírita, que tem no pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, vulgo Allan Kardec (1804-1869), o seu codificador, irrompe na Europa do século XIX e se constitui doutrinária e discursivamente a partir de um profuso diálogo com os valores e princípios cientificistas e racionalistas, que, à época, revelavam-se pronunciados. Anunciava, em seu princípio, estar ancorada na religião sim, mas, sobretudo, na filosofia e na ciência.

<sup>164</sup> Cf. Ariston Santana Teles. *O médium Dom Bosco...* Op. Cit., p. 136.

<sup>165</sup> Idem, ibidem, p. 13 (grifo original).

projeto sobre-humano. Dom Bosco se definiu como um mensageiro, o homem da preanúnciação, que, em trânsito pelos domínios de um mundo extranatural, recebera o anúncio de uma *Terra Prometida*:

*Percebi que estava dormindo e parecia-me, ao mesmo tempo, correr a toda velocidade, a ponto de me sentir cansado de correr, de falar, de escrever... Enquanto hesitava aceitar se se tratava de sonho ou realidade, pareceu-me entrar num salão, onde se achavam muitas pessoas, falando de assuntos vários.” Após fazer referências sobre esses assuntos, acrescenta: “Nesse ínterim, aproximou-se de mim um jovem de dezesseis ou dezessete anos, aproximadamente. Era amável e de beleza sobre-humana, todo radiante de viva luz, mais clara que o sol...” Aí já podemos imaginar o alcance do contato que Dom Bosco, fora do corpo carnal, conseguiu realizar naquela noite memorável, entre espíritos tão elevados. O moço de aparência diáfana lhe falou maravilhas em torno de diversos assuntos relacionados com o Universo, até que, em seguida, D. Bosco descobriu estar o referido salão situado entre os paralelos 15 e 29, onde existia uma extensa enseada que começava na costa de um lago. Salienta ter ouvido naquele instante uma outra voz poderosa afirmando ser ali o berço da “Terra Prometida”, origens de uma nova civilização.<sup>166</sup>*



Dom Bosco, interior do Santuário

Se consultadas as demais configurações narrativas que se ocupam de enunciar e validar o mito de Dom Bosco, verificamos que seus *marcadores míticos* (mitemas) mais significativos se encontram resguardados: a experiência onírica, ainda que no fragmento discursivo em destaque se veja interpelada pela sugestão de realidade; a presença de um jovem guia e mensageiro, à semelhança da personagem angelical com o qual Dom Bosco se instruíra em sua viagem espiritual; as referências explícitas ao paralelo 15 e ao lago, conteúdos irreduzíveis da mitografia<sup>167</sup> que referencia Dom Bosco e seu *visionarismo profético*.

<sup>166</sup> Idem, ibidem, p. 138.

<sup>167</sup> Estamos diante da noção de *mitema*, que, conforme a compreensão que lhe deu a mitologia durandiana, representa a menor unidade significativa do discurso mítico. Somados os mitemas, estes resultam na estruturação do mito. Cf. Gilbert Durand. *Mito e sociedade: a mitanálise e a sociologia das profundezas*. Lisboa: A regra do jogo, 1983, p. 20.



Visão do cume da Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida

Retomemos, por agora, nosso modesto procedimento analítico que se distingue por estabelecer relações com a semântica do espaço urbano de Brasília, este que, conforme acreditamos, vê-se municiado por múltiplos signos de sacralidade. A Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida, assim nomeada por homenagear a

padroeira de Brasília e do Brasil, afiançam os pioneiros, foi originalmente projetada para se oferecer à Capital Federal como um templo ecumênico, irrestritamente franqueado a fiéis provenientes de todas as orientações religiosas. Inaugurada em 31 de maio de 1971, ocupa lugar de destaque na paisagem urbana da capital federal. Apresenta-se em um espaço privilegiado, especialmente porque, a exemplo de outros centros citadinos históricos tradicionais, guarda uma indisfarçável proximidade com as edificações leigas mais representativas do cenário político nacional. A modernidade que instruiria a nova capital não a apartou da sua conexão com o mundo transcendente.

Identificamos assim que os poderes temporal e espiritual se vêem enlaçados na cenografia urbana de Brasília. Proximamente a esses centros simbolizadores do poder, posiciona-se a Estação Rodoviária de Brasília (Rodoviária do Plano Piloto), espaço gregário, substancialmente popular, de trânsito, de orientação e que, consignemos, lá está a nos convencer da linha de continuidade em que se vêem seqüenciados o humano e seus engenhos ordenadores do viver.



Interior da Catedral

corresponde à ampliação de seus domínios sagrados. Ao contrário, pretendeu se distinguir por uma vigorosa, ampla e irrefreável marcha de ocupação de territórios em que se instalariam arranjos de crenças e de crenças.

Um reforço: conforme assinalamos, ainda que tenha malogrado o propósito de Niemeyer de estabelecer um templo destinado ao ecumenismo, o ecletismo de Brasília, *primeira característica dessa gente*, conforme assinalou Laraia, fez-se, mais tarde, representar no plano religioso em especial por meio do surgimento do Templo da Boa Vontade (TBV), ancoradouro dos místicos da capital federal de todas as inclinações.

Revela-se conveniente, por agora, um recuo no tempo: o projeto de se erguer o Templo da Boa Vontade originase nos ideais e anseios do radialista e escritor Alziro Abraão Elias David Zarur (1914-1979), os quais, podemos sintetizar, concorriam para a promoção e o recrudescimento do diálogo inter-religioso. Alziro Zarur, no ano de 1950, funda a Legião da Boa Vontade, entidade de cunho filantrópico, que conquistaria, no correr dos anos, expressivo espaço nas mídias radiofônica e televisiva.



Visão Panorâmica do Templo da Boa Vontade (TBV)

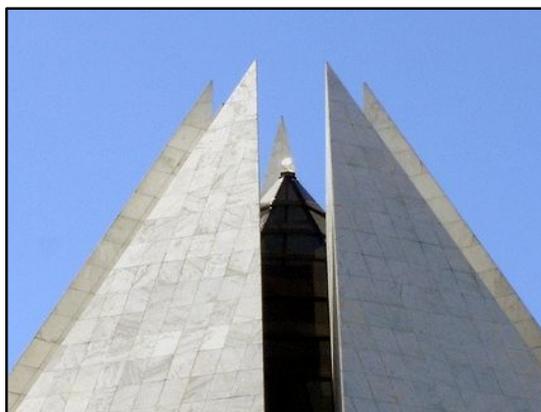
Alziro Zarur, que se assumiu arauto do ecumenismo, vem a falecer em 1979. No entanto, seu sucessor, o jornalista e advogado José de Paiva Netto, passa a

No entanto, embora a originalidade do projeto de Oscar Niemeyer, que pautou a concepção da *Catedral de Brasília* como um templo universal, imune a reguladores e a princípios institucionais, tenha sido subvertido, a capital federal não se deixou intimidar no que

presidir a entidade (Legião da Boa Vontade) e, em 1989, seguindo orientação deixada por Zarur, inaugura o Templo da Boa Vontade (TBV). Mais tarde, em 1994, funda, ao lado do TBV, o Parlamento Mundial da Fraternidade Ecumênica, também denominado de o ParlaMundi da Legião da Boa Vontade (LBV).

O Templo da Boa Vontade<sup>168</sup>, também nomeado por seus dirigentes e partidários, os *legionários*, de *A Pirâmide dos Espíritos Luminosos*, impressiona pela grandiosidade da edificação e pela multiplicidade de bens religiosos, que, em profusão, vêm-se em seu interior. Construído em forma piramidal, o TBV ocupa uma área de aproximadamente dois mil metros quadrados e, segundo reafirmam os da LBV, o templo se destina a servir de *Sede Espiritual da Religião do Terceiro Milênio*.

Orgulham-se os da LBV de afirmar se encontrar no pináculo do templo aquela que representaria a maior pedra de cristal puro do planeta, que, segundo afirmam, teria sido encontrada em Luziânia, Goiás. O fato é que turistas e moradores de Brasília acorrem ao TBV em número considerável:



Cristal, pináculo do Templo da Boa Vontade

meditação, recolhimento, espiritualização e curiosidade são algumas das motivações que orientam seus visitantes a lhe procurarem. Segundo dados divulgados pela secretaria de Turismo do Governo do Distrito Federal<sup>169</sup>, trata-se do monumento mais visitado da capital federal.

Zarur, convém assinalar, professava ser um autêntico mensageiro de Deus. Assumia-se como missionário celestial a quem estaria destinada a incumbência de estabelecer entre os homens o autêntico espírito fraternal. Antecedido por Moisés, profeta vetero-testamentário, Jesus, personagem basilar da tradição neotestamentária, e Allan Kardec, decodificador do espiritismo, Zarur se via como a *quarta revelação* de Deus aos homens, aquele a quem estava reservado o desígnio superior de finalmente estabelecer a

<sup>168</sup> Sua localização: SGAS 915, lotes 75/76.

<sup>169</sup> É oportuno registrar que, em Brasília, paralelamente ao tradicional *turismo cívico e arquitetônico* e ao promissor *turismo ecológico e rural*, o chamado *turismo místico* também se convence uma demanda digna de nota. São esses, inclusive, os três segmentos turísticos em destaque se observado o site Secretaria de Turismo do Governo do Distrito Federal. Cf. < <http://www.setur.df.gov.br>>. Acesso em 04 de dezembro de 2007.

unidade cristã. Sua obra e mensagem, portanto, viam-se sustentadas pela aura de sacralidade e de autoridade de que se revestiu o fundador da Legião da Boa Vontade.

Por tudo isso, o Templo da Boa Vontade não se resume apenas a uma edificação informada por múltiplas referências sagradas e que, no plano arquitetural, define-se esteticamente imponente, mas se conforma um símbolo que se vê destinado a propagar a mensagem do ecumenismo sem fronteiras e que fixa suas bases na capital federal não acidentalmente. Isso porque em solo brasiliense se congregaram os ingredientes necessários à implementação da proposta ecumênica de Alziro Zarur: um profuso imaginário religioso catalisado pela pluralidade de orientações de fé dos brasilienses; uma mística tenaz e pluriforme, que se pôs a singularizar a capital do país e a consignar uma predisposição a manifestações sincrético-religiosas; a profecia de Dom Bosco, que ousou projetar Brasília como a Terra Prometida. São esses os conteúdos que, associados, galvanizaram a radicação do maior templo destinado à consciência e à prática ecumênicas em terras brasileiras.

O poder secular, à semelhança das pretensões levadas a efeito pelos idealizadores e instauradores do Templo da Boa Vontade, identificou em Brasília um território propício à promoção de um feito político que correspondesse ao caráter multicultural e aos anseios de fraternidade de que se guarnecia a identidade urbana da Capital Federal.

No ano de 1986, o então governador do Distrito Federal, José Aparecido de Oliveira (1929-2007)<sup>170</sup>, sensível a essa demanda de se concretizar uma *cidade espiritual*, decidiu pela constituição de uma comissão responsável por conceber, estruturar e fundar a Cidade da Paz<sup>171</sup>, esta que passaria a operar como mantenedora da Universidade Holística Internacional de Brasília (UNHIB), a UNIPAZ. A 14 de abril de 1988, na Granja do Ipê, sob a presidência do educador francês, radicado no Brasil, Pierre Weil, nascia a Cidade da Paz, entidade que, segundo seus responsáveis, assume como missão basilar difundir a cultura da paz. Vejamos como a entidade ela mesma nos descreve a sua incumbência social:

---

<sup>170</sup> O mineiro José Aparecido de Oliveira, além de exercer as funções de embaixador e, no decurso do governo José Sarney, de ministro da Cultura, esteve à frente do Governo do Distrito Federal entre os anos de 1985 e 1988.

<sup>171</sup> A entidade oficialmente leva o nome de *Fundação Cidade da Paz*.

*A principal missão da UNIPAZ é desenvolver uma ação educacional que dissemine a **visão holística** e uma cultura de paz e não-violência, possibilitando ao homem o alcance de uma consciência plena de seus ideais de ser humano, participante do processo de construção de uma sociedade na qual as relações interpessoais sejam orientadas por uma clara **noção** do que seja tolerância e **fraternidade**.*<sup>172</sup>

Do exemplo da criação da UNIPAZ, reconhecemos ser possível inferir que, uma vez mais, representações interessadas em privilegiar perspectivas que poderíamos anunciar gregárias, ou melhor, integracionistas, a exemplo da *noção de fraternidade* e da *visão holística* por seus idealizadores prescritas, principiam sua marcha em terras do Planalto Central e aparentam se aliançar à imagem de uma capital multicultural, avigorando-a.

Entendemos, ainda, ser oportuno registrar que a Capital Federal, em consonância com sua têmpera mística, distingue-se por abrigar eventos de caráter público em que a oferta e o fluxo de bens espirituais acabam por congregiar representantes dos mais variados segmentos da sociedade: praticantes, simpatizantes, autoridades, imprensa, turistas e outros. Como exemplo de verificação, destacamos a ocorrência das várias edições das tradicionais feiras místico-esotéricas de Brasília. Espaço em que tarologia, fotografia Kirlian, cartomancia, mapa astrológico, numerologia, incensos indianos, publicações esotéricas, cristais, terapias alternativas, produtos orgânicos, jogo de búzios e diversos outros oráculos são colocados à disposição dos que, em número expressivo, acorrem a essas feiras.

Técnicas, cosmologias, serviços e produtos que passam a ocupar os espaços públicos e são colocados à disposição de consumidores atraídos por esse que se afigurou um filão de mercado que não mereceu ser ignorado. Há, inclusive, os que, intérpretes, cuidam de analisar a expansão do circuito esotérico e o identificam como um fenômeno essencialmente mercadológico, típico de uma sociedade orientada pelo consumo irreprimido<sup>173</sup>.

---

<sup>172</sup> Disponível em: <<http://www.pierreweil.pro.br/Unipaz.htm>>. Acesso em 22 de dezembro de 2007 (grifos nossos).

<sup>173</sup> Não nos posicionamos alheios à existência de uma discussão em torno da mercantilização da religião e da religiosidade na atualidade. No entanto, para os propósitos do presente esforço, não nos interessa desenvolvê-la ao adentrar a esse campo de análise.

No que toca ainda aos eventos em que o argumento espiritual ocupa uma posição de centralidade, avaliamos ser procedente ressaltar que Brasília foi eleita para sediar o Primeiro Fórum Espiritual Mundial (FEM). Ocorrido no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em dezembro de 2006<sup>174</sup>, o fórum se notabilizou por agregar, além de autoridades vinculadas a múltiplos segmentos do poder público, nomes, à época, representativos do cenário religioso brasileiro e internacional, entre estes: Dom João Braz de Aviz, arcebispo de Brasília; Pierre Weil, Reitor da UNIPAZ; a indiana Sudesh Didi, da organização Brahma Kumaris; Nestor Masotti, presidente da Federação Espírita Brasileira; Leonardo Boff, teólogo e escritor; Raul de Xangô, representante dos cultos afro-brasileiros; Trinle, lama budista tibetano; o cacique Raoni Metkytire, em nome das tradições indígenas; Ricardo Lindemann, presidente da Sociedade Teosófica do Brasil; o sheik Nasser Abou Jokh, representante do Centro Islâmico de Brasília, entre outras lideranças de múltiplos segmentos religioso-culturais.

O tema do fórum em questão, *Valorizando a diversidade para a construção de uma solidariedade planetária*, dá a nota precisa da preocupação das lideranças espirituais para com a ampliação da coexistência e do diálogo inter-religiosos. Conforme fragmento textual constante da *Carta de Princípios do Fórum Espiritual Mundial*, divulgada por seus organizadores, o evento “nasce com o intuito de fomentar a difusão de uma espiritualidade maior que transcenda as diferenças respeitando as diversidades espirituais”. Ideal esse que se viu reafirmado no corpo do documento final elaborado em conjunto pelos participantes do fórum, a *Carta de Cidadania Planetária*, quando esta, em uma de suas passagens, vai manifestar:

*A evolução científica, tecnológica, política e econômica constitui uma bênção para a humanidade. Mas, certamente, precisa de um ingrediente, um complemento mais significativo, mais efetivo, mais profundo, para que cada ser humano e a humanidade encontrem um estado de inteireza e felicidade. A falta de percepção da interdependência e complementaridade de toda a vida gera a visão individualista, materialista, a ilusão de separatividade. É necessária a percepção da irmandade de todos os seres vivos, de todos os reinos, de todas as raças, etnias, credos, gêneros e classes sociais. Todos pertencemos a uma mesma fonte de vida, somos todos feitos do mesmo barro. A nossa*

---

<sup>174</sup> O fórum ocorreu entre os dias 06 e 10 de dezembro de 2006. Além da participação dos palestrantes, o evento contou com shows artísticos.

*família é a humanidade e todos os seres que compõem a teia da vida, filhos e filhas da Terra.*<sup>175</sup>

Em resumo, Brasília, por se configurar espaço agregador de inúmeros grupos animados pelo sagrado, não sem razão, serviu de sede primeira<sup>176</sup> para o encontro em que foram superestimados conceitos como irmandade, fraternidade, solidariedade, diversidade, diálogo intercultural: indicadores comprometidos com a salvaguarda da coexistência pacífica de credos e de culturas, o que vai ao encontro da imagem de uma urbe que se faz representar e distinguir receptora, mantenedora e multiplicadora da pluralidade. Essa, portanto, a tradução do evento que, interessado em difundir sua mensagem, enxergou com nitidez na capital federal um marco citadino ricamente simbólico e, decerto, permeável a suas postulações.

Despretensiosa, a nossa atenção, agora, volta-se, com maior interesse, em direção às múltiplas roupagens do sagrado que têm lugar especificamente em terras da Capital Federal. Sob diversas matizes e denominações – neo-esoterismo, neopaganismo, religiões tradicionais, cultos afro-brasileiros, religiosidades não-convencionais, movimentos de vida comunitária – essas expressões da religiosidade, em conjunto, responsabilizaram-se por constituir um painel etnográfico de mote espiritual por demais complexo e que se vê a braços com a totalidade dos segmentos do corpo social e, ressalvemos, desdobra-se em vetores culturais importantes, merecedores de um olhar indagador e hermenêutico.

Antes de tudo, porém, é conveniente ressalvar: a afirmação, com enérgico vigor, da pluralidade de crenças em Brasília deixou-se animar por um notável movimento de revitalização do sagrado alavancado pelo que se convencionou denominar de Nova Era (*New Age*). O teólogo João Batista Libanio, ao dialogar com as proposições de Leila Amaral e de Aldo Natale Terrin<sup>177</sup>, estudiosos que se esforçaram em pensar as

---

<sup>175</sup> A íntegra da *Carta de Cidadania Planetária*, documento final do 1º Fórum Espiritual Mundial encontra-se disponível em: < [http://www.forumespiritualmundial.org.br/Portugues/historico\\_memoria\\_cartas.asp](http://www.forumespiritualmundial.org.br/Portugues/historico_memoria_cartas.asp)>.

<sup>176</sup> A segunda edição do Fórum Espiritual Mundial foi realizada na cidade de Fortaleza, Ceará, de 24 a 28 de outubro de 2007. A terceira versão do evento está programada para se realizar entre os dias 13 e 16 de novembro de 2008 e terá como sede a cidade de Teresina, no Piauí.

<sup>177</sup> A respeito do movimento (ou espiritualidade) Nova Era: Aldo Natale Terrin. *Nova Era: a religiosidade do Pós-moderno*. São Paulo: Loyola, 1996; Leila Amaral Luz. “As implicações éticas dos sentidos Nova Era de comunidade”. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, ISER, 17/1-2, 1996, p. 54-74. Leila Amaral Luz. *Carnaval da Alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. Rio de Janeiro, UFRJ/PPGAS Museu Nacional, 1998. (Tese de doutorado).

especificidades e os desdobramentos da fugidia noção de Nova Era, além de se referir diretamente ao clássico trabalho de Thomas Luckmann, *A religião invisível. O problema da religião na sociedade moderna* (1967)<sup>178</sup>, vai assinalar:

*A New Age [Nova Era] é um resultado lógico do processo de secularização, ainda que isso pareça paradoxal. Com efeito, a secularização desvestiu a sociedade do uniforme da religião dominante, no caso do Brasil, do catolicismo. Então as pessoas começam a coser sua roupa religiosa própria com retalhos tirados das mais diversas tradições religiosas, criando assim para si uma túnica religiosa única, original, ampliando o pluralismo. É a religião invisível no sentido institucional, mas que responde aos interesses pessoais. Dessa forma, a secularização, que demitiu a religião oficial de seu governo, gerou milhares de experiências religiosas em todos os rincões. É esse clima que vivemos.*<sup>179</sup>

Ampla em sua manifestação, entendemos poder ser a Nova Era qualificada como um movimento polinuclear, em que não se faz possível detectar-lhe um centro reitor. A nós especialmente interessa ainda admiti-la por sua vigorosa manifestação em terras da capital brasileira. Feitas essas observações, retomemos a iniciativa de dar forma a um painel em que se pronunciem mais alguns exemplos das expressões religiosas que se somam ao poliédrico cenário cultural de Brasília. Para tanto, creditamos ser prudente recorrer à socióloga Deis Siqueira, que, desde 1994<sup>180</sup>, dedica-se a identificar a abrangência e as manifestações do sagrado no Planalto Central. Empenhada em examinar com maior detimento *Brasília, cidade mística*, a pesquisadora vai nos apresentar ao que denominou de *as novas religiosidades na capital do Brasil*<sup>181</sup>.

Siqueira, alinhada a uma clara percepção de um sagrado regulado crescentemente pela pluralidade, fala-nos de novas formas de vivência da religiosidade,

---

<sup>178</sup> Thoman Luckmann. "The invisible Religion. The problem of Religion". In: *Modern Society*. New York/London: Macmillan, 1967.

<sup>179</sup> João Batista Libanio. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 39 (grifos nossos).

<sup>180</sup> A professora Deis Elucy Siqueira desenvolve, junto ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), a pesquisa de nome *Sociologia das adesões: práticas místicas e esotéricas no Distrito Federal*, esta que, fundamentalmente, dedica-se a investigar, com profundidade e, considerado o relevante trabalho de produção acadêmica, os *grupos místico-esotéricos, novas religiosidades ou religiosidades não convencionais* que atuam capital e região. A última das expressões, *religiosidades não convencionais*, a estudiosa a formulou e a adotou em lugar das duas que a precederam, *grupos místico-esotéricos* e *novas religiosidades*.

<sup>181</sup> Cf. Deis Siqueira. *Novas religiosidades na capital do Brasil*. Revista Tempo Social. São Paulo: USP, v. 14, n. 01, p. 177-197, 2002.

marcadas, sobretudo, por uma busca decidida pela interioridade e pela valorização do autoconhecimento: índices que nos asseguram divisar a emancipação crescente de crenças subjetivamente edificadas e professadas. Não é sem razão que a socióloga tenha ressaltado serem essas *novas religiosidades* anticlericais, antiinstitucionais e anti-hierárquicas<sup>182</sup>. Fatores interligados esses que nos autorizam a detectar e a reafirmar a emergência de um sagrado vivenciado especialmente ao nível das subjetividades.

Como resultado de seu respeitável esforço de pesquisa, ainda, Deis Siqueira, ancorada na série de entrevistas que encaminhou junto às lideranças dos grupos em análise e na constituição de duas centenas de questionários respondidos por adeptos e freqüentadores, contemplou-nos com um pormenorizado inventário das denominações que assumem as novas expressões religiosas em terras do Planalto Central, a saber:

*Não apenas surgiram alguns grupos, juntamente com a capital, como é o caso da Cidade Eclética, do Vale do Amanhecer, e da Cidade da Fraternidade, mas o número continua a crescer, tendo sido criados, transferidos de outros locais ou fundados a partir de sonhos e de premonições de pessoas e grupos que continuam a chegar, certos de que na região se gesta uma Nova Civilização. São antes de tudo buscadores. Autodenominam-se Associação (Cultural Brasil-China, Holística Vale do Sol, de Estudo Universal), Cavaleiros (de Maitreya), Centro (Eclético da Fluente Luz Universal), Cidade (da Fraternidade, Eclética), Collegium (Lux), Espaço (Holístico Lakshmi Vishnu), Fé (Bahá'i), Filhos (da Terra), Fraternidade (da Cruz e do Lótus), Fraternidade Eclética (Espiritualista Universal), Forças Mentais (do Planalto), Fundação (Arcádia, OSHO), Grupo (Aglutinado da Nota Sol), Instituto (Branay, Solarion), Legião (da Boa Vontade), Loja (Maçônica), Movimento (Gnóstico Cristão Universal do Brasil na Nova Ordem), Ordem (Dos Quarenta e Nove, Espiritualista Cristã Vale do Amanhecer, Rosa Cruz-AMORC), Ponte (Para a Liberdade), Santuário (Dourado), Sociedade (de Eubiose, Fraterna do Lótus Sagrado, Internacional de Meditação, Teosófica, Sahaja Yoga), Templo (da Sabedoria Jnana Mandiram).<sup>183</sup>*

Deprendemos dessa passagem, alicerçada em dados empíricos, a percepção que nos autoriza aderir à constatação de nos encontrar, em terras do Planalto Central,

---

<sup>182</sup> Cf. Deis Siqueira. *As novas religiosidades no Ocidente: Brasília, cidade mística*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003, p. 18-28.

<sup>183</sup> Deis Siqueira. *Novas religiosidades na capital do Brasil...* Op. cit., p. 180.

interpelados por uma copiosa oferta de instituições e sensibilidades que se ocupam de constituir visões de mundo específicas e estabelecer mecanismos capazes de orientar seus adeptos quanto às possibilidades e às práticas interessadas em promover regulares conexões com os sítios sagrados.

Obviamente, nossa amostragem, dedicada a caracterizar uma parcela dos constructos culturais que se somam e se esforçam por inscrever Brasília no interior de uma moldura de sacralidade, convence-se lacunar. Não nos propomos a esgotar o rico manancial transcendente, metafísico, místico, religioso característico da capital federal. Antes, conduzimo-nos por meio de escolhas, no mais das vezes, indiferentes a reguladores hierárquicos.

Poderíamos, perfeitamente, dispor de referências culturais outras de modo a urdir uma trama em que Brasília se apresentasse como uma *urbe espiritual*. No que toca às edificações religiosas e suas correspondentes orientações de fé, seria, por exemplo, igualmente apropriado mencionar e submeter à análise: a pioneira Igreja Nossa de Fátima (Igrejinha), a não menos precursora Igreja São José Operário, a admirável Mesquita do Centro Islâmico de Brasília, a beleza em detalhes do Templo Shin-Budista da Terra Pura, a arte encantada da Praça Dos Orixás<sup>184</sup>, o ecumênico Oratório do Soldado, os piramidais Templo da Ordem Rosa Cruz e a Igreja Adventista do Sétimo Dia, a sede da Federação Espírita do Brasil, os mais de dois mil e quinhentos centros de culto coligados à Umbanda e ao Candomblé<sup>185</sup>, os templos religiosos evangélicos que, sob múltiplas denominações, em profusão, espriam-se pela capital federal. Penitenciamo-nos, de resto, pelas inevitáveis omissões.

A partir de agora, deixemo-nos orientar mais decididamente pela dimensão humana, por suas aspirações e práticas correlatas. Do farto elenco de personagens que se ocuparam de confiar à capital federal uma viva aura de sacralidade, elegemos três delas, a

---

<sup>184</sup> A Praça dos Orixás, inaugurada no ano de 2000, situada na Prainha do Lago Sul, conta com 16 estátuas de divindades representativas das expressões religiosas afro-brasileiras. Ao dar lugar à estatuária confeccionada pelo artista plástico baiano Tati Moreno, a Praça dos Orixás, freqüentemente, recebe adeptos, simpatizantes e turistas, além de acomodar práticas, festividades e eventos culturais comprometidos com o culto aos orixás.

<sup>185</sup> Ordep José Trindade Serra. *No Caminho de Aruanda: a Umbanda candanga revistada*. Afro-Ásia, número 25-26 Universidade Federal da Bahia, Bahia, Brasil, 2001, p. 215. Com respeito aos cultos de Umbanda no Distrito Federal, sugerimos, além da obra citada, do mesmo autor: Ordep José Trindade Serra. *A Umbanda em Brasília: dois estudos afro-brasileiros*, Salvador: Ed.Ufba, 1988. Ainda: Marcos Silva da Silveira. *Cultos de Possessão no Distrito Federal*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Brasília, 1994.

nosso juízo, das mais representativas, para que pudéssemos alcançar a compreensão de como indivíduos acabam por concentrar em si porção generosa do capital representacional concernente a um contexto espaço-temporal específico com vistas à sistematização e irradiação de suas idealizações, de suas utopias.

Para tanto, convencemo-nos ser providente recorrer uma vez mais à epígrafe que dá abertura ao presente capítulo, à locução poética de Antônio Miranda, esta que se valida tradutora sensível dos registros que fundam a imagem de uma *Brasília* encimada por *nuvens metafísicas*. Miranda evoca nominalmente em seus versos duas personalidades características da atmosfera misteriosa em que se acomoda a capital federal: o mestre Yokaanam e Tia Neiva, fundadores, respectivamente, da Cidade Eclética e do Vale do Amanhecer. Alusão final, no entanto, reserva o poeta aos que outorgam a Brasília sua *face pluriidentitária*, quando, por inspiração, sentencia: “vivemos entre nordestinos/ gaúchos, cariocas, paulistas/ e extraterrestres”.

Essa expectativa de ser viável – para alguns, desejável – a detecção de evidências da manifestação ou, ainda, de eventuais contatos com entes habitantes de outras paragens planetárias, em Brasília, a exemplo de outros centros, canalizou-se por meio de entidades em que se somavam estudiosos, muitas das vezes, instruídos do convencimento de que seria pouco crível confiar que o homem se apresentasse como o único ser dotado de inteligência a habitar o universo.

A exemplificar essa disposição de se investigar a fenomenologia ufológica na capital federal está o Núcleo de Estudos de Fenômenos Paranormais (NEFP), vinculado ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM), da Universidade de Brasília, que, além de agregar acadêmicos interessados em outras áreas temáticas<sup>186</sup>, abre espaço para a ufologia e seus temas correlatos. Claro está que as aferradas resistências aos assuntos caros ao NEFP se fazem sentir por aqueles que a eles se associam. Não obstante, o fato é que a exploração de matérias tão pouco usuais no circuito acadêmico continua a cumprir seu curso.

---

<sup>186</sup> O Núcleo de Estudos de Fenômenos Paranormais, instituído pela Universidade de Brasília desde 1989, atualmente é coordenado pelo engenheiro Paulo Celso dos Reis Gomes, professor da Faculdade de Tecnologia da UnB, além da área temática direcionada à Ufologia, desenvolve estudos relacionados à Astrologia, à Conscienciologia e às Terapias Complementares.

No entanto, dentre as personalidades de Brasília que se distinguiram por direcionar a sua atenção a esse que é um ramo de estudos por demais controverso, destaca-se o nome de Alfredo Moacyr de Mendonça Uchôa, conhecido como o general Uchôa (1906-1996). Formado engenheiro geógrafo e civil, tornou-se oficial de engenharia do Exército Brasileiro e lecionou cálculo vetorial e mecânica racional na antiga Escola Militar do Realengo e na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN).

Ecumenista determinado, o *general da Ufologia*, como era conhecido especialmente entre seus pares, transferiu-se para Brasília em 1968 e elegeu a capital federal como a sua morada até o fim de sua vida. Em 1971, figurou como um dos fundadores da União Pioneira de Integração Social (UPIIS – Faculdades Integradas), centro de ensino superior tradicional de Brasília. Em 1972, funda a *Associação Universal Morya*, entidade interessada em difundir o *ideário teosófico*<sup>187</sup>. No ano de 1973, o general Uchôa organiza e promove, em Brasília, o Primeiro Congresso Internacional de Ufologia (CIUFO). Também na capital do país, instituiu e presidiu o *Centro Nacional de Estudos Ufológicos* (CeNEU).

Alfredo Moacyr de Mendonça Uchôa vem a falecer a 5 de março de 1996, aos 89 anos. Ressalvemos o fato de que o general doado aos estudos ufológicos e paranormais contabilizou uma biografia extensa e de denso apego às suas *utopias*: revelou-se um defensor convicto do ecumenismo, veiculador da teosofia, autor de vários livros e reconhecido como intelectual de formação estimável. Entendemos ser pertinente reproduzirmos as palavras de seu filho, o também general Paulo Roberto Yog de Miranda Uchôa<sup>188</sup>, externadas em agradecimento à Câmara Legislativa do Distrito Federal, que lhe oferecia a ele e à família condolências pelo passamento de seu pai,

---

<sup>187</sup> Entendemos por *ideário teosófico* o conjunto de proposições e de ensinamentos nascidos a partir da constituição da Sociedade Teosófica, que, consoante as palavras de Kevin Tingay, “...foi fundada em 1875, em Nova Iorque, pela russa Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891) e o americano Henry Steel Olcott (1832-1907). Os fundadores depressa se mudaram para a Índia, onde se estabeleceu a sede do movimento (...) Os objetivos da sociedade seriam: formar um núcleo da Irmandade Universal da Humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor; encorajar o estudo comparativo da religião, filosofia e ciência; investigar leis da natureza por explicar e os poderes latentes no homem.”. Kevin Tingay. “Sociedade Teosófica”. In: Christopher Partridge (org.). *Enciclopédia das Novas Religiões. Novos Movimentos Religiosos...* Op. cit., p. 320.

<sup>188</sup> O general Paulo Roberto Yog de Miranda Uchôa, atualmente, exerce o cargo de Secretário Nacional de Políticas sobre Drogas do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República.

*Faço Vossa Excelência saber do sentimento de satisfação que invadiu nossos corações ao receber tão honrosa comunicação, onde se constata que nosso saudoso pai teve reconhecido seu trabalho de educador, pesquisador e homem de ciência avançada, desenvolvido, ao longo dos últimos trinta anos de sua vida, no ambiente desta cidade, a qual tanto amou. Para ele, a magia de Brasília se resume na responsabilidade para com seu próprio futuro, que previa luminoso e promissor no concerto das Nações. Quantas vezes o ouvimos dizer que "aqui está o berço e será o pólo de irradiação da chamada Nova Grande Raça - segundo a terminologia Teosófica - que há de conduzir a humanidade terrestre ao longo dos amplos caminhos dos próximos milênios!"<sup>189</sup>*

Do fragmento discursivo em destaque, reiteradamente nos são apresentados indicadores ostensivos de uma Brasília orientada pela predestinação e por um inalienável compromisso: promotora do *concerto das Nações*, determinantemente esposada do porvir, uma vez que se via a braços com a gestação e a difusão da *Nova Grande Raça*, conduzir a *humanidade terrestre* encerrava seu propósito insigne. Acreditamos estar diante de constructos representacionais identificadores e referendários, em particular, de Brasília e, em escala maior, do Brasil, os quais se viram compartilhados e em viva circulação entre os *vaticinadores de uma nova era*. Dentre esses, cumpre-nos distinguir, Tia Neiva, argumento central do presente empenho, e Oceano de Sá (1911-1985), o Mestre Yokaanam, a quem, validados pela produção de Lísias Nogueira Negrão, passamos a referenciar:

*Em 1946 surgiu na Guanabara, então Distrito Federal, uma organização religiosa denominada "Fraternidade Eclética Espiritualista Universal", sob a liderança de Oceano de Araújo Sá, ex-oficial da F.A.B., conforme se anunciava. Adotando o pseudônimo de Yokaanam – que significaria João em aramaico – e tratado por mestre pelos seus seguidores [os fraternários], o místico pregava a união de todas religiões em torno do Evangelho de Cristo e anunciava a proximidade do fim dos tempos.<sup>190</sup>*

<sup>189</sup> Disponível em: <<http://www.familyorigins.com/users/u/c/h/Paulo-roberto-yog-M-Uchoa/FAMO2-0001/d1.htm>>. Acesso em 11 de julho de 2007 (grifos nossos).

<sup>190</sup> Lísias Nogueira Negrão et Josildeth Gomes Consorte. *O Messianismo No Brasil Contemporâneo*. São Paulo: FFLCH/USP, 1984, col. Religião e Sociedade Brasileira, v. 1, p. 29-30. Três outros trabalhos acadêmicos, pioneiros, que têm como temática primordial a Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, entendemos merecer nossa recomendação, são eles: Lísias Nogueira Negrão. *Um movimento messiânico urbano: Messianismo e Mudança Social no Brasil*. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, datilografado, 1974; Eurípedes da Cunha Dias. *Fraternidade Eclética Espiritualista Universal: tentativa de interpretação de um movimento messiânico*. Rio de Janeiro: dissertação de Mestrado, datilografado, Museu Nacional, 1975; Sérgio de Araújo. *Fraternidade Eclética Espiritualista Universal: um caso Messiânico?* Roma (Itália), tese de doutorado, datilografada, 1977.

Lísias Negrão, por meio de passagens claras, prossegue com seu relato biográfico do Mestre Yokaanam descrevendo, entre outros temas, o quão polêmico Oceano de Sá se fez reconhecer no antigo Distrito Federal, a dinâmica de expansão de seu grupo de seguidores, seus envolvimento com a Justiça, as polêmicas declarações dadas à imprensa local, suas predições catastróficas, em que, por exemplo, condenava o litoral brasileiro, pois este estaria prestes a submergir “sob o impacto de um asteróide que se projetaria no Oceano Atlântico”<sup>191</sup>, e, por fim, a urgência e a decisão de se transferir com seus prosélitos para uma nova localidade, ao que o autor indaga<sup>192</sup>:

*Mas para onde ir? A solução parece ter sido dada pela própria sociedade global, pois já tinha sido demarcada a área do novo Distrito Federal no planalto goiano e já se planejava a construção de Brasília. Antecipando-se ao Governo Federal, Yokaanam resolve sediar sua Fraternidade no planalto central, próximo à futura capital do país. Nega o Mestre, contudo, ter sido influenciado pelos planos de transferência da sede do Governo Federal; para ele o contrário é que ter-se-ia dado: teriam sido as suas campanhas que convenceram o governo da inevitabilidade da destruição do litoral brasileiro e do surgimento de uma “nova civilização” no planalto central. Segundo declarou, teria ele sido orientado por Mestre Lanuh [M. Lanuh é “entidade espiritual elevadíssima” responsável pela orientação dos destinos da Fraternidade e que se comunica com o Mestre Yokaanam para transmitir suas ordens] para conduzir seus seguidores para o planalto goiano, região indicada pelas profecias de D. Bosco como o local de salvação da humanidade no fim dos tempos.*<sup>193</sup>

Do que precede, importa-nos considerar: não resulta esforço entrever as razões que nutriram o magnetismo exercido pela nova capital sobre o Mestre Yokaanam. Migrar e radicar-se com seus adeptos em terras do planalto central soaria como a peregrinação do profeta que, sob orientação elevada, conduz seu povo a uma terra prometida. A interioridade continental característica da região eleita, que se anunciaria sagrada, é válido acentuar, proporcionaria a blindagem a que aspiravam os fraternários diante da iminência dos eventos cataclísmicos preanunciados pelo mestre e que afetariam irrecorrivelmente as regiões litorâneas. Por fim, Dom Bosco, emissário dos desígnios do

---

<sup>191</sup> Idem, ibidem, p. 57.

<sup>192</sup> Cf. Idem, ibidem, p. 30-57. *Passim*.

<sup>193</sup> Idem, ibidem, p. 57-58 (grifos nossos).

Alto, *previra*<sup>194</sup>, em conformidade com o painel escatológico traçado por Yokaanam, ser o Planalto Goiano *o local de salvação da humanidade no fim dos tempos*.

Claro está que o sonho profético de Dom Bosco se viu apropriado e ganhou feições concordantes com os princípios e vaticínios de Yokaanam. O mito de vestes oníricas, que leva a chancela do padre salesiano, parece-nos, atuou como mais uma das representações, à época, em evidência, capazes de exercer um efeito legitimador sobre as enunciações e os feitos de um messias que não circunscrevia sua missão ao delimitado chão que, com seus seguidores, passara a ocupar. Seus anseios universalistas, expressos ostensivamente na denominação da entidade por ele principiada (Fraternidade Eclética Espiritualista *Universal*), sublinhemos, merecem não ser negligenciados. E não o foram por Lísias Negrão:

*Deve-se salientar, também, que a Fraternidade se sente participante, não apenas da Sociedade Brasileira, mas da totalidade da vida social. O “Terceiro Milênio” que esperam, do qual a Fraternidade é ao mesmo tempo realização e veículo, não se restringe apenas a brasileiros. Sentem-se os fraternários como guardiães das verdades universais e responsáveis pela regeneração moral de toda a humanidade. As preocupações políticas de Yokaanam não se circunscrevem ao âmbito nacional, mas preocupa-se o Mestre com a guerra do Vietnã e com o possível expansionismo asiático, denominado por ele de “perigo amarelo”. Identifica-se Yokaanam mais plenamente, como é lógico, com o Brasil, o qual é denominado, de acordo com a famosa frase do médium Francisco Xavier, “coração do mundo, pátria do Evangelho”<sup>195</sup>*

Do exame textual, depreendemos que a relação de mutualidade em que se estimulavam as condutas espirituais e temporais acabou por definir contornos inovadores e encantatórios à realidade: das palavras proféticas e da determinação política de se

---

<sup>194</sup> Cf. Idem, ibidem, p. 58. É válida a reprodução da nota explicativa, de número 46, em que Lísias Nogueira Negrão dá ciência de como liam os da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal o sonho de Dom Bosco: “Segundo o advogado Mario Bulhões Ramos, irmão Sólon, o sacerdote católico D. Bosco revela à p. 350 do volume XI de suas *Memórias Biográficas* que em 30 de agosto de 1883 sonhou ‘viajar de trem, e eis senão quando vê diante de seus olhos o mapa de imensa região. Concomitantemente, uma voz o adverte de serem ali as terras do interior do Brasil, de onde um dia, se despertaria novo surto espiritual, como base e momento de uma civilização nova, saída das terras sobre as quais acenderá Deus a constelação de sua cruz, o cruzeiro do sul’. ‘O Nosso’, agosto de 1956.”

<sup>195</sup> Idem, Ibidem, p. 117-118.

consumar a mudança da capital para o cerrado nasciam a Cidade Eclética<sup>196</sup> e Brasília, a cidade mística. Esse o núcleo discursivo a que nos propomos revolver hermeneuticamente, aquele em que consuma a intersecção entre o sacro e a profanidade. Estimamos essa interdependência ser visível se tomados como amostras os feitos do gênero e do gênio humano no decurso de sua experiência existencial.

Por último, cumpre-nos dar lugar àquela a quem endereçamos o empenho maior deste que se afigurou e se quer consolidar uma honesta empresa interpretativa, Neiva Chaves Zelaya, conhecida por Tia Neiva, criadora e líder do Vale do Amanhecer. Conforme antecipamos no princípio do presente capítulo, Tia Neiva se deixou nutrir imaginariamente pelos conteúdos representacionais que gravitavam em torno da capital nascente.

Ao proporcionar vida a seu complexo religioso, não se posicionou *a Clarividente* destacada dos que passaram a conceber Brasília como um solo assistido de sacralidade. Antes, elegeu-a como o universo contextual em que faria prosperar suas visões e substanciar seu viver temporal e espiritual. Que ela mesma nos fale das origens dessa conexão que se eterniza no imaginário da Brasília que a incorporou e a quem ilustrou:

*Meu carro, um Internacional<sup>197</sup>, estava fichado na Novacap e as tarefas eram sempre variadas. Mas sempre elas começavam cedo e não era raro eu estar na rua às 5 ou 6 horas da manhã, com a carroceria cheia de candangos para serem levados para os canteiros. Trabalhávamos muito e, naquela época, a gente tinha que dirigir devagar. O movimento do Núcleo Bandeirante era intenso, as ruas muito cheias de buracos e o povo muito descuidado. **Tenho recordações cheias de amor daqueles tempos pioneiros.**<sup>198</sup>*

---

<sup>196</sup> Assim ficou conhecida a comunidade do Mestre Yokaanam em terras do Planalto Central. Data de 1956 a chegada e o estabelecimento da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal na região que, atualmente, pertence ao município de Santo Antônio do Descoberto, Goiás, distante aproximadamente 60 quilômetros de Brasília.

<sup>197</sup> O carro *Internacional* a que faz alusão Tia Neiva é, na verdade, uma referência à marca de um dos caminhões que a acompanhou em suas jornadas de trabalho quando da construção de Brasília, da empresa Internacional Harvester, que, segundo a ANFAVEA, figura como a primeira montadora especialista em caminhões a se estabelecer no Brasil, em 1929. Cf. Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores. *Indústria Automobilística Brasileira: 50 anos*. ANFAVEA, 2006, p.136.

<sup>198</sup> Marlene Anna Galeazzi. O Amanhecer de Tia Neiva. *Última Hora*, Brasília, 10 ago. 1985, p. 13 (grifos nossos).

A exemplo de seus contemporâneos, o general Uchôa e o mestre Yokaanam, aos quais já aludimos, Tia Neiva fixou-se em terras do Planalto Central e, ao afirmar se deixar instruída por entes sobre-humanos, aos quais denominava de *mentores*, professava ser Brasília um dos sete pontos de irradiação do Planeta, a partir dos quais luzes eram emitidas de modo a esclarecer as consciências e capacitar *os espíritos* para que consumassem o seu retorno às origens<sup>199</sup>.

Brasília *acolheria* a jovem Neiva, proporcionaria a ela, a princípio, circunstâncias favoráveis para que obtivesse os meios materiais com os quais poderia dar continuidade ao enfrentamento de sua lida cotidiana. A despeito da rusticidade que se atribuía à profissão de caminhoneira por ela desempenhada, *as recordações cheias de amor daqueles tempos pioneiros* parecem denunciar não apenas um fluxo memorial instruído por saudades, mas revelar a gratidão que lhe ocorria imputar ao tempo e ao espaço em que se constituíram seu arrojo, sua determinação e seu entusiasmo, conteúdos estes que lhe autorizaram a ambicionar e pôr em curso correção suas visões, seus sonhos, suas utopias: estes que se viram desaguados no *Vale do Amanhecer* e que, na linha do tempo, vêm banhando em escala crescente mulheres e homens *acolhedores* de suas revelações.

No capítulo que se segue, convidamos o leitor a se colocar em contato mais próximo com a obra levada a efeito por Tia Neiva, o *Vale do Amanhecer*. Para tanto, importando-nos com a dimensão analítica, encaminharemos a apresentação de aspectos que avaliamos resultarem centrais na composição deste que se nos apresenta como um instigante complexo religioso-cultural: indicadores do espaço em que se assenta o grupo, a trajetória dos adeptos e sua interlocução com o contexto doutrinário, as matrizes humanas e sobre-humana que informam substancialmente os valores acolhidos pelos praticantes, elementos de seu fardo manancial simbólico, registros históricos do movimento, frações de suas narrativas de origem e uma amostra moderada de seus marcos ritualísticos.

Ingredientes que se justapõem e nos fixam a questão basilar que autoriza e orienta o presente esforço: como Neiva Chaves Zelaya, mulher de humilde origem e tímida escolaridade, faz-se reconhecer nacionalmente ao cristalizar no que denominaríamos de

---

<sup>199</sup> Mário Sassi. 2000 – *A Conjunção de Dois Planos*. 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, s.d, p. 226-7. Importa-nos esclarecer: consoante o entendimento da Doutrina do Amanhecer, as origens representam mundos espirituais específicos e de luz para os quais os espíritos devem retornar, o que só se torna possível no momento em que estes conquistam a sua evolução.

real seus sonhos, compondo um complexo sistema religioso, ímpar em sua arquitetura cultural e, por extensão, inquietador. Adentremos esse *lugar praticado*.

## CAPÍTULO II

### VALE DO AMANHECER – POR UMA APRESENTAÇÃO

#### 2. *Lugares Praticados*<sup>200</sup> - A Hierópolis Sonhada

Munidos do intuito de gravar um painel expositivo acerca do tema em foco, painel este de natureza essencialmente descritiva e que priorize uma abordagem espacial, acreditamos ser indispensável proporcionar ao leitor um número considerável de informações gerais, de sorte a melhor situá-lo para que alcance entendimento do fenômeno religioso contemporâneo levado à concretude por Tia Neiva e do qual se tratará de modo efetivo desde já: o Vale do Amanhecer.

Antes, compete-nos um registro que justifique a escolha do título *lugares praticados* acima evidenciado. Para Michel De Certeau, historiador e antropólogo francês, o espaço é sempre animado pela totalidade dos movimentos que nele se processam. Portanto, deve ser entendido como o resultado da partilha de um conjunto de significados responsáveis por definir sua fisionomia, que se radica cultural.

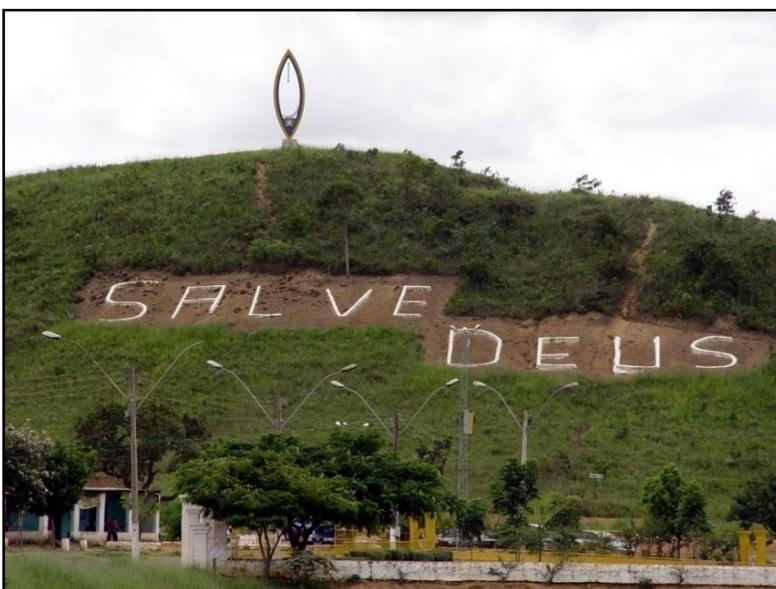
Dentro da perspectiva delineada por De Certeau é que passaremos a apresentar o Vale do Amanhecer, ou seja, um *locus social* configurado em espaço se consideradas e compreendidas as práticas religioso-culturais que ali têm lugar. E mais: em que o simbólico, materializado nas vestes, nos ritos, nas imagens de caráter e representações as mais diversas, consubstanciam-se em marca identificadora da espacialidade do Amanhecer. Em síntese: o espaço só faz sentido se considerados os usos que os indivíduos fazem dele.

---

<sup>200</sup> Cf. Michel De Certeau. *A Invenção do Cotidiano*: arte de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

Estamos diante de uma comunidade religiosa intitulada Ordem Espiritualista Cristã, cujo registro oficial em cartório leva o nome de Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã (OSOEC)<sup>201</sup>, mas que popularmente é conhecida por Vale do Amanhecer, expressão que, a partir de agora, passa a designá-la ao longo do presente empenho.<sup>202</sup>

Situado aproximadamente a seis quilômetros ao sul de Planaltina-DF – pioneira cidade satélite, que já existia antes mesmo da construção de Brasília e da resultante fixação da Capital Federal em terras do Centro-Oeste – e, atualmente, de fácil acesso àqueles que desejam visitá-lo, o Vale do Amanhecer ocupa uma área próxima de 22 alqueires goianos, um milhão de quilômetros quadrados. Terreno que, geometricamente, se assemelha a um triângulo, sendo seus limites definidos pela rodovia DF-130<sup>203</sup>, configurando a base, mais o



Morro Salve Deus situado no Solar dos Médiuns. Em seu cume, a Elipse, símbolo da Nova Era

<sup>201</sup> Veja como descreve a Ordem um de seus destacados integrantes, José Carlos do Nascimento Silva: “A entidade denominada Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã - OSOEC - Vale do Amanhecer - fundada em 15 de abril de 1964, é uma sociedade civil, de natureza beneficente, apolítica e constituída de acordo com as leis vigentes no país e revelações doutrinárias emanadas da *Clarividente* Neiva Chaves Zelaya, tendo por finalidade a prática e desenvolvimento do mediunismo e prestação de assistência social, tudo sob a égide do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.” José Carlos do Nascimento e Silva. *Observações Tumarã*. Brasília: s. ed., out. 1999.

<sup>202</sup> Por vezes, objetivando não tornar enfadonha a repetição de uma única expressão para referir-se ao tema em tela, empregaremos apenas *Amanhecer* ou, ainda, *Vale*. É bastante comum entre os adeptos referir-se ao Vale como *Doutrina do Amanhecer* e, com menor frequência, como *Doutrina do Jaguar*. Mário Sassi. *O que é o Vale do Amanhecer*. 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, 1987, p. 64.

<sup>203</sup> O portal de entrada do Vale do Amanhecer, realçado por duas muradas de pedra, onde se encontram representados, confeccionados em chapa ferro, um sol com sete raios e uma lua crescente, símbolos de destaque do movimento religioso, localiza-se na altura do km 26 da referida rodovia.

encontro dos córregos Pípiripau e Coatis, que, somados ao córrego Mestre D'Armas, confluem para o vértice desse triângulo do Vale, formando o Rio São Bartolomeu.<sup>204</sup>

Geograficamente, não podemos concluir ser exatamente o terreno onde se inscreve o espaço sagrado<sup>205</sup> do Amanhecer um *vale*, como faz sugerir seu nome. De fato, se analisado topograficamente, assemelha-se muito mais a uma área de planície pontilhada por algumas elevações<sup>206</sup>, com destaque para as colinas cobertas com vegetação rasteira, das quais a mais conhecida e bastante representativa dentro do espaço sagrado leva o nome de *Morro Salve Deus* (ver figura na página anterior), espécie de pano de fundo natural do Solar dos Médiuns, local onde se processa, a céu aberto, um dos ritos de maior impacto para aqueles que, pela primeira vez, visitam o Vale do Amanhecer: o trabalho ritualístico<sup>207</sup> de Estrela Candente (ver figura à direita).<sup>208</sup>



Ritual de Estrela Candente em desenvolvimento

Outra questão que se impõe aos que visitam o Vale se refere a sua economia. A Ordem faz questão de salientar que jamais é cobrado o atendimento espiritual oferecido aos que a procuram. Como afirmava Mário Sassi, ex-líder intelectual do

<sup>204</sup> Cf. Mário Sassi. *O que é o Vale do Amanhecer...* *Op. cit.*, p. 62.

<sup>205</sup> Leia-se *espaço sagrado*, aqui, à luz das reflexões pontuadas por Mircea Eliade, que o define como o *locus* em que se dão as hierofanias (manifestações do sagrado) e que, segundo o autor, apresenta uma nítida rotura com o espaço profano, não-ritualizado. Cf. Mircea Eliade. *Tratado de História das Religiões*. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 295-296.

<sup>206</sup> Dado fornecido pela *Sessão de Topografia da Divisão de Exame, Elaboração e Aprovação de Projetos*, órgão vinculado à Administração Regional de Planaltina.

<sup>207</sup> Os adeptos da Ordem do Vale do Amanhecer, em terminologia própria – diga-se, ainda, identitária – por eles largamente empregada, referem-se aos rituais dos quais participam como *trabalhos espirituais*. Portanto, não cause estranheza ao leitor se, de agora em diante, adotar-se tal expressão para designar os ritos próprios dessa comunidade religiosa. Agimos assim com a finalidade de permitir uma aproximação maior dos que nos lêem com nosso tema.

<sup>208</sup> Consideradas as descrições ao longo do trabalho e as imagens disponibilizadas no corpo textual, note-se a contudente sacralização do espaço, característica marcante do Vale do Amanhecer. Adiante, serão mencionados os principais espaços sagrados emparceirados com algumas de suas práticas ritualísticas correspondentes.

movimento<sup>209</sup>: “...isso se aplica à entidade como aos médiuns em particular. Tudo quanto é necessário para o Templo (...) é provido pelo Corpo Mediúnico”<sup>210</sup>. Cumpre mencionar, ainda, que ao visitante não passa despercebida a presença de lanchonetes, restaurantes, lojas de lembranças e artigos do Vale inscritos na área religiosa, para o que Sassi respondia: “nesse caso, existe uma troca natural de valores que nada afeta o trabalho mediúnico.”<sup>211</sup>

Quanto aos serviços públicos e a presença de infra-estrutura urbana relacionados ao Vale, diferentemente de pouco mais de uma década atrás, tempo em que a comunidade contava apenas com rede de telefonia fixa, energia elétrica, posto de saúde e duas escolas públicas (uma delas, construída em caráter provisório), hoje, água encanada, rede de águas pluviais, pequenas obras de urbanização, linhas de ônibus em número crescente, quadra poliesportiva comunitária, posto policial, área de lazer e a prosaica restauração do antigo campo de futebol se somam ao cotidiano de seus moradores.

Conquistas que se materializaram em face do pronunciado incremento demográfico da região, da expansão de um comércio local e, acima de tudo, da constituição de um contingente eleitoral impossível de ser ignorado se avaliado seu peso numérico, pois, segundo dados colhidos junto ao site do TRE/DF, este se aproxima de seis mil votantes.<sup>212</sup>

Mesmo assim, há ressalvas importantes colocadas pelos moradores. Reivindicações que começam pela necessidade de reforço do policiamento, passam pela ausência de um centro educacional capaz de abrigar a demanda de alunos em idade escolar do Ensino Médio e desembocam na pouca oferta de atividades de lazer para crianças e jovens.

---

<sup>209</sup> Mário Sassi morre a 25 de dezembro de 1995. Reconhecida a sua importância para a consecução da Doutrina do Amanhecer, será objeto de análise desse estudo: contemplado, mais adiante, quando explorarmos as matrizes do movimento religioso.

<sup>210</sup> Mário Sassi. *O que é o Vale...* Op. cit., p. 64.

<sup>211</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>212</sup> Dados retirados do site do TRE/DF < <http://www.tre-df.gov.br/sasisAtendEleitor/consultarLocalVotacao>> Acesso em 15/01/08.

Seguramente, ao público externo não preocupam os problemas urbanos sentidos pela comunidade. Há motivações alheias às de ordem infra-estrutural urbanística a atraí-lo. Pesado o fato de o Vale do Amanhecer prever o *atendimento espiritual*<sup>213</sup> indiscriminado e a qualquer hora daqueles que o procuram, além de representar em Brasília um destacado pólo de atração turística, a visitação a sua área dá-se em números expressivos. Ao dispor de acesso facilitado, turistas, pacientes e adeptos transitam pelo Vale e conformam, em média, um fluxo mensal de 12 mil pessoas a circular por esse cenário cultural inquietador.

Os números não param por aí. Conforme dados colhidos junto à extinta Subadministração Regional do Vale do Amanhecer, à época, subordinada à Administração Regional de Planaltina, a cidade abrigava, em 2003, entre *médiuns residentes* e moradores sem filiação com a comunidade religiosa, cerca de 22 mil pessoas. Atualmente, há estimativas não oficiais que dão conta de mais de 25 mil habitantes.<sup>214</sup>

Tudo isso, naturalmente, é bastante significativo. Ainda mais se considerado o fato de que a cidade pretendia ser e se perpetuar essencialmente religiosa<sup>215</sup>, uma *hierópolis* – cidade sagrada - na expressão adotada por Storck de Oliveira<sup>216</sup>, mas que, por força da explosão demográfica vivida pelo Distrito Federal nos últimos anos, acabou por evidenciar o incremento do espaço profano, acarretando uma pressão deste mesmo sobre a área destinada aos rituais. Alguns exemplos: casas comerciais em número crescente, postos de serviços públicos, residências ocupadas por famílias sem vínculo com a Ordem e novas

---

<sup>213</sup> O Vale do Amanhecer chama de *atendimento espiritual* a disponibilização de boa parte de seus setores de trabalho mediúnicos aos visitantes. Esses últimos chamados por Sassi de *clientes*, por ele entendidos não como aqueles presentes numa relação vendedor-consumidor, mas antes médico-paciente. Compreende a Doutrina representar o atendimento espiritual destinado à cura desobsessiva a missão precípua do Amanhecer. Cf. Mário Sassi. *O que é o Vale...* Op. cit. p., 33-34.

<sup>214</sup> Para chegar ao Vale do Amanhecer: linhas de ônibus regulares fazem a ligação Vale do Amanhecer-Planaltina-Plano Piloto. Para os que possuem carro e residem no Plano Piloto, deve-se tomar a estrada que passa por Sobradinho e seguir em direção à cidade-satélite de Planaltina. Mais à frente, na altura do km 18, pega-se a entrada à direita (DF-230 - sinalizada e asfaltada), em direção a Unaí-MG. A seguir, atravessa-se o primeiro balão e, no segundo balão, toma-se a direita, três quilômetros à frente acha-se o portão de entrada do Vale do Amanhecer.

<sup>215</sup> Conforme depoimentos dos próprios adeptos, particularmente daqueles que, em 1969, quando da instalação definitiva do movimento, pioneiramente fixaram-se nas terras que antes pertenciam à Fazenda Mestre D'Armas, de propriedade do Sr. Francisco M. Guimarães, o qual autorizou a ocupação do terreno por parte de Tia Neiva e de seus seguidores.

<sup>216</sup> Cf. Dorotéo Emerson Storck de Oliveira. *A Pluralidade de Símbolos no Imaginário Coletivo do Vale do Amanhecer*. Monografia de Prática de Pesquisa de Campo II. UnB. Instituto de Ciências Humanas. Departamento de Geografia. UnB: 1999.

agregações religiosas, sobretudo neopentecostais<sup>217</sup>. Essas últimas, através de seus adeptos, situação descrita por membros do movimento, investem sobre a *área religiosa*<sup>218</sup> do Amanhecer no intuito premeditado de promover a conversão dos *médiuns da Doutrina*, utilizando-se de distribuição de panfletos, de mensagens veiculadas em carros de som e do contato interpessoal. Ou seja, a expansão urbana vivida pelo Amanhecer resultou na tessitura de um espaço marcado por uma progressiva heterogeneidade de crenças. Mesmo assim, diga-se, nada que comprometa a proeminência do movimento religioso constituído por Tia Neiva e a manutenção de suas práticas cotidiano-ritualísticas.

## 2.1 O percurso do religioso e a hierarquia no Vale do Amanhecer

A questão hierárquica no Vale do Amanhecer é de causar desassossego ao estudioso. Mesmo o adepto, muitas vezes, desconhece o escalonamento hierárquico do qual é sujeito e com o qual está comprometido. A hierarquia, antes de tudo, compete-nos frisar, foi estruturada pela própria Tia Neiva. Era ela, segundo aqueles que privaram do contato diário com a *Clarividente*, a única responsável pela recomendação dos médiuns que deveriam ocupar posições hierárquicas mais ou menos destacadas. Afirmava estar, a

---

<sup>217</sup> Para maiores esclarecimentos acerca do estado de ocupação territorial do Vale do Amanhecer, sugere-se a monografia final de curso do antropólogo, formado pela UnB, Djalma Barbosa Gonçalves, trabalho que, mesmo merecedor de alguns reparos, pois, hoje, encontra-se desatualizado em nove anos, apresenta uma análise coerente, lúcida e, reconhecemos, das mais completas a respeito do espaço profano em questão. Ver Djalma Barbosa Gonçalves. *Vale do Amanhecer, Análise Antropológica de um Movimento Sincrético Contemporâneo*. Dissertação de graduação. Departamento de Antropologia. UnB: 1999.

<sup>218</sup> Duas considerações merecem registro. Primeira, usa-se o termo *investem* não sem razão, dado que, relataram os moradores, houve casos em que os encontros dos membros da Doutrina do Amanhecer com os das igrejas evangélicas, neopentecostais, foram marcados por algumas hostilidades. Fenômeno comum, uma vez que, na prática cotidiana, a convivência democrático-religiosa nem sempre é observada. Fato que, segundo depoimentos, desagradava aos membros do Vale, em especial os residentes, principalmente os veteranos, uma vez que ali se instalaram pioneiramente, a contar de 1969, com a finalidade de exercer sua fé em paz e em isolamento, como uma comunidade fechada. Segundo, em decorrência da expansão fundiária desordenada e incontrolável ocorrida no Amanhecer, decidiu-se murar os principais locais em que se concentra a prática ritualística: a área templária, que abriga o Templo do Amanhecer, o Turigano e a Estrela de Nerhu (ou Estrela Sublimação), e o Solar dos Médiuns, espaço a céu aberto onde se encontram a Estrela Candente, a Pirâmide e o Lago de Yemanjá.

*Clarividente*, a exemplo de como agia na condução do erguimento das construções sagradas e na definição dos rituais, orientada pela Espiritualidade Maior<sup>219</sup>.

Feitas as considerações preliminares, antes de exibir a pirâmide hierárquica pertinente ao Vale, é conveniente dar a conhecer, de modo sinóptico, como se processa a trajetória de um adepto, desde o seu primeiro passo, traduzido no ingresso na Corrente, até sua última sagração.

Em primeiro lugar, deve-se ter em conta que, observa a Doutrina, as heranças transcendentais associadas ao preparo e à frequência com que se relaciona o *Jaguar*<sup>220</sup> diante dos trabalhos espirituais, representam os fatores determinantes para que o médium possa ascender hierarquicamente.

Essa ascensão, atualmente, deriva das tomadas de decisões doutrinárias consignadas por um *Conselho de Trinos*<sup>221</sup>, este que, consoante observa Storck de Oliveira, estabelece uma liderança burocrática. Importante esclarecer: Conselho esse ávido de perpetuar o movimento na sua originalidade de princípios e ações, mas incapaz de exercer a liderança carismática, na estrita acepção weberiana<sup>222</sup> do termo, naturalmente observada na condução dada por Tia Neiva ao movimento.

Ela, legitimada por sua “relação imediata com os planos espirituais” e ao desfrutar de crédito expressivo diante do corpo de médiuns sobre o qual exercia sua

---

<sup>219</sup> Segundo a visão do Vale, a *Espiritualidade Maior* é constituída por um grupo de entidades espirituais altamente *evoluídas* e que se colocaram ao lado de Tia Neiva, assim também em relação ao movimento, como responsáveis pela organização e concretização da Doutrina do Amanhecer. Entre elas, citam os adeptos e verificamos por meio da apreciação das fontes, Pai Seta Branca, Mãe Yara, Pai João de Enoque e Mãe Tildes. Cf. Neiva Chaves Zelaya. *Tia Neiva: Autobiografia missionária*. Bálamo Alves do Brasil de Lucena (ed.). Brasília: Vale do Amanhecer, 1992.

<sup>220</sup> Jaguar: termo que faz alusão a uma das histórias sagradas que marcam a trajetória dos que pertencem ao grupo do Vale do Amanhecer. Cotidianamente é utilizado para que um mestre se refira a outro, esteja este presente ou não. Também é empregada a expressão *a tribo Jaguar*. Mesmo considerando que essa questão será mais bem trabalhada no terceiro capítulo, convém adiantar tratar-se de um termo identificador do próprio grupo. Todos são jaguares, mestres e ninfas. É possível entender o conceito como um estímulo à self-categorização, ou seja, o processo de ver a si próprio como membro de um grupo social, bastante peculiar às comunidades religiosas. Cf. Smith E. R. e Mackie D. M. *Social Psychology*. Trad. Bartholomeu T. Tróccoli. Nova York: Worth Publishers, 1995, p.176.

<sup>221</sup> Cf. Dorotéo Emerson Storck de Oliveira. Op. cit, p. 26-29. Chama-se a atenção para o fato de que o nome *Conselho de Trinos* foi instituído posteriormente ao trabalho de Storck de Oliveira. Mesmo assim, o fato é que se refere o Conselho aos mesmos mestres relacionados por Storck de Oliveira em seu trabalho, a saber: Tumuchy, Arakém, Sumanã e Ajarã. Importa-nos o registro: dois dos Trinos em referência vieram a falecer: Trino Tumuchy, Mário Sassi, em 25 de dezembro de 1995; Trino Arakém, Nestor Sabatovicz, em 2 de outubro de 2004.

<sup>222</sup> Max Weber. *A política como vocação*. In: Hans Heinrich Gerth et Charles Wright Mills. *Max Weber: ensaios de sociologia*. Trad. Waltersir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979. p. 59.

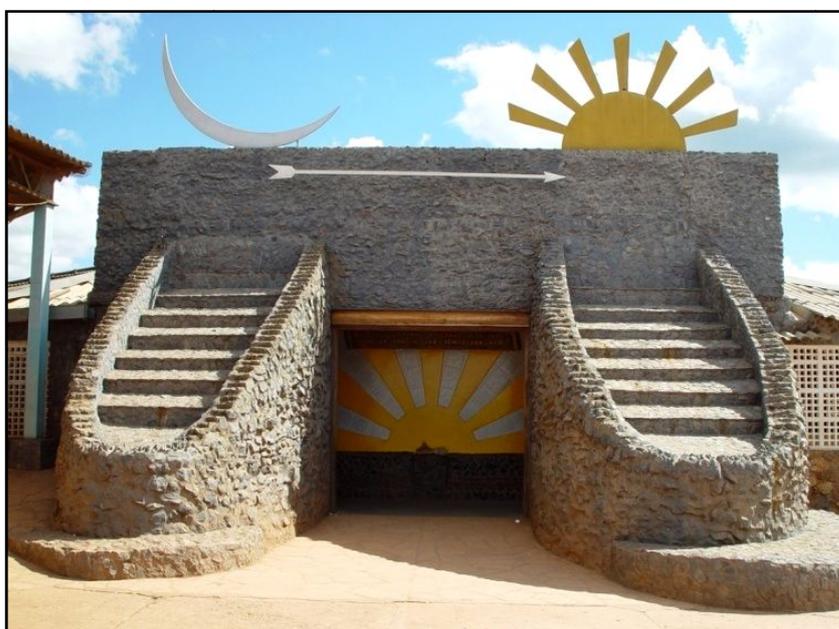
liderança, apontava este ou aquele Jaguar para desempenhar funções de maior ou menor evidência dentro da Doutrina. Segundo as palavras dos médiuns veteranos, plenos de saudosismo de sua líder: “tempos idos...”.

A arregimentação de novos adeptos, ordinariamente, nasce de um convite formulado pelas entidades que prestam atendimento individualizado em um dos setores de trabalho espiritual mais concorridos do Templo (ver figura abaixo)<sup>223</sup>: o de Tronos Vermelhos e Amarelos (ver figura à direita)<sup>224</sup>. Há casos



Setor de trabalho espiritual: Tronos Amarelos e Vermelhos

em que o indivíduo, ao conhecer a Doutrina, converte-se de modo voluntário, o que, enfatizam os religiosos, é acentuadamente raro. Via de regra, os convites endereçados aos que se converterão em novos adeptos partem das *entidades espirituais* que assistem os trabalhos, em particular o de Tronos, setor em que se processa a comunicação entre o



Vista da entrada do Templo, voltada para o Leste

<sup>223</sup> Construção de pedra em formato elíptico, contando 2.400 metros de área, onde se desenvolvem a maior parte dos trabalhos espirituais executados pelos adeptos do Vale do Amanhecer.

<sup>224</sup> Segundo observações, trata-se do trabalho em que a entidade espiritual, manifesta em um médium de incorporação, sob a monitoração de um doutrinador, comunica-se com o *paciente* – consultante – de forma direta e individual. Ouve dele suas apreensões e busca proporcionar-lhe uma mensagem de conforto e orientação.

paciente e o *espírito de luz*<sup>225</sup>, manifesto em um médium de incorporação, conhecido no meio doutrinário por Mestre Lua, quando homem, e Ninfa Lua, quando mulher. Sendo que ambos os gêneros recebem a denominação de Apará.

Aceito o convite, o iniciante segue para o desenvolvimento doutrinário. Todos os domingos, ao longo de sete semanas, o *fitinha*<sup>226</sup> passa a se instruir doutrinariamente ao acompanhar, no interior Templo, às aulas oferecidas pelos *mestres instrutores*. É nessa etapa em que se revela sua mediunidade. Dois são os



Fitas Doutrinárias: a do médium Apará (esq.) e a do Doutrinador (dir.)

enquadramentos mediúnicos: *Apará* ou *Doutrinador*, isto é, em breves palavras e respectivamente, médium de incorporação ou o médium cuja responsabilidade fundamental é a de zelar pelo bom andamento dos trabalhos espirituais.

A doutrina reconhece as demais faculdades mediúnicas descritas pelos meios espíritas, entre elas a psicográfica, a psicofônica e a psicopictográfica, mas afirma categoricamente serem, para o cumprimento da missão destinada aos *jaguares*, desnecessárias para sua prática doutrinário-ritualística.

Ao fim do desenvolvimento, o Jaguar principiante é *emplacado*. É a fase em que passa a portar, em sua indumentária de trabalho espiritual, juntamente com a fita doutrinária (ver figura acima), uma plaqueta – espécie de identificação pessoal – onde

<sup>225</sup> Para se ter clareza acerca do entendimento da Doutrina do Amanhecer com respeito ao *espírito de luz*, ver, à frente, como o conceitua Mário Sassi (nota 246 da presente tese).

<sup>226</sup> Forma de tratamento afetuosa dirigida ao médium em desenvolvimento. Explica-se pelo uso de um uniforme - calça preta ou azul para os homens com jaleco branco, vestido branco e longo para as mulheres - em que se destaca a fita doutrinária como paramento. Para maiores informações acerca das indumentárias ritualísticas características do Vale do Amanhecer, ver Márcia Regina da Silva. *Vale do Amanhecer: aspectos do vestuário em um contexto religioso*. Dissertação de graduação, nº. 86, apresentada ao Departamento de Antropologia da UnB. Brasília: UnB, 1999.

constam, no caso do médium de incorporação (Apará), homem ou mulher, o nome da entidade espiritual responsável por seu *desenvolvimento* e que por meio de sua mediunidade se manifesta, e, no caso dos/as médiuns doutrinadores/as, o nome da *princesa doutrinária*<sup>227</sup> que o/a acompanhará na sua vida tanto espiritual quanto secular.

A essas entidades espirituais, responsáveis por salvaguardar a trajetória dos religiosos, a doutrina chama de mentores. Diferentemente dos guias espirituais, que são muitos a acompanhar o médium do Vale do Amanhecer em sua *passagem* pela Terra, o mentor é apenas um, entidade que, segundo a compreensão e a prática discursiva expressa pelo religioso do Vale, seria a responsável maior pelo triunfo do compromisso assumido pelo espírito na sua encarnação presente. Veja o que o próprio Mário Sassi diz a respeito do mentor e dos guias espirituais:

*O Mentor é o responsável pelo destino cármico e pelo êxito de uma existência. A vida na terra é como um curso universitário. O aluno escolhe as matérias, faz o vestibular, as provas e sai diplomado ou não, conforme tenha sido bom ou mau aluno. O Mentor equivale ao reitor e os Guias são como os professores (...) No mediunismo [conjunto técnico-doutrinário que estabelece as maneiras do emprego da mediunidade], o mentor é o espírito que assiste o médium na sua vida e com ele trabalha em suas linhas mestras. Os Guias são os espíritos que trabalham com os Médiuns na execução de suas mediunidades.*<sup>228</sup>

A partir de então, vencida a primeira etapa de aprendizado doutrinário, o então *emplacado* começa a assistir às aulas que o conduzirão ao ritual de Iniciação. Iniciado, o médium permanece seguindo sua *trajetória missionária* ao frequentar os cursos que o habilitam a receber novas consagrações e que definirão escalonadamente seu posicionamento hierárquico. São elas: Consagração de Elevação de Espadas, onde o médium passa a ser tratado por mestre, Consagração de Centúria, que o capacita a participar de todos os rituais da doutrina<sup>229</sup> e, finalmente, a Consagração de Sétimo Raio,

---

<sup>227</sup> Explica a ordem que são entidades espirituais responsáveis por acompanhar a vivência doutrinária dos médiuns. São elas, em número de sete, assim denominadas: Jurema, Janaína, Iracema, Jandaia, Janara, Juremá e Iramar. Cf. Mário Sassi. *No Limiar do III Milênio*. 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, 1974, p. 25.

<sup>228</sup> Mário Sassi. *No Limiar do III Milênio*. 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, 1974, p. 25-6.

<sup>229</sup> Excetuando-se o trabalho de Trono Milenar, que exige dele ser consagrado um 7º Raio, último estágio do desenvolvimento doutrinário. Trata-se o Trono Milenar de um setor ritualístico em se que se realiza a *manifestação* de entes sobre-humanos que, à luz da compreensão doutrinária, corresponderam, em suas encarnações, a personalidades históricas de relevo, líderes, no mais das vezes, religiosos e políticos, que se destacaram por concentrar o poder de mobilizar as massas e não se admitiram conversas ao ideário cristão.

momento em que o mestre se encontra, do ponto de vista dos estágios doutrinários previstos, pronto.

Com vistas a facilitar o entendimento, sistematizamos a hierarquia do Vale do Amanhecer, desde o primeiro até o grau máximo: médium em desenvolvimento, emplacado, iniciado, mestre, centurião, sétimo-raio, arcano e trino. Quando viva, Tia Neiva situava-se no ápice da pirâmide hierárquica, portando a classificação de Primeira-Mestra Sol Jaguar<sup>230</sup>, possivelmente até o ano de 1978, quando são nomeados os Arcanos e, mais tarde, os Trinos do Amanhecer.

Conforme já mencionamos, atualmente, a autoridade doutrinária e seu correlato poder decisório concentram-se nas mãos do Conselho de Trinos, formado pelos seguintes mestres: 1º Mestre Jaguar, Trino Arakém, Nestor Sabatovicz; 1º Mestre Sol, Trino Sumanã, Michel Hanna e o Jaguar Mestre Sol, 1º Doutrinador do Amanhecer, Trino Ajarã, Gilberto Zelaya, primogênito de Tia Neiva. Sob denominação de 1º Mestre Sol Trino Tumuchy, Mario Sassi, que veio a falecer em 1995, era visto como o segundo na ordem hierárquica da Doutrina, abaixo apenas da própria *Clarividente*.

De menor graduação, leia-se igualmente autoridade junto à doutrina, há ainda três subcategorias de trinos: os Trinos Herdeiros, que formam o Conselho Consultivo, os Trinos Administração e os Trinos Regentes. Abaixo dos Trinos, acham-se os mestres denominados Arcanos, também conhecidos por *Adjuntos*, muitos dos quais responsáveis pela condução de grupos de médiuns que a eles se vinculam, e que, na linguagem do Amanhecer, formam o seu *Povo* ou o seu *Continente*. Daí serem chamados *Adjuntos de Povo*. À semelhança dos Trinos, há também subcategorias de Adjuntos, a saber: Rama 2000, Adjunto Koatay 108, Adjunto Regente, 7º Raio Autorizado Taumantes.

Como se pode ver, a ordem hierárquica, ao apresentar divisões, subdivisões e algumas excepcionalidades, dá mostras claras de sua complexidade. Ainda sobre a hierarquia, outra consideração a ser feita diz respeito ao discurso *conscientizador* e, por que não, *disciplinador*, empregado pela Ordem com o objetivo de conter os mestres diante

---

Ao doutrinador do Amanhecer, no ritual em questão, compete a responsabilidade de promover o esclarecimento e o encaminhamento espiritual desses entes sobre-humanos.

<sup>230</sup> Cf. José Vicente César. *Atualização – Revista de Divulgação Teológica para o Cristão de Hoje*. n<sup>os</sup> 97/98, Janeiro/Febrero. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1978.

do fascínio natural exercido por uma possível e, por vezes, cobiçada projeção doutrinário-hierárquica. Para tanto, observe a questão hierárquica na palavra do mestre José Carlos:

*O posto hierárquico não é prêmio ou atestado de capacitação maior, mas, sim, uma posição de maior responsabilidade por suas **heranças transcendentais** e pela missão que lhe foi confiada, em relação aos demais componentes da Corrente.*<sup>231</sup>

Vemos que a própria definição da hierarquia do sistema religioso em tela se dá em função da observância de um tempo sagrado imaginariamente concebido por Tia Neiva, a quem se deveu a identificação das *vidas passadas* de seus seguidores, em especial de suas lideranças<sup>232</sup>. Vidas essas em que se encontram as *heranças transcendentais* de cada um dos religiosos, conferindo a eles, individualmente, o que na ordem comumente se denomina *bagagem espiritual*. Essa última percebida pelo *jaguar* como fator não só condicionante, mas determinante na condução de suas ações nos planos individual e coletivo. Essa uma das questões atinentes ao nosso esforço e que, pretendemos, será melhor analisada quando da consecução do capítulo subsequente.

## 2.2 Aspectos do representacional simbólico do Amanhecer

Talvez não haja dúvidas de que o Vale do Amanhecer represente o fenômeno religioso de maior sincretismo do país. O antropólogo José Jorge de Carvalho vai corroborar essa idéia ao observar que no Vale tem-se “o culto tido como o mais sincrético de toda a experiência religiosa brasileira”<sup>233</sup>. Associando elementos simbólicos e referências históricas das mais diversas culturas civilizacionais – grega, egípcia, hindu, romana, pré-colombianas, entre outros, o Vale vai ao encontro do conceito straussiano de

---

<sup>231</sup> José Carlos do Nascimento Silva. ed. Out/99. *Observações Tumarã*. Brasília: s.n. 1999. p. 211 (grifos nossos).

<sup>232</sup> Na falta de Tia Neiva, a definição das classificações hierárquicas compete a um grupo de mestres, todos homens, denominados *Devas*, os quais foram por ela mesma apontados e designados para exercer essa tarefa frente ao grupo. Convém salientar que tudo passa pela aprovação do *Conselho de Trinos*.

<sup>233</sup> José Jorge de Carvalho. “Idéias e Imagens no Mundo Clássico e Tradição Afro-Brasileira”. In: *Revista Humanidades*. Vol. 10. nº 01. Brasília: Ed. UnB, 1994, p. 97.

*bricolage*, o qual, sintetizado pela filósofa Marilena Chauí, corresponde à produção de um objeto a partir de fragmentos de outros objetos<sup>234</sup>.

Ou seja, a partir da apropriação e da ressignificação de elementos simbólicos originários de outras culturas, estrutura-se um novo arranjo religioso, um sistema de crenças singular. Merecem destaque ainda, para o alargar da apreensão do simbólico no Vale, as três matrizes étnicas brasileiras fartamente representadas no complexo religioso do Amanhecer: a negra, a indígena e a branca.

O *Povo Brasileiro*<sup>235</sup>, tão caro ao professor Darcy Ribeiro, representado em suas etnias no Vale do Amanhecer, torna-se instrumento capaz de originar um fenômeno religioso nativo, mas que, hoje, rompe fronteiras. As entidades espirituais, manifestações do sagrado responsáveis por intervir diretamente na realidade daqueles que a elas recorrem, assumem representações, todas elas iconograficamente resolvidas<sup>236</sup>, que vão desde o preto-velho, afro-brasileiro, escravizado, humilde, sábio e conselheiro, passando pelo caboclo, indígena, de fala restrita e austera, até as entidades espirituais ditas de alta hierarquia, os *Grandes Iniciados*, a exemplo das princesas e dos ministros espirituais, europeizadas, brancas, de cenho altivo, de raras manifestações e de discurso apurado.<sup>237</sup>

Outra questão que nos importa assinalar, conforme registramos anteriormente, é a de que doutrina não se resume ao templo situado no Vale do Amanhecer, na cidade de Planaltina, satélite do Distrito Federal. Atualmente, segundo dados colhidos junto à própria Ordem, os Templos do Amanhecer contabilizam um número de aproximadamente 620 unidades, dentre as quais dez instaladas no exterior e em funcionamento regular: Bolívia, Santa Cruz de La Sierra; Estados Unidos, Smyrna e Marietta, na Geórgia; Uruguai, Rio Branco; Alemanha, Frankfurt; República da Guiana,

---

<sup>234</sup> Cf. Marilena Chauí. *Convite à Filosofia*. 12ª ed. São Paulo: Ática, 2000, p.161.

<sup>235</sup> Título da obra de maior relevo – segundo seu próprio criador – do antropólogo e educador Darcy Ribeiro, onde o autor apresenta um quadro histórico-antropológico que contempla a formação do povo brasileiro e uma proposta para o entendimento de um sentido de Brasil. Cf. Darcy Ribeiro. *O Povo Brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>236</sup> Importa considerar que Tia Neiva designou e autorizou apenas um artista para retratar psicopictograficamente as entidades do Vale do Amanhecer. Na doutrina, esse médium é conhecido por Vilela e, até hoje, executa seu trabalho de reproduzir as imagens dos espíritos associados ao Vale do Amanhecer.

<sup>237</sup> Para um maior detalhamento acerca da representação pictórica das entidades do Vale do Amanhecer sugere-se o seguinte trabalho: Roberta da Rocha Salgueiro. *De Pretos-Velhos e Princesas: Imaginário Afro-Brasileiro no Vale do Amanhecer*. Dissertação de graduação. Departamento de Antropologia. UnB. Brasília: UnB, 2000.

Georgetown; Japão, Haibara-Ken; Trinidad Tobago, Porto of Spain, Portugal, Matosinhos e Vila do Conde.<sup>238</sup>

Independentemente da sentida expansão do movimento, salta à vista do pesquisador a fortuna de símbolos que tem lugar no espaço sagrado do Amanhecer. O simbólico no Vale, em razão de seu agudo sincretismo, ganha contornos estéticos impactantes. Cores, formas e construções denunciam o valor atribuído à imagem nesse sistema religioso. Um estudo de seus símbolos pode conduzir com relativa segurança à compreensão da Doutrina e de seus propósitos e, por acréscimo, denunciar aspectos importantes da identidade do grupo.

Roger Chartier lembra que a realidade social é constituída por esquemas de representações que, forjados de acordo com os interesses dos grupos sociais, são responsáveis pela *criação* de imagens graças às quais a realidade ganha sentidos que a instruem, tornando-se inteligível. Portanto, para esse historiador, as relações sociais são intermediadas por representações<sup>239</sup>. Dentro dessa perspectiva, que valoriza as representações enquanto vetores de um imaginário em que, no caso específico do Vale do Amanhecer, tem no simbólico um conjunto de significações destacado, exploraremos alguns desses símbolos que operam com vistas à identificação do grupo.

Estamos convencidos de que os símbolos prioritariamente estão a comunicar significados histórico-culturais os mais diversos. A cruz cristã, o sinete de Salomão (estrela de Davi), o sol e a lua, o triângulo, a elipse, o jaguar, a rosa, a seta, as inumeráveis lanças, enfim, há na espacialidade do Amanhecer uma miríade de representações simbólicas, que, se considerada a potência do discurso imagético, pode, seguramente, proporcionar ao pesquisador vozes sonoras para que venha a interpretar não só a contundência da sacralidade no Amanhecer, mas fazer vir à tona uma rede de significados que alimentam o imaginário dessa comunidade religiosa.

---

<sup>238</sup> A listagem completa dos templos do Amanhecer com seus endereços correspondentes se encontra disponível no site oficial da Doutrina do Amanhecer. Eis o link: < <http://www.valedoamanhecer.com>>. Acesso em 13 de agosto de 2008.

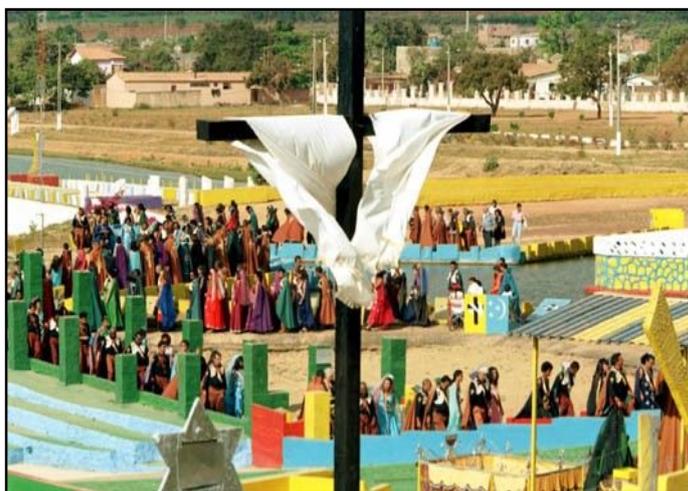
<sup>239</sup> Cf. Roger Chartier. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1990. “Introdução”.

A título de exemplificação, com base na percepção de Gonçalves<sup>240</sup>, podemos destacar, num primeiro olhar, a entrada do templo (ver figura ao lado). Há, em três níveis consecutivos, à medida que se aproxima o indivíduo do *templum*, representações simbólicas alusivas às



Visão panorâmica da entrada do Templo

tradições religioso-culturais que fomentam o imaginário do Amanhecer. Num primeiro plano, vê-se o Signo de Salomão (Estrela de Davi), relacionado à tradição veterotestamentária. Em seguida, percebe-se, sem dificuldades, a imponente imagem, confeccionada em chapa de ferro e cuidadosamente pintada, de Jesus Cristo convidando aquele que a contempla para que ingresse no templo. Por fim, o formato que assume arquitetura templária reproduz uma elipse, que, segundo a doutrina, representa o símbolo maior da Nova Era.



O simbolismo da cruz Cristã presente na cenografia do Amanhecer

segundo seus membros, de modelo civilizacional para o Terceiro Milênio.

Outro exemplo instigante relaciona-se ao processo de apropriação e reelaboração da cruz cristã (ver figura acima). Trata-se da mesma em que se acha representado o Cristo crucificado, característico do imaginário católico. Porém, no Vale do Amanhecer, não se vê a representação do Nazareno martirizado na cruz. Nela, divisamos

Depreende-se dessa descrição a sugestão – Gonçalves nos fala em intencionalidade – dada pela ordenação dos símbolos de que o Vale do Amanhecer representa o estágio mais avançado se consideradas as três tradições simbolicamente representadas: a judaica, a cristã e, agora, a do Vale do Amanhecer, que serviria,

<sup>240</sup> Cf. Djalma Barbosa Gonçalves. *Vale do Amanhecer, Análise Antropológica...* Op. cit., p. 60.

uma faixa de pano branco, simbolizando o sudário, a mortalha de Cristo. Essa prática encontra respostas nas palavras de um dos instrutores espirituais que, afirma a Doutrina, acompanhava Tia Neiva em suas andanças pelos planos espirituais. Seu nome: Amanto. Veja o que ele anuncia a respeito da passagem de Jesus sobre a Terra:

*(...) Vocês na Terra amam de preferência Jesus açoitado, sofrido, humilhado! Na verdade, esse Jesus é apenas o reflexo do masoquismo inconsciente de vocês, das suas dores inaceitas e das suas frustrações. O verdadeiro Cristo Jesus é todo suavidade, bem diferente daquele dos seus crucifixos e suas esculturas cheias de vermelho sangüíneos. (...) O exemplo de Jesus não fascinou a humanidade, mas sua dor alimenta por muito tempo seu sadismo.*<sup>241</sup>

Do que precede, temos: Tia Neiva é quem dá a voz e o referendo a essa leitura interpretativa que, segundo ela, o ente sobre-humano teria lhe desvelado e instruído. A crença em sua autoridade sagrada acaba por fazer circular essa representação em meios aos *jaguares*. A imagem de Jesus, se considerada a iconografia que a referencia no Vale do Amanhecer, prescinde inteiramente do ícone cruciforme.

### **2.3 As matrizes do movimento religioso**

Importa-nos agora apresentar ao leitor as três personagens a quem designamos matrizes em razão da centralidade que apresentam no conjunto de referências responsável por dar forma à Doutrina do Amanhecer. François Houtart, sociólogo da religião belga, adverte-nos da importância de se reconhecer o papel dos líderes na preservação, eventuais ajustes, transformações e, sobretudo, na minimização dos conflitos advenientes das tensões socioculturais que têm lugar nas comunidades religiosas.<sup>242</sup>

Reconhecemos a pertinência das preocupações de Houtart, embora nosso intento presente esteja antes vinculado à proposta de revelar nossos protagonistas, a quem

---

<sup>241</sup> Mário Sassi. Op. cit., p. 121.

<sup>242</sup> François Houtart. *Sociologia da religião*. Ática: São Paulo, 1994, p. 104-107.

ousamos defini-los como os *atores instituidores* do Amanhecer ou as *matrizes do movimento religioso*. Evidenciar minimamente suas performances na formulação do conjunto de valores, que resultam numa postura ética particular à Doutrina, na definição e implantação dos rituais, viabilizando uma prática religiosa assente em alicerces litúrgicos, no estabelecimento da fisionomia organizacional, definidora e legitimadora das posições hierárquicas afetas à comunidade. Enfim, pretendemos dar a conhecer os que fundamentaram e alavancaram, em larga medida, a materialização da fisionomia cultural do Vale do Amanhecer, reservando um olhar mais detido à Tia Neiva, por reconhecermos ser ela a matriz geradora e reguladora do movimento.

### 2.3.1 Pai Seta Branca, a hierofania maior

Angelo Brelich, historiador das religiões, atesta ser a crença em seres sobre-humanos um dos fenômenos caracterizadores da Religião<sup>243</sup>. Portanto, a nosso ver, justificase a inserção da representação de Pai Seta Branca (ver figura à direita) no quadro de articuladores do sistema religioso do Vale do Amanhecer. A essa realidade invisível, corporificada pela crença férrea de seus *filhos*, nos dedicamos. Antecipemos: não nos restam dúvidas de que é ele a *personagem espiritual* de maior expressão dentro do imaginário religioso do Amanhecer.



Pai Seta Branca (Simiromba)

<sup>243</sup> Cf. Angelo Brelich. "Prolegómenos a una Historia de las Religiones". In: Henri Charles Puech. *Historia de las Religiones*. Vol. 1. México: Editora Siglo XXI, 1977. p. 43-53.

Para evidenciar nossa proposição, Pai Seta Branca, no Vale também conhecido por Simiromba, nome que, reza a Doutrina, o identifica como Orixá, passa a estar presente de forma contumaz e cotidiana na vida de Tia Neiva já a contar de 1957, ano em que a médium inicia sua trajetória religiosa.

Alguns elementos apontam para a presença marcante dessa hierofania no surgimento e na expansão do movimento. Por exemplo, a denominação inicial do grupo, que timidamente se constituía no último quartel da década de 50 – momento histórico do movimento a ser verticalizado no capítulo subsequente - levava o nome do seu *mentor* mais destacado: União Espiritualista Seta Branca. De mais a mais, conforme registro documental transcrito integralmente a seguir, é possível detectar que o convite para a constituição da comunidade nascia de uma convocação pronunciada pelo *próprio* Seta Branca, *manifesto* na médium Neiva Chaves Zelaya:

*No dia 12 de Abril de 1959, em Brasília, Núcleo Bandeirante, capital da República do Brasil, Seta Branca, nosso mentor e guia espiritual, nos convida a formar um grupo de trabalho de caridade cristã. Este grupo, segundo orientação, terá uma grande responsabilidade diante de Deus. E está designado para produzir fenômenos, que servirão para abrir os olhos dos que não querem ver ou ouvir a palavra do Pai. Tomando nossas mãos com amor e carinho de pai amoroso, Seta Branca, depois de dar todas as explicações das responsabilidades que iríamos assumir diante da Espiritualidade Maior, convida-nos a meditar sobre os compromissos que se prestariam naquele momento. Declarando-nos que ficaria registrado nos livros divinos. Todos, sem hesitação, colocando a mão direita sobre a de nosso Mentor, que se comunicava no aparelho mediúnicamente de nossa dileta Irmã Neiva Chaves Zelaya, fizemos o juramento. Dizendo-nos, o nosso amado chefe, palavras de alta espiritualidade e imenso amor. Naquele momento estava constituído o grupo União Espiritualista Seta Branca. Nome este ditado pela Yara<sup>244</sup>.*

---

<sup>244</sup> Yara ou Mãe Yara, como é comumente conhecida no Vale do Amanhecer, é, para a comunidade, uma entidade espiritual altamente evoluída, além do que, juntamente com Pai Seta Branca, de quem é alma gêmea, figura como uma das entidades espirituais responsáveis pela Doutrina do Amanhecer, especialmente por zelar pelos doutrinadores. No capítulo seguinte, apresentaremos a versão original do documento em questão.

<sup>245</sup> Neiva Chaves Zelaya. *Tia Neiva: Autobiografia Missionária...* Op. cit., p. 31-32 (grifos nossos).

Cabe ainda destacar que Pai Seta Branca representa para a Doutrina do Amanhecer um *espírito de luz*, expressão bastante comum nos meios espiritualistas, e que no entendimento de Mário Sassi diz respeito a:

*(...) uma individualidade, algo único e ímpar, criado por Deus, o qual um dia na Eternidade iniciou uma trajetória, tornou-se “impuro” e, fazendo um retorno elíptico, “voltou” para Deus. No caminho mais próximo de Deus ele é um iluminado pela luz divina, se torna “de luz”. Numa outra tentativa de explicação, tomando por base o conceito de energia, o espírito de luz seria aquele que se alimenta das energias “do céu”, em contraposição do espírito em trânsito na Terra, que se alimenta das energias da natureza terrestre. Assim, Seta Branca é um espírito de Luz e, nessa condição, é um grande missionário que há milênios exerce uma missão específica: socorrer a Humanidade em seus momentos de transição.*<sup>246</sup>

Os mitos de origem do Vale do Amanhecer, que narram a passagem, em momentos distintos, de grupos civilizacionais pela Terra, denominados Equitumans, Tumuchys e Jaguares, todos eles, segundo a compreensão local, representativos de encarnações dos *adeptos* que atualmente se concentram no Vale do Amanhecer, e que serão o objeto de tratamento mais detido por ocasião do terceiro capítulo, registram invariavelmente a participação do *espírito de luz* representado por Pai Seta Branca. Mas, de imediato, importa-nos relacionar duas das *encarnações* desse *espírito* capazes de fornecer elementos para proceder a uma leitura do imaginário dos adeptos do Amanhecer. São elas, como salienta a Doutrina, as *roupagens encarnatórias* do Assis e a do Cacique.

Mais uma vez é o próprio Mário Sassi quem narra, *orientado* e validado por Neiva, que era também aquela quem recebia as *histórias* do principal *mentor* do grupo, as duas *encarnações* de Pai Seta Branca. A primeira delas refere-se a Francisco de Assis, canonizado pela Igreja Católica:

*Na Úmbria, na pequena cidade de Assis, na Península Itálica, viveu o Apóstolo do Amor que se chamou Francisco de Assis. O espírito que habitava a personalidade do “poverelo” era de um veterano deste Planeta: ele já havia comandado a Estrela Candente [episódio descrito no item 3.2.2 do capítulo III]; ele já tinha sido o Grande Tumuchy, ele*

---

<sup>246</sup> Mário Sassi. *Mensagens de Pai Seta Branca*. Bálamo Álvares do Brasil Lucena (ed.). 4ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, 1991, p. 7.

*fora também o Grande Jaguar: agora ele era Francisco de Assis. Mais tarde, no século XVI, ele seria Pai Seta Branca*<sup>247</sup>.

A segunda diz respeito à *roupagem encarnatória* na qual esse ser sobre-humano assumiria o nome de Pai Seta Branca. É o próprio Mário Sassi quem relata essa passagem, inclusive, com maior detalhamento:

*A região dos Andes ainda dormitava nos resíduos de civilizações anteriores quando lá chegaram os primeiros Europeus. Na linha que mais tarde formaria a fronteira **Brasil-Bolívia**, no Noroeste das **Terras de Santa Cruz**, havia uma tribo de andinos miscigenados com povos das planícies de Este. Seu chefe era alto, bronzeado, feições ativas e tinha o olhar penetrante dos espíritos veteranos deste Planeta. Os conquistadores Espanhóis avançavam em direção ao Pacífico e dizimavam os restos pouco aguerridos da antiga Civilização Incaica. Particularmente certa tribo existente na trajetória dos conquistadores sentia-se ameaçada de destruição. Um mensageiro chegou pedindo socorro ao Chefe dos guerreiros da fronteira. Atendendo ao apelo seguiu ao encontro dos Espanhóis comandando oitocentos guerreiros. Ele pouco falava e nos seus olhos se refletia a luz da **experiência de muitos milênios**. Seu espírito trazia a herança dos imortais Equitumans, a ciência dos Tumuchys e a bravura dos Jaguares. **Seu coração**, porém, era **impregnado** pela doçura do **Amor Crístico e da Sabedoria de Jesus**. Todos o amavam e um guerreiro mais afeiçoado preparou uma ponta de presa de javali e com ela armou a lança do Chefe. A alvura dessa ponta de sua lança passou a caracterizá-lo e ele se tornou lendário como “Cacique da Lança Branca”, nome esse que chegou até nós pelo Plano Espiritual como “Seta Branca”. No Templo do Amanhecer ele preside, soberano, com o nome de “Pai Seta Branca”. No descampado de **um vale** andino as duas facções se defrontaram. De um lado os guerreiros de Seta Branca e de outro os Espanhóis. O clima era de tensão e morte. Seta Branca subiu uma pequena elevação e falou. As encostas do vale ressoavam suas palavras e todos o ouviam naquele imenso campo de batalha. Enquanto falava, numa língua que os espanhóis não entendiam, ele levantava sua lança de ponta alva e, segurando-a com as duas mãos, em forma de oferenda iniciática, fez com que todos os olhos se erguessem para **o Céu**. Na medida em que discursava, foi descendo sobre aquele campo de iminente batalha, um clima de **paz** e tranqüilidade. Os corações, tensos para a luta, foram retomando suas batidas regulares. Uma emoção suave foi enchendo os peitos arfantes dos guerreiros de ambos os lados. Aos poucos a maioria foi se ajoelhando e até mesmo um cavalo dobrou suas pernas fazendo com que seu perplexo cavaleiro largasse suas armas. Por fim Seta Branca*

---

<sup>247</sup> Idem, ibidem, p. 10.

*terminou sua invocação e, trazendo sua lança para junto de seu corpo, baixou a cabeça e quedou-se em profundo silêncio. A coluna espanhola, como que sob um comando invisível, começou a se mover em direção oposta e desapareceu entre as montanhas do Oeste. A tribo incaica estava salva. Os guerreiros de Seta Branca voltaram intactos para suas mulheres. Javalis foram abatidos e as danças duraram muito tempo. A força espiritual de Seta Branca salvara aqueles guerreiros, mostrando a **supremacia da força do amor** sobre a força bruta!<sup>248</sup>*

Nas histórias sagradas acima apresentadas, percebemos como os elementos simbólicos presentes no discurso se somam de maneira a moldar a representação de Pai Seta Branca. Trata-se de uma hierofania demarcada pelo amor, pela paz e pela sabedoria acumulada através das experiências de uma longa jornada existencial, viabilizada pela crença reencarnacionista, destacada do imaginário do Vale do Amanhecer.

É cristã essa hierofania, pois, numa passagem, Seta Branca é o próprio *apóstolo do amor* e noutra fixa sua tribo em *Terras de Santa Cruz*, sem contar que se espelha na sabedoria de Jesus. O que nos faz reconhecer, uma vez mais, a construção das identidades pautada por uma dinâmica relacional, dada à incorporação e rephraseamento de ingredientes simbólicos já assentes em contextos sócio-culturais preexistentes. Por fim, o segundo episódio, em que Pai Seta Branca promove a pacificação de um conflito visto como certo, passa-se em um *vale*, clara alusão ao Vale do Amanhecer e ao seu propósito de, por meio da disseminação de uma mensagem de amor, alheia à confrontação, implantar um paradigma inovador para a humanidade do III milênio.

A projeção de Pai Seta Branca na Doutrina do Amanhecer pode ser sentida ainda se nos voltarmos para a análise e compreensão de algumas das práticas ritualísticas empreendidas pelo grupo. Mensalmente, realiza-se no interior do Templo a *Benção de Pai Seta Branca*, momento em que os médiuns recebem das mãos do mentor da Doutrina, manifestado em ninfas especialmente preparadas, as chamadas *palhinhas*, que desempenham, crêem os do grupo, função protetora enquanto acompanham o religioso em seu percurso cotidiano.

Na concentração por ocasião da *Mensagem de Final de Ano* – evento que se dá a contar de 1971 e se mantém até hoje, Pai Seta Branca, infalivelmente, manifesto em uma *ninfa lua* (*aparelho de incorporação*), destina a seus seguidores mensagem aberta em

---

<sup>248</sup> Idem, ibidem, p.10-11 (grifos nossos).

que oportuniza um balanço do ano morredouro e, especialmente, prenuncia os desafios daquele que se descortina. Efetiva-se, assim, uma das maiores concentrações de médiuns no interior do Templo. Autêntica festividade religiosa associada ao calendário cristão de comemoração do Ano Novo.

O que nos impele a considerar de modo curto as noções de *tempo sagrado* e a de *repetição anual da cosmogonia* refletidas por Mircea Eliade. Uma vez que por intermédio do ritual da *Mensagem de Final de Ano* vêm-se reafirmadas as alianças envolvendo os homens e o divino, a consolidação das solidariedades essenciais entre os da comunidade, o reforço das tradições, em que a palavra de ordem é privilégio do sagrado, representado pelo ente de maior proeminência no contexto doutrinário em análise: aquele que é Pai, Seta Branca. O que nos diz Eliade:

*A festa religiosa é a reatualização de (...) uma “história sagrada”, cujos atores são os deuses ou os seres semidivinos. (...) Os participantes vivem no tempo primordial santificado pela presença e atividade dos deuses. (...) A experiência religiosa da festa, quer dizer, a participação no sagrado, permite aos homens viver periodicamente na presença dos deuses.*<sup>249</sup>

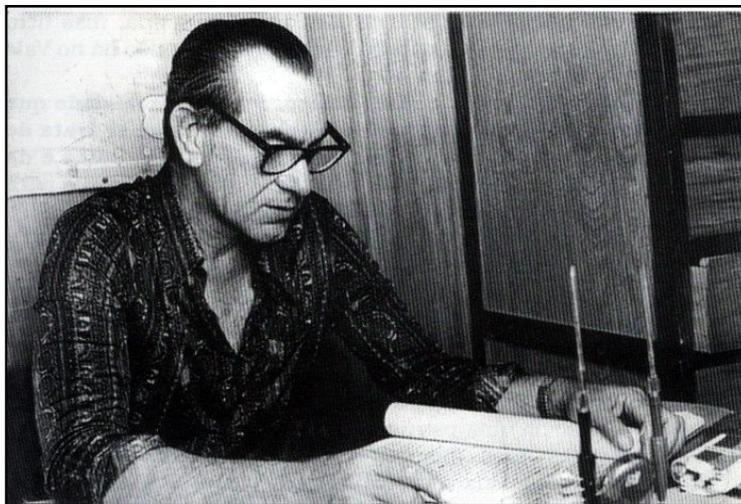
O historiador das religiões romeno está a nos advertir do imperativo que apresenta para os religiosos recrudescer sua conexão com a dimensão sobre-humana. Para os da comunidade do Amanhecer, essa relação se consuma reiteradas vezes e a intervenção destacada de Pai Seta Branca, que se viu apresentado por força das revelações provenientes de Tia Neiva, reafirma-se de forma continuada, especialmente em ocasiões que se revelam solenes e concentradoras. Pai Seta Branca, essa vigorosa representação selada por intervenção da *Clarividente*, recrudescer a comunhão com o sagrado: pauta prioritária na ordenação das vidas desses religiosos.

---

<sup>249</sup> Mircea Eliade. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 93.

### 2.3.2 Mário Sassi: o decodificador

Neiva não caminhou sozinha. Viu-se assistida por seus familiares e adeptos. Todavia, no tocante à edificação de sua obra, um homem respondeu em grande medida pela inflamação e pela concretude de seu sonho: Mário Sassi (ver figura ao



lado). *Seu Mário*, como era conhecido entre os médiuns, convenceu-se personagem de importância fundamental para o desenvolvimento da Doutrina do Amanhecer.

Seus dados biográficos por nós encontrados concentram-se no trabalho do padre e teólogo José Vicente César, que, em meados dos anos 1970, desenvolveu um estudo acerca da comunidade do Vale do Amanhecer<sup>250</sup>. É do clérigo a narração que aqui se reproduz como meio de obter informações de relevo para a compreensão desse que despontou como personagem essencial do conjunto humano da Doutrina do Amanhecer. Parecem-nos realmente assinaláveis as informações registradas por Vicente César uma vez que são prestadas pelo próprio Sassi:

*Mário Sassi nasceu a 29 de novembro de 1921, à Rua do Oriente, 96, no bairro do Brás em São Paulo, num ambiente social de negociantes judeus. De família pobre e simples, pais desajustados, vivendo em “cortiço”, como eram conhecidas as “favelas” de então, passou por muitas necessidades, sofrendo imenso por não ter oportunidade de desenvolver seus cabedais intelectuais. Num grupo escolar da Mooca conseguiu apenas alcançar o terceiro ano por volta de 1930/31. Fez o curso de madureza em 1945, na Escola Dr. Sousa Diniz, da Praça da Sé, seguiu um diploma de ginásio em Jacarezinho, Norte do Paraná. Depois, na Vila Mariana, cidade de São Paulo, cursou o científico. A 8 de dezembro de 1946, com 25 anos de idade, (...) desposou Mário a*

<sup>250</sup> Por ocasião do capítulo seguinte, reintegraremos os estudos do padre José Vicente César de modo a refletir acerca do itinerário biográfico de Tia Neiva.

*socióloga Moema Quadros von Nazingen que lhe deu cinco filhos, e da qual se separou em 1968. Estudou Filosofia e Ciências Sociais na Universidade de São Paulo. (...) De maneira aleatória frequentou cursos de Psicologia, Relações Públicas, Jornalismo e, até, Anatomia. (...) Foi líder da JOC [Juventude Operária Católica] (...). Ávido de palmilhar caminhos não batidos, transferiu-se para Brasília em 1962 (...). Sob as graças do etnólogo e porta-voz do Governo Goulart, Darcy Ribeiro, tornou-se assessor de Relações Públicas da novel Universidade de Brasília, matriculando-se ali na qualidade de aluno de Ciências Sociais. Com a Revolução de 1964 passou a ser visado pelo novo regime implantado no Brasil. (...) Nessas circunstâncias adversas, (...) entrou casualmente em contato com dona Neiva Chaves Zelaya (...)*<sup>251</sup>

Mário, pelo que se depreende do texto em análise e pelo que relatam os veteranos do Amanhecer, parecia deter formação inacabada em várias áreas. Jamais se devotou a um ramo do conhecimento específico em que pudesse explorar suas aptidões intelectuais. Parece ter revertido sua capacidade em favor do ideal de Tia Neiva. E mais, acreditamos que, sem ele e a sua intensa participação na constituição do Vale, a *missão* de Tia Neiva traduzida na edificação do Vale do Amanhecer não teria se estabelecido a mesma.

Dela foi companheiro e diligente intérprete. Para que se pese a estima que Neiva a ele dedicava, na *Emissão*<sup>252</sup> do *Mestre Mário*<sup>253</sup>, *o intelectual* referia-se a Neiva como sendo dele a sua *escrava e companheira*. De fato, oficialmente não se casaram, mas, segundo ela, relatam os mestres veteranos, a união entre os dois havia sido *consagrada* nos *planos espirituais*.

Tia Neiva, em parte de seus escritos, que, editados por Mário Sassi, também à época guardião do acervo da Doutrina, resultaram na publicação de sua autobiografia, registra o que para ela significava seu companheiro:

*(...) um dia chegou a minha porta um viajante com sua **bagagem missionária espiritual**; a bagagem do viajante não me confundia. Trazia, como Jaguar, uma bagagem de desilusões (...) Chegando, foi penetrando na doutrina e tomando lugar ao lado do doutrinador e até hoje, juntos na missão, em um só coração em um só pensamento, vivemos o doutrinador.*

<sup>251</sup> José Vicente César. Op. cit., p.379.

<sup>252</sup> Trata-se de uma de fala ritualística em que o médium descreve sua *identidade espiritual*.

<sup>253</sup> Habitualmente, na fala coloquial dos religiosos, Sassi era tratado como *Mestre Mário*.

*Somos almas afins, nos amamos muito e hoje, 1985, temos 20 anos juntos e abraçamos nossa vida conjugal com muito amor. Juntos, temos o nosso amor incondicional, dentro da doutrina, a minha realização, por ter ao meu lado o Mestre Jaguar Tumuchy Mário Sassi.*<sup>254</sup>

Não se pode descartar o quanto Mário afetivamente representava para a *Clarividente*. Depoimentos de familiares dão conta de que Tia Neiva, em algumas ocasiões, mostrava-se enciumada de *seu mestre*. É possível deduzir, ainda, que ela própria via em Sassi o modelo do doutrinador que intencionava ver nascer e germinar:

*O Doutrinador é um poderoso foco de Luz (...) Ele esclarece e justifica as chamadas Ciências Ocultas, explicando racionalmente suas deduções, os porquês das vidas astral e física. (...) Ser um Doutrinador é ser um profundo conhecedor, até ser um cientista. Sim, cientista é ter conhecimento das coisas, dos fatos e dos fenômenos em si mesmo, em sua natureza e em suas origens. (...) O Doutrinador se utiliza de seus conhecimentos fundamentais, cuja linguagem é sempre clara. É ciência da Luz e do fenômeno simples, dirigindo somente o seu raciocínio, sem esquecer a independência de seu caráter. A sinceridade e suas convicções provam o fato de ser um Doutrinador. Para nunca se enganar, persuasivo autor; sempre de olhos abertos, sempre no alerta dos fatos, dos fenômenos da vida; sempre o sentido no fenômeno e na vida fora da matéria (...) Expressivo e atento, é o Doutrinador confiante. Assim é o Doutrinador!*<sup>255</sup>

Mário, ao se referir a Tia Neiva, posicionava-se reverente, como quem está diante do próprio sagrado. Vejamos o que diz ele mesmo:

*A Clarividente Neiva é uma pessoa única e original. Ela é mãe, é irmã, o consolo e a segurança de todos nós do Vale, sejamos Médiuns ou Clientes. (...) E o que há de mais importante nela é que ela é o próprio Vale do Amanhecer! Tudo que aqui existe veio por seu intermédio. Ela*

---

<sup>254</sup> Neiva Chaves Zelaya. *Minha Vida, Meus Amores*. Brasília: Vale do Amanhecer, 1985. p 151-152 (grifos nossos).

<sup>255</sup> Neiva Chaves Zelaya. *O que é o doutrinador*. Carta escrita em 24 de Junho de 1978. Esse documento, distribuído ao corpo mediúnico, faz parte do acervo original de cartas de Tia Neiva, atualmente sob a responsabilidade da primeira Missionária Muruaicy Carmen Lúcia Chaves Zelaya, filha de Tia Neiva. Importa considerar ainda que praticamente a totalidade do acervo encontra-se reproduzida e, fragmentariamente, de posse dos médiuns do Vale (grifos nossos).

*trouxe a Doutrina, a técnica, o ritual e a presença dos Planos Superiores, colocando tudo isso ao nosso alcance.*<sup>256</sup>

Há uma passagem – dádiva das fontes escritas aos historiadores – que permite uma leitura dos laços que uniam as três personagens mais expressivas da Doutrina do Amanhecer em análise. É aquela que descreve o momento em que Pai Seta Branca, o supremo dirigente espiritual da *falange do Amanhecer*, manifestado em Tia Neiva, procede à iniciação de Mário Sassi. Fala a entidade a Sassi:

*Você é um missionário de Deus e, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, terá que anunciar as premissas da civilização do Terceiro Milênio, recebidas por intermédio desta médium Clarividente. Você dará testemunho do Espírito da Verdade, cuja missão é marcar a transição milenar. Os três anos que teve de aprendizado e disciplina seriam poucos se não fosse a grande bagagem de que é portador, pelas vidas que já teve neste planeta. (...) A Clarividente, que coloco à sua disposição, tem seus olhos entregues a Nosso Senhor Jesus Cristo. Também você confiou a Ele sua paz e tranqüilidade, cujo penhor é a ausência de qualquer deslize moral. Tudo será feito por amor de um Deus todo poderoso e estarei aqui sempre que você precisar de alguma afirmação.*<sup>257</sup>

As aulas do Mestre Tumuchy, como entre os *jaguares* era chamado respeitosamente Mário Sassi, muitas delas gravadas em fitas magnéticas, ainda hoje disponíveis, revelam um homem compensado, de discurso vigoroso e claro, resolutivo nas suas convicções, contundente e persuasivo nas suas argumentações, enfim, um intelectual orgânico e, de acordo com o depoimento de *médiuns* da Doutrina que o conheceram, singular.

Mário procurou, ao que nos parece, com proficiência e devoção, proporcionar sustentáculo intelectual e aura científica à Doutrina que se constituía. Representava para ele a decodificação das orientações sagradas *recebidas* por Tia Neiva um sacerdócio. A declaração de José Vicente César pode melhor sintetizar o zelo de Mário Sassi para com a obra da *Clarividente*:

---

<sup>256</sup> Mário Sassi. *Instruções Práticas para os Médiuns*. Fascículo 1. Brasília: Editora Vale do Amanhecer, 1977. p. 25 (“A Clarividente Neiva é Mãe”: grifos nossos. “Vale do Amanhecer”: grifos originais).

<sup>257</sup> Mário Sassi. *2000 – A Conjunção de Dois Planos*. 2ª Ed. Brasília: Vale do Amanhecer, s/d. p. 23-24.

*Conjuntura ímpar, facultada pelo Vale do Amanhecer ao pesquisador, é dispor de um informante intelectualmente preparado, pessoa equilibrada e aberta a profícuas discussões em todos os campos de “seu reino espiritualista”, sempre pronto e lesto, paciente em esclarecer, sem se alterar, nos pontos de inumeráveis dúvidas com que se defronta alguém interessado em penetrar os escrutínios daquela organização. Apesar das incessantes mudanças, levantadas com frequência pela Clarividente sobre planos e realizações da Ordem Espiritualista Cristã, o secretário-geral vai conseguindo coordenar todo um sistema ideológico extremamente complexo sem resvalar em aparentes e desagradáveis contradições.*<sup>258</sup>

O trecho acima transparece a importância maior da figura de Mário para a decodificação dos incontáveis aspectos doutrinários que, somados, compunham o universo caleidoscópico do Vale. Partindo de um sacerdote católico, antropólogo, que desenvolve sua pesquisa de campo no Vale do Amanhecer e escreve seu artigo na segunda metade da década de setenta, as palavras denunciam um Sassi convicto, devotado à missão de traduzir o que Neiva *captava* da Espiritualidade.

Outra inferência verossímil diz respeito ao destaque reservado a Mário Sassi na condução do movimento. Quando Vicente César diz *seu reino espiritualista*, quer evidenciar a postura de Sassi diante de seus domínios. Intérprete e porta-voz da doutrina, desfrutava da deferência e do reconhecimento do grupo como o grande mentor intelectual do movimento.

Ao estudar os efeitos simbólicos da linguagem, Pierre Bourdieu atenta para o fato de que o discurso em si mesmo nada significa em termos de poder simbólico. Esse poder é definido por dados que estão fora dele e dizem respeito, entre outras coisas, ao *lugar* ocupado pelo sujeito da fala, o *porta-voz autorizado*, que é assim definido pelo autor:

*O porta-voz autorizado consegue agir com palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo*

---

<sup>258</sup> José Vicente César. *Atualização Revista de Divulgação Teológica para o Cristão de Hoje*. n<sup>os</sup> 95/96, Novembro/Dezembro. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1977.

*grupo que lhe conferiu o mandato do qual ele é, por assim dizer, o procurador.*<sup>259</sup>

No caso de Mário Sassi, seu *lugar* de fala permitia-lhe proferir *verdades* legitimadas pelo jogo simbólico do discurso que atribuem um poder que é apenas “o poder delegado do porta-voz cujas palavras (...) constituem no máximo um testemunho, um testemunho entre outros da garantia de delegação de que ele está investido.”<sup>260</sup> A delegação atribuída a Mário é conferida por Tia Neiva. Mas é pertinente considerar que esse discurso autorizado, no caso das três personagens em análise, formava uma cadeia. Pai Seta Branca autoriza o discurso de Tia Neiva que, por sua vez, autoriza o discurso de Mário Sassi.

### 2.3.3 Tia Neiva: a líder religiosa

Nos dois próximos capítulos, que dão seguimento e termo a este empreendimento cognitivo, concluiremos a apresentação das lideranças do movimento religioso do Vale do Amanhecer por aquela a quem reconhecemos se apresentar como o núcleo a partir do qual se originou, sistematizou-se e se afirmou o movimento doutrinário em foco: sua líder religiosa, Tia Neiva.

Convence-se a *Clarividente* não somente a fundadora e a vivificadora do Vale do Amanhecer, mas, a nosso ver, consolidou-se como a personagem nuclear, que, por idealização ou endosso,



Neiva Chaves Zelaya, Tia Neiva

---

<sup>259</sup> Pierre Bourdieu. *A Economia das Trocas Lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 89 (grifos nossos).

<sup>260</sup> Idem, *ibidem*, p. 87.

lançou os alicerces e concebeu a arquitetura do sistema ritualístico e representacional que nos interpelou no presente capítulo.

Para tanto, proporcionaremos ao leitor referências que nos viabilizem uma leitura particular de sua biografia, com acento para o que nomeamos de sua *trajetória hierofânica*. Convidamos o leitor, portanto, para que nos faça companhia nessa que se afirmará uma reflexão ocupada de, com maior detalhamento, lançar luzes sobre aquela que, reiteramos, desempenhou ação prevalente no gesto de consumir e dar longevidade ao movimento religioso da Doutrina do Amanhecer.

### CAPÍTULO III

#### TIA NEIVA: TRAÇOS DE UM ITINERÁRIO EXISTENCIAL

*Sim, a mulher que queria simplesmente criar seus filhos e dirigir seu caminhão, buscando naturalmente a segurança dos valores deste mundo, agora recebia os impactos do descortinar de uma realidade transcendental... Os mistérios da vida, da morte... Sabia então que a vida física não é começo nem fim, e sim, meio!*<sup>261</sup>

(Bálsamo de Lucena)

O fragmento discursivo em destaque, que leva a assinatura de um dos que se converteram entusiastas e disseminadores da mensagem da *Clarividente Neiva*, situa-nos em relação aos dois momentos, cronologicamente seqüenciados, que convencionalmente ilustram seu itinerário biográfico: o primeiro deles se ajusta à idade em que se ocupava das exigências impostas por uma existência que se poderia *inapropriadamente* denominar *protocolar*, representativa de um cotidiano informado por eventos e comportamentos, em regra, socialmente presumíveis e assimiláveis; em seguida, processa-se o *descortinar de uma realidade transcendental*, inaugura-se a idade em que sua face mística ganha contornos pronunciados e, na esteira desse processo, define-se o caráter e o tempo insólitos de sua existência.

A esses dois vivenciamentos, temporalmente demarcados, estaremos orientando nossa atenção. Ressalva providente, sem a qual não ousaríamos prosseguir: a imagem de temporalidades dissociadas, que nos falam de uma existência dualizada, sob os signos disjuntos do sagrado e do profano, não nos parece defensável. Claro está: não nos posicionamos insensíveis frente às singularidades e aos estranhamentos sociais que suscitam a vida mística. No entanto, se analisada a trajetória de Neiva Chaves Zelaya, Tia

---

<sup>261</sup> Bálsamo Álvares Brasil de Lucena. “Prefácio”. In: Neiva Chaves Zelaya (Tia Neiva). *Autobiografia Missionária*. Bálsamo Alves Brasil de Lucena (ed.). Brasília: Vale do Amanhecer, 1992, p 11.

Neiva, parece-nos resultar evidenciado o inelutável pareamento de valores espirituais e temporais com o qual se viu a braços, coexistência esta que as linhas do presente capítulo intencionarão dar a conhecer.

### 3.1 Tia Neiva: contornos de uma biografia

#### 3.1.1 Dos primeiros anos: a edificação de um sentido de soberania

Das origens. Aos 30 de outubro de 1925 vem ao mundo Neiva Seixas Chaves. Sua certidão de nascimento dá ciência de que a criança nascera em Propriá<sup>262</sup>, município cravado no sertão sergipano e conhecido como a fina flor do Baixo São Francisco. Primogênita de Antônio Medeiros Chaves e Maria de Lourdes Seixas Chaves<sup>263</sup>, a menina de olhar intenso e de curiosidade indômita, desde cedo, é educada num ambiente familiar de posses médias, conservador e, sublinhe-se, em que a religião católica resultava predominante.



A menina Neiva aos 7 anos de idade

Essa relação de proximidade e de identificação confessa com a mais tradicional das orientações cristãs que se afirmou no Brasil converte-se em um registro

---

<sup>262</sup> A localidade exata em que nasceu Neiva Seixas Chaves nos exige uma ressalva: afirmam alguns de seus familiares que, na verdade, Tia Neiva teria nascido no município de Ilhéus, litoral baiano. Não era incomum, à época, filhos serem registrados em municípios outros que não os que efetivamente os vira nascer. Contam os familiares, ainda, que, em virtude dos reiterados aborrecimentos que tivera com a inexactidão de sua certidão de nascimento, a ela não lhe agradava lidar com o assunto.

<sup>263</sup> Seus pais, *Vô Chaves* e *Vó Sinharinha*, como ficaram conhecidos no Amanhecer, na última etapa de suas vidas, passaram a residir no Vale com Tia Neiva, fato que, relatam seus familiares, realizou-a enormemente, dado que o pai desaprovou ao longo de muito tempo sua conduta e escolhas religiosas. Três eram seus irmãos: Nivaldo, Zereco e Linda, a caçula, que a acompanhou proximamente em sua vida religiosa.

capaz de apontar respostas para o comportamento de estima e de profundo respeito de Tia Neiva reservado ao catolicismo, mesmo depois de se lançar à jornada religiosa por ela consolidada. Fazia questão, inclusive, de reafirmar, em tom vigoroso, mesmo entre os do Vale do Amanhecer, a sua origem *católica apostólica romana*<sup>264</sup>. Indício assinalável de que a sentida formação religiosa em que se viu enredada a conectou fortemente, desde cedo, ao universo do sagrado.

Filha de topógrafo, acompanhava o pai em seu trânsito pelas cidades em que este atuava profissionalmente, o que a ambientará aos caminhos e lhe inspirará a inclinação para o nomadismo. Há relatos, provenientes de seus filhos, de que Neiva, quando criança, teria experimentado visões, por meio das quais preanunciava episódios que, não raro, confirmavam-se. No entanto, seu pai, indignado com as *fabulações* da pequena Neiva, respondia-lhe com repreensões morais e corporais.

Ainda adolescente, muda-se com a família e passa a residir em uma fazenda de propriedade de seu pai em Jaraguá, município localizado na região norte de Goiás, contíguo à cidade de Ceres. Registro oportuno: sua permanência na região de Ceres e Jaraguá, conforme veremos, assumirá importância basilar para o encaminhar de seu destino.



Casa em Jaraguá, onde Neiva viveu com seus pais e conheceu Raul Alonso Zelaya.

---

<sup>264</sup> Bálamo Álvares Brasil de Lucena. “Prefácio”. In: Neiva Chaves Zelaya (Tia Neiva). *Autobiografia...Op. cit.*, p. 09.

Primeiro dos episódios que se anunciaram determinantes na montagem de suas idealizações e realizações futuras: na cidade de Ceres, em 31 de outubro de 1943, aos 18 anos, casa-se com Raul Zelaya Alonso. De ascendência argentina, nascido no Rio de Janeiro, Raul Zelaya convencia-se um dos que, nos anos 1940, decidira-se por se instalar na região centro-oestina do Brasil com o propósito de atender à demanda de mão-de-obra originada das políticas de integração econômica e de interiorização e desenvolvimento do país encaminhadas pela administração getulista. Fenômeno expansionista, integracionista e exploratório esse que ficou conhecido como a *Marcha para o Oeste*<sup>265</sup>.



Neiva e seus filhos, ano de 1948

Da relação matrimonial com Raul Alonso Zelaya (1916-1949), resultaram quatro filhos: Gilberto Chaves Zelaya, Carmem Lúcia Chaves Zelaya, Raul Oscar Zelaya Chaves e Vera Lúcia Chaves Zelaya.<sup>266</sup> Em Jaraguá é apresentada por seu marido ao agrônomo Bernardo Sayão Carvalho Araújo (1901-1959), que, na oportunidade, designado pelo Governo Federal, administrava a Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG), entidade governamental que, na esteira da *Marcha para o Oeste*, objetivava estimular a ocupação, o povoamento e a interligação de regiões interioranas ainda inexploradas. Raul Zelaya Alonso, pronunciavam-se com parcimônia as fontes, definia-se como homem de confiança de Sayão ao secretariá-lo na administração da CANG.

Mais tarde, em 1956, Bernardo Sayão será indicado como um dos diretores da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP). Relatam os familiares de Tia Neiva: do agrônomo e amigo teria se originado o convite para que Neiva Chaves Zelaya se integrasse ao sonho de lançar os alicerces da capital no Cerrado, ao qual, como veremos à frente, responderia afirmativamente.

<sup>265</sup> Com respeito à *Marcha para o Oeste*, sugerimos: Eliane Garcindo Dayrell. *Colônia Agrícola Nacional de Goiás; Análise de uma Política de Colonização na Expansão para o Oeste*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1974. Dissertação de Mestrado. Mestrado em História Social; Lyz Elizabeth Amorim Melo Duarte. *A Marcha para Oeste e a Criação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás*. Sociedade e Cultura, Goiânia (GO), v. 2, n. 1/2, p. 37-83, 1999.

<sup>266</sup> Todos os seus filhos, ainda vivos, atuam e desempenham papéis de relevo na Doutrina. As gerações subsequentes, formadas por netos e bisnetos, em sua maioria, também integram o movimento. Neiva, segundo as fontes, devotava a seus filhos legítimos amor ímpar, sem jamais negligenciá-los, mesmo considerado o assédio continuado proporcionado por seus seguidores, ávidos de sua palavra e companhia.

No entanto, antes de se somar aos que dariam concretude à nova capital, a jovem Neiva seria surpreendida na seqüência de sua trajetória por uma série de acontecimentos que se qualificariam intensos e adversos e a eles direcionaria respostas lestras e decididas. Em julho de 1949, aos 24 anos, perde, precocemente, seu companheiro.

Uma vez viúva, tendo cursado somente até o terceiro ano do Primário, com quatro filhos sob sua guarda, não se deixa vacilar: prontamente, ao reunir os escassos recursos financeiros de que dispunha, inaugura uma pequena casa de produtos fotográficos, o *Foto Neiva* (ver imagem à direita).



Foto Neiva (Ceres – GO), dezembro de 1949

Além da venda de artigos e de fotografias, a jovem Neiva se via diante da necessidade constante de manipular produtos químicos fotográficos, uma vez que ela mesma procedia à revelação das imagens no laboratório de seu estabelecimento, o que, relatam as fontes, teria a conduzido a um quadro de complicações respiratórias. Diante da apreensão para com o diagnóstico de sua saúde e da clara orientação médica, que lhe recomendava fortemente se isolar dos resíduos químicos com os quais seu ofício lhe impunha interagir, decidiu por encerrar as atividades do *Foto Neiva*.



Neiva e o seu primeiro caminhão

Na seqüência, procedeu à troca de sua casa comercial por uma chácara localizada a relativa distância do município de Ceres. Na impossibilidade financeira de contratar pessoal que pudesse lhe auxiliar, passou a lidar com as exigências de ela própria providenciar o cultivo, a colheita e o carregamento dos gêneros alimentícios que produzia. O esgotamento físico não tardou a vencê-la e paradoxalmente a convencê-la de que forçoso

seria perseverar. Em troca das terras, via-se proprietária de seu primeiro caminhão (ver imagem acima).

Dessa determinação e independência edificadas a partir dos entraves e dos desafios sucessivos com os quais se defrontava e do exemplo de *trabalhador andarilho* tomado de seu pai derivaram andanças e escolhas por ela desempenhadas capazes de impressionar aos que intentam ajuizar a história de uma jovem mulher de posses exíguas, viuvez prematura, pouca escolaridade, privada de formação profissional específica e mãe de dois casais de filhos que irrecorrível e incessantemente permaneciam a lhe exigir cuidados, o sustento e parcela considerável do seu vigor, da sua juventude.

Mesmo assim, não estava a caminhar só. Isso porque, ainda em Ceres, adentra a sua vida uma personagem que se revelaria basilar em suas jornadas pessoal, profissional e espiritual, aquela a quem adotou ainda pré-adolescente, aos 12 anos, e a registrou em cartório com seu sobrenome: Gertrudes Chaves Zelaya. Mais velha de que os quatro filhos de Neiva, a menina Gertrudes, incontáveis vezes, responsabilizou-se por cuidar das crianças quando da ausência da mãe, que se empenhava em obter a provisão. A afilhada passaria a acompanhar sua madrinha e os filhos desta nas viagens e nas paragens que experimentariam, em família, pelos quadrantes do país.

Esse um marco de sua biografia que nos impõe uma digressão interessada em lhe reconhecer seu temperamento gregário. Estabelecer alianças e larguear seu círculo de afetos se anunciou e se afirmou uma estratégia vencedora em sua experiência religiosa e pessoal. A essa determinação de multiplicar as conexões, de consumir os vínculos, deve-se a afirmação do espírito comunal a partir do qual, no futuro, idealizaria e instauraria uma coletividade singular, espaço em que granjearia aliados, entusiastas e adeptos de suas *verdades*. A nosso ver, a *anexação da alteridade* se converteria em seu mais acentuado mérito existencial.



Tia Neiva em frente à Casa Grande

Voltemos àquela a quem os filhos de Tia Neiva reconheceram-na como sendo a sua *segunda mãe*<sup>267</sup>. Tia Gertrudes, *Dinha*, *Tia Istude* ou *Tistude*, designações com as quais ficou conhecida entre os do Vale do Amanhecer, nutria sentida gratidão e deferência por aquela a quem chamava invariavelmente de *madrinha*, com quem passou a conviver e a compartilhar urgências e anseios desde os seus doze anos.

Sua fidelidade se afirmou igualmente junto à obra de Tia Neiva, isto porque, ao longo de muitos anos, esteve a trabalhar incansável e ativamente no orfanato mantido pela doutrina e, mesmo após a morte de sua tutora, permaneceu no Vale do Amanhecer a zelar pela preservação da *Casa Grande*, assim nomeada a residência oficial da *Clarividente*<sup>268</sup> e que, atualmente, dá lugar ao memorial da fundadora da Doutrina do Amanhecer.

<sup>267</sup> Vejamos como homenagearam os filhos de Tia Neiva aquela a quem respeitosa e afetivamente nomearam ser a sua *segunda mãe*: “Gertrudes Chaves Zelaya era nossa **segunda mãe**, afilhada da mamãe, veio morar conosco ainda moça, quando Raul e Vera ainda nem eram nascidos. Braço direito da nossa mãezinha, era nossa companheira, a nossa segurança, fazia tudo parecer mais alegre em meios a nossas dificuldades. (...) Em nossas viagens, era sempre a primeira a cuidar de nossas coisas, brigando, às vezes, com mamãe para que parássemos um pouco que fosse em algum lugar. Podemos afirmar, com segurança, que foi graças à Gertrudes que mamãe teve êxito em sua missão, porque cuidando de nós, da Casa Grande e do Orfanato, ela permitia que mamãe se concentrasse naquilo que a Espiritualidade lhe transmitia.” Carmem Lúcia Chaves Zelaya, Raul Oscar Zelaya Chaves e Vera Lúcia Chaves Zelaya. *Nossa segunda mãe*. Coluna “Voz da experiência” Jornal do Jaguar, Vale do Amanhecer, nº 4, ano II, 2006, p. 03, mar/abr 2006.

<sup>268</sup> Vítima de acidente automobilístico, Gertrudes Chaves Zelaya veio a falecer a 1º de fevereiro de 2006, duas décadas depois da morte de Tia Neiva. Em entrevista a nós cedida, em 2003, ficava evidenciada a sua emoção enquanto narrava os episódios que se inscreviam no período anterior à vida religiosa daquela a quem reverentemente nomeava de *madrinha*. Quando a questionamos sobre o que representaria Tia Neiva em sua vida, sua resposta se revelou a uma só tempo lacônica e loquaz: “Tudo!”. Por fim, interessa-nos o registro: Gertrudes, além de se ocupar dos cuidados para com a Casa Grande, por Tia Neiva foi designada como aquela que deveria elaborar a *garrafada*: entre os médiuns, famoso preparado, cuja fórmula permanecia e permanece em segredo, ministrado aos jaguares e a outros que se encontrassem em um quadro de dependência alcoólica. A *garrafada*, advertia Gertrudes, para que gerasse os seus efeitos terapêuticos, deveria ser acompanhada de tratamento espiritual. Cf. Gertrudes Chaves Zelaya. *Gertrudes Chaves Zelaya: depoimento* [dez. 2003]. Entrevista: Marcelo Rodrigues dos Reis. Vale do Amanhecer, 2003. Gravação digital (105 min.): estéreo. Entrevista concedida por ocasião das pesquisas concernentes à dissertação de mestrado que se segue: Marcelo Rodrigues dos Reis. *Discurso e Temporalidades: A Construção Memória e da identidade no Vale do Amanhecer (1957-2004)*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2004.

Retornemos aos marcos de sua trajetória junto aos seus. Os destinos e as detenções<sup>269</sup>, estas últimas marcadas pela efemeridade, acumulavam-se. Inicialmente, transfere-se de Ceres para a cidade de Anápolis, onde se dedica profissionalmente a realizar, com seu caminhão, transportes e fretamento de cargas. As Minas Gerais a receberiam na seqüência, mais precisamente a cidade de Uberlândia, que principiava, nos anos 1950, a expansão de sua mancha urbana<sup>270</sup>. Os caminhos escolhidos a conduziram, inclusive, ao sudeste e ao sul do Brasil: primeiramente a Barretos, interior paulista; em seguida, aportaria em Terra Rica e em Paranavaí, ambos municípios do interior do Paraná.

As rotas pelas quais faria opção posteriormente a reconduziram ao centro-oeste do país, mais precisamente a Itumbiara, sul goiano. Nessa cidade, reconhecida como o portal de entrada do estado de Goiás, permaneceu por um período maior e, em 1953, descrevem as fontes doutrinárias, teria vivenciado seu primeiro fenômeno mediúnic, tendo permanecido desacordada por seis dias.

Saída de Itumbiara, retorna ao território mineiro, fixando-se no município de Centralina. Durante esse período, vê-se submetida a uma nova experiência dramática: ao aceitar a proposta de levar em viagem um grupo de passageiros ao Nordeste. No trajeto, uma tragédia: teve seu caminhão roubado, episódio que retardou em trinta dias o seu retorno para a casa. Seu drama, relatam as fontes, multiplicou-se na medida em que havia deixado seus filhos sozinhos em Centralina.

Findo o episódio que a vitimou e a deixou sem o seu essencial e valioso ferramental de trabalho, decidiu-se por se transferir para a cidade de Morrinhos, em Goiás, onde passou a trabalhar como costureira de peças sob encomenda. No mais das vezes, conforme enfatizam as fontes, os pedidos de roupas eram originários de *madames*<sup>271</sup>.

---

<sup>269</sup> Com relação à infância, à juventude e aos demais períodos que antecederam o princípio de sua vida religiosa, importa-nos registrar: as fontes se apresentam consideravelmente escassas e, portanto, não nos autorizam a uma leitura mais detalhada dos episódios históricos que integram esses momentos de sua biografia. O relato abreviado que nos apresenta as cidades em que Neiva Chaves Zelaya se instalou e exerceu o ofício de caminhoneira, assim como das poucas referências do período em destaque, devemos, mormente, aos depoimentos colhidos junto a familiares de Tia Neiva, em especial as declarações e as informações a nós confiadas por sua filha Carmem Lúcia Chaves Zelaya, que, no Amanhecer, ressaltamos, dedica-se à montagem da biografia de sua mãe. Merece também destaque a apostila organizada para servir ao corpo de recepcionistas que opera no Vale do Amanhecer, a saber: Itamir Damião. *Manual prático do recepcionista*. Vale do Amanhecer: Ordem Espiritualista Cristã, s.d. *passim*.

<sup>270</sup> Mauro das Graças Mendonça et Samuel do Carmo Lima. *Histórico da gestão ambiental no município de Uberlândia*. Caminhos da Geografia, revista *on line*, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Caminhos de Geografia 1(1)8-17, set/ 2000, p. 10.

<sup>271</sup> Itamir Damião. *Manual prático do recepcionista*. Op. cit., p. 4.

Em 1954, fixa-se então na capital do estado de Goiás. Em Goiânia, passa a atuar profissionalmente como motorista de coletivos urbanos, responsável por cumprir o itinerário do centro da cidade ao bairro de Campinas. Detalhe importante: enquanto desempenhava a função de cobrador de ônibus, seu filho Gilberto, o primogênito, passou a lhe acompanhar em sua jornada profissional.

Ainda em Goiânia, nos dias em que não operava como condutora de ônibus, sublinha sua filha Carmem Lúcia, atuou como repórter para uma revista da cidade, de nome Vera Cruz. Como resultado desse esforço, reuniu economias com as quais pôde adquirir um novo caminhão, tendo-o fichado na prefeitura de Goiânia. Mesmo assim, não deixou de atuar como motorista de ônibus coletivos<sup>272</sup>.

Em maio de 1957, anunciava-se uma mudança que se afirmaria decisiva em seus destinos: Bernardo Sayão, a quem conhecera em Ceres, agora um dos pioneiros da construção de Brasília, faz a ela o convite para que se unisse aos candangos que se arraigavam ao sonho de projetar a nova capital federal na tela da realidade. Sem hesitações, acedeu à proposta.

Deixemos com que as fontes se pronunciem acerca dos episódios por nós até o momento apresentados e discutidos. Delas, convencemo-nos, advém a fortuna ilustrativa capaz de nos remeter imaginariamente ao tempo a que Paul Ricouer nomeou de *o da memória e da reminiscência*<sup>273</sup>, considerados os seus feitos, os seus silenciamentos, os seus arroubos e as suas proezas narrativas.

Gertrudes Chaves Zelaya, sua afilhada, em entrevista concedida ao *Jornal do Jaguar*, informativo da Doutrina do Amanhecer, é quem nos proporciona os indícios de como se deu a construção do vínculo de amizade de Tia Neiva para com Bernardo Sayão e nos informa do momento em que este faz a ela o convite para que deixasse a capital de Goiás e se alinhasse aos que operavam em nome da consolidação de uma nova capital:

(...) *Meu padrinho* [Raul Zelaya Alonso, marido de Neiva] *era a segunda pessoa do Dr. Sayão (Bernardo Sayão) e a vida era boa* [em Ceres]. (...) (*Jornal do Jaguar*) *Como surgiu o convite para vir a Brasília?*

---

<sup>272</sup> Cf. Carmem Lúcia Chaves Zelaya. *Carmem Lúcia Chaves Zelaya: depoimento* [ago. 2008]. Entrevistador: Marcelo Rodrigues dos Reis. Vale do Amanhecer, 2008. Gravação digital (97 min): estéreo.

<sup>273</sup> Cf. Paul Ricouer. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. p. 25-142.

*(Gertrudes) Veio do Dr. Sayão, que era padrinho de casamento dela. A gente veio morar num barracão aqui, era um frio, Goiânia era quente... Nós mudamos para o Núcleo Bandeirante, lá tínhamos um barracão de bambu coberto de lona. Lá ficamos alguns anos, mas íamos mudando, a gente sempre foi cigano mesmo (risos).<sup>274</sup>*

Registros importantes relacionados a sua biografia ainda, importa-nos ressaltar, devem-se ao padre e antropólogo José Vicente César, que, no período compreendido entre 1976 e 1977, deu forma a um trabalho intelectual de matriz etnometodológica responsável por proporcionar elementos de valor estimável sobre a vida e a obra de Tia Neiva. Convém, ademais, considerar: no período em que o padre Vicente César desenvolve suas pesquisas, incluída a primeira metade dos anos 1970, assim entendemos, Tia Neiva e sua obra, o Vale do Amanhecer, encontram-se na fase mais fértil de sua manifestação e organização.

O movimento está a definir seus contornos mais expressivos ao redimensionar-se e assumir novos arranjos concretos e representacionais. O aparecimento e a sistematização dos rituais e a ampliação das construções concernentes ao espaço sagrado se dão em marcha frenética. Mário Sassi, a quem já aludimos no capítulo precedente, companheiro de Tia Neiva, estimado como o decodificador da Doutrina do Amanhecer, aparentava estar no auge de sua atividade intelectual e espiritual. A ressalva se justifica, ainda, porque fundamentalmente se originam de Sassi as informações prestadas, pela via dialógica, ao pesquisador eclesiástico. Portanto, para os que desejam ter acesso a traços históricos reveladores da Doutrina do Amanhecer torna-se indispensável a consulta ao trabalho desse religioso e antropólogo.

Observemos como, de modo abreviado, descreve Vicente César a trajetória da caminhoneira Neiva Chaves Zelaya por ocasião de suas andanças profissionais até o momento em que passa a viver suas primeiras manifestações mediúnicas, nascedouro de sua *missão religiosa*:

*Revólver no porta-luvas, às vezes com as crianças no grande veículo de carga, “Dona Neiva” fazia-se respeitar e admirar de todos os que a encontravam pelas poeirentas estradas do interior do Brasil, levando*

---

<sup>274</sup> Gertrudes Chaves Zelaya. *Um verdadeiro exemplo de humildade e de amor*. Entrevista concedida a Jairo Oliveira Leite Junior. *Jornal do Jaguar*, Vale do Amanhecer, nº 4, ano II, 2006, p. 03, mar/abr 2006.

*vida ilibada (...). De 1954 a 1956 fixou-se a “chauffesse” em Goiânia onde trabalhou num ônibus de lotação onde um de seus próprios filhos exercia o ofício de cobrador. Em maio de 1957 transferiu-se para Brasília, em plena febre de construções onde retomou suas atividades de motorista de caminhão, recebendo a ficha nº 2525 da NOVACAP (Companhia Urbanizadora da Nova Capital). Em fins (natal) desse mesmo ano de 1957 (...), como me assegurou a própria Tia Neiva, manifestaram-se nela os primeiros fenômenos mediúnicos<sup>275</sup>.*

Retomemos o depoimento daquela que a acompanhou desde os tempos em que veio a se casar até o término de sua trajetória religiosa, Gertrudes Chaves Zelaya. Ao assumir um tom carregado de espontaneidade, de saudosismo e de espiritualidade, Gertrudes proporciona a nós uma narrativa de síntese em que os traços de intrepidez, de impetuosidade, de soberania e de combatividade afetos à Tia Neiva, em suas memórias, granjeiam contornos pronunciados.

*(Jornal do Jaguar) Como a senhora entrou para a vida de nossa Mãe? (Gertrudes) Nós morávamos em Ceres, eu era católica e freqüentava o catecismo. Minha mãe tinha 5 filhos homens e eu era a mais nova. Ela tinha medo de morrer e que eu ficasse só, então me entregou para a Madrinha. (Jornal do Jaguar) Na época já era casada? (Gertrudes) Era, com Raul Zelaya Alonso, meu Padrinho. (Jornal do Jaguar) Como era a vida de vocês em Ceres? (Gertrudes) (...) Eu era menina, tudo pra mim era bom. Eu era a mais velha, já que só haviam o Beto [primogênito de Tia Neiva] e Lúcia [Carmem Lúcia, primeira filha de Tia Neiva], mas eles já eram danados, já jogavam pedra na gente (risos). Eu era o xodó do Padrinho e a gente passava o dia brincando no quintal. (Jornal do Jaguar) A vida piorou depois do desencarne dele [Raul Alonso Zelaya, marido de Neiva]? (Gertrudes) As coisas começaram a piorar, primeiro vieram os pais dele querendo levar os meninos mais velhos. Eles pagaram um senhor que era inquilino da Madrinha, veio uma senhora e disse a ela: “olha, D. Neiva, seus sogros estão arrumando para levar seus filhos para a Argentina”. Aí eu sei que eles se pegaram numa briga que foi parar na delegacia e ela queria matar os dois lá dentro (risos). Ela pegou este homem que queria levar os meninos e deu um tiro por entre as pernas dele e ele se mudou de lá (risos). Esse homem jurou ela de morte. Um dia, ele veio à cidade levar um homem e um rapazinho ao hospital e saiu dizendo: “hoje é o meu dia ou o da baiana [assim era conhecida Tia Neiva à época em que vivia em Ceres e, inclusive, no período da construção de Brasília]” (risos) e foi o dia dele, porque o carro dele caiu dentro de um rio e ninguém mais soube dele. Depois, nós*

<sup>275</sup> José Vicente César. *Atualização – Revista de Divulgação Teológica para o Cristão de Hoje*. nº 93/94, Setembro/Outubro. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1977, p. 379-380.

*passamos muitos sacrifícios, porque aí a Madrinha foi aprender a profissão, foi ser fotógrafa, depois motorista, vendeu as jóias que ela tinha, mas ela não sofria não. No foto, ela trabalhava na câmara escura e eu ficava no balcão atendendo. Quando ela se tornou motorista, a gente foi morar em Anápolis. Ela deixava a gente em casa e saía para trabalhar, mas a gente se divertia, brincava, jogava travesseiro, baralho, brincava de se bater...*<sup>276</sup>

Gertrudes prossegue em sua exposição e nos descreve como se deu a vida de intenso trânsito e de instabilidades experimentada ao lado dos que se afirmaram sua família, desaguando seu relato no momento em que se consuma a mudança para a *capital em construção* dos que se convencem ainda protagonistas e inspiradores de suas reminiscências:

*(Jornal do Jaguar) E como vocês foram parar no Paraná? (Gertrudes) Ela era muito assim, chegava e dizia: “arrumem as coisas que nós vamos viajar” e a gente já era acostumado. Saímos, passamos uns dias em Goiânia, fomos pra Barretos, em São Paulo, e de lá cruzamos para o Paraná, fomos morar em Terra Rica, tava começando a cidade. De lá fomos para Paranaíba, lá ficamos algum tempo. Depois fomos para uma cidade perto de Itumbiara (Centralina) e de lá para Morrinhos, lá a gente foi morar em uma pensão. Ela foi para Goiânia e nós ficamos na pensão. Lá ela foi, arrumou um barracão e foi buscar a gente. Em Goiânia, a gente ficou um bom tempo, ela trabalhava com lotação, de mascate, numa revista de lá e surgiu a idéia de vir para Brasília. Eu não queria, mas ela me tapeava, ela dizia: “nós vamos só passar as férias dos meninos”, mas essas férias...(risos).*<sup>277</sup>

Conforme observamos, as passagens acima, decorrentes do ânimo memorial levado a efeito por Gertrudes, em conjunto, distinguem-se em primeiro lugar por sua profusão, isto é, por sua significativa extensão. No entanto, resolvem-se ainda como paradigmáticas se avaliadas as representações dominantes dos que se reportam aos marcos históricos que configuram alguns dos eventos capitais responsáveis por ratificar seu princípio de soberania.

Passemos, agora, a palavra à própria Tia Neiva, que, em entrevista ao jornal *Última Hora*, publicada poucos meses antes de sua morte (novembro de 1985), fala-nos de

<sup>276</sup> Gertrudes Chaves Zelaya. *Um verdadeiro exemplo de humildade e de amor*. Entrevista concedida a Jairo Oliveira Leite Junior. *Jornal do Jaguar*, Vale do Amanhecer, nº 4, ano II, 2006, p. 03, mar/abr 2006

<sup>277</sup> Idem, *ibidem*.

aspectos de sua biografia relacionados às vivências que teve como condutora de caminhão e também dos entraves que se colocaram diante dela quando da iminência de assumir sua caminhada religiosa em razão de sua formação espiritual substancialmente católica.

*(Jornalista) Para quem nasceu de uma família religiosa, nordestina, com padres e freiras, o começo deste trabalho espiritual deve ter sido muito difícil. Não foi, Tia Neiva? (Tia Neiva) Foi sim. Eles **não gostavam de “macumbeiros” e nem de mulheres independentes**. Só pela minha ousadia de ser uma viúva que queria viver sua própria vida já haviam me expulsado de casa uma vez. (Jornalista) Quer dizer que antes de todo este trabalho espiritual, a decisão de ser caminhoneira, principalmente em se tratando de uma viúva jovem e bonita, custou muito caro para a senhora? (Tia Neiva) Custou, mas valeu a pena. Eu sabia, eu sentia que tinha proteção de Deus. Eu sempre me considerei uma boa motorista. Dirigi por várias estradas deste Brasil. Naquela época, os carros não tinham a mecânica de hoje e nem as estradas eram pavimentadas, a não ser umas poucas, nos troncos principais. Por isto, **eu era respeitada pelos meus colegas. Justamente por ser considerada boa motorista e boa companheira.**<sup>278</sup>*

Tia Neiva reconhece e dá ênfase à resistência advinda de seus pais em razão de suas decididas escolhas. Reforça sua auto-imagem aos nos afiançar a idéia de que não prescindia de sua soberania frente aos eventos que a vida e os seus pretendiam lhe impor. Esmera-se, ademais, em ressaltar sua competência profissional ao conduzir seus veículos, capacidade esta com a qual teria alavancado a credibilidade e o respeito de seus colegas.

Neiva, segundo testemunhos<sup>279</sup> dos que a acompanharam quando de seu envolvimento com a construção de Brasília, conforme registramos alhures, era conhecida por *baiana*. Afirmam seus contemporâneos que se tratava de mulher determinada, que lhes exigia o respeito. Realçam, ainda, o fato de que a jovem morena se distinguia por transportar em seu caminhão, acondicionada em *pochette* de uso particular, arma de fogo, mais especificamente uma garrucha<sup>280</sup>, com a qual, ressaltam seus familiares, imaginava-se resguardada dos eventuais riscos que sua vida nas estradas poderia lhe proporcionar.

---

<sup>278</sup> Marlene Anna Galeazzi. O Amanhecer de Tia Neiva. *Última Hora*, Brasília, 10 ago. 1985, p. 13 (grifos nossos).

<sup>279</sup> Esses testemunhos são lembrados e corroborados por seus familiares.

<sup>280</sup> Arma de fogo de cano curto, largamente utilizada no Brasil entre os anos 30 e 60, em razão de seu baixo custo.

O fato é que, à época, proprietária de dois caminhões, adquiridos no transcurso de sua permanência em Goiânia, a jovem Neiva Chaves Zelaya ficharia os veículos de sua propriedade na Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP) e se envolveria diretamente com o esforço ingente que se ocupava de dar concretude e ímpeto à capital em terras do cerrado. Afloravam, portanto, simultaneamente, a nova capital no interior do país e os princípios das experimentações místicas que fariam de Tia Neiva a mais reconhecida das médiuns de Brasília.

Quando da abertura do presente capítulo falávamos de um momento em que os vivenciamentos espirituais não se tinham radicado de modo manifesto em sua trajetória, qualificamos esse período como *inapropriadamente protocolar*, a nosso juízo, não sem razão. Da leitura de sua biografia ao tempo em que, consoante intencionamos evidenciar, dá-se a edificação de um sentido de soberania, assomam-se ritmos, princípios e práticas capazes de subverter os engenhos de uma modelagem cultural sugestionada tenazmente pelas indocilidades e coerções da trama social. Resolver-se por sua ambicionada independência, apartar-se dos pais, dar-se à alteridade em suas múltiplas apresentações, assumir-se motorista profissional, trajar calças compridas, priorizar o trânsito e as vicissitudes como ordenadores e propiciadores da sobrevivência, em nossa avaliação, constituem-se como experimentações que se resolveram *condutas subversoras*. Por tudo isso, não se deu sem motivações, assim entendemos, a instituição de seu ânimo bandeirante, o ajustamento de sua têmpera desbravadora.

### **3.1.2 Dos anos complementares: a consumação de uma *trajetória hierofânica***

Antes de tudo, compete-nos ensejar ao leitor o entendimento do que assentiríamos nomear de *trajetória hierofânica*, a saber: um curso existencial em que a encarnação do sagrado opera como marcador identitário destacado daquele que se crê e se faz acreditar anunciador, mediador e experimentador de signos transcendentais. Tia Neiva, assim reconhecemos, via-se e passou a ser interpretada, fundamentalmente em meio aos seus, como *autêntico* canal de expressão de uma dimensão que se entendia sobre-humana.

No entanto, considerada a marcha diacrônica a que nos dedicamos, essa qualificação hierática estaria ainda por se consumir. Vejamos como se expressam os episódios em que se resolvem a exteriorização e a afirmação de seu atrelamento e liderança espirituais.

Acompanhada de seus familiares, a jovem Neiva aportara no Núcleo Bandeirante, a *Cidade Livre*, primeiro sítio ocupado pelos operários que validariam a interiorização da capital. Instalada, envolvida com o transporte de candangos e de materiais necessários ao andamento das obras, Neiva digladiava com a aspereza de seu cotidiano e dava seguimento a seu curso existencial sem rupturas ou sequer instabilidades de ordem secular. No entanto, no decurso de 1957, mesmo ano em que cedeu ao chamamento de Bernardo Sayão, relatam as fontes, em especial as institucionais, passa a conviver insistentemente com fenômenos que se lhe descortinaram inapreensíveis e invulgares.

Seus filhos, testemunhas dos eventos, à semelhança de seus escritos, empenham-se em ressaltar o impacto que se lhe afigurou o *encontro* com entes que se anunciavam extra-humanos e a *interação* com mundos estranhos à dimensão terreal. Sua empedernida formação católico-cristã, a desaprovação para com as *questões do espiritismo* procedida em especial de seu pai, a intranquilidade em que mergulhou seu cotidiano e seu assentimento crescente de que estava a ensandecer concorriam para que se visse na urgência de procurar por amparo e por esclarecimentos.

Das fontes que se dedicam a fazer referência ao princípio efetivo de sua *trajetória hierofânica*, optamos por dar lugar à narrativa sensível e cuidada subscrita pela jornalista Marlene Anna Galeazzi<sup>281</sup>. As razões de nossa escolha: além da presença de ingredientes em seu discurso que denunciam claras indicações de estima pela entrevistada, parece-nos estampado o processo de domesticação da personagem Tia Neiva, próprio de uma mídia local, que, face à proximidade com a temática, não via a ela e nem tampouco a seus relatos em muito assinalados pelo extraordinário com perplexidade.

*O psiquiatra estava sentando no rústico consultório do hospital de madeira construído junto ao acampamento do IAPI [está a falar a jornalista do Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, HJKO, o primeiro de Brasília, inaugurado em 06 de julho de 1957, pertencente ao Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários]. O único que*

---

<sup>281</sup> Afirmando seus familiares que à Tia Neiva agradava enormemente ceder entrevistas a dois jornalistas em especial: Marlene Anna Galeazzi, atualmente colunista do Jornal de Brasília, e Francisco José, da TV Globo.

*existia nestas plagas onde Brasília estava nascendo, de um parto acelerado, das mãos dos operários e da poeira vermelha. O sonho de alvorada centro-oestina havia enlouquecido alguns sertanejos. Eram casos raros no meio de tanta esperança. Daí a presença de um psiquiatra. Talvez a bela morena, uma quase cigana de pele trigueira e olhos profundos, fosse mais um caso de delírio, de fácil diagnóstico. Afinal de contas no final dos anos cinquenta a mulher que assumira uma profissão pioneira em todo o Brasil: a de caminhoneira que cortava as estradas do País no seu “Internacional”, com isso já mostrava que as coisas não andavam bem pelo lado de sua cabeça e de seu coração. É realmente não andavam. Neiva Zelaya, a viúva caminhoneira, abriu o jogo para o psiquiatra: “Acho que estou com estafa, tendo alucinações, vendo espíritos e o pior é que estou ouvindo tudo”. Quando o médico que atendia Neiva a pedido de Bernardo Sayão, com quem o marido dela havia trabalhado, tentava lhe explicar que se tratava de um caso típico de pessoa que está trabalhando demais, Neiva viu alguém surgir atrás de um biombo e iniciar um diálogo com ela. O médico prestou atenção no diálogo, que girou em torno de assuntos que ele conhecia muito bem. Coisas familiares. Tratava-se de seu pai. Só que ele havia falecido há algum tempo. Foi a partir deste momento que a motorista profissional se transformou na clarividente “Tia Neiva”, já conhecida pelos quatro cantos do mundo, e o médico tomou uma decisão inesperada. Depois de ficar lívido de espanto, apanhou seus objetos, fechou o consultório, deixou Brasília e nunca mais se ouviu falar nele.<sup>282</sup>*

O episódio acima narrado traduz-se em um dos mais evocados dentre os que se ajustam às origens de sua jornada religiosa. De acordo com seus familiares, a atuação de Tia Neiva junto à NOVACAP lhe proporcionou uma situação financeira relativamente confortável, em que a estabilidade a ela temporariamente parecia assegurada. Por outro lado, instável permanecia sua vida psíquica.

Descrevem as fontes que teria procurado por orientação eclesiástica, em particular a do padre Roque Valiatti Batista, que, salesiano como D. Bosco, afirmou-se como pioneiro da Pastoral Católica em Brasília. Comparecera, ainda, a alguns terreiros à procura de respostas e do restabelecimento de sua paz. Nesse período, descreve-nos sua filha Carmem Lúcia<sup>283</sup>, ocorre-lhe de ser apresentada ao irmão de seu companheiro Getúlio, Wolnei, entusiasta do espiritismo. Wolnei de modo diligente passará a lhe direcionar respostas às incertezas e conforto a suas aflições. Ele passou a ser aquele a quem

<sup>282</sup> Marlene Anna Galeazzi. O Amanhecer de Tia Neiva. *Última Hora*, Brasília, 10 ago. 1985, p. 13.

<sup>283</sup> Cf. Carmem Lúcia Chaves Zelaya. *Carmem Lúcia Chaves Zelaya: depoimento* [ago. 2008]. Entrevistador: Marcelo Rodrigues dos Reis. Vale do Amanhecer, 2008. Gravação digital (97 min): estéreo.

se referia Tia Neiva como uma personagem importante no processo que resultou no assentimento de sua *nova e impactante realidade*.

No entanto, Wolnei não se resumiria seu único orientador. Desse que se afigura o momento primordial de sua trajetória hierofânica emerge uma outra figura expressiva a quem reputamos um papel essencial em sua formação nos domínios da religiosidade: Maria de Oliveira (ver imagem ao lado). Mãe Neném,



Mãe Neném e Tia Neiva

como passou a ser designada entre os da União Espiritualista Seta Branca, tratava-se de uma estudiosa do espiritismo kardecista e, ao conhecer e se deixar impressionar com a mediunidade de Dona Neiva, passou a lhe servir de referência e de instrutora nos domínios do espiritismo.

Do que precede, consideradas a sua forte religiosidade e a eventual orientação que estimava vir de entes sobre-humanos, viu-se diante do empreendimento de se doar à caridade. No Núcleo Bandeirante, sem um sentido de organização mais apurado, iniciou suas intervenções filantrópicas por oferecer refeições aos necessitados e, em pouco tempo, passaria a dar abrigo cumulativo a crianças abandonadas ou confiadas a ela pelos próprios pais.

Seu propósito de agir humanitariamente, a manifestação crescente do que acreditava se tratar de uma intercessão divina a lhe orientar e a lhe reservar sentidos à existência, a crença progressiva em suas visões e revelações, a orientação advinda dos que lhe serviram de instrutores no terreno do espiritismo, a soma de suas vivências pessoais que lhe ensejaram maior experiência, a vitalidade que a idade lhe consignava e o larguear de seu círculo de relacionamentos e de tutelados culminariam com a premência de se formalizar a organização de uma coletividade em torno da qual seu *compromisso* de dar vazão a um mundo que confiava estar se descortinando a ela se veria correspondido.

A partir de agora, ajuizamos oportuna a exposição cronológica de alguns dos eventos que marcam a história de Tia Neiva em aliança com o movimento que principiava: primeiro porque, malgrado haver nessa correlação muito ainda a ser desvelado, proporciona elementos essenciais para a compreensão da explosão espantosa de

sua criação; depois porque é nesse decurso que se afirma a liderança de Tia Neiva e se molda o caráter de pertença que singulariza o grupo. Por Tia Neiva são endereçadas as responsabilidades e, na linha do tempo, cristaliza-se de forma pujante a relação do Amanhecer com o sagrado.

Consoante assinalamos, a trajetória hierofânica de Neiva Chaves Zelaya justapõe-se à história do Vale do Amanhecer. Ao partir dessa evidência, constitui-se para nós como baliza temporal inicial o ano de 1957, momento em que Tia Neiva passa a viver seus primeiros fenômenos mediúnicos. Desenvolveremos a narrativa até alcançar a cena atual, marcada pela expansão da Doutrina.

1957. Neiva Chaves Zelaya contava 32 anos de idade. Criada, conforme evidenciamos, em uma família tradicionalmente católica e naturalmente desconhecadora da natureza dos fenômenos pelos quais era agora responsável, teve dificuldades em compreender e aceitar a manifestação de sua mediunidade. Instalava-se um conflito de ordem psíquica, o que evidenciam as fontes, tanto os narradores quanto os registros escritos. Seu quadro de referências epistêmicas e éticas não lhe prestava o alicerce capaz de exteriorizar sentidos para o que se lhe revelava irrefreável e incompreensível. Ela mesma, em seu caderno de originais, nos fala desse estado conflitual:

*Sim, meu filho Jaguar: os conflitos aumentavam, e eu me debatia só, só... procurava alguns espíritos, porém, eles expunham exemplos, como se Allan Kardec fosse vivo e segurasse toda a evolução no mundo dos espíritos. Somente o Chico Xavier, de longe, me dava crédito. Eu era uma louca, só e insegura pelos meus pensamentos, e o pior, que dava explicações, esclarecendo o que via.<sup>284</sup>*

A superação dos conflitos foi se construindo e, segundo Tia Neiva, o fato de receber as confirmações do que antevia a fez dar crédito a sua vidência. A cada dia mais, *confiava* estar assistida, ser esclarecida e confortada pelos *espíritos* com quem diuturnamente *se comunicava*, entre eles, *Pai João de Enoque, Mãe Yara, Mãe Tildes* e, preponderantemente, *Pai Seta Branca*. A esses entes sobre-humanos, poderíamos nos referir, em síntese, como sendo seus *espíritos tutelares*.

---

<sup>284</sup> Neiva Chaves Zelaya. *Tia Neiva: Autobiografia...* Op. cit., p. 53.

A solidificação de sua relação com o sagrado, agora, sobretudo exteriorizada pelo *intercâmbio* que estabelecera esses seres sobre-humanos, consoante o entendimento corrente da Doutrina do Amanhecer, conduziu-a à admissão de suas *faculdades mediúnicas*. No plano psíquico, Tia Neiva aparentava estabelecer mecanismos de negociação com o que se manifestava imponderável em sua vida.

Mas a admissão e o exercício do que avaliava ser sua mediunidade possibilitou e recrudescer parcerias que não apenas aquelas estabelecidas com seres sobrenaturais. Para tanto, unida a Mãe Neném, sua instrutora e incentivadora, estabeleceu, em abril de 1959, a União Espiritualista Seta Branca. Vejamos como se decretou em modesta ata a criação da entidade que nos anos vindouros ganharia novos contornos, amplos espaços e multiplicaria seus adeptos enquanto se afirmaria como um dos mais originais e repercutidos movimentos religiosos da capital federal. O documento em análise intitula-se *Histórico dos trabalhos do grupo Seta Branca*:

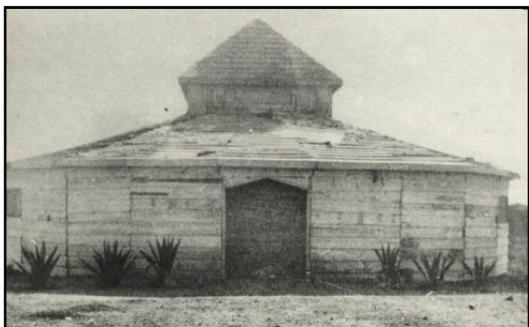
*No dia 12 de Abril de 1959 em Brasilia Nucleo Bandeirante Capital da Republica do Brasil. Seta Branca nosso mentor e guia espiritual; nos convida a formar um grupo de trabalhos, de caridade cristã. Este grupo segundo orientação; terá uma grande responsabilidade, diante de Deus. E está designado para produzir fenomenos, que serviraõ para abrir os olhos dos que nao querem ver, e ouvir a palavra do Pai. Tomando nossas mãos com amôr e carinho de pai amoroso; **Seta Branca** depois de dar tôdas as explicações das responsabilidades que iriamos assumir diante da **Espiritualidade Maior**. Convida-nos a meditar sobre os compromissos (assim) que se prestaria naquele momento. Declarando-nos que ficaria registrado nos livros Divinos. Todos sem exitação colocando a mão direita sobre a de nosso mentor, que se comunicava no aparelho mediunico de nossa dileta **irmã Neiva Chaves Zelaia**. Fisemos o juramento. Dizendo-nos o nosso amado Chefe palavras de alta espiritualidade. Naquele momento estava constituído o grupo da União Espiritualista Seta Branca. Nome este ditado pela Iara.<sup>285</sup>*

O ente sobre-humano Pai Seta Branca, a quem já nos referimos, com vagar, no segundo capítulo, por intermédio da Irmã Neiva, firma com o grupo, cujo nome é resolvido por *Mãe Yara*, a responsabilidade de vir a *produzir fenômenos* sob a aprovação

<sup>285</sup> Neiva Chaves Zelaya (Tia Neiva). *Autobiografia Missionária...*, p. 31-32 (grifos nossos). Impõe-se-nos o registro: optamos por preservar a integridade do texto original em respeito aos sentidos unidos à peça documental. Do que precede, a inexatidão da grafia nos fornece evidências que nos autorizam a reconhecer que a inabilidade técnica no trato com a língua em seu rigoroso formalismo não se convence impeditivo para que a vida nasça e se irradie ao emanar novas perspectivas e experimentações.

da *Espiritualidade Maior*. O episódio facilita-nos a compreensão: aos seus, Neiva se convencia aquela que canalizava a vontade e traduzia a *realidade* dos planos espirituais, ao veicular suas resoluções e promettimentos, mas igualmente expandia sua expressão e prestígio por ensejar, ainda que com assinaláveis restrições, abrigo e provisão. Definia-se, em síntese, como suporte dos mundos imanente e transcendente. Principiava-se, assim, a edificação de seu carisma e a conseqüente ampliação de sua ascendência sobre os que à sua margem passavam a gravitar em número crescente.

Na UESB, sociedade civil registrada em cartório a 4 de julho de 1959, constitui-se portanto um tímido grupo de religiosos, que, mesmo vivendo precariamente,



Primeiro Templo da UESB 1960/1961

dispunha-se a praticar a caridade, proceder à evangelização e prestar atendimento espiritual àqueles que o procuravam. O exercício da *Lei do Auxílio* – como nomeiam a dedicação voluntária às carências do próximo, endereçado notadamente a enfermos, servia de sustentação aos partidários de Irmã Neiva (como à época era chamada na comunidade da UESB). O sentido maior parecia se apresentar sob as vestes do semelhante. Os que eram acolhidos e auxiliados, algumas vezes, convertiam-se e contribuía com a ampliação do movimento. Já havia um templo (ver figura acima) avizinado por edificações simples, confeccionadas em madeira e palha. Tia Neiva é quem registra as dificuldades e a intenção resoluta de ajudar o semelhante:

*(...) UESB! Enquanto lutávamos para o nosso infeliz sustento e grandeza da obra, outros se reuniam até mesmo na minha casa, e ali ficavam a ofender nossa Irmã Neném (Diretora Espiritual), que também os sustentava, sem qualquer ajuda que não fosse lançada em meu rosto ou alegada por toda parte. É muito fácil oferecer alguns quilos em gêneros alimentícios. Porém, oferecer o próprio sustento dos filhos, tirando-lhes a metade do que lhes é justo, e, em amor do Cristo, oferecer a quem pensamos ser um estranho, não é fácil!... E eu o fiz! Carmem Lúcia, minha filha de 15 anos; Gertrudes, minha filha adotiva; Marly, filha de nossa querida Diretora Irmã Neném, uma linda jovem bacharela; todas*

*eu incentivava ao trabalho na cozinha para os doentes. Muitas vezes sentia medo que elas se envaidecessem com os elogios dos visitantes.*<sup>286</sup>

Ainda no ano de 1959, Tia Neiva recebe a *orientação dos espíritos* para reunir seu reduzido grupo e o transferir para novo local, precisamente uma área rural, denominada Serra do Ouro, localizada na rodovia que liga Brasília a Anápolis (BR 060), na altura do quilômetro 64. Nos mesmos moldes da comunidade que anteriormente havia se fixado no Núcleo Bandeirante, o grupo começava mais e mais a receber novos adeptos. Construções rústicas e dificuldades econômicas persistiam, ainda mais agora que sob a responsabilidade da Irmã Neiva e Mãe Neném achavam-se aproximadamente 40 crianças abandonadas. O mestre Bálsamo (1949-2007), Adjunto Trino Jaruã, a quem foi atribuída a responsabilidade pela conservação do acervo doutrinário do Amanhecer, no prefácio que assina da autobiografia missionária de Tia Neiva, descreve esse momento:

*Do princípio que ainda se escreve, quanta luta...No aspecto físico então; chegou a ter dois caminhões [conforme imagem abaixo] ...e agora, nada! Para sobreviverem na UESB, plantaram batata, amendoim; fabricaram farinha, fizeram telhas de barro. Os recursos precários, à “duras penas” conquistados, e muitos para atender, socorrer, alimentar...*<sup>287</sup>

É nessa etapa de afirmação do movimento que se dão os primeiros e mais controvertidos contatos espirituais da *Clarividente*, uma vez que agora seus interlocutores se tratavam de *seres extraterrestres*.

Para o Vale do Amanhecer, a crença em vida *física* fora do planeta Terra é incontrovertida. O próprio Mario Sassi, que, notemos, na Serra do Ouro não está presente, em uma série de entrevistas dadas aos meios de comunicação, a pesquisadores e



Tia Neiva em frente a seus dois caminhões, na avenida W3, em 1957

respondendo a curiosos, nas décadas de 1970, de 1980 e, em menor número, de 1990, fazia questão de declarar, com ampla naturalidade, que todo ser vivo que não habita a Terra é

<sup>286</sup> Neiva Chaves Zelaya. Mensagem de 03 de Novembro de 1959.

<sup>287</sup> Neiva Chaves Zelaya. *Tia Neiva: Autobiografia...* Op. cit., p. 11-12.

um *extraterrestre*. E, mais, o contato com eles era perfeitamente possível, pois os espíritos que prestam atendimento no Vale eram, na verdade, seres extraterrestres. Vejamos o que escreve o próprio Mário:

*A doutrina do Amanhecer considera o relacionamento interplanetário, entre a Terra e os outros corpos celestes, como coisa natural e própria da mecânica do Universo. (...) existem comunicações entre espíritos encarnados na Terra (que nesse caso poderiam ser chamados de “terráqueos”) e espíritos “encarnados” num conjunto planetário existente do outro lado do Sol. Por razões que ainda não foram convenientemente explicadas, dá-se a esse conjunto o nome de “Capela”, que é a maior Estrela da Constelação do Cocheiro de nossas Cartas Celestes. Pela nossa visão do problema, todos os espíritos encarnados na Terra vieram de Capela e algum dia retornarão para esse mundo. Os capelinos são físicos, embora não se possa afirmar que sejam da nossa natureza física.*<sup>288</sup>

Capela, mais do que um Planeta *habitado*, serviu de manancial de informações e de instruções que foram transmitidas à Tia Neiva e, depois, por intermédio dela, repassadas ao corpo mediúnico. Não raro, Tia Neiva, *incorporada* do Pai Seta Branca ou de outras *entidades de luz*, colocava a par seu grupo das tarefas a serem incluídas na agenda de compromissos e, prestamente, deveriam ser concretizadas, em resposta às determinações advindas da Espiritualidade. No entanto, em outras oportunidades, suas comunicações com esses seres davam-se por meio de uma técnica que se convencionou chamar entre os do Vale do Amanhecer de *transporte consciente*. A *Clarividente*, descrevem os que privaram de sua companhia, *abandonava* seu corpo e, em espírito, de forma consciente, passava a transitar por planos vibracionais diversos, pelos mundos *espirituais*. Sassi descreve o fenômeno nos seguintes termos:

*No transporte, a parte consciente do espírito sai do corpo e este permanece no plano físico, sendo apenas uma pessoa que dorme. O que sai, que (...) chamamos de “parte consciente” é chamado e classificado de várias maneiras, conforme a corrente iniciática. Na verdade, consideramos o fenômeno de difícil, senão impossível compreensão da nossa razão limitada. O mais comum é se dizer que o espírito sai do corpo. Mas o transporte é um fenômeno que nos dá uma idéia muito nítida de duas entidades separadas: a alma e o espírito. O corpo que*

<sup>288</sup> Mário Sassi. *O que é o Vale...* Op. cit., p. 46-47.

*dorme tem toda a sua vida em pleno funcionamento e está, portanto, dirigido pelo seu princípio anímico, sua “psiquê”, sua alma. A outra parte, que chamamos, talvez indevidamente, de “o espírito”, fala, pensa, comunica-se e, como no caso de transporte com fonia, fala através do corpo. (...) Na verdade, o transporte é feito por todos os seres humanos, principalmente os médiuns desenvolvidos. A diferença, porém, entre Neiva e os outros Médiuns, é que eles têm pouca ou nenhuma noção do que fazem, enquanto Neiva é completamente consciente disso.*<sup>289</sup>

A reboque da *intercomunicação* com esses *seres espirituais*, agora intensificada por força do domínio da técnica do *transporte consciente*, conforme ressalva a doutrina, Tia Neiva começou a estabelecer as bases preceituais sobre as quais edificaria sua obra, seu universo religioso incomum e enigmático, e a dar forma e sentidos à mundivisão a ser compartilhada pelos que viam nela a *porta-voz autorizada*<sup>290</sup> dos espíritos.

Ela própria, malgrado fosse o canal de comunicação direta com essas *entidades*, reconhecia ser o mundo que implantava, em alguns aspectos, incógnito. Afirmava não possuir todas as respostas e, certa feita, referindo-se ao significado da palavra *turigano*, denominação de um dos espaços ritualísticos da Doutrina, escreveu: “o que significa a palavra Turigano? Não sei dizer, nem sempre explicam tudo.”<sup>291</sup>

Dentre essas personagens que serviram de *instrutores* de Tia Neiva, especialmente durante o período que ora narramos, primeira metade da década de 60, destaca-se, segundo Mário Sassi, a figura de um monge tibetano, de nome *Humarran*. O monge, que vivia em um mosteiro de Lhasa, no Tibet, à semelhança de Neiva, também seria *Clarividente* e, enfatizam as fontes, encarnado. O mestre José Carlos descreve abreviadamente a passagem que envolve essas duas personagens:

*Quando, em 1959, na UESB, Tia Neiva fez seu juramento e se preparou para sua missão, queixou-se ao Pai Seta Branca de seu pouco preparo. Pai Seta Branca designou o velho monge tibetano Humarran para ser o mestre de Tia Neiva, e ela teria que se transportar todos os dias, durante cinco anos, para os Himalaias, a fim de realizar seu curso. Durante esse tempo, ela teria que se abster de qualquer remédio. Isso fez com que ela, ao finalizar suas aulas, estivesse debilitada, o que a levou a uma tuberculose que afetou seus pulmões para o resto de seus dias.*

<sup>289</sup> Mário Sassi. 2000 – *Conjunção...* Op. cit., p. 67-69

<sup>290</sup> Cf. Pierre Bourdieu. *A Economia das Trocas Lingüísticas...* Op. Cit., p. 89

<sup>291</sup> Neiva Chaves Zelaya. *Leis e Chaves Ritualísticas*. 3ª ed. Brasília, Vale do Amanhecer, 1994.

*Humarran vivia com outros poucos monges em um mosteiro escondido nas montanhas do Tibet, onde a dominação chinesa ainda não alcançara. Durante cinco anos Humarran preparou aquele espírito espartano, ligando-o às suas origens e dando-lhe condições de estruturar a Doutrina do Amanhecer e formar o sonho de Tia Neiva – o Doutrinador.*<sup>292</sup>

Dessa passagem, duas reflexões merecem ser oportunizadas. Primeira: Tia Neiva creditava a razão e o empenho de sua vida missionária à criação do Doutrinador<sup>293</sup>, o que se confirmaria apenas se fosse estabelecida uma conexão com suas origens espirituais. Portanto, recorrer às encarnações passadas, assim como ao tempo de suas origens espirituais, o que denominam os do Vale do Amanhecer de *o resgate das heranças transcendentais*, passou a ser para ela um imperativo ontológico. O que semelhantemente fica evidenciado se observados os discursos dos membros da doutrina. Esses consideram o recurso a suas origens espirituais e encarnações pretéritas essencial para a consumação de sua Evolução. Tia Neiva torna-se ela mesmo o exemplo de que indispensável se faz apelar aos tempos transcendentais de modo a somar sentidos à existência.

A outra reflexão que se nos coloca: atribui-se às condições exaustivas em que se davam os transportes espirituais empreendidos por Tia Neiva a causa da tuberculose por ela contraída e que desencadeou sérios problemas respiratórios (enfisema pulmonar) que a acompanharam até seu desenlace, em 15 e novembro de 1985. Vale o registro: aos 11 de maio de 1965, a gravidade de sua doença forçou-a à internação no Sanatório de Tuberculose da Imaculada Conceição, na cidade de Belo Horizonte, do qual saiu em 2 de agosto do mesmo ano.<sup>294</sup>

Em relação aos da comunidade da UESB ainda, derivam memórias de Tia Neiva que nos induzem ao reforço da imagem de privações e das numerosas estratégias improvisadas a que se viram submetidos no empenho de dar continuidade ao movimento. No livro *Sob os olhos da Clarividente*, publicação destinada a descrever *experiências espirituais* e narrar passagens históricas da líder do Amanhecer, separamos uma das passagens em que Tia Neiva, ao dialogar com Mário Sassi e sob a pena do próprio Secretário Geral da Ordem, daria seu testemunho:

---

<sup>292</sup> José Carlos do Nascimento Silva. Op. cit., 345.

<sup>293</sup> À frente, proporcionaremos mais detalhes com respeito à instituição do Doutrinador.

<sup>294</sup> Cf. José Vicente César. Op. cit., p. 382.

*Mário – começou – você não conheceu a UESB. Lá é que a pobreza se concentrava nos seus aspectos mais tristes. Meio alqueire de terra de cerrado e água escassa. Beira de estrada, a meio caminho de Anápolis, próximo à Alexânia. Quando começamos, Brasília ainda estava em obras e quase não havia assistência hospitalar. Os pobres e desajustados, que em grande quantidade vinham atraídos pela miragem de um futuro melhor, acabavam por procurar socorro lá. Nossas construções eram todas de barro e cobertas de palha. Todos os dias uma verdadeira multidão se concentrava lá. Vinham a pé, de carroça, a cavalo ou desciam dos ônibus que faziam a linha de Brasília. Traziam as moléstias mais terríveis e muitos pediam para ficar, pois não tinham para onde ir. Improvisamos um hospital à nossa maneira, e tratávamos todos os tipos de doenças. Predominavam os problemas mentais. Trabalhávamos dia e noite sem parar. Eu atendia numa pequena palhoça, bem ao meio da comunidade.*<sup>295</sup>

Tia Neiva, não obstante a precariedade da vida que levava junto aos seus e aos males físicos que a acometiam, crescentemente, subscrevia sua liderança. Um evento determinante respondeu pela consolidação da autoridade que passou a exercer no que diz respeito aos rumos do movimento: Irmã Neiva e Mãe Neném, em definitivo, separam-se. Episódio esse que se encerra relevante. No entanto, assim apuramos, vê-se abreviadamente trabalhado pelas fontes institucionais, o que nos permite avaliar ter sido, no mínimo, encaminhado por divergências e cissuras. Tia Neiva ela mesma, em seus registros manuscritos, sem descer a detalhes, relata-nos como se dá o *cisma da UESB*:

*Vivíamos na mais perfeita compreensão eu, Mãe Neném e os outros. Cinco anos de trabalho, dia e noite! Estávamos afiados nas coisas do Céu; compreendíamos os mínimos detalhes das forças benditas do Oriente Maior. Hasteamos a Bandeira Rósea do Amor de Nosso Senhor Jesus Cristo na União Espiritualista Seta Branca. Tudo nos era maravilhoso, desde que meus olhos de clarividente avistassem a Luz. Eu e Mãe Neném resolvíamos os mais tenebrosos quadros e não tínhamos tempo para pensar. Éramos duas e, apesar de sua intransigência benfeitora, eu, que era considerada desordeira, a obedecia e tudo se passava na santa Paz de Deus, sendo o mais importante seguir o regulamento de Pai Seta Branca. Porém, **deu-se o inevitável na decorrência de nossas vidas ligadas a passagens cármicas, reencarnações desastrosas, já que estávamos ali para os nossos últimos reajustes.** Após cinco anos, chegávamos ao vestibular para uma nova Iniciação! Vimos como se fôssemos um suntuoso bolo de festa o qual as*

---

<sup>295</sup> Mário Sassi. *Sob os olhos da clarividente. Do acervo missionário da clarividente Neiva.* 2ª ed. Vale do Amanhecer: Ordem Espiritualista Cristã, s.d, p. 79-80.

*peessoas mal educadas devoravam, contra o gosto do dono da casa, que nada podia fazer. E não nos foi possível passar no vestibular para a nova Iniciação. Cobradores trazidos por nossos filiados e correntes negativas se infiltraram no nosso povo, naquela terra, e nos assediaram com violência brutal. Não nos foram dadas condições para reagir e, assim, tumultuados nossas mentes e nosso corações, não sabendo mais em quem acreditar, viramos nossas armas contra nós mesmos e destruimos tudo o que era de mais belo: a União Espiritualista Seta Branca, no dia 9 de fevereiro de 1964!*<sup>296</sup>

Esse que se conforma um acontecimento basilar para os destinos do movimento religioso propugnado por Tia Neiva encontraria *razões* num tempo transcendental, em que a crença reencarnacionista torna inteligíveis as desventuras experimentadas pelos indivíduos. Esses estimam, portanto, que os sentidos de uma vida inscrita no tempo presente se situam em existências decorridas. Estreita-se conseqüentemente a vinculação com um passado instruído por um saber em que o crer se faz incontornável e resulta essencial. A nós, importa anotar, impressiona esse *saber* balizado pelo *crer* por sua imensa eficácia ao sugerir e oportunizar *razões*.

O fato é que Mãe Neném segue para Goiânia e Tia Neiva instala-se, com seu grupo e familiares, a 10 de fevereiro de 1964, na promissora satélite de Taguatinga, precisamente na QNC 11, lote 15. Em decorrência desse episódio, dá-se o fim da UESB e o princípio da OSOEC (Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã), fundada a 30 de junho de 1964<sup>297</sup>, conforme consta do Cartório do 1º Ofício de Registro Civil, Casamentos, Títulos, Documentos e Pessoas Jurídicas do Distrito Federal.

Uma vez instalada em Taguatinga, na data de 25 de maio de 1965, a OSOEC vê ser inaugurado um novo Templo. É lá que Mário, no mesmo ano de 1965, vai conhecer Tia Neiva e ingressar na Ordem. Acontecimento que se configurou decisivo na afirmação e na expansão da comunidade religiosa a que Mário Sassi encontrou e assim descreve:

*A casa da Clarividente Neiva era um simples barraco alongado que servia também como abrigo de menores abandonados. Na porta, havia uma placa desbotada com os dizeres: “Orfanato Francisco de Assis”. O Templo situava-se a três quarteirões de distância, no fim de uma rua sem*

<sup>296</sup> José Carlos do Nascimento Silva. *Observações Tumarã...* Op. cit., p. 582-3.

<sup>297</sup> Cf. Djalma Barbosa Gonçalves. *Vale do Amanhecer, Análise Antropológica...* Op. cit., p. 12.

*calçamento. Feito de madeira que já fora usada várias vezes só se distinguia como templo depois que a gente via seu interior. (...) As pessoas que viviam em torno de Neiva eram simples, sem escolaridade e avessas à escolarização. Estavam tão acostumadas aos fenômenos que nada as espantava.*<sup>298</sup>

Mas, Taguatinga ainda não seria a última parada do grupo religioso liderado por Tia Neiva e, agora, a contar com Mário Sassi, seu companheiro e *intérprete*. Na realidade, o *locus religiosus* a abrigar em definitivo a comunidade achava-se distante: precisamente nos arredores da cidade-satélite de Planaltina, em uma área em que não havia quaisquer sombras de urbanidade. *Orientados pela espiritualidade*, o grupo finalmente, no ano de 1969, finca suas raízes, suas crenças, seus sonhos e tudo mais no espaço que hoje conhecemos por Vale do Amanhecer.

De lá para cá, muitas transformações se processaram<sup>299</sup>. A Doutrina dos dias de hoje apresenta uma expansão imprevista e, aparentemente, irreprimível. Tal fato se deve, segundo relato dos médiuns do Templo-Mãe, o de Planaltina, à obstinação e ao trabalho realizado por um dos Trinos que formam o ápice da pirâmide hierárquica do Vale do Amanhecer: Gilberto Chaves Zelaya, Trino Ajarã, primogênito de Tia Neiva. Seu empenho, considerada a adesão de um número surpreendente de religiosos, fez com que a Doutrina, hoje, conforme salientamos no segundo capítulo, transpusesse fronteiras, instalando-se, considerados os seus mais de seiscentos templos, em terras alemãs, bolivianas, uruguaias, norte-americanas, japonesas e portuguesas.

Em resumo, num espaço de tempo pouco superior a 50 anos, ou seja, duas gerações, um fenômeno religioso, de caráter espiritualista, brasileiro em suas matrizes, adveniente de uma mulher de modesta instrução e excessiva determinação, complexo e imbricado, instituído a partir de elementos culturais os mais diversos, hoje, merece um olhar mais bem cuidado, um olhar não apenas antropológico, etnográfico, ou histórico-cultural, mas multidisciplinar, capaz de levantar hipóteses a serem confirmadas, senão combatidas ou refutadas, que permitam ao homem desvendar os mistérios do sonho e da

---

<sup>298</sup> Mário Sassi. 2000 – *Conjunção...* Op. cit., p. 115-117.

<sup>299</sup> Não se ocupou o presente trabalho, prioritariamente, com o relato da história do Vale do Amanhecer, a contar de 1969, uma vez que se buscou priorizar o período em que a doutrina construía sua afirmação doutrinário-religiosa e lutava por fixar-se definitivamente.

realidade interpretada, que, permeiam o imaginário do universo sócio-religioso do Vale do Amanhecer.

A simples análise de extratos da história do movimento nos faz admitir que a intensa partilha de bens simbólicos e materiais empreendida ao longo dessas últimas cinco décadas pelos *filhos* de Tia Neiva os projetou à consolidação de um projeto impensável, a criação do Vale do Amanhecer, e os mantém ativos em torno da manutenção dessas solidariedades essenciais por sua líder germinadas. Conserva-os, é perceptível no discurso que manifestam, uma determinação de retribuir o que Tia Neiva lhes ofereceu. O que é expressivo da manutenção de sua imagem em meio ao grupo. Tia Neiva, seu tempo e sua história permanecem, enquanto vivas e fecundas representações, definindo contornos, matizes, cintilações e texturas da impactante paisagem do Amanhecer.

### **3.2 Por um imaginário sagrado: visão de mundo e de mundos**

Do encontro com aspectos de sua biografia cimentamos a viva percepção de um processo de maturação que deságua na sistematização de sua cosmovisão e na materialização da doutrina do Amanhecer. Naturalmente, não nos é admissível descuidar do reconhecimento de que conteúdos expressivos que informam seu ideário derivam de uma sentida interlocução com atores outros que se afiguraram, a nosso ver, decisivos para o delineamento de sua jornada existencial. São esses com os quais Neiva Chaves Zelaya travou o que ousadamente nomearíamos de *encontros fundantes e fecundantes*: presencialmente, entre outros, pais e filhos, Gertrudes, Raul Alonso, Mário Sassi, Bernardo Sayão, o espírita Wolnei, Mãe Neném, Mestre Yokaanam, General Uchôa; imaginariamente, um elenco de seres que, se ponderadas as suas revelações, assumiram-se a ela *presenças* singulares capazes de lhe orientar e referendar suas escolhas existenciais. Enunciações e interdições postas dão vida ao ser. Em síntese: coletivamente o indivíduo se constrói e se põe a edificar.

Dessa interlocução fertilizadora responsável por conceber e legitimar a manifestação de Tia Neiva no interior de uma dada contextura sócio-cultural procede o seu

repertório representacional capaz de oferecer a ela um perfil identitário em construção a partir do qual, maleavelmente, disserta sobre os sentidos de sua experiência e dá fluxo a sua existência. Desse repertório representacional, interessa-nos, por agora, em especial os conteúdos que se filiam mais acentuadamente a sua *trajetória hierofânica* e que se singularizam por conformar aquilo que entendemos ser um *imaginário sagrado*.

Sua *trajetória hierofânica*, por exemplo, viabiliza a aparição de uma noção polissêmica do tempo. A essa compreensão, a da manifestação de um tempo plural no Amanhecer, em nossos estudos precedentes, havíamos chegado. No entanto, repisar essas questões se nos parece uma premência cognitiva incontornável, dada a sua relevância contextual e para que seja facultado o acesso a novas regiões do universo mental representativo dos *entusiastas* da palavra revelada e reveladora de Tia Neiva, os *jaguares*.

Nosso entendimento: o tempo no Vale do Amanhecer não se vê cingido a fronteiras seculares. Não o reconhecemos apenas em sua historicidade cronologicamente demarcável e identificável. Ao contrário, avaliada a crença reencarnacionista que emanou das revelações proporcionadas por Tia Neiva, interessada em dar ênfase à *realidade de temporalidades idas*, e reconhecida, ainda, a premência que assumem os ritos no cotidiano e na afirmação espiritual de seus adeptos, evidencia-se o quão importante se traduzem os mitos e os ritos para a conformação identitária e para a orientação do viver dos *jaguares*, *filhos* de Tia Neiva.

Não nos seria facultado, portanto, o entendimento de como se processam as relações dos religiosos do Amanhecer com a interioridade e o mundo que os cerceia se eventualmente negligenciássemos o acesso a essas temporalidades que se deixam animar pelas revelações hieráticas promovidas pela *Clarividente*, tempos esses a que designamos mítico e ritualístico<sup>300</sup>. Transitemos por essas temporalidades que se acomodam plenas de sagrado.

---

<sup>300</sup> Os tempos mítico e ritualístico se viram explorados por ocasião de nossa dissertação de mestrado. A reflexão que oportunizamos no corpo desta tese decorre do texto original da dissertação referida, acrescido, quando oportuno, de novos elementos.

### 3.2.1 Dos tempos contíguos: mitos e ritos a delinear a experiência

*É impróprio afirmar que os tempos são três: passado, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer: os tempos são três: o presente das coisas passadas (...), o presente das presentes (...) e o presente das futuras (...). Existem, pois, três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: **lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras.**<sup>301</sup>*

(Santo Agostinho, *Confissões*, Livro XI, p. 20)

Santo Agostinho, pensador cristão e vetor primordial dos estudos patrísticos, ao versar sobre a noção de tempo, esclarece-nos acerca da intertextualidade inerente ao que convencionamos nomear de presente, passado e futuro. A atividade psíquica, inelutavelmente, empenha-se em nos conduzir por uma percepção do tempo encampada pelas objetivações do presente. O agora é responsável por gerar os enquadramentos possíveis ao dantes e ao porvir. Falamos, enfim, da interpenetração das temporalidades, processo que, assim reconhecemos, vive a propor e a sedimentar a invenção da identidade dos entusiastas das revelações de Tia Neiva e a esta lhe estima o peso de sua autoridade.

Os *jaguares do Amanhecer*, em escalas desiguais, associam seus projetos existenciais à efetivação e à intensificação desse diálogo mental em que se vêem ajustadas as lembranças de eventos fundamentados em suas experiências individuais e a partilha de tempos originais, indicadores de uma origem coletiva, os mitos fundacionais. Dessa intercomunicação decorre a consumação de estratégias endereçadas ao propósito capital de

---

<sup>301</sup> Santo Agostinho. Coleção *Os Pensadores*. Confissões. Livro XI. Tradução de J. O. Santos et A. Pina. São Paulo: Abril, 1973, p. 20 (grifo nosso).

corresponder plenamente aos desígnios transcendentais que põem em curso o que denominam de *evolução espiritual*.

O recurso a esse tempo primordial, às suas experiências encarnatórias precedentes, que fomentam seu construto *personalidade* na passagem existencial presente, é levado adiante quando se quer ver a si mesmo o Jaguar como uma *individualidade* prioritariamente adscrita ao sagrado, este que se conforma nascente abundante das representações que conferem sentidos a sua vida. Dessa reflexão decorre a admissão de que Tia Neiva demarca os limites e em medida assinalável informa o conteúdo inscrito nessa imensa região que é a do sagrado no Amanhecer.

Defendemos serem três as temporalidades arquitetadas à luz das revelações propugnadas por Tia Neiva e que se põem a intervir nesse processo que conduz à consubstanciação da subjetividade dos *mestres* e das *ninfas* do Amanhecer. A saber, os tempos *histórico*, *mítico* e *ritualístico*. Do tempo histórico, ocupamo-nos preliminarmente ao discorrer sobre as andanças satisfeitas pelos adeptos do Amanhecer com vistas à afirmação do movimento doutrinário. Obviamente, aqueles que não se reconhecem atores dessa cronologia histórico-doutrinária que dá concretude ao Vale do Amanhecer, não se vêem imunes à percepção de que seus tempos históricos, orquestrados ao nível das subjetividades, dialogam profusamente com as temporalidades míticas e a eles recomendam, por derivação, vivenciar com entusiasmo o tempo ritualístico.

Dos tempos mítico e ritualístico nos ocuparemos com o objetivo de ressaltar o contributo que representam no exercício cotidiano de individualização e de modelagem identitária desses religiosos. Os tempos histórico e mítico conferem sentido à efetiva comunhão de propósitos que se presta a envolver esses jaguares com vistas à instruir uma noção de coletividade. A partilha de eventos historicamente dados ou não, de experiências conjuntas, de origens comuns, reforça, a reboque do exercício de memória a que se dedicam, as solidariedades essenciais que os distingue identitariamente. O tempo ritualístico serve, entendemos assim, de espaço privilegiado de partilha de feitos comuns e remissão aos tempos histórico e mítico.

Não nos interessa adensar as infindáveis contendas em torno da identidade cultural do indivíduo. Existe essa identidade ou não? Reconhecemos a multirreferencialidade que está a forjar os indivíduos sociais no quadro da pós-

modernidade, em que a morte dos centros, conforme assinalamos no capítulo inaugural do presente esforço, impõe-se efetiva<sup>302</sup>. Queremos falar de uma identidade que está, sim, em movimento contínuo, simbolicamente comprometida, e, sobretudo, compartilhada. O tempo, que faz germinar e sedimenta os símbolos afetos a um grupo, nós estamos a entendê-lo como enérgico motor da configuração dessas identidades. Norbert Elias vai afirmar:

*Para deixar claro o caráter simbólico do tempo, talvez seja útil lembramos que a forma dominante da comunicação humana é a que se efetua por meio de símbolos sociais. Todo indivíduo, ao crescer, aprende a se comunicar na língua de seu grupo, a qual se torna parte integrante de sua personalidade. Em outras palavras, no contexto da sociedade formada pelos homens, o “múltiplo” tem a particularidade de não constituir somente um “mundo externo”, estranho ao indivíduo, mas de suas manifestações virem, ao contrário, inscrever-se na própria estrutura da “individualidade”.*<sup>303</sup>

Estamos a compreender o processo de construção das identidades como multiplamente relacional: relaciona-se o *eu* com o *outro*, negando-o e/ou absorvendo-o; relaciona-se o *eu* com os espaços plurais de nossa sociedade selada pelo multiculturalismo; relaciona-se o *eu*, e esse fato nos importa em particular, com o tempo, que, consoante a reflexão de Elias, porta os símbolos historicamente engendrados e que, expressos pela linguagem - oral, escrita, imagética, não importa - insemینam os indivíduos sociais, tornando-os, ressalvadas suas especificidades - impressas pelos *espaços de liberdade*, de que nos fala também Elias, ocupados pelo indivíduo na sua relação com os dados coletivos - integrados a comunidades culturais peculiares. Sigamos com algumas reflexões propriamente respeitantes às temporalidades em que mitos se configuram e ritos se estabelecem.

---

<sup>302</sup> A respeito da morte dos centros e do descentramento dos sujeitos, ver, respectivamente: Keith Jenkins. *A História repensada*. São Paulo: Contexto, 2001; Stuart Hall. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva et Guacira Lopes Louro. 8ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

<sup>303</sup> Norbert Elias. *Sobre o tempo*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 18

### 3.2.2 A mitificação do tempo: o recurso às narrativas de origem e o reforço do espírito comunal

“O mytho é o nada que é tudo.  
O mesmo sol que abre os céus  
É um mytho brilhante e mudo -  
O corpo morto de Deus,  
Vivo e desnudo.  
  
Este, que aqui aportou,  
Foi por não ser existindo.  
Sem existir nos bastou.  
Por não ter vindo foi vindo  
E nos creou.  
  
Assim a lenda se escorre  
A entrar na realidade,  
E a fecundá-la decorre.  
Em baixo, a vida, metade  
De nada, morre.”<sup>304</sup>

(Fernando Pessoa, *Mensagem*)

Pode aparentar ressoante a incorporação de Pessoa para aludir ao mito, mas o criador de *Mensagem* é, nessa hora, ele mesmo e sua sensibilidade, vertidos em versos *verazes, o nada que é tudo*. O mito do qual Pessoa está a falar é potência criadora, ferramental com o qual se constrói a identidade do grupo que fertiliza. Os mitos vistos como motores psicossociais.

---

<sup>304</sup> Fernando Pessoa. “Mensagem”. In: *Fernando Pessoa: poemas escolhidos*. Coleção ler é aprender. São Paulo: Klick Editora/ O Estado de São Paulo, 1997, p. 143.

O tempo se exprime igualmente por sua porção mítica. Antes, dá guarida aos mitos. Estamos a tratar o mito como discurso criador, culturalmente circunscrito, capaz de oferecer ao indivíduo referências modelares, para que possa se enquadrar – por mais débeis que se apresentem os enquadramentos socioculturais – se conduzir e se afirmar identitariamente. Em resumo, os mitos nos conduzem e nos induzem a certa compreensão do mundo. No Vale do Amanhecer, a relação *mýthos-khrónos* é visivelmente ampla. É o que pretendemos minimamente desvelar.

O *nada* de que nos fala o poeta de *heterônimos ilustres* vincula-se ao falseamento imputado aos mitos, o que os tornaria diferentes e, sob a ótica moderna, frágeis, meras fabulações, quando contrastados com o *logos*, este o pensamento expressivo da racionalidade, da precisão conceitual, dos *engessados* modelos científicos.

Não nos interessa, confessadamente, deprender da análise mitográfica do Amanhecer qualquer expressão que responda à lógica e à comprovação de pretensões científicas. Menos ainda divisar o mito como mera oposição ao real, elemento estritamente ficcional. Os sonhos, as imagens, as representações, as narrativas heróicas, as lendas de origem, os mitos fundacionais: estes, sim, interessam. Inscritos na temporalidade do intangível, insemnam os religiosos, ao passo que definem ritmos e rumos existenciais.

Assim como Fernando Pessoa está a nos informar de Ulisses, herói homérico e fundador mítico de Lisboa<sup>305</sup>, Tia Neiva, por seu turno, ao conformar e anunciar as narrativas míticas do Vale, ressalta em Pai Seta Branca o heroísmo que o torna líder dos mestres e ninfas do Amanhecer. A linguagem que porta e exterioriza os mitos serve de configurador dos sujeitos, mesmo os extra-humanos. É o que acentuaremos à frente.

O fato é que estamos a descortinar um universo em que a religião se pronuncia vigorosa. A competência da religião não se resume a operar modificações exclusivamente no espaço, como quisemos evidenciar em nossas reflexões precedentes. Acreditamos que, com igual entusiasmo, o discurso religioso confere qualidades e competências causais ao tempo, na medida em que o percebe como categoria de manifestação do sagrado. Enfim: a religião sacraliza o tempo. Dividindo-o numa

---

<sup>305</sup> Cf. Rosado Fernandes. “Ulisses em Lisboa”. In: *Euphrosyne*: Revista de Filosofia Clássica. Vol. XIII. Lisboa: Nova Série, Faculdade de Letras, 1985, pp. 139-161.

perspectiva hierática, o homem religioso concebe o tempo, antes de tudo, como uma narrativa responsável por identificar a origem dos deuses, das coisas e dos seres vivos e, em especial, dele mesmo. Essa a História Sagrada<sup>306</sup>.

Eliade sobrevaloriza o tempo sagrado ao interpretá-lo como uma ruptura com o tempo profano, ou seja, com o tempo histórico, para nós, primeira das temporalidades configuradoras do Amanhecer. O historiador das religiões romeno caracteriza-o como cíclico, isto é, passível de ser recuperado, revertido. Para tanto, o homem religioso dispõe dos ritos e de seus mitos para reativar o sagrado no tempo presente<sup>307</sup>. No Vale do Amanhecer, o que se quer evidenciar é que a caracterização do tempo como canal de expressão de um passado sagrado, mítico, é marca distintiva.

Cumpramos também pontuar que não somos minimamente capazes de compreender as práticas ritualísticas, nem tampouco nos aperceber do imaginário dos que seguem a doutrina do Amanhecer, menos ainda encontrar caminhos que nos conduzam a um tênue entendimento do espírito gregário que os faz ocupar um mesmo espaço sem ter em conta a manifestação de um tempo sagrado no cotidiano do *homo religiosus* do Vale do Amanhecer.

Sem perder de vista a esfera do religioso, torna-se oportuno reproduzir as palavras de Baczkó, quando o autor se refere ao papel do imaginário na consecução da identidade de uma dada coletividade:

*(...) através dos seus imaginários sociais uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si. Estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns (...)*<sup>308</sup>

Nessa hora, percebe-se a importância do que nomeiam de *heranças transcendentais* os seguidores da doutrina espiritualista do Vale do Amanhecer. Seriam, segundo o mestre José Carlos, “as energias resultantes das ações que foram praticadas

---

<sup>306</sup> Cf. Marilena Chauí. Op. cit., p. 298-299.

<sup>307</sup> Cf. Mircea Eliade. *O sagrado e...* Op. cit. p. 63-66.

<sup>308</sup> Bronislaw Baczkó. Op. cit., p. 309.

[pelo] espírito enquanto encarnado, e contém o charme, que é a energia cármica que permanece junto à matéria, após o desencarne”<sup>309</sup>.

Diante disso, conclui-se que o tempo sagrado para o adepto do Amanhecer opera como instrumento explicativo da sua própria realidade. Fonte de respostas capaz de fornecer justificativas para o caos estabelecido nas sociedades humanas e, mais do que isso, sugestionar ações – no plano religioso, ritualísticas; no plano terrenal, comportamentais – que viabilizem a ordenação dessa realidade caótica, em termo pessoal ou coletivo.

Diante dessas questões teóricas trazidas a lume é que podemos lançar um olhar sobre os mitos de origem e, no tópico seguinte, sobre as práticas ritualísticas características do Vale do Amanhecer. Para tanto, com o intuito de aclarar a compreensão desse Tempo Sagrado, julgamos conveniente principiar a discussão por aquilo que Mário Sassi chamou de “origem remota do Vale do Amanhecer”<sup>310</sup>. Nela acham-se os registros mais significativos para responder à inquietação do estudioso no momento em que se depara com a solidez da unidade comunitário-religiosa vista no Vale. Descreve a genealogia sagrada do grupo, ou seja, um relato da antropogonia do *homo religiosus* do Amanhecer, em suma, seus mitos de origem, seus fatos fundacionais. Observe o leitor que a descrição desse tempo sagrado dar-se-á em conformidade com o que Tia Neiva, através dos escritos de Mário Sassi, repassou a seus adeptos.

Há 32 mil anos, iniciava-se a trajetória terrena daqueles que hoje, encarnados ou não, unem-se em torno dos desafios impostos à doutrina do Amanhecer. Naves provenientes de um planeta posicionado na Constelação do Cocheiro, denominado Planeta Mãe, Planeta Monstro ou, mais comumente, Capela<sup>311</sup>, aportavam na Terra e delas desembarcavam homens e mulheres que possuíam, em média, 4 metros de altura e se distinguiam especialmente pela imortalidade. Exilados de seu planeta de origem, por força de seus desvios morais, coube a esses seres extraterrenos, espécie de *raça adâmica*,

---

<sup>309</sup> José Carlos do Nascimento Silva. Op. cit., p. 93.

<sup>310</sup> Mário Sassi. *O que é o Vale...* Op. cit., p 34-45. Essa obra serve de referência principal à apresentação do histórico sagrado do grupo religioso do Vale do Amanhecer.

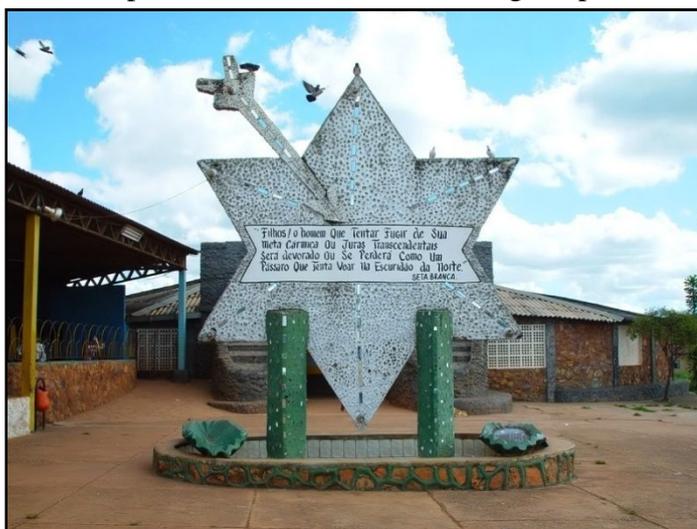
<sup>311</sup> Conforme já mencionamos, a imagem dos *Exilados de Capela* não é privativa da mitografia do Vale do Amanhecer. Podemos encontrá-la em outras denominações espiritualistas. O fundador da Aliança Espírita Evangélica escreve um clássico espírita a respeito. Cumpre-nos pontuar que as obras de Edgar Armond circulavam copiosamente a partir da década de 50. Ver: Edgar Armond. *Os Exilados de Capela*. 23ª ed. São Paulo: Editora Aliança, 1987.

denominados Equitumans, a missão de preparar a Terra para o estabelecimento de vindouras civilizações. Para tanto, alteraram a topografia e a fauna do planeta e introduziram técnicas de utilização de metais, entre outros feitos.

O período de sua permanência e hegemonia sobre a Terra durou cerca de 2000 anos. Desapareceram do planeta vitimados por uma espécie de sentença divina, desdobrada em uma série de catástrofes, isto porque, ao invés de darem cumprimento à sua missão colonizadora, deixaram-se cegar pelo orgulho, pela vaidade e pela sede de poder. Ademais, reza o mito, desfrutavam do *status* de lideranças exercendo seu poder sobre um mundo em gestação, além de, naquele momento, técnica e cientificamente acharem-se muito à frente dos demais habitantes do planeta. O mestre José Carlos dá detalhes sobre a extinção dos Equitumans:

*(...) após dois mil anos de quedas e provações, foram liquidados por cataclismos que atingiram a Terra, desencadeados por uma nave espacial – a Estrela Candente - que sepultou o núcleo central da civilização dos Equitumans num lago entre o Peru e a Bolívia – o Titicaca. Na nossa Corrente, o lago Titicaca é uma “lágrima da Estrela Candente”, nave que, sob o comando do espírito que chamamos de Pai Seta Branca, transformou a Terra<sup>312</sup>.*

Atualmente, os restos dessa civilização e os corpos desses seres e seus equipamentos, segundo os médiuns do Vale, podem ser encontrados nas águas profundas do Lago Titicaca, a divisa natural entre o Peru e a Bolívia. Observe-se a explicação dada para a destruição da civilização dos Equitumans, ou seja, a intervenção de Pai Seta Branca, no comando de uma nave interplanetária, responsável por desencadear uma série de cataclismos.



Estrela de Davi (Signo ou Sinete de Salomão) localizada à frente do Templo

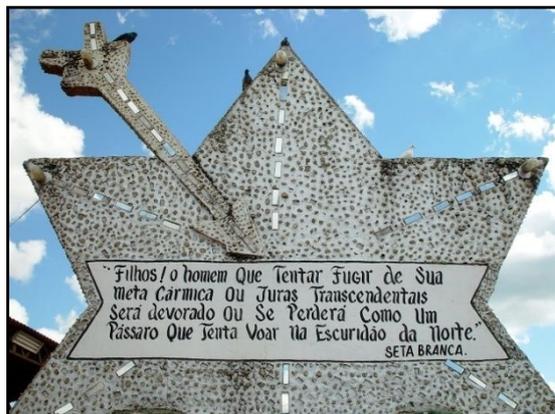
<sup>312</sup> José Carlos do Nascimento Silva. Op. cit. p. 403.

Duas leituras possíveis: primeira, a proeminência da figura do espírito representado por Pai Seta Branca nos desígnios do grupo; segunda, a intervenção do Tempo Sagrado na composição do espaço no Vale do Amanhecer (ver figura da página anterior), uma vez que o complexo ritualístico sito no Solar dos Médiuns, aqui já mencionado, recebe o nome de Estrela Candente. Temos que a arquitetura dos espaços ritualísticos reproduz o patrimônio mítico do grupo.

Desejamos, no entanto, explorar com mais vagar a centralidade do papel exercido pela personagem que leva a termo a civilização dos Equitumans: Pai Seta Branca. Vincula-se o cumprimento da sentença que conduziu à extinção os Equitumans à responsabilidade atribuída a Pai Seta Branca no efetivo controle dos desígnios da Terra. O que é bastante revelador da projeção dessa personagem no quadro de seres sobre-humanos que trafegam pelo imaginário do Amanhecer, o que já oportunizamos ao leitor.

Mas o fato é que, se Pai Seta Branca é representado como o protagonista das ações que importam à evolução da Humanidade, seus filhos, os jaguares, naturalmente estão a compartilhar essa *nobre* responsabilidade com aquele que é visto, pela Doutrina, como irmão de Jesus. Fundamenta-se nos mitos de origem o missionarismo e o milenarismo impressos nas expectativas de futuro e no imaginário dos religiosos do Amanhecer. Porquanto, levar à frente, sob o comando espiritual de Pai Seta Branca, o compromisso de salvaguardar a Humanidade na transição final do milênio, recrudescer no sujeito a sua auto-percepção positiva e o torna peça fundamental no contexto planetário, em suma, significa e dignifica sua existência.

Nesse ponto, torna-se importante uma digressão mais. A destruição dos Equitumans e a frustração de sua missão civilizadora são muitas vezes lembradas aos adeptos da Doutrina como um modelo de comportamento repreensível, uma vez que o homem não deve jamais se deixar desviar de seus comprometerimentos espirituais e passar a guiar sua vida pela vaidade, pelo orgulho ou



Mensagem que faz nítida alusão ao tempo sagrado

pelo desejo de se equiparar a Deus. Veja o trecho da mensagem de Pai Seta Branca, registrado em uma construção sagrada de concreto armado, sob a forma simbólica da Estrela de Davi, postada à frente do Templo do Amanhecer (conforme figura acima):

*Filhos! O homem que tentar fugir de sua meta cármica ou juras transcendentais será devorado ou se perderá como pássaro que tenta voar na escuridão da noite!*<sup>313</sup>

Notemos a força de um discurso, metafórico, é fato, mas, sobretudo de natureza disciplinadora e intimidadora. Mas os mitos de origem não param com a experiência *vivida* pelos Equitumans. Outras civilizações são arroladas pela mitografia do Vale do Amanhecer. Na seqüência, entre 30 e 25 mil anos atrás, estabeleceu-se na Terra um grupo de espíritos denominados Tumuchys. Cientistas, desenvolveram-se tecnologicamente o bastante a ponto de criar instrumentos de captação de energias cósmicas. Dispondo de tal aparato tecnológico, informa a Doutrina, foram eles os responsáveis pela construção de pirâmides, existentes até hoje, inclusive no Egito. Mário Sassi, informado e referendado por Tia Neiva, fala de um movimento científico desperto e apurado pelos Tumuchys e registrado nos monumentos piramidais, mas que, tão logo se deu o desaparecimento dessa civilização, veio abaixo:

*Posteriormente esses gigantes edifícios foram utilizados pelos povos que vieram depois com outras finalidades. E os métodos científicos se*

<sup>313</sup> Mensagem de Pai Seta Branca de 31/12/1971.

*transformaram em tabus e religiões. Mas a energia armazenada até hoje se conserva preenchendo os propósitos a que foi destinada.*<sup>314</sup>

Não é por acaso o fato de ser Mário Sassi reconhecido na hierarquia da Ordem como o 1º Mestre Sol Trino Tumuchy. Suas *heranças transcendentais* descendem da passagem desses seres cientificamente dotados pela Terra. À luz da crença reencarnacionista, Sassi via-se como um dos que atuaram junto ao grupo dos Tumuchys. Mais do que isso, na Doutrina, representava-os.

Importa-nos considerar que é na construção imaginária da memória do grupo, ou seja, na sua tradição sagrada, que se encontram as justificativas para o tratamento científico dado às questões de fé. Entretanto, esse *tratamento científico*, na prática, não se materializa no cotidiano, isto porque a maior parcela dos médiuns do Vale do Amanhecer se mantém ausente de discussões conceituais. Ao inverso, esses religiosos detêm-se à prática, a uma espécie de *espiritualismo empirista*. Por outro lado, fazendo valer e reafirmando sua tradição, imaginam-se cientistas, vêem-se como *profundos conhecedores dos mundos espirituais*.

Ao retomarmos a fala de Sassi, quando pontua a conversão dos métodos científicos em tabus e religiões, deve-se esclarecer como o Vale enxerga a religião em si mesma. Há, no seu discurso, um quê de lamentação em razão de a ciência ser convertida em religião. Isso é reforçado se analisados outros trabalhos do mentor intelectual da Doutrina. O fato é que ele não via o Vale como uma religião, pois refutava o caráter dogmático, restritivo e cerceador que a ela lhe parecia ser inerente. Buscava incessantemente suporte em argumentos *científicos* de sorte a fundamentar e legitimar os preceitos doutrinários, entre eles a necessidade da abstermia para o exercício da mediunidade:

*O álcool, a heroína [à época em que Sassi escreve, meados da década de 70, tratava-se de uma droga de consumo difundido] e seus derivados têm a capacidade de destruir a célula nervosa. Célula nervosa destruída significa perda de capacidade consciencional, diminuição do alerta mental, lerdeza do raciocínio, etc. (...) Essa é a razão fundamental pela qual os médiuns não devem tomar álcool. A Doutrina do Amanhecer*

---

<sup>314</sup> Mário Sassi. *O que é o Vale...* Op. cit., p. 34 (grifos nossos).

*funciona na base do Doutrinador e Apará conscientes e isso é sinônimo de clareza mental, razão e responsabilidade.*<sup>315</sup>

Em relação ainda à temática que envolve as instituições ciência e fé, tantas vezes lidas como imiscíveis, se não antagônicas, Tia Neiva teria assinalado: “A Fé que nega a Ciência é tão inútil quanto a Ciência que nega a Fé”<sup>316</sup>. Convencemo-nos de que as conversações que encaminhou junto a Mário Sassi em muito contribuíram para que se recrudescesse essa sua representação em torno da relação de mutualidade em que se veriam envolvidas a ciência e a fé. Em texto de sua própria lavra essa convicção ganhou contornos mais destacados:

*A Ciência e a Fé! Distintas em suas forças, mas reunidas em sua ação para dar ao espírito do Homem uma regra, que é a Razão Universal. Porque a Ciência que nega a Fé em Deus é tão inútil como a Fé que nega a Ciência!*<sup>317</sup>

Sua palavra, de peso preponderante em meio aos jaguares, portanto, expressa claramente a desejável aliança dos domínios da fé com os da ciência, uma vez que não os vê em oposição. Não nos seria imprudente admitir que essa sensibilidade que se empenha em auspiciar uma aproximação estratégica entre o crer e o saber se insinua por espaços antes impensáveis.

Pensadores sociais não se assumem insensíveis ante aos acontecimentos dramáticos a que as sociedades assistem. Jürgen Habermas, para quem a sociedade atual se convence uma sociedade pós-secular, expressa sua aspiração de que venha a se edificar no mundo uma *secularização não-aniquiladora*. Sensibilizado fundamentalmente pelo episódio de 11 de Setembro, o renomado filósofo alemão manifestou sua recomendação de se radicar nas sociedades um diálogo franco e aglutinador entre as razões do crer e as do saber. Sérgio Sauer é quem converte em texto a apreensão expressa pelo teórico da *ação comunicativa*:

---

<sup>315</sup> Mário Sassi. *Instruções Práticas para os Médiuns*. Brasília: Editora Vale do Amanhecer, 1977, p. 99-100.

<sup>316</sup> Cf. Nestor Sabatovicz. *Manual de Instruções*. Brasília: Vale do Amanhecer, 1990. p. 14. Cabe o reconhecimento de que o referido manual é exclusivo dos mestres instrutores do Amanhecer, sendo proibida a sua reprodução. Lançou-se mão dele, aqui, apenas para registrar a fonte da qual se extraiu a frase imputada a Tia Neiva. Em nenhum momento, fizemos qualquer alusão aos ensinamentos contidos no manual e que não são, reconhece-se, de domínio público. Deixamos o registro.

<sup>317</sup> José Carlos do Nascimento Silva. Op. cit., p. 261.

*Sem negar as suas antigas premissas e interpretações da modernidade, Habermas, em artigo recente (após o incidente de 11 de setembro) afirma que a sociedade atual é uma “sociedade pós-secular” que exige a construção de uma “secularização não-aniquiladora” capaz de superar os antagonismos entre crer e saber. Em vez de um esforço para estabelecer uma fronteira clara (algo sempre flutuante ou tênue) entre razões secularizadas e religiosas, a busca deve ser por diálogo e convivência que não exijam a polarização e a mútua exclusão entre a ciência e a religião.<sup>318</sup>*

Tia Neiva, por seu turno, em seu núcleo de experimentação e de realização cultural, contemplou e irradiou essa que se lhe apresentava como uma recomendação. Falamos de irradiação porque, convencido da mesma determinação da *Clarividente*, a de dar peso assemelhado tanto à fé quanto à ciência, e ainda preocupado em refutar a existência de qualquer dogmatismo doutrinário imposto pelo Vale, o mestre José Carlos se esmerou em afirmar textualmente:

*Como a maior parte das religiões abriga uma grande soma de conhecimentos que são restritos a um pequeno círculo dominante, devendo a massa dos seguidores aceitar e obedecer sem qualquer questionamento, destacamos o fato de que, no Vale do Amanhecer, nossa Doutrina é clara e sem segredos ou dogmas, sendo mais uma Ciência do que uma Religião, pois se fundamenta em fenômenos normais que podem ser alcançados e dominados por qualquer médium, desde que tenha os conhecimentos que o Desenvolvimento e demais cursos lhe proporcionam e viva dentro da correta conduta doutrinária. Nada é obrigatório, não existem dogmas na Doutrina do Amanhecer. Tudo passa pela mente do médium antes de chegar ao seu coração.<sup>319</sup>*

Esse discurso antidogmático e cientificista, não obstante seja, conforme já salientamos alhures, inspirado originalmente no ideário kardecista, opera como mecanismo de afirmação da identidade do Vale do Amanhecer pelo recurso à marcação da diferença diante dos grupos espiritualistas e das demais religiões institucionalizadas que, presumivelmente, baseiam sua prática religiosa no primado da fé e no descarte da ciência, assim também adotam a profusão de dogmas como mecanismo capaz de resguardar a

<sup>318</sup> Sergio Sauer. *Religião e pós-modernidade: anotações esparsas de um debate contemporâneo*. Fragmentos de Cultura (Goiânia), Goiânia, v. 13, 2003, p. 73.

<sup>319</sup> José Carlos do Nascimento Silva. Op. cit., p. 365.

unidade de suas comunidades religiosas. A identidade depende da diferença para que possa se afirmar: isso é o que mostra Kathryn Woodward, estudiosa do circuito pós-modernista e professora da *Open University*:

*As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, freqüentemente na forma de oposições (...). A marcação da diferença é, assim, o componente-chave em qualquer sistema de classificação.*<sup>320</sup>

Evidência expressa de como o Vale do Amanhecer afirma a sua identidade pela diferença encontra-se no fragmento discursivo extraído dos escritos de Mário Sassi. Nele, o Vale, na *praxis* religiosa que lhe é própria, vai comparar-se com as demais denominações e grupos religiosos, definindo-se como um movimento situado na vanguarda do espiritualismo em razão da implantação e do exercício do mediunismo, entendido como o sistema técnico-doutrinário responsável por implantar os mecanismos de emprego da mediunidade, e que se constitui em diferencial afirmativo capaz de associar fé e ciência. Vejamos o discurso de Mário Sassi:

*O mediunismo (...) não invalida os aspectos anteriores, as religiões, as iniciações e as doutrinas. Apenas estabelece uma nova perspectiva, melhor adaptada ao quadro atual. O homem de hoje não se satisfaz apenas com a forma. As religiões são excessivamente formais, estratificadas. O mediunismo desce às essências e pouco se preocupa com a forma. O que interessa nele é que o ser humano possa se encontrar, **individualmente**, e tenha um bom instrumental para equacionar sua vida, que é sempre única e inimitável.*<sup>321</sup>

Ao reassumirmos as reflexões que gravitam em torno da *Hiéra Anagraphé* (História Sagrada) do Vale do Amanhecer, compete-nos assinalar que a mesma apresenta outros desdobramentos. Vencidas as civilizações dos Equitumans e dos Tumuchys, instalam-se na Terra os Jaguares. Daí decorre o termo Jaguar, empregado para identificar os da comunidade religiosa do Amanhecer. Como no próprio meio se ouve dizer: a *Tribo Jaguar*. São esses espíritos, agora, que vão fornecer elementos para a constituição das

---

<sup>320</sup> Kathryn Woodward. "Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual". In: Tomaz Tadeu da Silva (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 41.

<sup>321</sup> Mário Sassi. *No Limiar...* Op. cit., p. 92-93 (grifo original).

sociedades antigas. No primeiro momento, encarnavam coletivamente, evitando o contato com os demais focos humanos existentes na Terra. Depois, começaram a nascer em meio aos povos que haviam ajudado a formar.

É nesse ponto que se encontra o divisor de águas entre uma história sagrada sem paralelo algum com a historiografia oficialmente reconhecida e outra capaz de evocar ecos na História da humanidade. Observe-se como o próprio Sassi descreve essa passagem:

*Aos poucos esses espíritos foram (...) nascendo em meio aos povos e nações que eles haviam ajudado a criar. A partir daí podemos entrar na História e identificar razoavelmente as civilizações que se seguiram até nossa época. Nomes como Chineses, Caldeus, Assírios, Persas, Hititas, Fenícios, Dórios, Incas, Astecas, Gregos e etc., já nos são familiares pela História. Nessas raças e povos, através de milhares de anos, esses experimentados espíritos [que, segundo o Vale, seriam originários de Capela e dispunham de um grau evolutivo acima dos demais que na Terra se encontravam personificados] **acabavam sempre por ocuparem (sic) posições de mando e se destacavam como reis, nobres, ditadores, cientistas, artistas e políticos.**<sup>322</sup>*

Aspecto primordial para o entendimento do *imaginário sagrado* que particulariza os médiuns do Vale do Amanhecer está contido na citação acima. Alguns deles crêem ser a reencarnação de uma - ou mais - personalidade histórica marcante. Tia Neiva, conforme salientamos anteriormente, torna-se paradigmática no que toca a essa crença. A *Clarividente* seria uma das Pítias que, no mundo grego, operavam como intérpretes de Apolo servindo junto ao Oráculo de Delfos<sup>323</sup>.

No entanto, atualmente, considerados os depoimentos tomados ao sabor da observação participante, há alguns membros da Doutrina que defendem uma posição destoante acerca dessas roupagens encarnatórias de prestígio histórico. Entendem que essas serviriam tão-somente de modelos existenciais, formas arquetípicas que espelham determinada personalidade do médium e não exatamente a afirmação de uma eventual encarnação historicamente afamada. No entanto, Tia Neiva permanece imune a essa percepção e a essa avaliação cautelares.

<sup>322</sup> Mário Sassi. *O que é o Vale...* Op. cit., p. 34 (grifos nossos).

<sup>323</sup> Cf. José Carlos do Nascimento Silva. Op. cit., p.141.

Novo marco na história da Humanidade, segundo as proposições do Amanhecer, dá-se com a passagem de Cristo pela Terra. Para o Vale, não há discussão em torno da historicidade de Jesus, a quem eles chamam de *O Caminheiro*. Com o nascimento do Messias, inaugura-se a Era de Peixes, funda-se a *Escola do Caminho* e implanta-se o que na Doutrina se convencionou chamar de *Sistema Crístico*. A *Escola do Caminho* tem como pretensão proporcionar a disseminação em meio à Humanidade de uma nova pedagogia pautada em três princípios fundamentais: o amor incondicional, a humildade de tratamento e a tolerância de compreensão. Essa tríade preceitual, reconhecida como o *Sistema Crístico*, viabilizaria a redenção cármica de espíritos endividados em razão de desatinos por eles cometidos em vidas anteriores, de sorte a permitir o retorno do Homem para Deus<sup>324</sup>.

O Vale do Amanhecer, como sugere o próprio nome de sua entidade jurídica – Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã – é cristão. Quanto à Bíblia, é vista como um livro sagrado. Mas a atitude diante das Escrituras, segundo a Doutrina, deve ser prática. Prega-se no Vale o que convencionaram chamar de *Evangelho vivo*, ou seja, a vivência dos ensinamentos cristãos. A face relacional da formulação identitária se nos apresenta claramente: a incorporação do Cristo, representação que pode ser lida como a mais recorrente da experiência imaginária da porção ocidental do planeta nos últimos dois milênios, evidencia o que a teoria nos participa.

Mário enfatizava em seus escritos e em suas comunicações dirigidas ao corpo mediúnico, muitas delas denominadas *aulas evangélicas*, sempre, a importância do exercício dos preceitos instituídos pela Doutrina de Cristo. Em razão dessa prática, recebeu dos médiuns do Vale o epíteto de *O Evangelizador*. Abaixo, um exemplo do discurso de um Mário Sassi, que, ao evocar o Evangelho, dispõe-se a dar ao Vale sustentáculo teórico-filosófico.

*A idéia mais simples e mais de acordo com a realidade que se pode ter do Vale do Amanhecer é que se trata de um grupo humano, de pessoas comuns, as quais, mercê de suas dores e da busca de um lenitivo para elas, decidiram trabalhar para si e para seu próximo, baseadas nas exortações do Mestre Jesus, resumida numa série de conceitos sob o*

---

<sup>324</sup> À frente, ao término do presente capítulo, aprofundaremos esta questão que nos fala dessa tríade preceitual do Amanhecer sistematizada e defendida por Tia Neiva

*título de “Doutrina do Amanhecer”, que é também chamada de “O Evangelho do Vale do Amanhecer”. Para que não haja a mínima dúvida quanto a essa Doutrina, os ensinamentos do Mestre são colocados de forma acessível a qualquer pessoa, independente de cultura intelectual ou escolaridade. A “Doutrina do Amanhecer” se resume em três proposições básicas de Jesus: O Amor, Tolerância e Humildade. Com essas três posições é possível a qualquer ser humano reformular sua existência, adquirir uma visão mais ampla da vida. A primeira resultante dessa filosofia básica é que a verdade só é percebida individualmente por cada pessoa. Logo, o mundo não é como é, mas sim como cada pessoa o vê.<sup>325</sup>*

Outro episódio histórico de relevo para se compreender o universo simbólico-ritualístico do Amanhecer compreende o tempo-espaço do Brasil escravocrata. É desse manancial imagético, em que a história se pronuncia vigorosamente, que brotam as representações dos pretos-velhos, *entidades espirituais* presentes no cotidiano ritualístico do Vale e que, instruídos pela doutrina, manifestados nos médiuns, são os responsáveis pelo provimento do atendimento às milhares de pessoas que transitam pelo templo todos os meses.

Dois deles, por sua preeminência dentro da Doutrina, merecem ser citados, Pai João de Enoque e Pai Zé Pedro de Enoque. Conta a história sagrada do Vale que ambos estiveram encarnados como negros escravos, por duas ocasiões, e, em razão da larga experiência espiritual de que dispunham face à soma de suas encarnações anteriores, uma vez que teriam sido Equitumans, Tumuchys e Jaguares, foram os responsáveis por estabelecer as bases da religiosidade que, mais tarde, a contar da segunda metade do século XX, configurar-se-ia no Vale do Amanhecer<sup>326</sup>.

Abre-se, uma vez que cuidamos da descrição noticiada das existências dessas entidades específicas, Pai João e Pai Zé Pedro, a oportunidade para se discutir uma vez mais a noção de evolução espiritual. No Vale, a bagagem espiritual, ou seja, a soma das experiências vivenciais anteriores de um espírito, confere a ele um grau de maturidade proporcional ao aprendizado obtido.

---

<sup>325</sup> Mário Sassi. *O que é o Vale..* .Op. cit., p. 31.

<sup>326</sup> Idem, ibidem. p. 44. Para um detalhamento da história descrita pelo Vale dessas entidades espirituais, sugere-se o seguinte trabalho: Mário Sassi. *O Amanhecer das Princesas na Cachoeira do Jaguar*. Brasília: Vale do Amanhecer, 1994.

Porém, não devemos ser categóricos ao afirmar que, para a Doutrina, os que estão à frente da Ordem sejam, de fato, mais evoluídos se comparados aos demais. Pelo menos, no plano físico, enquanto encarnados, e nos planos espirituais não-evoluídos, dado que nas esferas evoluídas todos os espíritos (de luz) acham-se libertos das amarras da Lei de Causa e Efeito.

Ao contrário, acredita-se que a premência da prática da mediunidade, da observância à Lei da Caridade e a vida missionária, dá-se na proporção direta do endividamento do espírito perante seus cobradores do passado. Essa crença, levada ao extremo, conduz alguns dos adeptos a abrir mão de sua vida pessoal, econômica, familiar, para se dedicar em tempo integral à Doutrina, o que caracteriza, numa perspectiva mais ampla, o fenômeno religioso conhecido por fanatismo.

Outras vezes, imaginam-se purificados, convictos de que atingiram a perfeição, comportamento que no Vale correntemente é chamado de sublimação. Tais práticas são censuradas se observados o discurso da Doutrina. Porém, de difícil solução, uma vez que, para o Vale, o livre-arbítrio humano não pode ser violado. O mestre José Carlos, por exemplo, aborda a questão nos seguintes termos:

*Sublimar é o fato de alguém julgar que atingiu um grau muito elevado na escala de valores morais, intelectuais ou estéticos. O Homem que se deixa levar por sentimentos de superioridade, principalmente em uma religião, doutrina ou seita, sentindo-se próximo da perfeição e muito mais adiantado do que seus semelhantes, está sublimando. Quando encarnado, o médium do Amanhecer deve estar alerta consigo mesmo para evitar o difícil estado de sublimação (...) Temos (...), na Doutrina, todas as condições para nossa evolução, trilhando com amor, tolerância e humildade, a Nova Estrada, o caminho de Jesus, entregando-nos à Lei do Auxílio. Querer ser santo ou sentir-se um santo é total desequilíbrio, sublimação perigosa, um precipício onde nos lançam o orgulho, a vaidade e o fanatismo. O Homem, em sua jornada, especialmente o Jaguar, tem como dever lutar por tudo aquilo que deseja, dentro de seu livre arbítrio, tanto em sua vida material, buscando o conforto e bem-estar daqueles que lhe foram confiados, como na sua vida religiosa.<sup>327</sup>*

Ao reintroduzir a temática do tempo mítico, por tudo o que apresentamos, é possível avaliar como a recorrência a esses mitos fundantes e às mensagens que lhes são

---

<sup>327</sup> José Carlos do Nascimento Silva. Op. cit., p. 382.

inerentes servem aos religiosos do Amanhecer como elementos estruturantes de sua concepção de mundo. A genealogia da comunidade se revela por meio desses mitos, que, como procuramos demonstrar, imprimem sentidos às existências dos indivíduos, respondem às inquietações do tempo vivido, credenciam o homem à evolução, à busca pelo aperfeiçoamento moral – expressivo, naturalmente, da ética própria de seu circuito cultural. Mas, especialmente, respondem os mitos configurados por Tia Neiva pela função de frear os instintos individuais e, mais do que isso, integrar esses religiosos em um propósito comum, qual seja: operar em favor da evolução da Humanidade, consoante as identificações milenarista e missionária que lhes caracterizam.

### **3.2.3 Tempo ritualístico: a reatualização do tempo mítico a sacralizar o cotidiano**

Entendemos que os ritos assumem nos contextos religiosos o papel de instrumental pedagógico, competindo-lhes expressar, repassar e reprisar usos, costumes, saberes, valores e disposições. Trata-se de um braço ideológico a serviço da tradição. Propagador do ideário, o rito é sempre, considerado nosso tema de interesse, protagonista da peça religiosa.

No Vale do Amanhecer, a prática ritualística que decorre da sistematização consignada por Tia Neiva é multiforme e eloqüente. Hinos mântricos, preces várias, signos cabalísticos, salões iniciáticos, cerimoniais simétricos, gestuais técnicos, consagrações periódicas, indumentárias peculiares, paramentos litúrgicos, arquitetura inabitual, profusão de símbolos: são todos estes ingredientes que compõem e carregam, ao olhar *estrangeiro*, a cenografia sagrada do Amanhecer.

Reconhecida a forma plural de apresentação dos ritos, desejamos explorar as relações possíveis entres estes e a idéia de tempo. No entanto, para que possamos exemplificar a intervenção do tempo sagrado nas práticas cerimoniais do Amanhecer, entendemos ser vital arrolar, sob a forma de tópicos, resumidos e ancorados em fontes

tanto orais quanto escritas, aspectos do contexto religioso que sofrem a ação de um tempo mítico ou de um tempo historicamente reconhecido, mas sobretudo hieraticamente arquitetado e imaginado.

Mas antes, creditamos ser importante revalidar algumas palavras acerca da noção categorial de memória. Ao refletir a respeito do conceito de memória individual, Ecléa Bosi vai dizer que ela é sempre “...uma imagem constituída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual...”<sup>328</sup> Procedendo a uma migração, é possível conjecturar que o mesmo ocorre com relação à memória representativa de uma coletividade.

Toda memória é *trabalho*, na acepção que lhe deu Ecléa Bosi<sup>329</sup>, visto que o tempo presente *trabalha* o material do passado, seja ele a história pessoal, o tempo histórico ou os mitos de origem identificadores de um povo. Essa memória, assim, forja uma tradição capaz de imprimir sentidos à vida, às ações humanas e as relações interpessoais.

Uma vez transformada em tradição, a memória deve ser permanentemente reafirmada com o objetivo de fixar um sentido capaz de sustentar o caráter identitário da comunidade. No caso do Vale do Amanhecer, a proposição teórica de Ecléa Bosi ganha materialidade, pois suas práticas ritualísticas incumbem-se de reativar a memória coletiva dessa comunidade religiosa. É o próprio Mário Sassi, principal articulador intelectual do Vale, quem adverte os médiuns da necessidade de evocar uma memória vinculada às vivências passadas:

*(...) seu espírito tem a experiência de muitas encarnações, de experiências vividas durante milhares de anos. Ele tem a experiência acumulada de 20 ou 30 encarnações diferentes (...) O Vale existe para reavivar sua memória espiritual, a principal coisa que ele vai lhe ensinar é a retomada de contato com seu próprio espírito (...)*<sup>330</sup>

---

<sup>328</sup> Ecléa Bosi. *Memória e Sociedade – lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994, p.55.

<sup>329</sup> Idem, *ibidem*, p. 7.

<sup>330</sup> Mário Sassi. *Instruções Práticas...* Op. cit., p. 19 (grifo nosso).

Essa enérgica preocupação com a recorrência à memória como meio de preservação das tradições coletivas explica-se ainda na reflexão apresentada pelo historiador Ulpiano Bezerra de Menezes:

*O esforço ingente com que costumam investir grupos e sociedades, para fixá-la [a memória] e assegurar-lhe estabilidade, é por si indício de seu caráter fluido e mutável.*<sup>331</sup>

Uma vez adquirida essa árdua e fugidia estabilidade a que se refere Menezes, a comunidade passa a dispor de uma tradição, responsável por assegurar, ainda, a identidade do próprio grupo. Woodward chama a atenção para a necessidade de se buscar no passado a legitimação da identidade:

*A afirmação (...) das identidades exige alguma forma de autenticação. Muito freqüentemente, essa autenticação é feita por meio da reivindicação da história do grupo cultural em questão.*<sup>332</sup>

Por oportuno, é nosso desejo ainda registrar que não interessa reconhecer ou negar a eventual veracidade dos fatos narrados por essa memória que se constitui como origem, e sim considerar que a atualização desse tempo sagrado se revela vital para a elaboração da tradição, que, por sua vez, torna-se responsável por definir traços vigorosos da identidade do grupo religioso, conferindo legitimidade às ações cotidianas ao mesmo tempo em que serve de guia de conduta.

Mas passemos a exemplificar em que espaços a *história sagrada* do Amanhecer se faz representar. Por exemplo, um grupo de mestres consagrados Arcanos e Trinos e algumas ninfas, veteranos no Vale e que conviveram com Tia Neiva, receberam dela diretamente o chamado *Canto da Individualidade* (os demais médiuns, mestres e ninfas, dispõem de um Canto padronizado, isto é, comum a todos). Espécie de peça discursiva ritualística, o Canto da Individualidade, ilustrativo do embate em torno da

---

<sup>331</sup> Ulpiano Bezerra de Menezes. "História, cativa da memória?". In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. nº 34, São Paulo: s.ed., 1992, p. 10.

<sup>332</sup> Kathryn Woodward. "Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual". In: Tomaz Tadeu da Silva (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 53.

apropriação do discurso nas relações de poder assinalado por Michel Foucault<sup>333</sup>, é responsável por descrever, de forma abreviada e ao mesmo tempo emblemática, a trajetória do espírito – da individualidade – daquele que o pronuncia.

A título de exemplificação, observemos um desses cantos, reproduzido abaixo de forma integral, pertencente ao 1º Mestre Jaguar, Trino Arakem, Nestor Sabatovicz<sup>334</sup>, que era reconhecido, no Vale do Amanhecer, como o Executivo Doutrinário:

*Oh! Jesus! Venho dos mundos agrestes, venho do Império da agressão. Incentivei batalhas, comandeí galeras, caminhei sob o jugo de um deus pagão. Atravessei os mundos encantados de Deus-Pai-Todo-Poderoso. Desprezei os poderes de Amon-Rá, desencadeei as paixões de Nefertiti [roupagem encarnatória atribuída à Tia Neiva, daí os “laços transcendentais”, conforme o entendimento da Doutrina, que os uniram na presente encarnação], caminhei sobre o rico Vale do Reis. Porém, Jesus, o espírito mais forte, o espírito transcendental e audaz, da conquista e do poder, o guerreiro Espartano, do Equituman ao Jaguar, que impregnou em meu ser, distanciando-me de Ti. Hoje, Jesus, o Teu Irmão, o Simiromba de Deus, nosso Pai Seta Branca, confiou-me as armas do missionário, trazidas pelos profetas e profetisas, quando em Zíngaro, Katshimoshy [nome de uma tribo de ciganos que teria vivido em uma região próxima à Rússia e representa uma das encarnações de alguns mestres e ninfas do Vale do Amanhecer], descansei, provei dos guizos e das paixões. Porém, Jesus, sempre à luta, em povos e pelo povo que ora sinto a minha frente, esse novo Amanhecer: a missão que me foi confiada de Primeiro Mestre Jaguar, já consagrado em Trino Arakém, à espera da grande revelação desse poder iniciático para uma Nova Era. Somente, oh, Ti, Jesus, e meu Pai Seta Branca poderão compreender seu filho Nestor, mestre Jaguar, que e em Ti partirei sempre com -0-//<sup>335</sup> em Cristo Jesus.<sup>336</sup>*

---

<sup>333</sup> Foucault vai afirmar que “...o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. No Vale do Amanhecer a interdição ao acesso ao *Canto da Individualidade* por parte dos médiuns recém-incorporados à Ordem provoca, por vezes, manifestações de insatisfação. Michel Foucault. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 10.

<sup>334</sup> Nestor Sabatovicz, uma das mais representativas lideranças doutrinárias do Vale do Amanhecer morreu em 02 de outubro de 2004.

<sup>335</sup> Código de símbolos da Doutrina utilizado pelo médium nos rituais. No caso específico (-0-//) significa: “Atenção! Estou a postos, com todas as armas e estou consciente (- 0 -) à disposição da Espiritualidade Maior (//)”

<sup>336</sup> Registro colhido em observação de campo.

É perceptível a presença de referências às encarnações passadas, expressivas da trajetória do mestre que a anuncia ao emitir seu Canto da Individualidade. As referências aos tempos fundantes, expressivas da mitografia do movimento por nós anteriormente analisada, igualmente se fazem representar: “...o guerreiro Espartano, do Equituman ao Jaguar, que impregnou em meu ser...”.

O religioso está a falar do *eu*, daquilo que o representa espiritualmente, das vivências pretéritas que o significam na atual roupagem existencial: “...a missão que me foi confiada de Primeiro Mestre Jaguar, já consagrado em Trino Arakém...”. O discurso a ele outorgado, que leva a chancela da Grande Mãe do movimento, ao ser expresso recorrentemente nos rituais, sedimenta sua condição, seu status de Trino dirigente do Amanhecer. Vemo-nos ante ao emprego do discurso a definir as relações do poder, nada mais foucaultiano.



Mestre Mago concedendo bônus à Ninfa prisioneira

Passaremos à apresentação de um dos rituais mais curiosos do Amanhecer, que nos permite avaliar o grau de importância dado pelo religioso do Vale ao que para ele representa ser seu transcendente<sup>337</sup>. Isso porque esse transcendente vincula-se a um passado historicamente reconhecido pela comunidade, pelo seu grupo, representativo de sua identidade. Trata-se do ritual que marca o desfecho do *Trabalho de Prisioneiros*, o qual tem como objetivo permitir ao médium, observada a Lei do Carma, o reajuste com um espírito ainda não evoluído e que tenha sido sua *vítima do passado* (expressão dos médiuns da Doutrina).

Para tanto, durante uma semana, o *prisioneiro* recolhe um número mínimo de mil assinaturas, chamadas bônus-horas, em um caderno exclusivamente reservado para esse fim (ver figura acima). Além disso, participa de outros trabalhos espirituais de sorte a

<sup>337</sup> É importante revalidar: a noção de transcendente no Vale do Amanhecer está indissociavelmente ligada às *encarnações passadas* que seus adeptos crêem ter vivenciado. As expressões correntes em meio à comunidade *heranças transcendentais* e *bagagem espiritual* referem-se uma e outra ao somatório dessas mesmas vivências.

somar mais bônus-horas e devidamente se preparar para o seu *Julgamento*. Esse o ritual em que, quando necessário, dá-se o reencontro direto entre *vítima* e *réu*, pela via da manifestação do espírito cobrador para ter com o seu *algoz do passado*. Tudo conforme a prática de um Tribunal. Ao final, se perdoado, o médium segue sua trajetória, agora *liberto* de seu cobrador, que deverá, então, *seguir para Deus*.

Como é possível identificar, o médium do Vale crê na existência desses espíritos a quem deve e regula as suas práticas cotidianas segundo essa realidade construída, imaginada. Isso se evidencia ao observarmos as mudanças efetivadas nas práticas cotidianas desses religiosos. Na semana em que está *prisioneiro*, o médium evita se envolver em demandas judiciais, discussões, realizar viagens, alguns mencionam serem acometidos de indisposições físicas. A sacralização do cotidiano se acentua, uma vez que buscam se dedicar com maior afinco à *vida espiritual*, conforme salientam, em detrimento de suas responsabilidades seculares.

Não sem motivo, alimentam a esperança de, ao final, resultarem-se libertos de seu *cobrador desencarnado*. Em síntese, avaliado o rol de representações atribuído aos planos físico (material) e espiritual pela Doutrina do Amanhecer, destaca-se a inserção das *causas sagradas* na vida profana, no cotidiano desses religiosos.

Não é só. Nos primeiros rituais de Libertação, Tia Neiva ela mesma compunha cartas dirigidas aos mestres que deles participaram, por meio das quais relatava o *transcendente* dos *prisioneiros* envolvidos em algum episódio histórico a que se referisse o Trabalho de Prisioneiros. Abaixo, reproduzimos um pequeno trecho de um desses relatos:

*A cidade de Tróia era governada pelo Rei Príamo (Cleones), o qual era casado com a Rainha Hécuba (Nilda). Este nobre casal tinha um filho de extraordinária coragem chamado Heitor (Armando) outro de grande e máscula beleza (Silvério) e a bela princesa Policena. Páris foi enviado por Príamo à cidade grega de Esparta em missão comercial junto ao Rei Menelau (foragido). Quando Páris chegou a Esparta o Rei achava-se ausente. Páris, então, encontrou-se com a Rainha Helena (foragida), considerada na época a mulher mais bela e semelhante à própria Afrodite. Deslumbrado com a beleza e a formosura de Helena, Páris raptou a Rainha levando-a consigo para Tróia. (...) Houve cruentos combates (...) destacando-se como vitoriosos os seguintes comandantes*

*de galeras: Diomedes (Alexandre), Pátroclis (Sebastião José), Aquiles (Mário Kioshi), também Príncipe de Ciros e Trós (Guto).*<sup>338</sup>

Nessa carta, sem data, denominada *Gregos e Troianos*, assinada por Tia Neiva, os nomes que se encontram entre parênteses correspondem aos médiuns que participavam de um Ritual de Libertação Espiritual específico, referente ao episódio lendário da Guerra de Tróia. Quando entre parênteses encontra-se a palavra *foragido*, segundo a Doutrina, é porque, naquela oportunidade em que se realizava o trabalho, o espírito não se achava no Vale ou não estava encarnado.

Reconhecemos que estamos diante da epopéia de Homero, poeta grego de existência histórica controversa, mas isso é o que menos importa. A pergunta que se impõe é *como será que passaram a conduzir suas vidas as pessoas que nessa carta tinham seus nomes registrados?* Não há por que duvidar em excesso de que depositassem crédito ao que liam, pois partia o relato de Tia Neiva. Na ótica de seus seguidores, infalível, ainda mais no trato com as questões espirituais, transcendentais.

Os cânticos ritualísticos, entoados no transcorrer dos trabalhos espirituais pelos médiuns do Amanhecer e por estes denominados *hinos mântricos*, também reforçam a remissão ao passado, asseverando a crença do grupo de que suas origens não se resumem à presente vida, melhor dizendo, sua identidade não se vê informada apenas pelas referências da presente existência, mas antes pelas inúmeras passagens que crêm ter experienciado ao longo de suas encarnações plurais. Vejamos o exemplo contido em trecho do hino Alertai, Missionários:

*A tribo do Velho Mundo  
De Esparta à Atenas surgiu  
Com suas heranças de forças  
Pro Amanhecer transferiu  
  
Das planícies macedônicas aqui  
Pro Brasil Jesus mandou  
Missionários em muitas linhas  
Rituais, tudo é amor*<sup>339</sup>.

<sup>338</sup> Neiva Chaves Zelaya. *Carta Gregos e Troianos*, sem data.

<sup>339</sup> José Vicente César. *Revista Atualização...* nº 97/98...Op. cit., p. 97.

Para o Vale do Amanhecer torna-se imperativa a remissão às passagens existenciais pretéritas. Os hinos mânticos, peças elementares do contexto ritualístico, reafirmam constantemente essas conexões com um *tempo genealógico*. O hino em tela nos fala da transferência de forças oriundas do mundo helênico para o Amanhecer. A tribo do Velho Mundo nada mais é do que aquela formada pelos jaguares.

A remissão a essas heranças ressoa audível e indefinidamente. De Pai Seta Branca, reproduzimos na íntegra, uma de suas mensagens, carregada de profetismo, dirigida ao corpo mediúnico, na passagem de ano de 1975 para 1976<sup>340</sup>, em que ficam evidenciados inúmeros aspectos relacionados à doutrina até então analisados:

*Meus filhos, Salve Deus!*

*Vamos, antes, nos despedir do ano de 1975, que logo nos deixará, e, confiantes em Jesus, na força do Jaguar, iniciar um rico 1976. Filhos: muito embora as previsões dos tempos sejam assustadoras, procurai assimilá-las, **prosseguimos a marcha evolutiva do Homem**. Por conseguinte, não há razão para detê-lo na sua nobre conduta. Não atribuais a dor universal pelos reflexos criminais de vossas vidas passadas. **Levai vossas mentes sobre as planícies macedônicas, sustentai-vos sobre a península peloponense, vibraí no espírito espartano, com o punho protetor sobre as vossas cabeças. É a volta do Jaguar, de Esparta ao Brasil!** Filhos: **há dois mil e quinhentos anos Deus já vos preparava para o socorro final**. Não temais o fim dos tempos e nem o que dizem os profetas. Lembrai-vos somente do que disse Jesus, o Caminheiro: **Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo. Alertai-vos, filhos! Não vos abateis pelos falsos rumores e, também, não vos arraigais aos castelos e edifícios ornamentais em vosso redor, de baço brilho, amontoando-se e marginalizando a própria civilização que conquistastes, construída com tantos sacrifícios. Procurai, filhos, a Natureza... Buscai o aroma das matas frondosas e os frutos que caem e se perdem no solo deserto... Não deixeis que a Natureza se canse e, não mais regando, o seu solo seco se rache, enquanto os falsos profetas, sem penetrar nas leis de causa e efeito, repitam: É sinal dos tempos!** Jaguares do Amanhecer, filhos queridos do meu coração! Alertai-vos para não cairdes no padrão dos demais. As leis físicas que vos chamam à razão são as mesmas*

---

<sup>340</sup> A respeito, ver segundo capítulo, item 2.3.1, do presente esforço, onde adensamos a apresentação de Pai Seta Branca.

*que vos conduzem a Deus! Nunca vos isenteis da culpa. Aceitai-a nos vossos destinos cármicos. Sempre vos disse que a dor não vem do Céu e sim das vossas próprias falhas! Neste momento, em que os mantras divinos estão voltados para a Terra, graças à luminosidade desta Corrente, eu, o menor dos pais, anuncio paz e prosperidade, junto aos primeiros raios de Sol deste Amanhecer!*

<sup>341</sup>

O dirigente espiritual do Amanhecer, manifesto em Tia Neiva, ao pronunciar a mensagem acima transcrita reforça a aliança de *seus filhos* com essas *heranças* e, mais ainda, vincula o movimento ao Cristo, adverte da preparação vivida há 2000 anos pelos jaguares enquanto acentua o conseqüente compromisso destes para com a evolução da Humanidade e, por último, reafirma o advento da Nova Era. Autêntica peça discursiva que, assim entendemos, presta-se a um exercício interminável de hermenêutica. Hermenêutica aqui entendida como Paul Ricoeur a vê: “...uma interpretação contínua dos textos”<sup>342</sup>, daí qualificarmos de *interminável* a atividade de ajuizar sentidos aos textos, vitimados que são pela polissemia nascida dos *olhares* e pelo trabalho de memória realizado pelo presente.

Ao prosseguirmos, cabe apresentar ainda um outro traço ritualístico que salta aos olhos daqueles que entram no Vale do Amanhecer pela primeira vez: as indumentárias, especialmente aquelas trajadas pelas ninfas pertencentes às *Falanges Missionárias*<sup>343</sup>. Como exemplo, tem-se a falange das Gregas (ver figura à direita). Veja como o mestre José Carlos, à luz das informações deixadas por Tia Neiva, descreve o transcendente dessas ninfas:



Grega Missionária no Solar dos Médiuns

<sup>341</sup> “Mensagem de Pai Seta Branca de 31 de dezembro de 1975”. In: *Mensagens de Pai Seta Branca*. 4ª ed. Vale do Amanhecer: Editado por Bálamo Álvares Brasil de Lucena, 1991, p. 21 (grifos nossos).

<sup>342</sup> Íntegra das entrevistas “Nomes de Deuses” a Edmond Blattchen. *Paul Ricoeur: nomes de deuses*. Trad. Maria Leonor F. R. Loureiro. São Paulo/ Belém, PA: Editora UNESP/ Editora da UEPA, 2002, p. 54.

<sup>343</sup> Mestres ou Ninfas que, por disporem de um transcendente espiritual comum, formam um grupo, com indumentária que os identifique, trazida por Tia Neiva dos Planos Espirituais e assume a tarefa de atuar de forma singular na condução de rituais específicos. São essas as falanges missionárias: Nityamas, Samaritanas, Gregas, Mayas, Magos, Príncipes Mayas, Yuricys Sol, Yuricys Lua, Dharman Oxinto, Muruaicys, Jaçanãs, Arianas da Estrela Testemunha, Madalenas, Franciscanas, Narayamas, Rochanas, Cayçarás, Tupinambás, Ciganas Aganaras, Ciganas Taganas, Agulhas Ismênicas, Niatras e Aponaras.

*À época de Pitya, em Delfos, as Gregas eram meninas e adolescentes que a pitonisa incumbiu de recolher as armas dos guerreiros mortos ou feridos, para serem consagradas no Templo de Apolo. Ficavam de honra e guarda nos grandes rituais, sempre portando suas lanças.*<sup>344</sup>

A Pytia a que se refere a doutrina prende-se a uma das roupagens encarnatórias de Tia Neiva, sacerdotisa de Apolo no Oráculo de Delfos, o que reafirma a condição da Grande Mãe como pitonisa do movimento e aproxima as ninfas pertencentes à Falange de Gregas de Tia Neiva. O transcendente comum justifica o *reencontro*, dá sentido ao porte das lanças pelas gregas exercido nos rituais (foto página anterior) e explica o porquê de se tratar de uma Falange composta tão-somente por jovens mulheres. A correspondência não é em nada sutil e o aporte sígnico oferecido pelo tempo convence-se um vigoroso sugestionador.

Rica em detalhes, é também curiosa a descrição respeitante à falange missionária das Dharman Oxinto oferecida pelo mestre José Carlos. Muito do *histórico* das ninfas pertencentes a essa falange corresponde a significativas passagens do grupo de jaguares como um todo. Eis o que relata ele:

*A história das missionárias Dharman Oxinto começa no Antigo Egito dos Ramsés, passa pelo verde Peloponeso, pelas planícies macedônicas, pelo Império Romano, pelos desertos da Palestina, pelas nobrezas húngaras, por convento da Aquitânia, pela ensolarada Andaluzia, pelas sinhás e sinhazinhas do Brasil Colônia, quando conviveram com os queridos Pretos Velhos que traziam nossas raízes indianas e africanas, sempre foram marcadas pela coragem e pela energia de suas ações. Nem sempre positivas, mas enérgicas. No antigo Egito, à época de Ramsés II, o Grande Deus era Amon-Rá, o Deus Sol, mas o povo rendia seu culto a Horus, o Deus-Falcão, representando a força da Terra, filho de Isis, a Lua, e Osiris, o Sol. Horibe, a suma-sacerdotisa de Horus em Karnak, era a Princesa Aline [entidade espiritual que zela pela Falange das Dharman Oxinto] reencarnada. Naquela época, o povo não entrava nos templos. Somente sacerdotes e sacerdotisas e os faraós tinham acesso aos recintos sagrados. O povo aguardava, do lado de fora, a manifestação dos deuses. E havia um grupo de sacerdotisas de Horus, lideradas por Horibe, que, com ajuda de Nefertari, a esposa do faraó Ramsés II, realizava grandes fenômenos entre aquela gente, portando energias maravilhosas, fazendo curas físicas e desobsessivas. Participando de grandes rituais, os poderes de Horibe eram tão*

---

<sup>344</sup> José Carlos do Nascimento Silva. Op. cit., p. 207.

*grandiosos que ela passou a ser representada pela figura humana com cabeça de falcão – a cabeça de Horus, como se pode ver nas gravuras da época, onde se representa, também, a grande afinidade entre Horibe e Nefertari. São muitas as representações de Nefertari dando a mão a Horibe, carregando a Cruz Ançanta, chave da Sabedoria, da Vida e da Morte. Essa união se fazia sempre presente. Na maior festa ritualística da época, quando Ramsés II retirava o símbolo de Amom-Ra de seu Oráculo, em Karnak, e o levava, velado, em procissão de barcos pelo Nilo, acompanhada pelo povo nas margens, até Luxor, onde ficava um mês. Ao final desse período, o cortejo se fazia na volta de Amom-Rá para seu Oráculo em Karnak, onde o barco era recepcionado, no palácio, por Nefertari, Horibe e as sacerdotisas de Horus. Pela grande energia de que era portador, esse grupo de sacerdotisas, liderado por Horibe, desempenhou importante papel no decorrer dos tempos, encarregando-se dos primeiros passos iniciáticos, conduzindo os mestres a serem consagrados pela Iniciação de Osiris.*<sup>345</sup>

O fragmento nos apresenta duas personagens em destaque: Horibe e Nefertari. Nefertari<sup>346</sup>, esposa de Ramsés II, corresponderia à Dinah, Primeira Dharman Oxinto<sup>347</sup>, ninfa que, juntamente com suas componentes, dedica-se com grande ênfase aos trabalhos que envolvem a Iniciação dos jaguares do Amanhecer. Horibe, a sacerdotisa de Horus em Karnak, com quem teria, ressalva o texto assinado por José Carlos, grande afinidade Nefertari, trata-se da Princesa Aline, espírito que olha pela Falange das Dharman Oxinto, dirigida por Dinah. Mais uma vez, situam-se no transcendente as chaves que permitem o acesso aos sentidos que aproximam entes, humanos e sobre-humanos, e definem papéis religiosos.

Para que encerremos os exemplos de remissão ao tempo depreendidos da análise das Falanges Missionárias, enunciando suas histórias sagradas, entendemos ser conveniente apresentar o *canto ritualístico* das ninfas que compõem a chamada Falange das Samaritanas, uma vez que este alude à tradição cristã, assimilada pela Doutrina do Amanhecer. Para tanto, serviu-se a Doutrina da passagem bíblica em que João, o Evangelista, narra o encontro do Messias com a samaritana:

<sup>345</sup> Idem, ibidem, p. 140-141.

<sup>346</sup> O texto nos fala da Cruz Ansata, ou Ankh, um dos símbolos religiosos mais recorrentes na iconografia do Antigo Egito. Gravada em obeliscos e colunas de templos, a exemplo do de Karnak, pintada em murais e paredes tumulares, a cruz encimada por uma alça (⚡) é reapropriada pela doutrina do Amanhecer.

<sup>347</sup> A cada uma das Falanges Missionárias do Amanhecer corresponde uma *Primeira*, como falam os da Ordem, isto é, uma líder, aquele que se torna responsável pelo grupo. A essa ninfa compete zelar pelas escalas de trabalho nos rituais, pela admissão de novas componentes, pela observância das indumentárias, enfim, pela organização e controle da Falange que dirige.

*E era preciso que Jesus passasse por Samaria. Veio, pois, a uma cidade de Samaria, chamada Sicar, perto da terra que Jacó deu a seu filho José. Ora, havia ali um poço, chamado a Fonte de Jacó. Fatigado, pois, do caminho, estava Jesus assim assentado na borda do poço. Era isto quase à hora sexta. Vindo uma mulher de Samaria tirar água, disse-lhe Jesus: Dá-me de beber. A samaritana lhe disse: Como, sendo tu judeu, me pedes de beber, a mim, que sou mulher samaritana? Pois que os judeus não têm relações com os samaritanos. Respondeu-lhe Jesus: Se conhecesses o dom de Deus, e quem é o que te diz 'Dá-me de beber', talvez tu mesma lhe fizesses igual pedido e ele te daria da água viva! Disse-lhe a mulher: Senhor, tu não tens com que tirá-la, e é fundo o poço. Onde tens, pois, esta água viva? És tu, porventura, maior do que nosso pai Jacó, de quem tivemos este poço, do qual também ele bebeu, e seus filhos, e seus rebanhos? Respondeu Jesus, e disse-lhe: Todo aquele que bebe desta água, tornará a ter sede! Mas aquele que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede; e a água que eu lhe hei de dar se tornará nele uma fonte de água que correrá para a vida eterna... Disse-lhe a mulher: Senhor, dá-me desta água, para que eu não tenha mais sede, nem venha mais aqui tirá-la! Disse-lhe Jesus: Vai, chama teu marido, e volta aqui. Respondeu a mulher e disse: Eu não tenho marido! Jesus lhe respondeu: Bem disseste: 'Não tenho marido', porque cinco maridos tiveste, e o que agora tens não é teu marido. Nisto disseste a verdade.<sup>348</sup>*

A partir do trecho transcrito do Evangelho de João, entendemos ser possível observar a correspondência existente entre a passagem bíblica e o *Canto das Samaritanas*<sup>349</sup>. Mais do que isso, relatam os mestres que privam da convivência com as componentes dessa Falange, haver entre elas uma semelhança comportamental visível. Apresentam-se generosas, afáveis, dedicadas, simples e preocupadas em servir ao semelhante. O que, para lembrar Stuart Hall, numa perspectiva simbólica e representacional, configuraria a concepção que elas têm acerca de si mesmas, estruturando uma identidade socioculturalmente construída, identidade essa sugestionada pelo e impressa no discurso, nesse caso específico, religioso<sup>350</sup>. Eis o Canto ritualístico dessa falange:

<sup>348</sup> Jo, IV, 14-18. Apud José Carlos do Nascimento Silva. *Observações...* Op. cit. p. 369-370.

<sup>349</sup> Peça oratória (alocução) empregada em determinados rituais pelas falanges missionárias. A cada Falange Missionária corresponde um Canto específico.

<sup>350</sup> Cf. Stuart Hall. "A Produção Social da Identidade e da Diferença". In: Tomaz Tadeu da Silva (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 120.

*Oh, Jesus! Este é o canto da Samaritana que, há dois mil anos, suspira por Ti! Jesus, aqui me tens em missão especial, eu e minhas irmãs, com o mesmo espírito daquela Samaritana que, um dia, serviu a Ti, Grande Mestre, na passagem do Teu calvário. Hoje, estou aqui, na minha individualidade, levando às legiões o que mais me for possível. É o que tanto precisamos receber. É a luta para uma Nova Era. Venho de mundos afins em busca de Te servir. Jesus! Que as forças se desloquem em meu favor! Servindo Teus mestres, servirei também a Ti. Oh, meu Jesus! Eles vêm do Reino Central, confiantes nas palavras que naquela tarde longínqua nos dissestes: “quem beber da água que eu lhes der, não mais terá sede eternamente”. Disseste, Jesus, e tudo se clareou naquele instante. Hoje estou aqui, com -0- em Ti Jesus querido. Salve Deus!*<sup>351</sup>

Procurou-se demonstrar nesta seção como se dá a apropriação de um tempo sagrado e igualmente de um tempo *histórico*, remotos, com vistas à constituição e sobrevivência da tradição caracterizadora da comunidade. Em seguida, objetivamos, por meio do emprego de alguns exemplos, evidenciar como as práticas ritualísticas asseguram a remissão permanente a essa tradição.

Apreendeu-se por tudo isso que o tempo sagrado, figurado pela *Clarividente*, funciona para a comunidade como índice que alicerça as *verdades* que a sustentam, assim como justifica, legitima e atribui sentido à condução daqueles que a formam, interferindo contundentemente em suas práticas cotidianas.

Trata-se, portanto, de elemento fundamental daquele imaginário, pois *informa acerca da realidade* - função precípua do imaginário -, como lembra Baczko, “ao mesmo tempo em que constitui um apelo à acção, um apelo a comportar-se de determinada maneira”<sup>352</sup>. Ainda nas palavras desse autor:

*(...) o dispositivo imaginário suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos de sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em*

<sup>351</sup> Canto da Falange das Samaritanas, obtido junto à Primeira Samaritana, Vera Lúcia Zelaya, filha mais nova de Tia Neiva.

<sup>352</sup> Bronislaw Baczko, “Imaginação Social”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol.5. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985., p. 311.

*caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma acção comum.*<sup>353</sup>

Enfim, é possível entender que, no Vale do Amanhecer, o tempo sagrado, seja ele relacionado às vivências individuais, às *encarnações* de seus mestres e ninfas, ou relacionado aos mitos de origem da comunidade, situados historicamente ou não, parece ser o principal agente estimulador e configurador do imaginário desse grupo social.

Tia Neiva, ao se assumir medianeira, *descreveu* os mitos de origem alusivos a sua *tribo*, sistematizou e recomendou vivamente os rituais, propiciou um painel de valores e de verdades que atuaram decisivamente em favor da consolidação de uma comunidade em que sua imagem se vê disseminada e evocada permanentemente. Seguiremos com nossa exposição com o propósito de dar a conhecer ao leitor algumas das representações por ela conformadas e referendadas que resultam no *imaginário sagrado* do Amanhecer.

### **3.2.3 Da dimensão conceitual e dos princípios doutrinários**

Propomo-nos, agora, estimulados por uma interação com os discursos provenientes de Tia Neiva e dos que se inspiraram em suas sentenças, a refletir acerca de conceitos e preceitos que, a nosso ver, definem-se basilares para a *Doutrina do Amanhecer*, identificam-na e se vêem responsáveis por conformar suas representações instituidoras de seu imaginário e, ao mesmo tempo, concorrem decisivamente para composição do caráter identitário dos adeptos da mensagem da *Clarividente*.

Iniciemos nosso percurso. Categoria conceitual de importância fundamental dentro do quadro de princípios doutrinários do Vale do Amanhecer é a de *médium*. Devidamente dicionarizado, o vocábulo é de uso corrente e há muito assenhoreado pela cultura espiritual brasileira, esta tão habituada à convivência com um sem-número de

---

<sup>353</sup> Idem, *ibidem*.

correntes religiosas que se afirmam e se fazem reconhecer espiritualistas, uma vez que se empenham em propor a crença na viabilidade e na naturalidade da intercomunicação a envolver vivos e mortos; para esses religiosos, encarnados e desencarnados. Ajusta-se o conceito de *médium*<sup>354</sup> àquele que seria “o intermediário entre os vivos e a alma dos mortos”<sup>355</sup>.

Incorporada ao léxico, portanto, a noção em tela não soa estranha à religiosidade brasileira. No entanto, segundo o entendimento proposto por Tia Neiva, ela vai assumir contornos específicos e ampliados. Do que precede, a concepção de médium preceitualmente prevista na Doutrina do Amanhecer é bastante complexa e nos exige abordá-la com mais vagar de sorte a ressaltar sua especificidade. Na ótica doutrinal do Vale, todos os seres humanos essencialmente se definem como médiuns, isto é, são por natureza dotados de mediunidade, que seria a qualidade de médium. Para tanto, vejamos o que afirma a Doutrina nas palavras de um de seus membros hierárquica e intelectualmente mais destacados, o mestre<sup>356</sup> José Carlos do Nascimento Silva, Trino Regente Triada Tumarã<sup>357</sup>:

*A mediunidade é um fenômeno natural que existe em todos os seres encarnados, variando apenas sua natureza e intensidade de indivíduo para indivíduo. O médium é o intermediário, o que faz a ligação entre o que é objetivo e o subjetivo, o que, pela intuição e ligações mais refinadas, liga um plano a outro, o que permite o intercâmbio entre o mundo material e o mundo espiritual. Trata-se de um dom natural e comum, tendo ocorrido, na História da Humanidade, de forma ostensiva, mas sempre tratada com visão deturpada como sendo manifestação do sobrenatural, fruto de milagres ou sob aspecto supersticioso. Na nossa Doutrina, a mediunidade é vista como um fato natural, real e comprovável em qualquer pessoa. A base da mediunidade é uma energia sutil que se origina na corrente sangüínea e se volatiliza pelo sistema nervoso. Todos os seres humanos são médiuns naturais, manipulando*

<sup>354</sup> No corpo textual deste trabalho, eventualmente, poderemos vir a empregar o vocábulo de sorte a fazer menção aos que exercem suas funções junto à prática doutrinário-religiosa no Vale.

<sup>355</sup> Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Verbete *médium*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 1110.

<sup>356</sup> Mestre: forma de tratamento adotada para designar os homens praticantes da Doutrina do Amanhecer.

<sup>357</sup> Trino Regente Triada Tumarã: trata-se de uma terminologia respeitante ao grau hierárquico a que esse médium/mestre, na Doutrina do Amanhecer, atingiu. Internamente, além de o mestre José Carlos, o médium é também chamado, observado esse mesmo patamar hierárquico, Trino Triada Tumarã.

*essa energia de forma subconsciente e controlada apenas pelos seus sentimentos e pensamentos.*<sup>358</sup>

Diante do fragmento discursivo em análise, importa-nos refletir, reiteradamente, sobre uma questão fundamental na apresentação dos preceitos doutrinários manifesta pelo Vale do Amanhecer, qual seja, a apropriação de um discurso de enquadramento científico como mecanismo de validação de suas categorias religiosas. Prática comum entre os espiritualistas, herdada das formulações teóricas consignadas por Allan Kardec<sup>359</sup> no transcurso da segunda metade do século XIX, momento em que o evolucionismo e o cientificismo contianos investiram decididamente na conformação do pensar social e academicamente instituído e, naturalmente, fizeram-se repercutir no território espiritual.

Depreende-se, ainda, das noções de médium/mediunidade acima sinalizadas que, para a Doutrina do Amanhecer, não há exclusivismo de um número reduzido de pessoas no que se refere à faculdade e ao exercício da mediunidade, a exemplo do que defende a maior parte das correntes espíritas/espiritualistas. Ressoados os ensinamentos de Tia Neiva, não se vêem os médiuns do Amanhecer como diferenciados por dispor de uma habilidade singular capaz de viabilizar o contato direto com seres sobre-humanos. Ao contrário, a mediunidade, quando necessário o seu desenvolvimento, tem sua face obrigatória, uma vez que se torna indispensável ao homem em busca da afirmação evolutiva.

O Trino Tumarã afirma ser “o objetivo da mediunidade (...) o resgate cármico, correção dos erros praticados no passado”<sup>360</sup>. Portanto, surgem daí mais dois conceitos vitais para o entendimento da Missão e do arranjo sócio-religioso afetos ao Vale do Amanhecer, sintetizados no binômio *Carma X Reencarnação*, sem os quais se torna impraticável qualquer tentativa de penetrar a cosmovisão desse movimento religioso.

---

<sup>358</sup> José Carlos do Nascimento Silva. *Observações Tumarã...* Op. cit., p. 272.

<sup>359</sup> Rezam os biógrafos de Allan Kardec que este possuía formação acadêmica plural. Ao passar pelas mãos do famoso educador Johan Heinrich Pestalozzi, o poliglota Hippolyte Léon Denizard Rivail – seu nome de batismo – transitou nos domínios da matemática, da física, da química, da fisiologia e da astronomia, mas principalmente via-se a si mesmo como pedagogo. Podemos inferir que os meios intelectuais da França do século XIX não lhe eram estranhos. Ver Edson Audi. *Vida e obra de Allan Kardec*. São Paulo: Lachatre, 1999.

<sup>360</sup> Idem, ibidem, p. 272.

A socióloga Deis Siqueira, a quem nos referimos por ocasião da apresentação das novas religiosidades que têm lugar em Brasília e região, em seus estudos, viu-se diante da exigência de apresentar conceitualmente as noções de *carma* e de *reencarnação* e, ao fazê-lo, propõe-nos de modo abreviado uma abordagem conceitual dessas que são categorias caras às novas expressões espirituais que se assumem tributárias do carma:

*(...) lei de causa e efeito ou lei de ação e reação. Ou seja, o sexo, as condições socioeconômicas, a saúde de uma pessoa, de um grupo ou mesmo de um povo são explicadas ou compreendidas pelo comportamento e pelo desempenho das pessoas em suas vidas passadas, suas encarnações anteriores – carma a saldar.*<sup>361</sup>

Deis Siqueira nos acentua a relação envolvendo as vivências passadas desses religiosos e seus desdobramentos na vida presente. Ao aquiescer com sua reflexão, gostaríamos de reiterar nossa compreensão: a *weltanschauung* (visão de mundo) dos adeptos do Amanhecer, em concordância com o que anteriormente ponderamos, está fortemente arraigada a sua relação com o passado, recorre com insistência a sua *Hiera Anagraphe* (História Sagrada) para que venha a definir sua fisionomia.

Por se reconhecerem e se confessarem reencarnacionistas, as vivências passadas que crêem ter experimentado cumprem papel decisivo na estimulação da conduta de vida que *ora* empreendem. Tais vivências existenciais pretéritas são responsáveis por modelar um representacional que, invariavelmente, se desdobra na experiência cotidiana – individual ou coletiva – desses religiosos.

Tia Neiva em aulas e escritos doutrinários se valeu reiteradas vezes das noções por nós discutidas, proporcionando a elas suas conexões, dotando-as de sentidos e vinculando-as entranhadamente ao imaginário do Amanhecer. Uma vez mais é o mestre José Carlos que, ao repassar os *esclarecimentos* e as advertências emanadas da *Clarividente*, oferece-nos o acesso às representações por ela asseveradas:

---

<sup>361</sup> Deis Siqueira. *As novas religiosidades no Ocidente*: Brasília, cidade mística. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003, p. 48.

*Koatay 108 [nome espiritual de Tia Neiva] nos disse, em muitas de suas aulas, que o médium do Amanhecer consegue libertar-se, nesta encarnação, graças à Doutrina, de cobradores que demandariam quatro ou cinco encarnações caso ele não estivesse no Vale. A Lei do Carma, ou de Causa e Efeito, é suavizada pelo trabalho na Lei do Auxílio. A encarnação é, essencialmente, oportunidade de reajuste.*<sup>362</sup>

Podemos consentir serem esses bens simbólicos respeitantes ao inventário de representações pensado, sancionado e irradiado por Tia Neiva como instrumental competente na tessitura do que reconheceríamos ser a trama social. Esse privilégio que a ela estava direcionado, o de dar viço a esse *imaginário sagrado*, parece-nos instruir decididamente a sua ascendência e, no que toca diretamente o nosso empreendimento investigativo, configura-se problemática epistemológica fundamental, que será retomada, com mais vagar, quando do capítulo que dá fecho ao presente produto intelectual.

Entretanto, antecipada e, a nosso juízo, coerentemente, avaliamos ser indispensável dar voz a Castoriadis para refletir mais uma vez sobre a categoria do imaginário e a pertinência deste na construção do que ao homem se converte em realidade dada, ou antes, imaginada, mas, sobretudo vivida. Façamos com que se pronuncie o filósofo grego acerca da amplitude conceitual do imaginário:

*Este elemento que dá funcionalidade a cada sistema institucional sua orientação específica, que sobredetermina a escolha e as conexões das redes simbólicas, criação de cada época histórica, sua singular maneira de viver, de ver e de fazer a sua própria existência, seu mundo e suas relações com ele, esse estruturante originário, esse significante-significado.*<sup>363</sup>

O adepto do Vale do Amanhecer, motivado por esse *imaginário sagrado*, converte-se naquele que crê efetivamente ser a soma de suas experiências encarnatórias precedentes. Daí a recorrência vigorosa aos ritos, aos mitos e às demais dimensões representativas do sagrado, que habitam seu universo mental, como meio de se relacionar socialmente e de equacionar um passado que para ele é determinante na conformação de sua visão de mundo e na condução de sua *vida presente*.

---

<sup>362</sup> José Carlos do Nascimento Silva. *Observações Tumarã...* Op. cit., p. 145.

<sup>363</sup> Cornelius Castoriadis. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 175 (grifos nossos).

Ao reassumirmos o discurso assinalado por Tia Neiva, que se distingue por atribuir ao *trabalho na Lei do Auxílio*<sup>364</sup> a possibilidade de se promover a *suavização do carma*, compreendemos de modo mais efetivo como se conciliam noções que num primeiro momento aparentavam vazias de sentido. Essa a lógica interna, assim reconhecemos, que informa e estrutura o grupo de seus seguidores.

Portanto, a recorrência a esse passado, que se traduz depositário do que intitularam os do Amanhecer de *heranças transcendentais*, torna-se vital para lhes assegurar a *Evolução* do espírito, compromisso predominante com o qual se ocupam em suas trajetórias existenciais. Reiteramos: passam a fazer sentido, assim, a entrega, por vezes, desmedida aos rituais, a partilha de um capital simbólico inusual que os identifica, a recorrência contumaz aos seres sobre-humanos promanados desse imaginário sagrado.

São essas as práticas que uma vez encaminhadas, crêem os *filhos de Tia Neiva*, tornam viável o propósito existencial prioritário desses homens e mulheres: evoluir. Afinal, os desejos humanos, em larga medida, orientam e autorizam condutas. A idéia de progresso, considerada a crença evolucionista em análise, em alinhamento à perspectiva propugnada pelo ideário moderno, absorvida e repaginada, pode ser reconhecida uma permanência vigorosa no imaginário sagrado representativo da Doutrina do Amanhecer.

Mas, compete-nos prosseguir com nossas considerações: originam-se dessas representações em conexão, com maior ênfase, o que vêm a ser, na visão consignada por Tia Neiva, duas novas e imprescindíveis noções: a de *individualidade* e a de *personalidade*. A primeira representa o ser na sua totalidade existencial, desde a sua criação até a presente *roupagem encarnatória*. A segunda prende-se à atual existência. Observe como Mário Sassi as coloca e as distingue:

*Você tem duas coisas diferentes para entender, que você é basicamente: a individualidade de seu espírito e a sua personalidade atual. Naturalmente você já percebeu que sua individualidade é coisa antiga, tão antiga que você nem sabe como ela começou a existir. Mas a sua personalidade é recente, pois tem exatamente a sua idade! Normalmente você vive tão preocupado com a sua personalidade que raramente (...) percebe sua individualidade. Entretanto, seu espírito tem a experiência*

---

<sup>364</sup> A *Lei do Auxílio* se convence, em linhas gerais, a prática da caridade, o comprometimento com os ritos afetos à Doutrina, com os *trabalhos espirituais*. À frente, detalharemos essa concepção de importância capital para os *jaguars*.

*de muitas encarnações, de experiências vividas durante milhares de anos. Ele tem a experiência acumulada de 20 ou 30 personalidades diferentes. (...) O Vale existe para reavivar sua memória espiritual, a principal coisa que ele vai lhe ensinar é a retomada de contato com seu próprio espírito. Isso será feito pelo mecanismo da mediunização.*<sup>365</sup>

Explicitadas as noções de individualidade e de personalidade, à luz das acepções referendadas pelo ideário propugnado por Tia Neiva e ilustrado por seu intérprete, revela-se possível melhor absorver os conceitos de Carma e de Evolução, dependentes da ação do encarnado em benefício da Lei do Auxílio. Agora é o mestre José Carlos quem nos posiciona próximos a essas concepções:

*À medida em que [sic] o médium se desenvolve, vai caminhando para dentro de si mesmo e descobre um intrincado conjunto de fatores que complicam sua jornada - o Carma. No Carma se projetam obstáculos provenientes de nossas experiências mal sucedidas ou incompletas, ações em outras vidas, é a consequência da Lei de Causa e Efeito, que preside todos os nossos atos. Infortúnios, doenças, crises morais e materiais, desastres, enfim, tudo o que foi planejado para nossa reencarnação no sentido de resgatarmos, da forma mais completa, nossos erros do passado, de forma inexorável, está no nosso Carma. Há várias maneiras de nos colocarmos num sistema evolutivo de vida. Na Doutrina do Amanhecer encontramos um imensurável repositório de forças desobsessivas, e aprendemos a manipulá-las harmoniosamente, em trabalhos e rituais, de forma progressiva, atenuando nosso carma e beneficiando a todos, fazendo com que, pela nossa evolução espiritual, possamos nos libertar dessas influências transcendentais. O carma não é castigo e, sim, uma forma de evolução, de aprendizado para o nosso espírito encarnado. Quando vivemos experiências numa existência, nossa consciência as registra de forma imperecível, passando-as para nosso espírito e compondo o carma de uma nova reencarnação. A Lei do Carma ou de Causa e Efeito é regida pelo princípio de que a sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória, isto é, a cada ação nossa, a cada maneira de ser, corresponde uma reação proporcional que retorna para nós mesmos. Temos que aprender a reconstruir nossa vida em função do conhecimento de nossa jornada cármica, buscando melhorar nosso relacionamento pessoal, profissional, amoroso e familiar; trabalhar na Lei do Auxílio independentemente de questões físicas ou materiais; projetar de forma positiva as forças do amor, da tolerância e da*

---

<sup>365</sup> Mário Sassi. *Instruções Práticas...* Op. cit., p. 19 (primeiro grifo: nosso; segundo grifo: original).

*humildade, buscando o equilíbrio e a harmonia com os nossos Mentores.*<sup>366</sup>

Segunda a compreensão do Amanhecer, trata-se a *Lei do Auxílio* do efetivo exercício da caridade, que se dá por meio da realização de trabalhos espirituais desenvolvidos, em geral, junto aos rituais da doutrina. José Carlos, ao recorrer à *Clarividente* e ao pôr em relevo a noção de caridade, propicia-nos novos elementos com relação ao conceito em destaque: “Tia Neiva nos afirma que é a forma de poder mudar a nossa história, a nossa jornada, aliviando nosso carma. A mediunidade é a principal ferramenta para a execução da caridade.”

Importa salientar, ainda, que não se restringe a lei do auxílio à caridade desenvolvida sob a rubrica dos rituais. Segundo as enunciações provenientes de Tia Neiva, o *médium* do Amanhecer, em vigília, mas também enquanto dorme, está a exercer continuamente a caridade:

*A potência de quem busca, honestamente, servir a seus irmãos não tem limites. E quando dormimos, cansados, pensando – pensando, com amor, em servir a alguém –, nos transportamos e saímos, pelos planos espirituais, em seu socorro.*<sup>367</sup>

Diante dos conceitos doutrinários de *carma* e de *evolução espiritual* e o vínculo, se não dependência, dos mesmos em relação a um passado imaginário, refletido nas encarnações que crêem ter experimentado os adeptos da Doutrina por meio de sua *individualidade*, torna-se evidente a necessidade que têm eles de se relacionar com um tempo sagrado, mítico ou historicamente localizado, mas que opera, sobretudo, como fundamento para a existência do Vale do Amanhecer, legitimando suas ações cotidianas, individual ou coletivamente, perante a sociedade ou na execução de seus ritos. Tia Neiva, em carta que subscreveu e destinou a uma das adeptas por quem observava profunda estima e a reconhecia na sua condição de liderança doutrinária<sup>368</sup>, reafirma e compendia o conexionismo do *jaguar* com esses que são tempos emissores de sentidos:

<sup>366</sup> José Carlos do Nascimento Silva. *Observações Tumarã...*Op. cit., p. 69-70.

<sup>367</sup> Tia Neiva. *Apud* José Carlos do Nascimento Silva. *Observações Tumarã...*Op. cit., p. 97.

<sup>368</sup> Trata-se de Maria Edelves Couto dos Reis, a única mulher no Vale do Amanhecer a ser consagrada por Tia Neiva um Adjunto Arcano, que, conforme esclarecemos no capítulo II, na organização hierárquica do Amanhecer, segue-se aos trinos, estes últimos que, excetuando-se a *Clarividente*, convencem-se as

*Lembremo-nos sempre que estamos a remover séculos em busca das raízes que deixamos. E abraçamos o que deixaram os nossos antepassados nos altos planos dos céus, eis a única forma de favorecermos a paz em nossos corações. Todos juntos, formamos uma grande força, formamos um CONTINENTE. Todos com suas atribuições e deveres, assumimos por amor a esta singular missão, e é impregnados do mais puro amor incondicional que cada um deve respeitar a individualidade uns dos outros, uma vez que LEI é LEI e ela existe para todos. **Somos Jaguares do Terceiro Milênio**, meus filhos, e o que transmito a vocês eu recebo de Deus, do Pai Seta Branca, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo.*<sup>369</sup>

Ao tomarmos de empréstimo a imagem adotada por Tia Neiva, que aos jaguares fala da *busca das raízes* por eles deixadas, reconhecemos em seu discurso a estratégia de se introduzir e repercutir um vigoroso *enraizamento religioso e territorial*, que, ao inscrevê-los numa imagem espacial agregadora, a do *Continente*, ocupa-se de lhes sugerir e definir uma compleição e estatura identitárias. Mais do que isso: não se resume seu arrazoado discursivo a um movimento retrospectivo, pois que se resolve igualmente prospectivo. *Porta-voz autorizado* por entes sobre-humanos, que, frise-se, dispunha de expressivo reconhecimento, a *clarividente* projeta seus *filhos* ao *Terceiro Milênio*, este que à luz dos vaticínios místicos se quer confirmar uma *realidade* espaço-temporal contemplada por promettimentos e avanços. Uma era, antes de tudo, a ser almejada.

### 3.2.4 Da disposição gregária: por uma universalização do sagrado

Tia Neiva definia-se ainda por uma sentida inclinação ao diálogo e à coexistência transigente com os demais grupos e instituições religiosas. Se observados os

---

representatividades máximas do movimento doutrinário. Dada a sua distinção hierárquica, a exemplo dos homens, tratavam-na por *mestre*, Mestre Edelves. Um registro: Edelves veio a falecer a 29 de setembro de 2005.

<sup>369</sup> Tia Neiva. *Carta de Tia Neiva sobre o Adjunto Yurici, Mestre Edeleves*. Vale do Amanhecer: s.e, 08 de outubro de 1985, p. 2. As expressões em caixa alta se acham grifadas no original. As expressões em negrito portam grifos nossos.

seus discursos nos ocorre nitidamente a imagem de sua postura relativista, tolerante, potencialmente gregária. Alheia a fundamentalismos e a posturas excludentes, parecia se ajustar, sim, à idéia de uma comunhão entre as designações que derivavam do sagrado.

Consideramos que essa adesão e difusão de um discurso permeável e aglutinador no que toca ao sagrado e suas numerosas denominações ganha contornos mais pronunciados na relação de interação, de apropriação e de acomodação que desenvolve junto às representações que, à época em que dá início a sua *trajetória hierofânica*, canalizam a postulação comprometida em assegurar ao Brasil uma missão destacada.

Além do Mestre Yokaanam, que se assumia eclético e propunha a unificação de todas as religiões, desde que essas se vissem *depuradas* e dotadas de *propósitos elevados*, especialmente Mário Sassi, ávido leitor dos textos espíritas, seu interlocutor privilegiado, assim entendemos, reforçou na *Clarividente* a imagem de um *Brasil*, como sendo a *Pátria do Evangelho*. Vejamos como a literatura espírita, sobre a qual Mário Sassi exercia um domínio considerável, orquestrou a representação de um Brasil missionário.

Sob o referendo da Federação Espírita Brasileira (FEB), a primeira publicação interessada em propagar a reputação de um Brasil *espiritualmente eleito* data de 1938: *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho*, obra espírita, psicografada por Francisco Cândido Xavier<sup>370</sup>, que teria sido *ditada* ao *médium de Uberaba* pelo espírito de Humberto de Campos<sup>371</sup>. Vejamos como, no arrazoado que norteia a obra em apreciação, o discurso de caráter previdente se resolve e se fundamenta:

*Nessa abençoada tarefa de espiritualização, o Brasil caminha na vanguarda. O material a empregar nesse serviço não vem das fontes de produção originariamente terrena e sim do plano invisível, onde se elaboram todos os ascendentes construtores da Pátria do Evangelho. (...) É para essa grande obra de unificação que todos os emissários*

---

<sup>370</sup> Francisco Cândido Xavier nasceu a 2 de abril de 1910, em Pedro Leopoldo, município distante 35 quilômetros de Belo Horizonte, Minas Gerais. Após uma vida vinculada aos princípios e valores estabelecidos por Allan Kardec e dedicada, ainda, à composição de um copioso número de obras disseminadoras do espiritismo, fez-se reconhecer como o maior médium brasileiro. Acerca da vida e da obra de Chico Xavier, recomendamos: Bernardo Lewgoy. *O Grande Mediador. Chico Xavier e a Cultura Brasileira*. Bauru: EDUSC - PRONEX/CNPQ/Movimentos Religiosos no Mundo Contemporâneo, 2004. v. 1. 136 p.

<sup>371</sup> Jornalista, político e escritor brasileiro, Humberto de Campos (1886-1934) tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras, o terceiro ocupante da cadeira de número 20, cujo patrono é Joaquim Manuel de Macedo.

*cooperam no plano espiritual, objetivando a vitória de Ismael [consoante a crença de Chico Xavier, Ismael é lido como o espírito guardião e protetor do Brasil]<sup>372</sup> nos corações. E os discípulos encarnados bem poderiam atenuar o vigor das dissensões esterilizadoras, para se unirem na tarefa impessoal e comum, apressando a marcha redentora.<sup>373</sup>*

Não está em pauta absolutamente o valor probatório da psicografia, o que merece um olhar indagador são as representações por ela expressas. Destaque para o conceito de unificação, reiteradamente assinalado pela trama discursiva que dá validade ao intento unificador reservado ao Brasil e a seus condutores. Outra passagem em que Cristo falaria a Ismael de sua missão:

*Atendendo aos seus rogos reiterados, a palavra do Mestre se faz ouvir, esclarecendo o seu emissário dileto: — Ismael — disse-lhe o Senhor — concentraremos agora todos os nossos esforços a fim de que se unifiquem os meus discípulos encarnados, para a organização da obra impessoal e comum que iniciaste na Terra. Na pátria dos meus ensinamentos, o Espiritismo será o Cristianismo revivido na sua primitiva pureza, e faz-se mister coordenar todos os elementos da causa generosa da Verdade e da Luz, para os triunfos do Evangelho. Procurarás, entre todas as agremiações da doutrina, aquela que possa reunir no seu seio todos os agrupamentos; colocarás aí a tua célula, a fim de que todas as mentalidades postas na direção dos trabalhos evangélicos estejam afinadas pelo diapásão da tua serenidade e do teu devotamento à minha seara. E como as atividades humanas constituem, em todos os tempos, um oceano de inquietudes, a caridade pura deverá ser a âncora da tua obra, ligada para sempre ao fundo dos corações, no mar imenso das instabilidades humanas. A caridade valerá mais que todas as ciências e filosofias, no transcurso das eras, e será com ela que conseguirás consolidar a tua Casa e a tua obra.<sup>374</sup>*

Essas são representações que à época circulavam em profusão e, a nosso ver, Mário Sassi, consideradas a sua formação livresca e sua identificação com a apreensão intelectualizada do sagrado, esteve a absorvê-las com maior avidez. Também por isso, nesta seção, ocupamo-nos de propiciar um espaço mais amplo a Mário Sassi, que,

---

<sup>372</sup> Segundo a compreensão de Chico Xavier, tratar-se-ia Ismael do patrono e guia espiritual do Brasil subordinado ao Cristo, *governador geral da Terra*.

<sup>373</sup> Francisco Cândido Xavier. *Pátria do Evangelho*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira/Departamento Editorial e Gráfico, 1938, p. 10 e 162-3.

<sup>374</sup> Francisco Cândido Xavier. *Pátria do Evangelho*... Op. cit., p. 157.

reconheçamos, exerceu sentida influência sobre a constituição e a dinamização do imaginário de Tia Neiva.

Mário Sassi sempre se posicionou como evangelizador. Naturalmente, deixava-se insemear por essa perspectiva que anunciava e atestava ser o Brasil uma terra predestinada. Em um de nossos encontros com o Mestre Mário<sup>375</sup>, causou-nos impressão a biblioteca que havia constituído. Mário Sassi, conforme assinalamos no segundo capítulo, além de sua formação religiosa militante, uma vez que se integrou à Juventude Operária Católica, detinha leituras diversificadas. Antes de se unir a Tia Neiva, presumivelmente mantivera, por exemplo, envolvimento com o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento e também com os estudos teosóficos.

Em sua biblioteca particular, poderíamos encontrar obras como as de Pietro Ubaldi (1886-1972), o místico da Úmbria, filósofo italiano de inspiração espiritualista que muito influenciou os estudos e os partidários do espiritismo no Brasil. Reconhecido entre os do meio espírita como fecundo pensador do terceiro milênio, Ubaldi, importa-nos ressaltar, definia-se associado ao Cristo e a São Francisco de Assis, dois dos mais significativos entres sobre-humanos cultuados pela Doutrina do Amanhecer. Contam os veteranos do Amanhecer que *Seu Mário* lia com assiduidade e manifesto interesse a obra de Pietro Ubaldi.

Em relação aos livros publicados por Ubaldi, compete-nos mencionar seu trabalho mais destacado: *A Grande Síntese*<sup>376</sup>. Nele evangelho, intuição, racionalismo, cientificismo, evolucionismo e mediunidade perfazem conteúdos importantes do pensamento de Ubaldi, que, certamente, vão influenciar a postura e as convicções de Mário Sassi.

Ademais, o intérprete e interlocutor privilegiado da *Clarividente* estimará obras outras de matriz espiritualista. Destacaremos ainda *Os exilados de Capela*<sup>377</sup>: escrita

---

<sup>375</sup> Conhecemos pessoalmente Mário Sassi em 1988. Em seu escritório, situado na área templária, encontravam-se, além das publicações doutrinárias, a sua presença impactante, sua inteligência e poder de síntese assinaláveis. Na sala de entrada de sua residência, localizada nas proximidades do templo, achava-se uma biblioteca particular de porte considerável, que contava com obras de literatura espírita, ciências humanas e sociais, além de livros de ficção científica.

<sup>376</sup> A primeira edição de *A Grande Síntese* data de 1937. Segundo os comentadores dos trabalhos de Pietro Ubaldi, tratava-se *A Grande Síntese* de uma obra revelada. Monteiro Lobato (1882-1948), tradutor, editor e reconhecido escritor brasileiro, estimou-a como sendo o seu livro predileto. Cf. 19. Pietro Ubaldi. *A Grande Síntese*. 19ª ed. Campos de Goytacazes: Fraternidade Francisco de Assis, 1997.

<sup>377</sup> Edgar Armond. *Os Exilados de Capela*. 23ª ed. São Paulo: Editora Aliança, 1987.

por Edgar Armond (1894-1982), militar, maçom e espiritualista brasileiro, defendia a idéia de que o planeta Terra teria sido habitado por uma categoria de espíritos que, por força de sua degradação moral, sofreram o exílio de seu planeta de origem, Capela, na Constelação do Cocheiro. Capela, segundo o entendimento da Doutrina do Amanhecer, consignado pela *Clarividente*, resolve-se como o planeta a que deverão, uma vez evoluídos, retornar os jaguares do Amanhecer.

Por fim, é válido assinalar, Mário Sassi apreciava os escritos de Huberto Rohden (1893-1981)<sup>378</sup>, pensador reconhecido como o precursor do *espiritualismo universalista* no Brasil, corrente de pensamento esta que assumia como corolários o ecumenismo, o pluralismo, o universalismo, a transdisciplinaridade, a cidadania planetária e cósmica. Postulados gregários estes que, consoante evidenciamos no primeiro capítulo, ganharam a cena da nova capital federal se reconhecidas algumas de suas expressões culturais propositoras do sagrado: a Legião da Boa Vontade, a Cidade Eclética, a Universidade da Paz.

Huberto Rohden, ainda, a exemplo do intérprete e decodificador da Doutrina do Amanhecer, acreditava aberta e entusiasticamente na existência de seres extraterrestres e, influenciado pelo *espiritualismo universalista*, acabou por formular o que denominou de *filosofia univérsica*, por meio da qual defendia a plena harmonia entre os seres de todo o universo e o florescimento da essência divina do indivíduo: conteúdos representacionais que não escapam aos valores observados pela Doutrina do Amanhecer.

Mestre Yokaanam, o General Uchôa e em especial Mário Sassi, cada qual de modo característico, partilhavam de uma crença universalista que instilava uma desejável conjunção das devoções e espiritualidades. Sensibilizada pelo ânimo dessas representações de inclinação gregária correlacionadas ao sagrado e que se viam, como intentamos demonstrar, em febril circulação, Tia Neiva, ainda que ressaltada a idéia de que se acreditava a *Clarividente* propiciadora e mantenedora de um *sacerdócio singular*, anunciava divisar ela mesma uma futura unificação das religiões, em especial daquelas que revelavam lealdade à crença na manifestação de *realidades espirituais*:

---

<sup>378</sup> Há relatos, provenientes dos adeptos da Doutrina do Amanhecer, de que Mário Sassi e Huberto Rohden estabeleciam, ocasionalmente, contatos telefônicos. De Rohden, Mário Sassi, confidenciou seu sucessor nos trabalhos de editoração das obras doutrinárias do Vale do Amanhecer, Bálamo Álvares Brasil de Lucena, apreciava em particular o livro *Quinto Evangelho: A Mensagem de Cristo, o Apóstolo Tomé*.

*Há muitos anos venho tentando esclarecer o espírito da Verdade, porém sem qualquer pretensão ou interesse em divulgar o Espiritismo, o Espiritismo tão profanado por todas as religiões. O Espiritismo classificado de Allan Kardec é o único aceito, que ainda se respeita. **Não podemos negar que somos baseados nele.** Porém, eu, Neiva, antes de chegar até aqui, me comprometi nos planos espirituais impregnar na mente e no coração do Homem uma Doutrina, acompanhando o Espiritismo e o identificando como verdadeiro espiritista, sem se incomodar que seu vizinho trabalhe assim ou não. A mente do Homem vazio é ligeira e nada grava, não tendo ectoplasma para registrar suas lições, só entendendo a dor quando, egoisticamente, lhe dói ou é enganado. No entanto, o Homem que já se identificou, com convicção, como espiritista, tem base sólida, sua mente é científica e dificilmente sofre com a dor. **Eu tenho por missão impregnar no Homem o amor, a tolerância e a humildade.** O Homem precisa reconhecer que tudo é bom! Em cada pessoa encontramos uma lição e delas recebemos um carinho quando lhes damos. O Homem convicto de que tudo é bom deixa de ser criticado pelos outros, pois é evidente que os críticos são os exaltados. Eu sou uma espiritista, sou clarividente, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo! **Tenho o meu ritual de trabalho, que não posso dizer que acompanho Allan Kardec ou que seja umbandista, e nem tão pouco do Candomblé.** Não sou porque amo a minha corrente, **tenho a minha missão.** (...) Se não sou Kardecista, Umbandista ou do Candomblé é apenas porque tenho minha missão. **Porém, amo a todos! Sei que vai haver uma unificação entre nós, porém isto é muito delicado, pois não sabemos qual será escolhida por Deus para unificar as outras três.** Mas, não me preocupo quanto a isto!<sup>379</sup>*

Sem deixar de mencionar as influências que sofrera, em particular do espiritismo kardecista, Tia Neiva responde-nos, ao reforçar sua pertença, com a demarcação de seu território, ressalta a sua identidade religiosa alicerçada em um sentido existencial, sob as vestes de um *compromisso missionário*. Em seu discurso, portanto, fica evidenciada a defesa de seus valores e das fronteiras no interior das quais ela própria dá continuidade a sua *missão* e consente a estabilidade de seu grupo.

Entre a ávida procura pela territorialização e a iminência da desterritorialização, Tia Neiva termina por assumir uma postura ambiversa, que se oferece pragmática e se resolve bem-sucedida: de um lado, pôs-se a assimilar confessadamente conteúdos representativos de outras denominações do sagrado; de outro, alocou todo um investimento discursivo que tem como finalidade projetar, instituir e asseverar a

---

<sup>379</sup> Tia Neiva. “Carta do acervo pessoal da Clarividente datada de 20 de junho de 1975”. In: José Carlos do Nascimento e Silva. *Observações Tumarã*. Vale do Amanhecer, s.e, out.88, p. 211 (grifos nossos).

singularidade identitária de seu universo religioso. Revelava-se, uma vez mais, sua sensibilidade dialógica e seu trânsito atento por entre as rotas desarmônicas de uma região cultural que se prenunciava difusa, fragmentária.

### 3.2.5 Do sentido existencial prevalente: o doutrinador

Tema incontornável aos que se esforçam em reconhecer os indicadores religiosos capazes de singularizar Tia Neiva diz respeito à missão maior *confiava* ter de desempenhar em vida: originar o doutrinador<sup>380</sup>. Reiteradas as ocasiões, cujos registros documentais se somam abundantes, em que afirmou ser a *implantação da mediunidade* do doutrinador seu propósito *missionário* primordial.

Como primeiro exemplo de verificação, compete-nos registrar: Neiva, ainda em 1958, portanto, um ano após ter *experimentado* seus primeiros contatos com as entidades que a *instruíam* e a *acompanhariam* em sua *trajetória hierofânica*, pronuncia um juramento, por intermédio do qual manifesta seu compromisso mais representativo perante o universo sagrado que a ela se revelava: a criação do Doutrinador. Eis o juramento:

---

<sup>380</sup> Importante: a expressão-condição do doutrinador não é exclusiva da Doutrina do Amanhecer. Pode ser encontrada, por exemplo, no espiritismo kardecista, assim como em outras formações espiritualistas. O doutrinador, em síntese, figuraria como aquele que se empenha em assimilar e retransmitir conhecimentos afetos ao mundo espiritual e, acima de tudo, convence-se interlocutor privilegiado, empenhado que está, consoante a interpretação dessas denominações, em contatar e esclarecer espíritos desencarnados de sua condição com vistas a projetar-lhes ao caminho da evolução. No Amanhecer, o doutrinador ocupa uma posição de centralidade no contexto doutrinário. Segundo a visão dos adeptos, diferencia-se por ser um iniciado, dispor de um plexo iniciático. Vejamos como o define um dos “intelectuais” do Amanhecer, mestre José Carlos: “Na nossa Doutrina, o médium que é consciente, vigilante e racional, sem incorporar, é denominado DOUTRINADOR. (...) Sua mediunidade funciona com base no sistema nervoso central ativo, onde a vontade e a consciência predominam, assumindo o comando de seu sistema neurovegetativo. O Doutrinador corretamente mediunizado se liga a seus Mentores e se torna receptivo dessas forças superiores, tornando-se pólo emissor de energias positivas, vibrações que podem ser transmitidas por suas palavras, pela aplicação das mãos, pelo olhar e até mesmo pelo simples pensamento direcionado. Diferente do doutrinador de outras correntes espiritualistas, o Doutrinador do Amanhecer tem seu plexo iniciático preparado pelo trabalho de Koatay 108, que buscou dar, com sua atuação, a base científica do mediunismo utilizado em nossa Corrente, sendo, assim, a primeira passagem na Terra de uma falange de Doutrinadores encarnados com plexo iniciático.”. Cf. José Carlos do Nascimento Silva. *Observações Tumarã*. Brasília: s. ed., out. 1999.

*Jesus! No descortinar desta missão, sinto renascer o espírito da verdade na missão que me foi confiada: o Doutrinador! É por ele, e a bem dele, que venho, nesta bendita hora, Te entregar os meus olhos. Lembra-Te, Senhor, de protegê-los até que eu, se por vaidade, negar o Teu santo nome, mistificar a minha clarividência, usar as minhas forças mediúnicas para o Mal, tentar escravizar os sentimentos dos que me cercam ou quando, desesperados, me procurarem. Serei sábia, porque viverás em mim! Tia Neiva.<sup>381</sup>*

Em nossas reiteradas visitas ao campo, fixou-nos ter ouvido em certa ocasião de um dos *jaguares* que se tratava o doutrinador de *a criação suprema do Amanhecer*. De fato, se analisadas as representações e práticas que particularizam os adeptos, o doutrinador parece agregar em si fração destacada do investimento simbólico pensado e materializado por Tia Neiva. Ao doutrinador está reservado, em regra, o comando dos setores ritualísticos, a responsabilidade de conduzir a instrução doutrinária e a prerrogativa de ocupar posições de comando no que respeita ao arranjo hierárquico do Amanhecer. Ao pretender assegurar e potencializar a estatura do doutrinador, Tia Neiva o qualificou prospectivamente como o *homem do Terceiro Milênio*.

Em seu acervo de cartas, igualmente, fez ressoar o propósito de dar a conhecer aquele que se resolveria, segundo ela, seu feito missionário de maior significação. Crava em sua própria história de vida o doutrinador como o registro de seu sentido existencial predominante. Por meio de escritos pessoais e de seus pronunciamentos estimou afiançar a seus adeptos e a outros essa convicção. Situemos como ela própria, ao narrar o momento crucial que dá origem à sua *trajetória hierofânica*, assinala, em tom resolvido, o que a ela representou a criação do doutrinador, feito este que, à luz de seus enunciados, processou-se sob o primado da renúncia:

*Em 1959, tive que aceitar a morar na “Serra do Ouro”, onde fundamos a “União Espiritualista Seta Branca”. Foi o mais terrível martírio, pela brusca transformação de toda a minha vida. Meus filhos Gilberto, Raul Oscar, Carmem Lúcia e Vera Lúcia, estavam na crítica idade de estudos*

---

<sup>381</sup> Neiva Chaves Zelaya (Tia Neiva). *Juramento de Tia Neiva*. Proferido em 01/05/1958, no Núcleo Bandeirante. Vale lembrar que, para o Vale do Amanhecer, o doutrinador seria um médium consciente, vigilante e racional, que, sem incorporar, organiza e dirige os rituais e o andamento da Doutrina.

*e desenvolvimento. Renunciei a tudo, porque somente uma lei passou a existir: O DOCTRINADOR!*<sup>382</sup>

Consideramos que esse gesto renunciador vai ao encontro do conceito de *sacrifício-dom* pensado conceitualmente por Angelo Brelich. Tia Neiva, ao abdicar de conduzir a educação de seus filhos em atenção à *lógica cultural* dominante, acaba por eleger um *desígnio superior*, a *criação* do *doutrinador*, como o seu *sentido existencial prevalente*. Marcelo Massenzio, historiador das religiões, é quem nos apresenta a noção teórica consignada por Angelo Brelich:

*(...) o sacrifício-dom, por intermédio do qual o homem tende a entrar em relação com a esfera sobre-humana, cedendo a esta última algo de si. Para tanto, o objeto da doação deve passar do plano profano de partida ao plano sagrado, para que possa ser acolhido pelas entidades sobre-humanas. Nesse caso se deseja criar uma ponte entre o mundo humano e a autoridade sagrada (...)*<sup>383</sup>

Em resumo: estabelecia-se essa conexão com a autoridade sagrada por força da deliberação sacrificial de se oferecer à concepção do doutrinador. Essa se nos parece uma leitura representacional que no Amanhecer se instituiu vigorosa: a *mãe do doutrinador*, como a ela se dirigem os *jaguares*, ao renunciar manifestamente aos valores e reguladores temporais, tornava indefinidamente ampla a sua aura de sacralidade.

Importa-nos ainda um último registro: após a morte de Tia Neiva, consideradas as declarações que fez circular, sobretudo as que se deram proximamente ao arremate de sua trajetória hierofânica, o doutrinador deveria se estabelecer ainda mais prestigiado no Amanhecer. Isso porque quando se viu questionada sobre se sua filha mais velha, Carmem Lúcia Zelaya, deveria sucedê-la em seu compromisso como líder hierática da Doutrina do Amanhecer<sup>384</sup>, rebateu prontamente que não desejaria isso a ela. Em resposta ainda ao questionamento que lhe foi proposto, afirmou ser todo doutrinador uma

---

<sup>382</sup> Neiva Chaves Zelaya (Tia Neiva). *Autobiografia Missionária...* Op. Cit., p 82 (grifo original).

<sup>383</sup> Marcelo Massenzio. *A História das Religiões na cultura moderna*. São Paulo: Hedra, 2005, 130-1.

<sup>384</sup> A sucessão de Tia Neiva se radicou uma questão vigorosamente controversa entre os da comunidade do Amanhecer. Por ocasião do capítulo final do presente esforço, oportunizaremos a ampliação da análise deste tema.

*Tia Neiva*, desde que este apresentasse amor em seu coração. Portanto, aquele que a sobreviria, que simbolicamente a herdaria por sucessão, seria o *seu filho, o doutrinador*<sup>385</sup>.

### 3.2.6 Da mensagem sumarizada: o amor incondicional

Outro registro representacional que desponta do imaginário hierático de Tia Neiva e nos aconselha a lhe prestar uma leitura individualizada se centra no mais visível e recorrente dos princípios éticos que recomendava a seus adeptos: o amor incondicional. Máxima doutrinária que se via em regra acompanhada de outros dois ordenadores éticos: a humildade de tratamento e a tolerância de compreensão. Esse o ternário ético que, por meio de seus discursos, objetivou tenazmente infundir em meio à comunidade que gestou. Vejamos como ela mesma em seus registros escritos modela seu entendimento de amor:

*Quando amamos com ternura, vemos o ente amado em tudo que encontramos, porque o amor nos dá luz, nos dá calor. **Sinta se impregnar em ti o amor incondicional, e verás que todos são teus irmãos...** O amor se reproduz dentro de nós e nos produz uma vida na vida, junto à vida que já temos. O amor é a verdadeira sintonia em Deus!*<sup>386</sup>

Ao associá-lo ao divino, reforça no amor a sua face transcendente. Ao reconhecê-lo pleno em sua manifestação e irreprimível em seu alcance, parece-nos que o eleva à categoria de ordenador soberano da experiência humana. Nessa sua singela construção representacional parece querer sugerir a relação de interdependência entre as dimensões imanente e transcendente. Ao preconizar ainda a incorporação do amor absoluto como instrumento validador de um espírito fraternal, uma vez mais a sua disposição em anexar à alteridade ganha expressão em seu discurso.

---

<sup>385</sup> Reportagens: Vale do Amanhecer. Pimentel Produções. Vale do Amanhecer: Armarinho Pimentel, 2006. Parte 1. O Vale (180 min.): DVD, NTSC, son., color., port., 26 min.

<sup>386</sup> José Carlos do Nascimento Silva. *Observações Tumarã...* Op. cit., p. 47 (grifos nossos).

Não nos parece impropriedade reconhecer que a religiosidade ocidental tem no *amor*, resguardada a sua amplitude semântica, um de seus signos medulares. Princípio orientador que nos fala do coração e da prosperidade do *ethos* cristão, o *amor ao próximo* não se traduz uma representação espiritual a ser vista com indiferença, estabelece-se antes como um dizer desejável. Colocamo-nos diante de um ato locucional que deriva de uma *formação discursiva*<sup>387</sup> de matriz espiritual que se distingue por sua envergadura simbólica e vigor histórico.

*Tia Neiva, como a senhora consegue viver apenas com um terço de um pulmão e diretamente ligada a uma máquina de oxigênio, onde chega a consumir dois litros por hora? De onde vem tanta energia? Quem é este seu Deus? - Tia Neiva - Vivo assim há muito tempo e continuarei vivendo até quando Deus quiser, enquanto meu pai Seta Branca precisar de mim aqui para este trabalho. A força que me move é a força do amor, que é a energia que resolve todos os problemas, a energia que transforma o mundo. O meu Deus é o Deus Hieroglífico. O poder supremo que está em todas as coisas. Neste planeta, nas plantas, no aroma das matas frondosas, no mar, no espaço, nas estradas, na porta estreita da vida, na dor e no fundo do nosso coração. O Deus que mostramos aqui no Vale do Amanhecer, na preparação do homem do Terceiro Milênio. Um Deus que quando as pessoas encontram, não conseguem mais viver sem ele. Um infinito caso de amor.*<sup>388</sup>

Do que se lê, depreendemos que essa representação nomeada amor se entranha na experiência ao dotá-la de sentidos e de entusiasmos correlatos. Ao personificar-se uma potência representacional de projeção indefinida, encarna-se no viver. Posicionamo-nos ante as sensibilidades<sup>389</sup>, categoria teórica que nos interpela e nos amplia a reflexão quando nos enlaçamos com a experiência humana. Fala-nos das paixões, das

<sup>387</sup> Estamos a compreender a noção de formação discursiva consoante a resolveu Eni P. Orlandi: “As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória.”

<sup>388</sup> Marlene Anna Galeazzi. O Amanhecer de Tia Neiva. *Última Hora*, Brasília, 10 ago. 1985, p. 13 (grifos nossos)

<sup>389</sup> Nossa adesão às sensibilidades deriva coerentemente de um desejo: o de, na história, trazer à tona as subjetividades e suas correspondentes postulações particularizadoras e habitualmente inobservadas. Sandra Jatahy Pesavento, ao que nos toca, pareceu-nos propor uma noção apropriada das sensibilidades, que: “...corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana no mundo. O conhecimento sensível opera como uma forma de apreensão do mundo que brota não do racional ou das elocubrações mentais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo. Às sensibilidades compete esta espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade.” Sandra Jatahy Pesavento. *História & História Cultural*. Belo Horizonte : Autêntica, 2003, p. 56.

aspirações, das emoções, dos afetos e dos demais sentimentos que nos oferece a interioridade que se semeia, e floresce e se ramifica. Por demais oportuna se revela uma renovada licença à locução de Bronislaw Baczko:

*O princípio que leva o homem a agir é o “coração”, são as suas paixões e os seus desejos. A imaginação é a faculdade específica em cujo lume as paixões se acendem, sendo a ela, precisamente, que se dirige a linguagem “enérgica” dos símbolos e dos emblemas.*<sup>390</sup>

A reassumirmos essa expressão sensível e motora do viver, o amor, devemos reconhecer que este se converte em temática difundida inclusive por entre pensadores especializados. Esse se nos parece o caso de Richard Rorty (1931-2007), filósofo pragmático norte-americano, que ao propor um delineamento da noção de sagrado, sem vinculá-la a qualquer roupagem confessional específica e ao dar acento a uma postulação congregante, fala-nos do *mandamento do amor*:

*De acordo com a minha compreensão, se é que possuo uma, o sagrado está ligado à esperança de que meus descendentes longínquos um dia qualquer em um milênio próximo hão de viver em uma civilização global que esteja mais ou menos exclusivamente subordinada ao mandamento do amor.*<sup>391</sup>

Esse o território das sensibilidades em que habitam todos os que se edificam ao acolher heranças, digladiam-se com as contingências e se prontificam a ansiar pelo que se situa, não raro, para além do campo visual. Claro se nos parece essa disposição do humano de se posicionar sensível e diligente a suas paixões e a seus sentimentos, mas também assim aparenta se convencer Vilfredo Pareto (1848-1923), que, em texto produzido pelo comentador político francês Raymond Aron (1905-1983), assinala:

*Os homens agem por paixão ou por sentimento, e são as paixões e os sentimentos que os fazem agir de modo que a sociedade possa existir. As sociedades existem porque as condutas humanas não são lógicas. A expressão conduta “não-lógica” não é enquanto tal pejorativa. Certas*

<sup>390</sup> Bronislaw Baczko. “Imaginação Social”. In: *Enciclopédia Einaudi*. vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 301.

<sup>391</sup> Richard Rorty. “A fé na pós-modernidade”. In: *CEPAT Informa: A sociedade pós-secular – a religião após a religião*. Curitiba, CEPAT, ano 8, nº 86, junho de 2002, p 65.

*condutas lógicas são moralmente repreensíveis, por exemplo, as do especulador (...).*<sup>392</sup>

Essas são as condutas humanas, nominadas também como práticas, que se deixam orientar pelas paixões e pelos sentimentos, instruídos que estão pelas representações que nos endossam os quereres e os fazeres. São as paixões e os sentimentos que se conformam responsáveis por nos definir as visões retrospectivas, as instantâneas e as prospectivas. Em acréscimo à reflexão paretiana e em apreço à convicção de Baczko, cobiçamos consignar: agimos por *lógicas*; ao fazê-lo, consagramos a pluralidade.

Da reflexão que empreendemos até o momento, restou-nos uma evidência: Tia Neiva regulou sua experiência por uma lógica específica, deixou-se animar por suas paixões e convicções, tornou a pluralidade de seu mundo mais farta, cultivou e deu molde a um imaginário que se



Neiva, "a missionária dos olhos infinitos", na Casa Grande, em 1971.

fez e se faz disseminar e ampliar seus domínios culturais.

Esperamos ter disponibilizado uma mínima amostra das representações por ela difundidas em seu meio sócio-religioso, idéias incorporadas e professadas pela médium que ganhou projeção nacional, ocupando espaços midiáticos, tanto da imprensa escrita quanto da eletrônica, que teve suas predições muitas vezes exibidas por programas televisivos e divulgadas em jornais e revistas informativas e sua comunidade religiosa compulsada em trabalhos acadêmicos e focalizada em documentários. Centenas de pessoas imaginaram, viram, ouviram ou leram a seu respeito.

Por fim, resta-nos repisar a idéia de que a experiência devocional dos jaguares, em nenhum momento privada de sentidos, considerada a lógica cultural que

<sup>392</sup> Raymond Aron. *As etapas do pensamento sociológico*. 2ª ed. São Paulo/Brasília: Martins Fontes/Editora Universidade de Brasília, 1987, p 438.

caracteriza e autoriza o grupo, encontra em Tia Neiva seu vetor religioso preeminente, que se revelou capaz de contribuir para o delineamento de índices e de perfis identitários, proceder à apropriação e à ressemantização de empréstimos religiosos e culturais outros que, incorporados a um extenso território de construtos representacionais, fertilizam o imaginário do Amanhecer. Enigmática por vezes, carismática em regra, mas, sobretudo, mulher e líder.

Adiante, no capítulo que dá fecho ao presente esforço cognitivo, almejamos identificar uma amostra das representações com as quais outros tantos sujeitos enunciadore<sup>393</sup> lhe conferiram percepções e singularidade. Corporifica-se o nosso ânimo possibilitar o acesso às representações que se edificaram e se fazem expressar por meio de discursos originários de diversas fontes, de modo a proporcionar ao leitor uma idéia mais ampla acerca dessa que se converge a nossa personagem central.

---

<sup>393</sup> Avaliamos ser oportuno tornar claro por agora que o instrumental teórico-metodológico proveniente da Análise do Discurso se resolverá útil para a construção do quarto capítulo deste trabalho. Por sujeito enunciador entendemos, a reboque das formulações proporcionadas por Charaudeau, o “ser de fala (ou de enunciação) construído pelo ato de enunciação do sujeito comunicante [categoria esta que não descuida] da identidade enunciativa que o sujeito comunicante dá a si mesmo. Essa identidade será diferente segundo o ou os papéis que ele é levado a assumir em função das coerções da situação e dos propósitos estratégicos do sujeito comunicante”. Patrick Charaudeau et Dominique Maingueneau. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 200-201.

## CAPÍTULO IV

### TIA NEIVA: MARCOS DE UM INVENTÁRIO REPRESENTACIONAL

*Do pano mais velho usava.  
Do pão mais velho comia.  
Num leito de vides secas,  
e de cilícios vestida,  
em travesseiro de pedra,  
seu curto sono dormia.  
Cada vez mais pobre  
tinha de ser sua vida,  
entre orações e trabalhos  
e milagres que fazia,  
a salvar a humanidade  
dolorida.*

*Mão no altar, a acender luzes,  
pés na pedra fria.  
Humanidade, entre as companheiras;  
diante do mal, destemida,  
Irmã Clara, em seu mosteiro  
tênue vivia.<sup>394</sup>*

(Cecília Meireles)

Entendemos serem as representações conteúdos psíquicos que, uma vez orquestrados, preenchem os espaços vividos, resolutamente singram o curso do tempo e, não obstante se deixarem motivar por inelutáveis repaginações, permitem-se, fundamentalmente, originar, manifestar, recomendar, autorizar e deslizar sentidos. Organizam-se e estabelecem um núcleo de verdades imaginariamente assentes, compartilhadas e referendadas em coletividade. Fluxos irreprimíveis de sentido, definem-se por se verem pragmaticamente acolhidas e se prestam a endossar primazias, reconhecimentos, dinâmicas, comunhões, existências.

---

<sup>394</sup> Cecília Benevides de Carvalho Meireles. “Vida”. Pequeno Oratório de Santa Clara. In: Cecília Meireles. Poesia Completa. v.2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p 197.

A sensível e copiosa pulsão poética de que se valeu Cecília Meireles ao emanar os versos em epígrafe nos consente a contemplação de um painel de representações, histórica e humanamente impresso, que se esmera em evidenciar aquela que nascera *Chiara di Favaronne d'Offreducci* (1193-1253) e se consagraria no imaginário cristão Clara de Assis, Irmã Clara, Santa Clara. O desprendimento decidido, a renúncia ao secularismo, o carisma agregador, a espiritualidade manifesta, a abnegação ao convizinho e o humanismo paradigmático: são essas, sumarizadas, as representações que, por vezes, subversivas às pretensas contingências históricas em que se modelou a existência da musa de Cecília, *preenchem os espaços vividos e resolutamente singram o curso do tempo*. Ao destinatário, o leitor, basta-lhe experimentar do influxo poético e se deixar envolver pelas imagens de arrebatamento decorrentes do poder simbólico exercido pelas representações, estas que, em profusão, põem-se a nos falar ao mundo imanente.

Uma justa e oportuna ressalva: entendemos que a materialidade escriturística da narrativa historiográfica não deve em absoluto abdicar da poética, da metáfora, da alegoria e de uma linguagem que se assuma instituída e instituidora. O discurso histórico, não obstante se ver congregado a contornos teórico-metodológicos claramente definidos e se resolver cuidadoso de um recurso às fontes encaminhado de modo íntegro, deve estimar e oportunizar a arte do texto satisfeito por uma prosa infundida.<sup>395</sup>

Reatualizemos nossa reflexão que cuida de distinguir as representações: a essas, consideradas em sua vigência, que se vêem originadas, referendadas e ressoadas por múltiplos núcleos discursivos e seus correspondentes formuladores, os quais se ocupam de dotá-las de significação, direcionaremos nosso olhar e cuidaremos de analisar no presente capítulo. Ângela Arruda, em conversação com as formulações propugnadas pela Teoria das Representações Sociais, pensada, a contar de 1961, por Serge Moscovici, a nosso ver, ponderada e acertadamente, propõe-nos um entendimento defensável do que seriam as *representações sociais*:

---

<sup>395</sup> Acerca da escrita da história, que se deixa instruir confessadamente pela subjetividade e pelo estilo da autoria, recomendamos: Antonio Paulo Benatti. "História, ciência, escritura e política". In: Margareth Rago et Renato Aloizio de Oliveira Gimenes (org.). *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: Ed. Unicamp, 2000, p. 63-106.

*A representação social seria uma forma de conhecer típica dessas sociedades, cuja velocidade vertiginosa da informação obriga a um processamento constante do novo, que não abre espaço nem tempo para a cristalização de tradições, processamento que se esteia no olhar de quem vê. A representação social, portanto, não é uma cópia nem um reflexo, uma imagem fotográfica da realidade: é uma tradução, uma versão desta. Ela está em transformação como o objeto que tenta elaborar. É dinâmica, móvel. Ao mesmo tempo, diante da enorme massa de traduções que executamos continuamente, constituímos uma sociedade de sábios amadores (Moscovici, 1961), na qual o importante é falar do que todo o mundo fala, uma vez que a comunicação é berço e desaguardo das representações. Isto indica que o sujeito do conhecimento é um sujeito ativo e criativo, e não uma tabula rasa que recebe passivamente o que o mundo lhe oferece, como se a divisória entre ele e a realidade fosse um corte bem traçado.<sup>396</sup>*

Esse *sujeito ativo e criativo* de que nos fala Moscovici, desertor das verdades consignadas pela tradição, entendemos poder ser reconhecido em Tia Neiva quando esta confere e adita a Clara de Assis uma interpretação singular daquela que nos apresenta a hagiografia cristã. Investiu-a de uma nova apresentação sobre-humana, figurou-a sob uma roupagem feminina informada pelo panteão indígena brasileiro, reconheceu-a, repaginando-a, como a Iara<sup>397</sup>, Mãe D'Água, para o Vale do Amanhecer, Mãe Yara, contraface de Pai Seta Branca, este que, conforme relatamos no segundo capítulo, seria o mesmo *espírito* de São Francisco de Assis. A conjunção da crença reencarnacionista com a reputação de múltiplas matrizes religiosas precipitaria e endossaria a emergência dessas representações que se contróem a partir de uma motivação que a entenderíamos simbiótica.

Mas essa consiste em mais uma construção representacional a que deu molde nossa protagonista. E quanto aos que a ela se concentraram em desvelá-la? Principiemos nosso roteiro que se quer converter, ao final, em um contributivo inventário de representações remissivas a Tia Neiva. Atribuir-lhe, em escalas múltiplas, qualidades, competências, inadequações, valores, conceituações. Aos que a imaginaram, dotá-la de sentidos constituiu-se o ganho de estratégias, não raro, interessadas em domesticar o que se

---

<sup>396</sup> Ângela Arruda. *Teoria das representações sociais e teorias de gênero*. Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas. Campinas, SP, v.117, Nov. 2002, p. 134. Este o trabalho de Moscovici – na verdade, sua tese – a que Ângela Arruda se refere e de que se vale para orientar sua reflexão: Serge Moscovici. *La Psychanalyse, son image, son public*. Paris: PUF, 1961.

<sup>397</sup> Cf. Lucy Coelho Penna. *Divindades Femininas do Brasil*. Revista Hermes. Publicação do Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo. n° 1; 1996, p. 66-94.

lhes apresentava exótico, insólito, exemplar, temível, encantador, censurável, em síntese, o que se lhes afigurava uma *incógnita encarnada*.

## **4.1 Fontes doutrinárias: da expressão da excepcionalidade ao endosso e reforço do carisma**

### **4.1.1 Fontes textuais**

Deslindar o universo de representações que se põem a referenciar Tia Neiva só se faz possível mediante o acesso a documentos privados, especialmente os que acham de posse de familiares e de *médiuns* veteranos da Doutrina do Amanhecer, ao acervo doutrinário, composto pelos manuscritos originais da *clarividente* e que se vê divulgado em publicações cuja circulação se dá em regra internamente, e ainda à literatura doutrinária<sup>398</sup>.

Esse denso feixe de documentos que substanciam as fontes doutrinárias do Amanhecer, assim identificamos, acha-se carregado de referências diretas a Tia Neiva e, no mais das vezes, estas são marcadas por uma indisfarçável deferência à imagem da *clarividente* e zelo para com aquela que se lhes apresenta, em síntese, como um ser dotado de faculdades extraordinárias.

A representação de que ela se singulariza por se apresentar como uma *clarividente* ganha contornos realçados nas fontes a que nos referimos e nos detivemos. A referência a sua onisciência, aos seus dons extranaturais, a sua capacidade confiada e confirmada por desígnios superiores de acessar os mundos imanente e transcendente se

---

<sup>398</sup> Ressalva que avaliamos pertinente: a Casa Grande, antiga residência oficial de Tia Neiva e que hoje dá lugar a seu memorial, dispõe, além de rico acervo fotográfico, de um estimável volume de fontes materiais: objetos e vestimentas pessoais, mobiliário, paramentos e indumentárias ritualísticas.

filiam muitas vezes ao farto manancial simbólico de que se revestem seus olhos. Acreditavam-na dotada de um olhar a um só tempo examinador, descortinador e cuidador:

*O que mais impressionava era seu olhar. Olhava as pessoas nos olhos, proporcionando a sensação de estar perscrutando a alma, porém, sem causar constrangimentos; como se buscasse melhor entendê-las para melhor servi-las, além do efeito, no exemplo do sistema que deixou [a Doutrina do Amanhecer], trabalhando a causa.*<sup>399</sup>

Não resulta despropositado o fato de uma das publicações de maior repercussão no contexto doutrinário, mas que se viu também divulgada externamente ao Vale do Amanhecer, dedicada ao exame de suas experimentações espirituais orientadas à *solução* dos conflitos e à *supressão* das *angústias espirituais* daqueles que a ela acorriam, intitular-se *Sob os olhos da clarividente*. Percebe-se a consecução de todo um investimento simbólico destinado a recrudescer a representação de que a expressividade de seus olhos, se *convenientemente* interpretada, avigorava a constatação de sua *clara vidência*, de sua percepção extraordinária e absoluta.<sup>400</sup>

*Sob os olhos da clarividente* se converte, ainda, em obra destinada a traçar um histórico do movimento doutrinário, definindo como protagonista do enredo Tia Neiva em sua *mediunidade exemplar*. É da lavra de Mário Sassi o fragmento discursivo que reproduzimos por meio do qual o decodificador da Doutrina do Amanhecer e intérprete das experiências hierofânicas da *clarividente* se empenha em descrever o ambiente em que vivia Tia Neiva e o grupo de seus seguidores no início da década de 60. Expressi-se o autor pelo gênero literário da crônica. Deixemos que Sassi se pronuncie:

---

<sup>399</sup> Neiva Chaves Zelaya (Tia Neiva). *Autobiografia Missionária*. Bálamo Alves Brasil de Lucena (ed.). Brasília: Vale do Amanhecer, 1992, p 12.

<sup>400</sup> Vejamos como o *mestre* José Carlos conceitua a *clarividência* de Tia Neiva: “A clarividência é uma mediunidade rara, confundida, na prática, com a de vidência ampliada, mas com diferença profunda, pois o clarividente possui consciência simultânea, isto é, consegue viver e se comunicar em planos diferentes, simultaneamente, obedecendo às leis de cada plano e com plena consciência dessa diversidade. Tia Neiva recebeu a missão de aprender e nos transmitir nossa Doutrina por sua clarividência. Ao mesmo tempo em que estava em seus afazeres neste plano físico, ouvia e via os Espíritos Superiores que lhe traziam ensinamentos crísticos. Exercitando sua clarividência na Lei do Auxílio, ao mesmo tempo em que estava atendendo alguém podia ver e ouvir espíritos obsessores, cobradores, bem como Mentores, e penetrar em quadros do passado e do futuro, com isso proporcionando cura para situações de aflição e angústias pela manipulação dessas forças, especialmente na Alta Magia de Nosso Senhor Jesus Cristo. José Carlos do Nascimento Silva. ed. Out/98. *Observações Tumarã*. Brasília: s.n. 1998. p. 143.

*Seis de janeiro de 1960. O planalto chamado Serra do Ouro reverberava ao sol das quatro da tarde. A pequena comunidade chamada UESB (União Espiritualista Seta Branca) ocupava, com seus ranchos de palha, uma estreita faixa de terra, comprimida entre a grande curva de asfalto e o abrupto de um vale do chão do cerrado. Apenas meio alqueire de terra. A água, inexistente na aridez do chão do cerrado, era buscada no fundo do vale. Uma pequena elevação, chamada pelos ciganos da UESB de “o morro”, formava a barreira entre o plano e o abismo. Pessoas se movimentavam na azáfama do trabalho contínuo. Doentes em tratamento, débeis mentais vigiados no terreno sem clausura, o Templo em trabalho mediúnico constante. Grandiosidade espiritual em meio à pobreza humana. A **Clarividente Neiva** sentia a nostalgia de planos mais estéticos. Sua missão era uma perene provação. Sua vida entre dois planos, um constante desafio. Num átimo de segundo, seus olhos se colocavam na suavidade dos planos astrais, mundos de formas diáfanas e de espíritos luminosos, cores suaves e ausência da animalidade do plano físico. Palavras carinhosas de incentivo e seres amorosos. Nisso residia sua principal virtude. **Poder ver, sentir e participar daqueles céus**, mas estar presa naquele pedaço de chão, em que a miséria humana se concentrava. Esse o fato que a diferenciava de seus irmãos: viver simultaneamente no Céu e na Terra, em plena consciência.<sup>401</sup>*

Em meio aos registros dos eventos cotidianos, eleva-se um discurso laudatório, que intenta visivelmente sobrevalorizar aquela de quem se afirmava, naquele contexto, conforme evidenciamos, estar revestida de méritos. Destaca-se o investimento enunciativo empreendido por Mário preocupado em salientar a extraordinariedade da *Clarividente Neiva*, que, por meio de sua clara e ilimitada visão, coabitaria os mundos físico e espiritual indistintamente.

Da obra *Sob os olhos da clarividente* avaliamos oportuno, ao fim, extrair-lhe um fragmento que leva a assinatura de Edgar D’Almeida Vitor (1914-1983). Poeta e historiador, um dos fundadores da Academia Brasiliense de Letras, Edgar Bahiense, ao prefaciá-lo, deixa-se motivar e conduzir por sua notável loquacidade textual e pelo indisfarçável deslumbre por Tia Neiva:

*Não carece de uma aproximação permanente com Neiva Chaves Zelaya, como venturosamente tem tido o autor [Mário Sassi], para que se lhe sinta essa predestinação. De seus olhos negros e penetrantes, emoldurados por uma beleza física que os anos não lograram destruir, uma estranha luz se projeta, balsamizando o sofrimento dos que se lhe*

<sup>401</sup> Mário Sassi. *Sob os Olhos da Clarividente*. 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, s/d. (grifos nossos).

*acercam. Obviamente uma proximidade maior com sua pessoa que fascina, produzindo místico encantamento.*<sup>402</sup>

Óbvio está que E. D'Almeida Vítor não se assume um adepto, no entanto, verte em letras, com proficiência, o *fascínio* partilhado por muitos que atestam terem experimentado do *encantamento místico* provocado por Tia Neiva. É preciso ter em mente: ao transitarmos por entre as *fontes doutrinárias*, consolida-se a percepção de que Tia Neiva se viu e resiste reverenciada vigorosamente pelos adeptos. A ponto de, ainda em vida, conforme salientou Gonçalves<sup>403</sup>, ter se tornado uma personagem mítica. Carismática, *líder nata*, infatigável, meticulosa, vaidosa, passional, abnegada, ativa, resolvida, maternal e amorosa são alguns dos atributos com os quais a qualificam os *médiuns* do Amanhecer e recorrentemente são expressos, conforme veremos adiante, não apenas pela comunidade que originou, mas, em escalas e apresentações variáveis, por aqueles que a conheceram e a destacaram de significação.

Não obstante a predominância de sua face sacerdotal no conjunto dos documentos internos à doutrina, obrigamo-nos a uma verificação: Tia Neiva se faz lembrada pelos registros escritos, imagéticos e orais como uma mulher em manifesta conexão com o mundo temporal. Uma visitação à Casa Grande, seu memorial, proporciona ao pesquisador o encontro com os registros fotográficos que dão testemunho da companheira, da mãe e da mulher Neiva em viagens, em festividades, em visitas a amigos, enfim, em cenas de um cotidiano que também se construiu ao largo de pertenças estritamente espirituais.

Portanto, a despeito de pesar sobre os religiosos os estereótipos da circunspeção, da austeridade, da introversão e da rigidez de costumes, ainda mais por estarmos diante de uma liderança religiosa, o que se observava em Tia Neiva, desacreditando as imagens simplificadoras, era a sua disposição em dar vazão à íntima convivência expressiva dos povoados interioranos, em que as festas gregárias, as relações de vizinhança e o sentido comunal se impõem vigorosos e dão forma e colorido ao cotidiano.

---

<sup>402</sup> Mário Sassi. *Sob os olhos da clarividente. Do acervo missionário da clarividente Neiva*. 2ª ed. Vale do Amanhecer: Ordem Espiritualista Cristã, s.d, p. 08.

<sup>403</sup> Djalma Barbosa Gonçalves. *Vale do Amanhecer, Análise Antropológica de um Movimento Sincrético Contemporâneo*. Dissertação de graduação. Departamento de Antropologia. UnB: 1999, p. 70.

Da aproximação subvencionada e instruída pelas fontes com as experiências e com os hábitos levados a efeito por Tia Neiva deriva a percepção de sua fisionomia espirituosa e inapelavelmente humana. O mestre Bálsamo, ao prefaciá-lo o livro autobiográfico da *Clarividente*, em tom nitidamente saudosista, esmera-se em nos apresentar uma Tia Neiva festiva, de cuja animação contagiava a todos os que privavam de sua convivência:

*Quando se chegava na Casa Grande, o cafezinho caseiro, forte, pouco açúcar, não demorava. Tia Neiva cantava e “arranhava” o violão. Se algum tocador aparecesse e soubesse executar principalmente músicas sertanejas mais antigas, ou as “velhas da MPB”, emprestava sua voz imediatamente, demonstrando afinção, embora nunca uma letra completa, o que não a impedia de continuar no “hum hum hum”.*<sup>404</sup>

As fontes nos confiam ainda uma outra verificação de valor capital: Tia Neiva se faz presença e referência que duram. Ainda que não mais manifesta presencialmente, suas mensagens, *verdades*, preanunciações e demais provisões de sentido ganham longevidade ao interpelar e ao instruir as reminiscências, as sensibilidades e as vivências dos que se valem de sua imagem que se define pertinaz no tempo presente. As memórias de seus adeptos, assim entendemos, parecem querer coroar vitaliciamente a sua existência. Vejamos o relato de um dos *médiuns* da doutrina que, quando jovem, privou da companhia e ouviu das revelações assinaladas pela *profetisa do Amanhecer*:

*Tia sempre nos falava dos seres que surgiriam com o degelo dos pólos, aliás, também referido por Pai Seta Branca em uma das suas mensagens anuais mais marcantes. Hoje, 26 de fevereiro de 2007, no caminho do trabalho, sintonizei a rádio CBN e ouvi a notícia que, em razão das mudanças climáticas e de temperatura dos últimos dez anos, cientistas descobriram 19 novas espécies de vida, totalmente desconhecidas da ciência, antes cobertas pelo gelo. (...) Ainda nos dizia que, vista do espaço, a Terra tinha o formato de uma xícara emborcada, não sendo arredondada, como nos ensinam. Na época dessas conversas, a questioneei sobre as versões dos astronautas, que descreviam a terra redonda, vista do espaço, por exemplo. Ela me disse que a espiritualidade realizava trabalhos e os induzia a verem o que era preciso verem. - Mas os equipamentos que levam e que ficam em terra...*

---

<sup>404</sup> Neiva Chaves Zelaya. *Tia Neiva: autobiografia missionária*. Vale do Amanhecer: S/ed, 1992, p. 15 (grifos originais).

– insistia. Ela sorria e dizia que nada era impossível para Deus. Eu, devorando livros de física, biologia etc., preocupado com o vestibular que se aproximava, saía dali pensando que, ou ela estava errada, ou todos aqueles livros eram furadíssimos. Estávamos no início dos anos 70 e o degelo não estava na moda, não era comentado. Hoje, é o que temos nos noticiários, na amálgama de constatações científicas e críticas às agressões praticadas pelo homem ao meio-ambiente. Quantos “absurdos” da querida sergipana de um metro e meio e 4ª série primária cursada ainda serão constatados e reconhecidos pela ciência? (...) Conversar com Tia Neiva era complicado, se não nos despojássemos, antes, de valores e conceitos tradicionais. Ela apresentava versões desconcertantes do passado, do presente e, mais cuidadosamente (pois não gostava de profecias) do futuro.<sup>405</sup>

Conforma-se o discurso em realce um diálogo memorial, extemporâneo, que nos reforça a imagem de uma voz de autoridade que aparenta não se deixar silenciar mesmo diante da *apartação* dos interlocutores. Distanciamento esse que presumivelmente se ampliaria com o andamento dos anos, mas, de modo contrário, põe-se resistente e se dispõe a motivar as representações de um recordador-discípulo de Tia Neiva. Esse que, por seu turno, ao citá-la, contribui para a imortalização de seus discursos e de sua imagem.

#### 4.1.2 Fontes iconográficas

Antes de tudo, partimos do reconhecimento de que as linguagens oral e escrita se vêm acompanhadas e avigoradas pela ostensividade da imagem a partir de seus suportes mais representativos: fotográfico, cinematográfico e videográfico. Mergulhamos num tempo em que a imagem, considerado seu potencial semântico e sua veloz disseminação, ocupa no território da linguagem um destacado posto.

Reside na imagem um inquestionável poder sógnico que a converte em documento histórico. Entendemos, ainda, que o mirante iconográfico dá acesso à paisagem

---

<sup>405</sup> João do Valle. “Tia Neiva – o degelo e os seres que surgirão”. In: André Luis (resp.). *Informativo do Vale do Amanhecer*. n° 51, 25 mar. 2007. Disponível em: <<http://www.valedoamanhecer.com/semanario/sem/semanario51.htm>>. Acesso em 27 de agosto de 2007.

etnográfica. As fontes imagéticas nos aproximam de uma retórica particular, de sedução e de persuasão incisivas.

Uma característica marcante da pesquisa histórica nos últimos anos diz respeito ao redimensionamento do que se convencionava denominar fontes históricas. A adoção de variados suportes, entre eles os documentos visuais, em medida considerável, vai contra a dominância tradicional exercida pela análise de textos, tanto na bibliografia como na documentação. As fontes visuais, pintura, fotografia, cinema, cartografia, não podem ser negligenciadas quando nos dedicamos a apreender dos suportes materiais da experiência as representações postas pelos mesmos.

A iconografia produzida pelo movimento doutrinário do Amanhecer, desde os seus primeiros passos, contempla-nos com um considerável número de registros que se ocupam de referenciar seu cotidiano a partir de uma multiplicidade de cenários e atores: festividades, rituais religiosos, consagrações, reuniões doutrinárias, eventos marcantes, a intimidade da Casa Grande, personalidades etc. Tia Neiva ocupa posição de centralidade e de proeminência nessa torrente de imagens.

Sua ampla exposição e intensa circulação no Vale do Amanhecer sugerem que aos da comunidade esse resultou um suporte disponível e largamente empregado ao tempo em que a doutrina se edificava.

Tia Neiva ela mesma, julgamos válido recobrar, em decorrência de suas buscas profissionais, viu-se proprietária de uma loja de artigos fotográficos. A ela aprazia confessadamente ser e se ver fotografada. Ao revelar orgulho da obra que proporcionava aos *médiuns*, posava reiteradas vezes acompanhada dos signos que informavam o cenário por ela ordenado.

O símbolo a que Tia Neiva se vê atrelada (imagem à direita), assumindo uma postura como se o amparasse, como se lhe se servisse de guardião, corresponde a um dos mais representativos e prestigiados da Doutrina do Amanhecer: a elipse. Na



Tia Neiva à frente da elipse.

interpretação proporcionada pelos *jaguars*, esse que se afirma um símbolo nuclear do movimento, em síntese, corresponderia a um *poderoso instrumento* de captação e emissão de energias espirituais. Atestam, ademais, tratar-se do simbolismo máximo da Nova Era, que se notabilizaria e se posicionaria em substituição à cruz cristã.

Do símbolo, ainda, importa-nos o registro de uma passagem confidenciada por um dos *médiuns* veteranos da Doutrina do Amanhecer, *mestre* Osvaldeir Gomes de Andrade: narrou-nos em tom emocionado e entusiástico que, em um de seus repetidos encontros com Tia Neiva, esta, ao apontar energicamente para o uniforme de escola de seu filho, que o acompanhava, teria repentinamente sentenciado: “É isto! É isto o que eu estava procurando!”. Estampada na camiseta escolar da criança se encontrava uma figura elíptica, a qual foi assimilada e, conforme nos relatou, “projetada de acordo com o que ela via na espiritualidade”. A contar desse episódio, converteu-se a elipse em um dos símbolos mais ilustrativos e evocados da Doutrina do Amanhecer.<sup>406</sup>

Guilherme Stuckert<sup>407</sup>, um dos precursores da Ordem, durante anos exerceu a função de fotógrafo oficial da Doutrina do Amanhecer. Indefinidas as ocasiões em que posicionou sua lente de modo a captar passagens da vida de Tia Neiva em espaços e tempos plurais. Há registros de imagem, por exemplo, que dão conta de uma mulher devidamente inscrita em cenas do cotidiano ao mesmo tempo em que figura absorvida por um envolvimento têmporo-espacial estranho à trivialidade que fazia sugerir a paisagem.

---

<sup>406</sup> O *jaguar* de quem falamos é projetista profissional e, à época em que Tia Neiva era viva, responsabilizou-se pela concepção dos projetos alusivos aos símbolos doutrinários e por acompanhar a execução dos mesmos. Em regra, esses foram produzidos em chapas de ferro. Entre os símbolos a que encaminhou a confecção, acham-se as três elipses monumentais que se destacam no cenário do Amanhecer: uma localizada no alto do morro “Salve Deus” (a da foto em destaque), a segunda na Estrela Candente e a última posicionada à entrada do Templo.

<sup>407</sup> Guilherme Stuckert, oriundo de uma família de fotógrafos, dedicou-se ao ramo da fotografia e integrou o quadro de servidores da área de Saúde do Distrito Federal. Por vezes, atuou como fotojornalista do Correio Braziliense. Faleceu em 2006. As passagens aqui mencionadas em que figura Guilherme Stuckert foram relatadas por ele mesmo ao neto de Tia Neiva, Jairo Zelaya Leite, o qual nos retransmitiu essas informações.

A iconografia do Amanhecer, portanto, ia se constituindo ao sabor das interações e dos ensejos cotidianos. Apoiado em suas memórias, o mesmo *mestre* Guilherme Stuckert é quem apresenta uma passagem em que teria convidado Tia Neiva para que se deixasse fotografar em sua *roupagem iniciática*. Com o que ela concordou. Após uma série de capturas fotográficas, Stuckert, vencida a revelação das imagens, ao exercer a arte de retoquista, que, conforme salientou, havia aprendido quando criança com seu pai, em seu estado de origem, a Paraíba, em uma das poses obteve um resultado que julgou corresponder à representação mental que formava da *clarividente* nos *mundos espirituais*.



Neiva retratada em sua *roupagem iniciática*.

Stuckert segue narrando: ao apresentar à Tia Neiva o resultado de seu apurado trabalho, conta-nos, comovido, da exultação e do encanto com que ela contemplava a imagem, abraçando-a enquanto afirmava que esta seria realmente a sua *roupagem iniciática*, a sua representação espiritual. O médium-fotógrafo arremata seu relato ao acentuar o desmesurado contentamento em que se viu enredado por ter sua arte assentida por sua *mãe espiritual*.<sup>408</sup> Essa uma amostra de que a teia de signos e de bens culturais que caracteriza o Amanhecer se resolvia mediante o acolhimento e o endosso das competências manifestas por aqueles que se viam a braços enlaçados com a *clarividente*.

#### 4.1.3 Das fontes orais: múltiplas evocações e reminiscências

Ao difundir representações, a memória se nos parece converter na vocalização do imaginário. A memória, consideradas as pretensões e as experimentações

<sup>408</sup> Cf. Biblioteca do Jaguar. *Entrevista com Adjunto Amayã, mestre Guilherme*. Vale do Amanhecer: Biblioteca do Jaguar. DVD, NTSC, son., color. port., 66 min.

do presente, apresenta-se como a *escritura* de um passado dignificado, amplificado e tornado *visível* ou, se assim exigir o recordador, também desmerecido, domado e tornado *invisível*.

Em medida ínfima, no limite nula, define-se especular. Em sua protagonização, a memória se manifesta teatral. Seu público-alvo: as expectativas do tempo em que se edifica. Dessas expectativas derivam a consolidação da autoridade e disseminação de propósitos. É desalentador querer crer ser a memória a estrada régia que morre no real-passado. A memória, sempre que produzida, define-se como permanente reconstrução nascida de um ânimo singular que se transporta a um tempo psíquico e, ao se posicionar sensível às estimulações do presente, converte-se em disseminadora de sentidos possíveis.

A constituição do documento e a incorporação de fonte orais se resolvem, no mínimo, estratégias enriquecedoras da pesquisa histórica. Autorizam-nos a uma ampliação do olhar, permitem-nos divisar com maior acuidade as idéias e imagens que circulam na contextura religioso-cultural do Vale do Amanhecer. Posicionamo-nos, portanto, consciente diante das estratégias que se ocupam de levar a afeito e orquestração de uma memória que se institui e se aferra local.

Nossa abordagem ante aos recordadores se convence qualitativa. Primeiro porque nos posicionamos diligentes a esses sentidos que se deixam vislumbrar mediante o recurso ao envolvimento com indivíduos que objetivaram interações particulares com nossa personagem, também porque conduzimos uma leitura interpretativa responsável por nos afiançar em nós mesmos a singularidade, o que nos convence da articulação por meio da qual se instauram os saberes que cuidam de referenciar o tempo. A esses nichos específicos, resolutivamente, posicionamo-nos atentos.

Por fim, não nos propusemos a constituir uma coletânea copiosa de testemunhos, tampouco nos interessou descer a detalhes no que se refere às imagens que se convenciam nossos recordadores possuírem da *Clarividente*, por fazer opção pelas enunciações privativas desses narradores, que se deixam motivar por reminiscências ou por representações instituídas respeitantes à Tia Neiva, leituras sensivelmente encaminhadas e que se conformaram singulares na exteriorização de sentidos ofertados a nossa personagem.

Jairo Oliveira Leite Junior<sup>409</sup>, neto de Neiva Chaves Zelaya, é nosso primeiro recordador. Tia Neiva se assume personagem de relevo no conjunto de matrizes humanas que habitam seu imaginário. De seus laços familiares para com a *clarividente* derivam representações de amplo espectro que nos impelem a um olhar cuidado e de pulsão analítica:

*Quanto mais conheço sobre minha avó, Tia Neiva, mais me sinto privilegiado por ser seu neto. Penso no que as pessoas devem imaginar sobre ser um neto de Tia Neiva, nas inúmeras "regalias"... Cresci cercado por um certo assédio, diria reconhecimento, dos mestres jaguares, e sempre busquei corresponder a isso com simpatia e carinho, acho uma obrigação minha reconhecer que o mesmo se deve por causa do amor que as pessoas sentem por minha avó, e não por mim. Acredito que ser da família de Tia Neiva é ser responsável direto pela sua lembrança, para que esta não se apague da memória de **nosso povo**.*

Jairo é invariavelmente reverente ao se referir a sua avó. Enfatiza que a preservação da lembrança da *Clarividente* está em larga medida atrelada ao esforço que devem empreender os que pertencem à família. Declara serenamente que o desmedido carisma de que desfrutava sua avó acaba por lhe proporcionar reconhecimento em meio à comunidade.

Os jaguares projetam nele a imagem de Tia Neiva. Esse o peso da tradição. Representam-no segundo as referências que colhem da *Clarividente*. O assédio de que fala é concreto. Trilhar as ruas do Amanhecer a seu lado é um penoso exercício de paciência. Todos o cumprimentam, param-no com as intervenções mais prosaicas. Solícito, destilando simpatia, responde positivamente aos cercos constantes.

Sua memória acerca de Tia Neiva não se constrói exclusivamente por remissão a um tempo em que concretamente viveram juntos. Transcende a relação interpessoal. Constrói-se pelos dados que colhe e vem recolhendo em sua trajetória. O exercício continuado de formulação da memória ganha expressividade em seu depoimento, vejamos:

---

<sup>409</sup> Importa-nos o registro: as fontes orais de que lançamos mão para a montagem do quadro interpretativo que se oferece ao leitor, em sua maioria, originam-se dos depoimentos e dos documentos que daqueles resultaram por nós constituídos desde 2004: estes fazem parte de nosso patrimônio documental respeitante à Doutrina do Amanhecer, o qual estamos a amearhar desde a nascente de nosso olhar investigativo reservado ao objeto em tela, cronologicamente principiado em 2002.

*Minha convivência com minha avó foi exclusivamente familiar. Quando ela desencarnou, eu tinha 9 anos. Lembro-me dela com carinho, do seu cheiro, do seu colo, enfim, do seu carinho de avó. Mais tarde, conhecendo sua história e seus ensinamentos, aprendi a amá-la não só como avó, mas como missionária e mãe.*

Para ele, Tia Neiva é uma imagem imortalizada, sim, mas plural em suas competências, como faz questão de ressaltar. Do aconchego familiar de avó às representações de missionária e mãe, compartilhadas com os demais da comunidade, Jairo está a migrar da esfera do privado ao público. A pujança das representações sociais associadas a Tia Neiva o impelem a representá-la multiformemente. Ao nos falar de sua missão junto à doutrina do Amanhecer, Jairo se nos parece categórico:

*Acredito que minha missão aqui na Doutrina é ser um Mestre Jaguar, buscando trabalhar onde houver necessidade. Tenho enorme afinidade com a Falange dos Magos, da qual faço parte desde os 7 anos de idade. Amo participar dos rituais de minha falange e cumprir suas escalas. Sobre posições de destaque na Doutrina, não tenho pretensões a respeito. Busco sempre cumprir o roteiro deixado por minha Mãe **Clarividente** e os seus ensinamentos. (...) Acredito que ser um Mago é parte de minha **bagagem espiritual**, devido à afinidade e ao prazer que sinto em sê-lo. Tenho grande devoção e respeito pelos Reis Magos, espíritos que lideram nossa falange dos mundos espirituais. Acredito que Magia seja a Chama da Vida, esse "fogo" que nos mantém vivos, simplicidade e amor.*

Do que precede, um reforço: aquela que é a avó, quando passamos a pisar o terreno doutrinário, converte-se simbolicamente na Mãe do neto, na roupagem representacional de *Clarividente*, de Grande Mãe do Movimento. Uma sinalização teórica: se compete realmente à História Cultural sondar os significados forjados pelos indivíduos sociais com o fito de tornar o mundo compreensível, dotado de sentidos, considerado o relato memorial com que nos deparamos, o discurso, emissor pródigo de representações, faz-se um instrumento prioritário para que essa pretensão se veja correspondida.

Continuemos com os nossos narradores. Por agora, interessa-nos dar a palavra à Lísia Meila de Jesus Silva, *ninfa* da doutrina, que, desde cedo, em família e em seu círculo de convivência no Vale do Amanhecer, onde se processam a sua infância e a juventude, vê-se interpelada pela imagem de Tia Neiva a quem se refere como a “mãe

adotiva de minha mãe”. Seus posicionamentos são significativos: há polissemia em seu discurso, há desvios desejosos de sentidos inovadores. Não se trata de um mero reprodutivismo. Sob o molde de imagens não docilizadas, que se impelem a enxergar e a ressignificar representações predominantes, vejamos como se põe a traduzir Tia Neiva:

*Como médium: Clarividente **matriarca** do sistema doutrinário do Vale do Amanhecer. Como ser: uma mulher fantástica, **não uma santa, uma mulher com limitações, defeitos e virtudes**, mas acima de tudo com muita personalidade, uma **missionária como todos nós o somos**, porém como uma mediunidade desenvolvida e trabalhada para a formação da doutrina do Vale do Amanhecer.*

É certo que Lísia não está a inaugurar uma nova representação acerca de Tia Neiva, outros mais estão a compartilhar dessa imagem da mulher Neiva Chaves Zelaya em que as limitações e os desordens humanas se impõem inexoravelmente. Mas sua enunciação confronta um discurso parafrástico<sup>410</sup>, estabilizador, que, ao circular vigorosamente em meio a uma parcela importante do corpo mediúnico, concorre para divinizá-la, torná-la um mito<sup>411</sup>. Mas Lísia não faz menção somente às limitações da *matriarca* do movimento a que se vincula, revela-nos a natureza conflitual de sua própria existência:

*Apesar de ter uma conotação emocional maior que racional, com o tempo o meu racional exigiu maior compreensão sobre o que eu estava desenvolvendo, por isso muitas vezes tive....e tenho... a sensação de estar inserida em algo desconhecido para mim. Muitas vezes, pela falta de conhecimento sobre o que estava exercendo. (...) Conflitos como esses acontecem muitas vezes onde o racional exige muito mais que o sensitivo, muitas vezes só sentir o fluir de energias, o desenvolvimento de algum ritual não bastam. Tem-se a necessidade da busca teórica sobre o que se tem desenvolvido e isso incentiva a buscar a cada dia mais o conhecimento não só da doutrina na qual me inseri, mas outras doutrinas também. É essa busca, aliada à crença na teoria da reencarnação, a busca da evolução espiritual, do aprimoramento enquanto ser, da tentativa de curar a si e aos outros que me motivaram a*

<sup>410</sup> Acerca dos conceitos de polissemia e parafrase, vinculados à Análise de Discurso, ver: Eni Puccinelli Orlandi. *Análise de Discurso... Op. cit.*, p. 36-39.

<sup>411</sup> A ressalva nos convence ser indispensável: se analisada a literatura do Vale do Amanhecer, vê-se claramente que, a despeito da ênfase dada à “natureza extraordinária” de sua mediunidade, seus conflitos são postos à mostra. Como exemplo, ver: Neiva Chaves Zelaya (Tia Neiva). *Minha Vida, Meus Amores*. Brasília: Vale do Amanhecer, 1985.

*fazer parte deste imenso complexo doutrinário chamado Vale do Amanhecer.*

Pesa sobre nossa narradora o desconforto de matrizes lingüísticas e ideológicas em conflito, o que resulta numa enunciação que se poderia reconhecer orientada por uma ambivalência discursiva. O discurso místico está sendo confrontado por um outro de inclinação *racional*. Estamos diante da presença de uma *exterioridade* em seu discurso, capaz de lhe causar instabilidade. Para Authier-Revuz o sujeito é "fundamentalmente heterônimo, em que a exterioridade está no interior do sujeito"<sup>412</sup>.

Ao reconhecer em si as suas fragilidades e ao externar com acento o *duplo matricial* que dá mote a sua auto-imagem, que, segundo a sua construção argumentativa, oscila entre o sagrado e a razão, parece-nos que se remete mesmo assim a Tia Neiva, uma vez que esta, na apreciação da narradora, não obstante se afigurar uma *mulher fantástica*, compartilhou das imperfeições e das limitações que, como deixa entrever, pontuam a existência humana.

Terceiro de nossos narradores, Marcos Gevano Zelaya Leite, a exemplo de Jairo Oliveira Leite Junior, também é neto de Tia Neiva, e, em larga medida, considerada a rede de relações em que se está a construir o narrador, nesse que se radica o processo de historicização e de ideologização do sujeito, a *clarividente* e avó figuram como matrizes primazes:

*São muito poucas [as minhas lembranças de “minha avó”], devido à pouca idade que tenho. Quando ela partiu para o mundo espiritual, eu tinha apenas dois anos de idade. A única e vaga lembrança que tenho é de quando eu e meus primos íamos pedir dinheiro a ela para comprarmos doces. Lembro-me que cada um de nós possuía um saquinho de pano com o nome bordado onde ela gostava de depositar dinheiro. Enquanto mãe e avó, incalculável se torna a sua falta. Como líder espiritual, ela veio e cumpriu a sua missão, deixando a Doutrina bem edificada. Como mentora, ao partir, ela pôde ficar mais perto de nós, nos auxiliando mais do que quando encarnada. O aprendizado que tive com “Vovó Neiva” está muito ligado ao legado doutrinário que ela nos deixou, fora isso, só o que ela passou a família em geral. Não tive a oportunidade de receber ensinamentos particulares com ela. Posso*

---

<sup>412</sup> Jacqueline Authier-Revuz. “Heterogeneidades Enunciativas”. In: Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas-SP. nº 19. 1984, p. 26.

*defini-la, de modo geral, como mãe exemplar, dedicada e carinhosa avó, inesquecível madrinha, irmã inseparável e grande líder.*

São copiosas as representações que faz de Tia Neiva, mas todas conduzem a um porto singular: a atitude reverente. Constrói essas imagens, muito mais a partir dos dados circulantes no meio em que vive do que propriamente em decorrência de uma relação de convivência pessoal. Mas o fato é que, com ela, imaginariamente, está a se relacionar cotidianamente. Representações, assim concordamos, conformam atitudes, inspiram-nos a agir, a pensar e a sentir. Catroga, ao se servir da genialidade de Ricouer, fala-nos dessa memória que se define mediante a intervenção de recordações que não apenas as daquele que lembra:

*Ninguém se recorda exclusivamente de si mesmo, e a exigência de fidelidade, que é inerente à recordação, incita ao testemunho do outro; e, muitas vezes, a anamnese pessoal é recepção de recordações contadas por outros e só a sua inserção em narrações coletivas – comumente reavivadas por liturgias de recordação – lhes dá sentido.<sup>413</sup>*

Ao nosso narrador se vinculam histórias, relatos, exemplos, enfim, incontáveis são as imagens que lhe acorreram e lhe ocorrem. No entanto, uma delas quer se fixar, oportuniza-se a acompanhá-lo tal qual uma marca indelével, converte-se em poderoso e promitente indicador identitário, essa que está associada a seu segundo nome, Gevano:

*Segundo nossa **mãe clarividente**, meu espírito encarnou em uma criança que nasceu de meus pais, anos antes de nascer meu irmão. Eles passavam por uma fase de muitos conflitos e a minha vinda aconteceu para que a harmonia voltasse ao nosso lar. A minha missão nessa encarnação foi muito curta, durou apenas meses. Logo desencarnei. Minha avó disse a minha mãe que não se preocupasse, pois muito em breve, eu encarnaria novamente como filho dela. Nesse ínterim, nasceu meu irmão [está a falar de um de nossos narradores, Jairo], anos antes de mim. Um ano antes de eu reencarnar, minha avó viu, em sua clarividência, e escreveu uma carta, relatando algumas encarnações passadas minhas. Em uma delas, fui um cigano por nome de Gevano e, segundo ela cita: “**cigano que fez muito por sua tribo**”. Ao visitar minha mãe, por ocasião de meu nascimento, ela lhe entregou esta carta e disse-*

<sup>413</sup> Fernando Catroga. “Memória e História... Op. cit., p. 45.

*lhe que gostaria que eu me chamasse Gevano, pois este nome traria muito sucesso para mim. Minha mãe acatou o conselho, dando-me este nome.*

O recurso às vivências pretéritas entra em cena uma vez mais. Dá a ele uma informação que se afigura preciosa, um registro imorredouro, um sinalizador identitário: Gevano foi (será) “cigano que fez [fará] muito por sua tribo”. Colocamo-nos diante da reparação do tempo mítico, que, no exemplo em foco, deixa-se figurar e canalizar pela própria Tia Neiva. Esse registro de uma *vivência pretérita* está a oportunizar um índice de ajustamento identitário que se lhe apresenta, a Marcos *Gevano*, como incontestável: uma vez que deriva da palavra revelada pela líder da *tribo*, sua avó, aquela que é a mãe *Clarividente*, que a tudo vê.

Essa passagem nos oportuniza a inserção de um registro capaz de ampliar o entendimento de como se constituía vigoroso o vínculo de familiaridade e de intervenção de Tia Neiva em relação aos que a ela se associaram em comunidade. É relatado pelos veteranos do movimento doutrinário a apetência de Tia Neiva para dar os nomes aos filhos de seus adeptos. Relatou-nos uma das *ninfas* do Amanhecer que no caso de seu segundo filho, Tia Neiva teria lhe revelado o nome espiritual da criança *longos três meses* após o nascimento da mesma. De fato, muitos dos filhos dos pioneiros da doutrina do Amanhecer têm o primeiro ou o segundo nome de batismo em suas certidões consignados e *sacralizados* por Tia Neiva.

Do elenco de nossos narradores, dedicamos o relato final a José Carlos Nascimento Silva, médium reconhecido no Amanhecer por sua intensa conexão com os rituais e por seus esforços de pensar metodicamente a doutrina e lhe proporcionar produtos intelectuais que, segundo suas palavras, destinam-se às gerações futuras. Resta-nos identificar como se deu o encontro do *mestre* com Tia Neiva em sua ansiada morada espiritual:

*Com a Dinah [a esposa do narrador, também ninfa do Amanhecer], começaram uns problemas, ela ficava completamente incorporada. Só que eu não tinha a prática de incorporação e o cobrador [era] violento. Começamos, então, a cuidar dela. Fomos a vários lugares. À Bahia mesmo nós fomos. Mãe Menininha... nessa Mãe Estela, que hoje é lá a grande figura do Candomblé. Ajudava uns quatro, cinco meses, e voltava*

*tudo outra vez. Já estávamos casados. É quando viemos para Brasília. (...) Aí ela teve várias passagens de tentativa de suicídio. Até que, eu trabalhava no Palácio, um companheiro de trabalho falou: “Olha, fala com o Barros [Mestre veterano da doutrina]. O Barros é lá do Vale do Amanhecer. Quem sabe?” Falei com o Barros, era uma terça-feira. Ele falou pra gente vir quarta-feira aqui [a entrevista transcorreu em casa do mestre José Carlos, residente do Vale do Amanhecer], que tinha trabalho especial. Aí viemos. E, na chegada, a Tia Neiva estava lá. Ela gostava de ficar com a mão na cintura e ficava ali olhando quem chegava. Eu entrei, só tinha uma vaga, e ela estava ali exatamente em frente à Casa Grande. Ainda falei com a Dinah “Olha! Essa aí é Tia Neiva.” Ela deu um sorriso pra gente, mas nós a cumprimentamos e saímos. Fomos para o Templo. (...) E nós começamos a vir. Mas toda vez que nós vínhamos, nós encontrávamos Tia Neiva. Nós não tínhamos conversado ainda com ela. Ela sempre muito rodeada de gente. Foi em 78. [Nesse entremeio, fala-nos das melhoras sentidas por sua esposa em decorrência dos trabalhos espirituais]. Quando chegou novembro, mais ou menos, Tia Neiva estava dando uma consulta, recebendo o pessoal no Templo e nos chamou. Mandou chamar. Conversamos, aquela coisa e ela disse: “Olha, meu filho, vocês trabalham em algum lugar? Espiritualmente?” Falei: “Não!” (...) E disse: “Eu gostaria que a senhora me aceitasse para que eu pudesse trabalhar aqui.” Foi interessante que a primeira vez que nós viemos, quando eu entrei no templo, parecia que eu tinha chegado em casa. Eu não tive choque. Por que isso? Por que aquilo? Parecia que eu tinha chegado na minha casa. Foi uma sensação muito íntima e profunda Aí eu falei com ela: “Tia, eu gostaria de trabalhar aqui.”.*

A percepção do familiar, do *estar chegando em minha própria casa*, ressalta da fala de nosso narrador e é partilhada por outros tantos que descrevem seu encontro com o Vale do Amanhecer. O destaque, no caso específico do mestre José Carlos, corre por conta do registro pétreo, da imagem fixa em sua memória de Tia Neiva a sua frente, evento que, para ele – ainda que não tenha dito –, guarda significação especial: Tia Neiva, um *espírito afim*, conhecido de vidas passadas, é quem lhe recebia. Está dissuadido o narrador se tratar o episódio de um preanunciado e almejado reencontro. Reatados os laços *transcendentais*, emparceirados uma vez mais pelo *destino*, restou-lhes a convivência, assinalada por uma cumplicidade que das lembranças do narrador irradiam emoção:

*(...) Eu consegui, assim, me encontrar realmente. Na Doutrina. E, através da nossa vida dentro da Doutrina, conseguimos muita coisa: esclarecimento, comprovações, resgates... [Fala-nos, antes, dos ajustes havidos em sua atividade profissional que lhe possibilitaram estreitar seu*

convívio com a Doutrina e com Tia Neiva] *Foi a época que eu convivi com a Tia de perto, porque estávamos fazendo as Leis e uma série de coisas. Ficava até o Corujão*<sup>414</sup>. *Eu saía daqui [do Vale do Amanhecer, à época] uma hora, uma e meia da manhã. Praticamente dois anos: todo dia eu estava aqui junto com ela. Então, vi a Tia feliz, vi a Tia triste, vi a Tia Brava (risos) e ela brava não era brincado. E especialmente o que mais a gente sentia...ela depois contou uma história, nosso transcendental, tudo. Então deu para entender melhor, mas a gente tinha uma afinidade muito grande. (...) Então, muitas vezes, acabava o Corujão [Reuniões doutrinárias, ocorridas na Casa Grande, de que participavam os médiuns mais próximos de Tia Neiva e que habitualmente singravam a madrugada] e o pessoal ia embora. Seu Mário ficava irritado, ia dormir e eu ficava com ela. Aí ela contava piada, contava caso. Ela gostava porque era um momento em que não tinha ninguém pressionado ela: “Tia, eu faço assim? Faço assado?” ela ficava bem relaxada. Foi muito bom [o timbre de voz se altera, parece enternecer-se], uma convivência boa. A gente teve momentos muito importantes, de esclarecimentos de coisas transcendentais, coisas que se refletem até hoje. Aspectos da Doutrina, aspectos de muitos mestres. Então, eu conheci a Doutrina por um lado, muito da visão dela.*

As lembranças de Tia Neiva ocupam espaço privilegiado em seu relato: a relação de intimidade, a prerrogativa do precioso convívio em reservado – penoso, pois era ela permanentemente assediada – presta a ele o devido referendo a sua identidade de Jaguar. Aprendeu, em âmbito privado, diretamente com a matriz do movimento. Isso ressoa em suas lembranças como que a legitimar a sua condição de mestre da doutrina do Amanhecer. Conviveu com aquele que se resolvia o manancial das *verdades espiritualmente referendadas* e o aprendizado de que se viu contemplado faculta a ele divisar os sentidos que os *tempos transcendentales* detêm e estão a lhe revelar:

***A gente vai aprendendo o que realmente uma missionária tem de pureza na sua interpretação das coisas. (...) E você tem que caminhar dentro da Doutrina. A única coisa que você tem é exatamente a sua conduta doutrinária, aquilo que você tem e que serve de intuição. E, na realidade, é o que nós temos para nos guiar, para conseguir nos conduzir nesse retorno ao Lar [refere-se precisamente a Capela - um dos componentes do tempo mítico - ao aspirado retorno que possibilita a confirmação de sua Evolução]. Estava vendo um trecho de Emmanuel, que é o nosso Amanto [Entidade espiritual que, segundo a Doutrina, acompanhava e orientava***

<sup>414</sup> Reuniões no interior da Casa Grande que contavam com as presenças de Tia Neiva, Mário Sassi e mestres e ninfas mais próximos, em que a pauta primordial contemplava temas e instruções doutrinários e que ganhavam a madrugada, daí o sugestivo nome: corujão.

Tia Neiva em suas andanças pelo mundo espiritual], *dele falando que nós somos degradados de Capela. Fomos colocados aqui, na Terra, num lugar primitivo. O homem vivia ainda apenas na faixa animal, que era uma faixa muito rudimentar. E nós fomos colocados aqui para ver o que fazíamos com esse povo. E, na realidade, nós também embrutecemos e nos decaímos e rolamos umas escadas. E, hoje, nós estamos a caminho novamente para ver se conseguimos retornar a Capela. (...) Estamos aqui para resgatar. (...) E a Doutrina é fantástica porque nos explica tudo, nos dá condição para tudo. Mesmo quando a gente não está, às vezes, certo de uma coisa, mas o teu amor, a tua vontade de acertar é tão grande que “eles” ajudam e fazem a coisa dar certo* [A espiritualidade, segundo sua percepção de mundo, está a acompanhar os passos de sua trajetória existencial, revela-se a ele uma concretude]. *Isso é muito importante, você vê o resultado da sua dedicação, da sua doutrina posta em prática. De toda força de que você possa dispor (...) sendo premiada por resultados bons. Isso eu acho gratificante e me dá uma certeza, pelo menos para mim, que eu estou no lugar certo.*

O transcendente começa a protagonizar a cena do palco memorial. Tia Neiva, que assevera a remissão a Capela, revela-se a referência inaugural de sua exposição. Fala-nos, nosso narrador, de uma queda, de um embrutecimento, e da necessidade de regresso. Ocorre que o retorno é possível apenas mediante a observância da conduta doutrinária, da assimilação e emprego efetivo dos valores e práticas ilustrados e recomendados pela *Clarividente*.

O tempo mítico oferece os porquês ao mesmo tempo em que cobra ações. Das representações emanadas desse tempo mítico irrompem atitudes destinadas a um objetivo: o retorno à Capela. Mas há outros espaços ocupados por esse transcendental que está a explicar o mundo circundante e a delinear o trânsito por esse mesmo mundo. Quando questionado acerca dos liames transcendentais existentes entre nosso narrador e Tia Neiva, o mestre José Carlos não se furtou a esclarecer:

*Nós tivemos alguma coisa no passado, em termos de Egito. Mas o que mais nos marcou foi quando ela era Cleópatra e eu fui Júlio César. E Seu Mário era o Marco Antônio. Então, eu entendia porque, às vezes, a gente [ele e Mário Sassi] tinha algumas ruggas, uns pequenos atritos. Eu entendo também porque Dinah tinha uma certa prevenção com ela* [Tia

Neiva]. (...) *Uma vez Tia Neiva contou: quando dos Katshimochys<sup>415</sup>, naquela divisão das tribos, Dinah era filha dela [de Tia Neiva]. E ela viu que a tribo ia ser destruída. (...) [Então], havia um trem que ia para São Petersburgo. E nas cabines de luxo, ela [Tia Neiva] viu um casal, um casal nobre. Pegou Dinah, que era ainda bebezinho e a colocou na cabine. E foi embora com o grupo. O casal chegou, encontrou aquela criança, eles tinham só uma filha, e resolveram levar Dinah para a casa deles. E deram [à menina] toda uma atenção especial. E a filha do casal era uma menina sem graça, meio feinha. E a Dinah, filha de ciganos, aquela coisa toda, trouxe aquele transcendental todo. Ela ria, dançava. Então, começou a abafar a irmã. Elas já estavam mocinhas, a irmã tinha um namorado, mas o namorado estava na realidade de olho na Dinah. Elas brigaram. Ela pegou um pedaço de pau pra bater na Dinah. E a Dinah teve uma reação qualquer, que o pedaço de pau vazou a vista da irmã. Aí foi uma confusão, aquele ódio. E essa irmã é quem foi agora, nessa encarnação, a mãe da Dinah, que é uma cobradora firme. Era um reajuste. Então, ela [Tia Neiva] foi contando tudo assim, que é para a gente se situar um pouco nessa confusão toda. E assim, através do transcendental, a gente vai vendo o quanto a gente tem que se acertar. Nós [José Carlos e Dinah] tivemos viagens, fomos à Europa e rodamos muito, mas eu sempre falo: “Pensávamos que era um passeio, mas na realidade era um trabalho, era uma busca de charmes [heranças transcendentais] deixados, de acertos que tinham que ser feitos.”*

Como é possível depreender, aversões e empatias, trânsito por terras estrangeiras e episódios de relevo na vida do narrador, todos esses se vêem instruídos de sentidos se consideradas as feições desse passado remoto, do tempo das encarnações, diríamos, de um tempo significante. Tempo, ainda, que se originou das assertivas e das revelações expressas por Tia Neiva. A ela, frisemos, no mais das vezes, em especial no que corresponde aos médiuns com quem mantinha conexões mais estreitadas, estava reservada a prerrogativa de dar a conhecer a eles os registros do *transcendente*. Ao assumir a

<sup>415</sup> Tribo de ciganos que, segunda a Doutrina, marca um transcendente comum dos jaguares. Vejamos como o próprio Mestre José Carlos se refere a esse tempo: “Passagens marcantes na jornada do Jaguar aconteceram quando encarnaram como bandos de ciganos, na Rússia, na Europa Central e na Andaluzia. Tradições que, pelo charme, até hoje se fazem presentes nas nossas encarnações atuais. Sem dúvidas, a que mais heranças nos legou foi a dos Katshimoshy, cuja história Tia Neiva nos deixou na obra “A Volta dos Ciganos (e o Efeito das Reencarnações)”, onde relata a divisão da tribo cigana, devido à morte do rei, entre os dois irmãos rivais, na Rússia. Um grupo ficou no acampamento original, obedecendo a um novo rei, e o outro, que era composto, inclusive, por Tia Neiva e Mãe Calaça, para evitar derramamento de sangue, foi em busca de outro local nas estepes russas. Mas este grupo foi quase que totalmente dizimado por um ataque de lobos ferozes. Mãe Calaça foi morta, mas manteve sua proteção junto a Andaluza, jovem e bela cigana, companheira do rei, com quem teve um filho, Yatan.”. Ver José Carlos do Nascimento Silva. *Observações Tumarã*. ed. Out/99. Brasília: s.n. 1999, p. 97-98.

roupagem de *clarividente*, definia-lhes aos adeptos, portanto, uma fisionomia identitária entalhada sob o cinzel de sua *palavra indefectível*.

## **4.2 Das fontes temporais: do impacto do estranhamento à domesticação da alteridade**

### **4.2.1 Fontes Impressas**

As fontes impressas, em especial as que correspondem aos jornais que circulavam na capital federal<sup>416</sup> no transcurso da década de 1970 e primeira metade dos anos 1980, período este em que Tia Neiva esteve à frente da doutrina do Amanhecer, apresentam-se em número assinalável. Periódicos de circulação nacional, a exemplo da Revista Manchete e de Planeta, também mobilizaram seus profissionais de modo que providenciassem uma leitura do movimento espiritual que atraía por sua monumentalidade e manifesta singularidade.

A mídia eletrônica, por seu turno, não se posicionou indiferente às práticas inusitadas, ao colorido impactante e à arquitetura invulgar que se somavam no complexo visual que definia o Vale do Amanhecer. Tia Neiva, ponderados o fascínio exercido por sua figura ímpar, a obra assistencial a que dava vida e as previsões que, com parcimônia, divulgava, figurava como a personagem de maior impacto e interesse aos olhos de uma imprensa para quem a magnitude e o insólito dos signos imagéticos se convenciam indispensáveis.<sup>417</sup>

---

<sup>416</sup> Correio Braziliense, Jornal de Brasília e Última Hora merecem menção.

<sup>417</sup> Privilegiamos as fontes impressas em nossa análise em particular por sua copiosidade. Mesmo assim, identificamos a existência e assistimos a um razoável número de matérias veiculadas pela mídia eletrônica respeitantes à Tia Neiva e ao Vale do Amanhecer. No mais das vezes, tratam-se de matérias gravadas amadoristicamente e que integram arquivos privados. Algumas deles, atualmente estão disponíveis, inclusive,

Da análise das matérias veiculadas pela imprensa periódica, previamente asseguramos: deriva da notável divulgação de seus depoimentos e da exposição de sua obra, o fato de Tia Neiva ganhar visibilidade para além do território privado de sua atuação religiosa. Ao ver estendida a sua imagem de líder religiosa em direção aos domínios públicos, torna-se ícone midiático e passa a ser designada, por exemplo, como *a médium de Brasília*.

O primeiro dos nomes de imprensa que se empenharam em descrever Tia Neiva e sua paisagem espiritual por nós acolhido é o do jornalista Tetê Catalão. Radicado em Brasília há anos e profissional destacado da comunicação, em 1978, na matéria que escreve sobre o Vale do Amanhecer e sua líder, Tetê Catalão dá lugar a sua linguagem ousada e desenvolta por meio da qual parece se exigir localizar sentidos capazes de tornar o mundo de Tia Neiva, além de noticioso, inteligível:

*Creio que o Vale “só é possível”, por estar em Brasília. Isto porque as suas diversas linhas-colagens das tradições religiosas brasileiras encontram apoio no fato de Brasília reunir um pouco de cada religiosidade brasileira. Há sintonia para todas as aspirações e mais: tudo em cima de um potente clima emocional (coisas que a gente vê nas expressões religiosas indianas e nordestinas, esta a coisa da procissão, dos cantos “portunhóis”, do êxtase, da cor e da paixão devocional). **Este clima evidentemente tem seu centro no matriarcado suave e fascinante de Tia Neiva.** O matriarcado no Vale, olha aí o arquétipo da Grande Mãe, da ligação com a natureza (os elementais, principalmente a água) – chega ao ponto de comportar dois imensos linghnas (o símbolo sexual da fecundidade feminina adotado na sabedoria antiga), um na entrada do Templo e outro no alto do morro. Fato ainda reforçado por ter sido um dos objetivos deste ritual, a inauguração deste imenso lago dedicado a duas entidades femininas: Yemanjá (loura) e Yara (cabocla). Ambas representadas por duas pinturas esculturais de cerca de 7 metros de altura cada. A importância deste ritual foi muito grande, segundo os frequentadores.<sup>418</sup>*

---

na rede mundial de computadores (Internet). Mesmo no *Youtube*, site dedicado ao compartilhamento de vídeos em formato digital, podem ser encontradas algumas matérias jornalísticas. Um trabalho que merece destaque por se tratar de uma compilação de matérias, a despeito de não informar os créditos relativos às reportagens, está disponível no seguinte formato: Reportagens: Vale do Amanhecer. Pimentel Produções. Vale do Amanhecer: Armarinho Pimentel, 2006. Parte 1. O Vale (180 min.): DVD, NTSC, son., color. port., 26 min.

<sup>418</sup> Tetê Catalão. Espetáculo Ritual. *Correio Braziliense*, Brasília, 04 jun. 1978. Caderno Questões, p. 05.

Tetê Catalão, à semelhança de parte expressiva dos profissionais de imprensa que acorreram ao Vale do Amanhecer interessados em reconhecer-lhe minimamente em suas feições e estratégias culturais, reservaram a Tia Neiva o reconhecimento de que esta ocupava a centralidade do sistema. Catalão parece ir mais longe: propõe-nos a representação *de um doce e suave matriarcado*, fala-nos de uma ascendência religiosa que passa a existir e se faz distinguir por sua presumível correspondência com a imagem arquetípica da Grande Mãe.

Em seu discurso, ainda, caracterizado por uma sentida disposição em subverter a abordagem distanciada e descritiva que se creditaria a um jornalismo pretensamente objetivista e asséptico, deixa-se absorver pela atmosfera devocional que lhe toca e ele mesmo reconhece nas elipses (*linghnas*) que se realçam como ícones estéticos na cenografia do Amanhecer aspectos de um culto sentidamente feminino, dando margem à admissão de que Tia Neiva se conformaria realmente uma matriarca. O olhar sensível que revela a eventuais sentidos místéricos denuncia sua ousadia e parece fazer dele um jornalista que não se acanha em atuar como um intérprete, no limite, um simbologista<sup>419</sup>.

Outro jornalista que se consagrou em Brasília e estabeleceu com Tia Neiva uma relação de expressiva amizade e que até hoje se refere à líder religiosa do Amanhecer com indisfarçável deferência trata-se do colunista Gilberto Amaral. Relatam os adeptos mais antigos, inclusive, que o jornalista teria dado os primeiros passos na Doutrina do Amanhecer, não tendo ido adiante. Em 1978, em sua coluna, apontou Tia Neiva como um dos *destaques do ano*. Vejamos como Amaral, ao justificar sua indicação, descreve a *Clarividente*:

*Tia Neiva é sinônimo de bondade e de amor ao próximo, coisas raras em nosso mundo moderno. Durante os 365 dias de 78 ela dedicou as 24 horas de cada dia no amparo aos ansiosos por uma palavra terna e carinhosa, minorando o desespero de muitos. A grande líder do Vale do Amanhecer é toda dedicação para com as quase 300 crianças desamparadas que lá chegam, marcadas pelo trauma da vida e que lá têm em TIA NEIVA a mãe que não tiveram. No Vale do Amanhecer, sua*

---

<sup>419</sup> É válido observar que Tetê Catalão anexa a sua matéria um fragmento do estudo do Padre José Vicente César acerca da doutrina do Vale do Amanhecer.

*liderança espiritual perante os milhares de médiuns e devotos é incontestável.*<sup>420</sup>

Em 1973, o Correio Braziliense estampa em sua capa uma manchete sobejamente sensacionalista que se apura em cumprir com fidelidade a função de impactar e de atrair leitores: “*Tia Neiva*” *cura tudo lá no Vale do Amanhecer*<sup>421</sup>. O corpo da reportagem, se compulsado o conteúdo discursivo que lhe dá forma, torna visível os primeiros tempos que balizam a aproximação da imprensa para com a doutrina de Tia Neiva.

A 18 de setembro de 1977, o mesmo Correio Braziliense, uma vez que passava a reconhecer Tia Neiva e sua comunidade como expressões inteiramente integradas à paisagem religioso-cultural de Brasília, dedica importante espaço de seu caderno de Cidade para ouvir da líder religiosa do Amanhecer sua leitura de mundo e dos eventos contextuais. Interessa-nos reproduzir o texto correspondente ao *box* da matéria em que o jornalista se empenha em proporcionar ao leitor um perfil do Vale do Amanhecer e de sua protagonista:

*O vale do Amanhecer é um laboratório em expansão. Quem o avista, de longe, já tem a impressão de uma cidade. E, de fato, o que se implanta ali é uma cidade que é, ao mesmo tempo, (ou pretende ser) uma central de produção e de captação de energia cósmica (etérea, como diz Tia Neiva). O Vale tem a ver com tudo: com a preparação da humanidade para o Terceiro Milênio, com a síntese de toda a experiência mística universal (Tia Neiva **foi** uma sacerdotisa em Delphos) e com a formação da verdadeira identidade do povo brasileiro. No seu funcionamento doméstico, cotidiano, o Vale do Amanhecer realiza uma espécie de domesticação do sobrenatural. **O templo é um pronto-socorro espiritual, permanentemente aberto. Um supermercado da mediunidade aprisionada e liberada. Isto implica, evidentemente, numa população permanente para atendimento da população flutuante, já que mais de 60 mil pessoas recorrem, todos os meses, ao poder de Tia Neiva. E todo mundo tem que sair melhor de lá do que chegou. Como é um trabalho de síntese e de formação, o Vale elabora e reelabora os seus símbolos e a sua linguagem, ao mesmo tempo em que define os seus rituais e instrui (desenvolve) toda a hierarquia comunitária. E no centro de tudo, presidindo essa irradiação do culto, da comunidade e da própria***

---

<sup>420</sup> Gilberto Amaral. *Destaques do ano*. Correio Braziliense. 31 dez. 1978. Caderno Social (grifo original).

<sup>421</sup> Correio Braziliense. “*Tia Neiva*” *cura tudo lá no Vale do Amanhecer*. Brasília, 15 jan. 1973, 12a.

*cidade, como uma metáfora da Mãe-Natureza, está Tia Neiva – uma usina de clarividência.*<sup>422</sup>

O título do texto em destaque reforça a imagem de uma disposição matrilinear que se põe a orientar as relações entre Tia Neiva e seu universo de *aninhados*: *A mãe em busca de filhos*. Da Análise do fragmento, ainda, depreendemos, a exemplo da entrevista por Tia Neiva cedida a Marlene Anna Galeazzi<sup>423</sup>, a naturalidade com que Tia Neiva é referenciada e interpretada, o que sugere o reconhecimento de um processo de domesticação a que é submetida a personagem levado a efeito por uma imprensa local. Mais do que isso, a matéria a qualifica como uma *usina de clarividência* e, ao imprimir reforço à imagem de uma mulher que se conforma líder, ressalta o fato numericamente impactante de que mais de 60 mil pessoas recorrem *ao poder de Tia Neiva*.

A relação de contigüidade do discurso midiático com a linguagem do Vale do Amanhecer resulta de tal modo que fragmentos textuais são tomados de empréstimo do código lingüístico afeto à doutrina de modo a dar forma à matéria jornalística: como exemplo, temos a assimilação das expressões *pronto-socorro espiritual* e *mediunidade*. Não importando, inclusive, dar a conhecer ao leitor o alcance semântico da noção de *mediunidade* segundo o entendimento da doutrina do Amanhecer.

No primeiro capítulo deste empenho, enquanto procurávamos divisar Brasília em sua dinâmica sagrada, ao final, destacávamos alguns dos nomes associados ao misticismo mais representativos da capital federal, a exemplo do Mestre Yokaanam e do general Uchôa. Ocorre que Tia Neiva também se referiu a Brasília como uma *terra escolhida*. Isso fica evidenciado na entrevista que concede ao Correio Brasiliense em 1983. Vejamos como ela se posiciona quanto ao que estaria destinado à *Capital do Terceiro Milênio*.

*Sobre Brasília, Tia Neiva explica que na Capital da República acontecerão as grandes transformações do mundo. “Brasília esta sendo*

---

<sup>422</sup> Revelações de Tia Neiva. *Correio Braziliense*, Brasília, 18 set. 1977. Caderno de Cidade, p. 22 (grifos nossos).

<sup>423</sup> A entrevista em questão nos serviu de fonte para a formulação do presente trabalho em dois momentos: quando do término do primeiro capítulo, enquanto explorávamos uma primeira impressão de Tia Neiva associada à imagem de uma Brasília sob o signo do encantamento, e também ao final do segundo capítulo, por ocasião do enfoque por nós dado a uma das representações nucleares de seu imaginário sagrado, a do *amor incondicional*.

*preparada para ser o centro do universo político, enquanto um outro local está esperando para virar realidade como mundo pastoral e universal. Sofreremos algumas catástrofes, mas no fim tudo será paz e tranqüilidade. Brasília é muito importante para o mundo após o ano 2000. E é isto que estou ensinando aos seguidores do Vale do Amanhecer. Tenho certeza que um mundo melhor está por vir, é claro que com muita desesperança, antes disto. Mas, felizmente, já estamos na reta final para encontrar este mundo”.*<sup>424</sup>

Como vemos, Tia Neiva, ao ter suas declarações publicadas na imprensa, tornava viável e catalisava a difusão de suas representações. Do exemplo por nós selecionado, temos que a imagem de uma capital cujo destino elevado está por se cumprir se vê plenamente resguardada e revalidada. Temos ainda que se estabelecia entre a líder religiosa e a imprensa uma relação de cooperação enunciativa, por meio da qual se afirmava um fluxo de representações bidirecional.

O ator, diretor e dramaturgo Miguel Falabella, em sua coluna *Um coração urbano*, que escreveu durante anos para o jornal *O Globo*, publicou em março de 1995 uma crônica sensível em referência à Tia Neiva. Seu título: *O balão do adeus*. Vejamos como o ator, dramaturgo, diretor, cineasta e escritor carioca se reporta a sua visita ao Vale do Amanhecer e ao seu encontro com aquela a quem o instou a rememorar e a historiar:

*Eu acho que tive um sonho, mas não me lembro exatamente da música que tocava, talvez por isso tenha acordado esquisito, tentando olhar para além do espelho, para muito além dos ladrilhos do banheiro, com o olhar vazado, o olhar dos santos, dos sossegados, daqueles que deram por finda a busca. O olhar de Tia Neiva. Acho que foi isso – sonhei com ela, não exatamente com ela, mas em algum lugar do delírio ela passava, arrastando o manto, com aquela beleza de rainha. Tia Neiva era bela, eu achava. Certa vez, eu estava filmando em Brasília e fomos todos ao Vale do Amanhecer. Eu, Lucélia Santos, Laurinho Corona, Daniel Dantas, Louise Cardoso, Chico Diaz, uma turma. Havia muita gente por lá, os iniciados que usavam roupas coloridas, visitantes, gente de toda e por toda parte. Ficamos ali, filmamos ali, assistimos à parte do culto e eu trago viva a imagem dos sacerdotes que vibravam, à volta de um lago em forma de estrela. A imagem nunca se apagou da minha mente – era tão bonito! – havia uma brisa que encrespava as águas da estrela e ela refletia as cores, misturando tudo num emaranhado sem fim. O lago, assim, era lilás, rosa, amarelo e dourado. Na verdade, após alguns minutos de miração, já não era mais um lago – era a aurora boreal que*

---

<sup>424</sup> Novidades em Brasília. *Será o centro do universo político*. Brasília, nº 51, jun. 1983, p. 6 (grifos nossos).

*mergulhava nas águas do cerrado. Nós ficamos sentados numa pequena colina, naquela tarde, respeitosamente assistindo ao culto, e a emoção era como o vento nos cabelos, uma carícia, um sopro de vida, quase um adeus. Os iniciados pediam a força do jaguar. Mais de dez anos depois, eu me flagro também pedindo a força do jaguar e me pergunto, nessa solitária manhã, se o jaguar sente o que eu estou sentindo, se ele é imune a esses tolos sentimentos humanos. Ah, leitor! Se isso pudesse realmente acalmar o fogo das entranhas, que viesse, então, essa força, que inundasse o meu peito de serenidade, que apagasse todo e qualquer vestígio de angústia e de saudade. Tia Neiva nos recebeu. Ela tinha, se não me engano, um problema grave de pulmão – falava com dificuldade, um fio de voz – mas o olhar! Inesquecível! Tia Neiva olhava além, muito além. E seu rosto era uma máscara impenetrável. Após alguns minutos de conversa, eu fui percebendo que, por trás da fortaleza, havia uma outra face. A face da tristeza. E, então, entendi o porquê. Tia Neiva via. Não queria ver, mas via e sabia.<sup>425</sup>*

A crônica de Falabella, ao se reportar ao *olhar de Tia Neiva*, revela-se exemplar se considerados outros muitos relatos, escritos ou verbalizados, originados daqueles que privaram de um contato com a *clarividente*. A imagem do olhar intenso, penetrante e devassador, indefinidas vezes delineada e evocada particularmente pelos adeptos, converte-se, conforme enunciamos na abertura do presente capítulo, na representação característica mais difundida de Tia Neiva.

No que respeita ainda às fontes impressas periódicas, reservamos o arremate de nossa análise à jornalista Marlene Anna Galeazzi, a quem, descrevem os familiares de Tia Neiva, a líder religiosa do Amanhecer *encantava receber* e poder contribuir com o seu trabalho. Em reportagem que escreveu para a Revista Manchete, Marlene Galeazzi, ao narrar a internação sofrida por Tia Neiva em razão do agravamento de suas complicações respiratórias e seu surpreendente restabelecimento, acaba por incorporar e recrudescer em sua orquestração textual a imagem de excepcionalidade correspondente à personagem da matéria.

***Tia Neiva – uma ex-motorista de caminhão – é a clarividente e líder do Vale do Amanhecer, a entidade espiritualista do Planalto Central onde trabalham aproximadamente 50 mil médiuns, e onde são atendidas milhares de pessoas por ano. Mais uma vez Tia Neiva mostrou seus incontestáveis poderes. Depois de passar vários dias no hospital,***

<sup>425</sup> Miguel Falabella. O balão do adeus. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1995. Coluna *Um coração urbano*, p. 22.

*praticamente desenganada, escapou da morte como que por milagre. E agora, mais saudável do que nunca, dá continuação a seu trabalho, já conhecido até no exterior. Apesar de uma doença pulmonar crônica, que a faz respirar com muita dificuldade, o ritmo de trabalho de Tia Neiva impressiona leigos e médicos. Alguns costumavam dizer: “viver assim, trabalhando em geral mais de 18 horas por dia, é quase impossível.”<sup>426</sup>*

Do que precede, temos que a impactante imagem de Tia Neiva e o inusitado de suas visões, práticas e realizações culturais se viam com relativa frequência explorados pela mídia, prevalentemente a local. Sobretudo em razão dos eventos ritualísticos que marcavam o Dia do Doutrinador, transcorridos em todo primeiro de maio, inscrevia-se o movimento no calendário dos fatos dignos de cobertura jornalística. Em síntese, Tia Neiva e o Vale do Amanhecer converteram-se em ícones do misticismo característico da Capital Federal e a mídia local desempenhou papel significativo na afirmação dessa distinção.

#### **4.2.2 Fontes acadêmicas**

Tia Neiva também se viu objeto de investigação acadêmica. Interpretada sob perspectivas teórico-metodológicas plurais, derivaram de sua imagem caracterizações que, a partir de agora, interessam-nos reconhecer. Por oportuno, cumprem-nos observar: ainda que o recorte temático do estudioso se direcionasse mais detidamente ao Vale do Amanhecer, defrontar-se com a sua imagem, considerada a correspondente relevância de sua ação para a emergência e para a configuração do movimento, obviamente, definia-se como uma questão incontornável para o encaminhamento e a consecução de qualquer análise com essas feições.

A essa disposição em pôr em relevo as produções acadêmicas, em escalas e perspectivas variáveis, compromissadas com a análise dessa que convence nossa personagem nuclear vincularemos argumentações que se dedicam a dar visibilidade à

---

<sup>426</sup> Marlene Anna Galeazzi. Tia Neiva, a médium que salvou a si mesma. Da morte. Revista Manchete. 15 de maio de 1976.

avaliação de que Tia Neiva, por dar vida ao movimento doutrinário do Vale do Amanhecer e deliberar seus contornos e conteúdos culturais mais expressivos, pode ser traduzida como a sua *matriz fundamental*.

Principiamos nosso itinerário pela operação acadêmica que, ao se reconhecer um estudo de caso, tem como mote dominante a deliberação de examinar Tia Neiva a partir de uma perspectiva semiótica. Do interior dessa matriz disciplinar, Carmen Luisa Chaves Cavalcante, ao explorar com maior vagar o universo do xamanismo, ancorada, entre outros, nas formulações teóricas do psicanalista Roger Walsh, atribui a Tia Neiva a qualificação de Xamã no contexto sócio-religioso do Vale do Amanhecer. Cavalcante vai nos afirmar que:

*Tia Neiva foi realmente um xamã. Ora dizendo viajar para outros mundos em estado extático, ora possibilitando um suposto contato entre homens e espíritos durante os rituais, ora ainda criando preceitos doutrinários, ela tomou para si o papel de mediadora na relação entre o homem e o cosmos. Tratou de dar a conhecer a esse mesmo homem, ou simplesmente lembrá-lo, a sua condição religiosa, portanto, divina e transcendente.*<sup>427</sup>

Carmem Cavalcante, ao atribuir a Tia Neiva uma roupagem estruturada teoricamente, a do *xamã*, não deixa de lhe reconhecer seu papel predominante no ajustamento do contexto do Amanhecer. A exteriorização da estética de planos *invisíveis* consubstanciada pelo *êxtase*, a demarcação do corpo preceitual do Amanhecer, a sistematização ritológica e a mediação do homem com a infinda exterioridade e com o transcendente se somam elementos que nos permitem aferir o alcance de sua palavra na composição do imaginário característico do Vale do Amanhecer. Desses elementos, especialmente na confecção do capítulo precedente, ocupamo-nos com maior profundidade. Cavalcante dá fecho a seu trabalho a revalidar a nuclearidade de Tia Neiva:

*O xamanismo de Tia Neiva, que despontou no cenário nacional e traz em si um forte grau de sincretismo, abre-se para o universal. Em parte por ser o responsável pelo ajuntamento e pela integração de símbolos e mitos diversos com a intenção – ou seria necessidade? – de ser uma seita*

---

<sup>427</sup> Carmen Luisa Chaves Cavalcante. *Xamanismo no Vale do Amanhecer: o caso Tia Neiva*. São Paulo: Annablume, 2000. p. 77.

*holística, voltada para o todo, em tempos de “Nova Era”. E em parte por responder como o faz toda religião – não importando aqui toda a veracidade e a precisão da resposta –, à pergunta básica de todo ser humano: quem sou, de onde vim e para onde vou? Dando um sentido a questões como a da morte, a seita do Vale do Amanhecer tem, no xamanismo de Tia Neiva, o seu principal alicerce.*<sup>428</sup>

Arakcy Martins Rodrigues e Francine Muel-Dreyfus, pesquisadoras vinculadas ao território sociológico, em 1984, produziram um ensaio, publicado na Revista Brasileira de Ciências Sociais, que avaliamos de valor estimável especialmente por se apresentar como um sugestivo e bem apresentado relatório de campo. Partimos do consentimento do leitor de modo a encaminhar a citação de uma passagem do artigo que se apresenta extensa, porém, o que nos importa decididamente, proporciona alguns elementos responsáveis por nos reportar a uma corte temporal em que se ressaltam pincelagens do cotidiano do Amanhecer e daquela que, conforme a expressão consignada pelas próprias autoras, *encarna o sagrado do grupo*:

*Já havíamos assistido a uma cerimônia, visitado o templo, gravado uma entrevista com outro dirigente da seita, Mário Sassi, companheiro de Tia Neiva desde 1968 e autor de obras editadas pela comunidade, falado com adeptos etc. A seguir compramos livros e cartões-postais, depois assistimos ao trabalho ritual e às curas que se realizavam no templo no final do dia. Tínhamos a impressão de ter aprendido muito em pouco tempo, de ter tido um contato fácil com uns e outros, quase a sensação de uma espécie de familiaridade. Vicente [funcionário da Universidade de Brasília e adepto da doutrina que acompanhou as pesquisadoras em sua visita ao Vale do Amanhecer] voltou para nos fazer entrar dizendo-nos que Tia Neiva estava cansada e dispunha de pouco tempo. Já sabíamos que ela estava doente. Entramos numa grande sala mobiliada com bancos, dispostos como numa sala de aula; algumas pessoas, sentadas, estavam aguardando e nos viram chegar; muita gente em pé também, um vaievém, uma atmosfera de tempo ocupado interrompido. Tia Neiva estava sentada atrás de uma pequena escrivaninha, de frente para os bancos, numa imensa cadeira de madeira escura, esculpida, recoberta de napa vermelha. Uma audiência. Na escrivaninha, uma taça com pedaços de gelo e um grande copo de água, para “ajudá-la a respirar”, disse-nos Vicente. Nós a cumprimentamos, Vicente fala por nós, ela mal nos olha, ou melhor, nos olha sem ver; seu rosto é muito pálido, os olhos negros muito maquiados; dizemos uma ou duas frases e vamos embora; nós também não a vimos realmente, ou melhor, nós a*

---

<sup>428</sup> Carmen Luisa Chaves Cavalcante. *Xamanismo no Vale do Amanhecer...* Op. cit., p. 79-80 (grifos originais).

*vemos como uma imagem. Usa um vestido longo, de renda preta, decotado, de mangas longas; os cabelos negros estão penteados à moda andaluza e está coberta de jóias; mal se mexe e tem um pequeno aparelho para respirar, ligado a bombas de oxigênio. Ao sair dessa entrevista, todas as observações do dia parecem diluir-se. Tudo acontece como se a força da fé, o fato de estarmos "fora do jogo", a ausência de interesse pelo nosso "interesse" e a autoridade sagrada do personagem tornassem inútil qualquer esforço de análise.*<sup>429</sup>

Da passagem por nós empregada, compete-nos a reflexão de se insistir na valência de um olhar sincrônico apovisionado por uma compreensão diacrônica de um dado fenômeno cultural. Posicionamo-nos persuadidos de que a instantaneidade se deixa esculpir consideradas as recolhidas e as denegações encaminhadas no devir. As autoras, inclusive, revelam essa preocupação ao incentivar propostas investigativas que se assumissem endereçadas à apreensão de como se efetivaria em Tia Neiva a *passagem do estado de profeta potencial ao de profeta realizado*<sup>430</sup>.

Rodrigues e Muel-Dreyfus seguem com o ensaio ao apresentar suas notas de campo, submetendo-as a uma análise sumarizada, ao tempo em que recomendam, diante da complexidade do universo temático que se lhes instiga, possibilidades outras de análise. Interpelado por Tia Neiva, o antropólogo José Jorge de Carvalho, que tem trânsito pelos domínios das religiosidades, deu ênfase ao sincretismo acentuado que caracteriza o Vale do Amanhecer, nascido, segundo o autor, da expressiva anexação de referências simbólicas inscritas em territórios sagrados circunvizinhos:

*Tia Neiva, munida de uma imaginação religiosa fora do comum, obteve revelações em sua maioria derivadas do grande imaginário afro-brasileiro, do espiritismo e também do catolicismo popular. Desse modo, foi capaz de ampliar a cosmovisão espírita muito além do que Alan Kardec, fundador da doutrina, ou mesmo Francisco Xavier, seu máximo expoente no Brasil, poderiam jamais ter imaginado. Exercitando intensamente sua criatividade mitológica e ritualística, ela procedeu a realizar uma leitura espírita de uma quantidade de outras tradições religiosas, dentro de uma linha básica que também pode ser considerada umbandista, ou afro-brasileira, na medida em que a entidade principal cultuada no Vale do Amanhecer é um Caboclo (espírito ligado às matas*

<sup>429</sup> Arakcy Martins Rodrigues et Francine Muel-Dreyfus. *Reencarnações: notas de pesquisa sobre uma seita espírita de Brasília*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, 1987, p. 106.

<sup>430</sup> Arakcy Martins Rodrigues et Francine Muel-Dreyfus. *Reencarnações...* op. cit., p. 108.

*e que representa o poder espiritual indígena, mestiço e, por extensão, de qualquer brasileiro) chamado Seta Branca.*<sup>431</sup>

José Jorge de Carvalho fala-nos da representação *sagrada* que avaliou ser a de maior expressividade no Amanhecer, o ente sobre-humano Pai Seta Branca – com o que assentimos, vinculando-a, considerada a sua roupagem *cabocla*, a uma tradição umbandista, o que nos exige um adendo: Pai Seta Branca, consoante depreendemos do entendimento proposto pela doutrina do Amanhecer, acomoda vestes simbólicas outras que o tornam polissêmico em sua conformação representacional. Os mitos de origem e a noção de transcendência tornados referências por Tia Neiva se encarregam de nos atestar a complexidade identitária desse ente sobre-humano quando intentam descrever suas roupagens encarnatórias: o Equituman, o Tumuchy, o Inca, São Francisco de Assis e o Grande Jaguar. Repassemos a palavra ao autor:

*Tia Neiva também partiu de uma ignorância teológica e conseguiu desenvolver sua busca a ponto de alcançar uma revelação e plasmá-la num culto singular. Seguindo evidentemente os passos já abertos pelas várias linhas umbandistas, o Vale do Amanhecer levou as doutrinas espíritas, arraigadas na população brasileira há mais de um século, a um ponto quase limite de complexidade semiótica e inteligibilidade racional. Encarna, dessa forma, a idéia daqueles estudiosos que acham que a religiosidade predominante no Brasil é, de fato, de tipo espírita.*<sup>432</sup>

Nessa passagem, vemos que o antropólogo dá seguimento a sua reflexão reiterando a detecção de uma *complexidade semiótica* destacável que definiria a doutrina consignada por Tia Neiva como um culto singular. Essa se nos parece uma argumentação bastante judiciosa. Como também concordamos com o José Jorge de Carvalho quando este se põe a aditar ao Vale do Amanhecer influências provenientes dos cultos espírita e afro-brasileiros. A trajetória hierofânica levada a efeito por Tia Neiva produziu um cenário cultural em que o sagrado visivelmente se conforma polifônico.

A seguir, com maior detimento, intencionamos compartilhar com leitor alguns dos argumentos que, informados pelos encaminhamentos que se somaram até o presente momento de nossa exposição e agrupados em um núcleo reflexivo destacado,

---

<sup>431</sup> José Jorge de Carvalho. “Um espaço público encantado: pluralidade religiosa e modernidade no Brasil”. In: Série Antropologia. v. 249. Brasília: Ed. UnB, 1999, p. 08.

<sup>432</sup> Idem, *Ibidem*, p. 11.

pretendem pôr em relevo os indícios que nos possibilitaram reconhecer em Neiva Chaves Zelaya um desses insuspeitados *inventores de mundo* de que nos falou o pródigo Rubem Alves<sup>433</sup>.

### 4.3 Identidade em construção: do centralismo carismático à liderança religiosa

A psiquê, como o corpo, é uma estrutura extremamente histórica.

(Carl Gustav Jung)

O fragmento epigráfico facultado por Jung, o analista de Zurich, parece nos advertir da inelutável intervenção do tempo na formulação das representações que dão viço a imaginários representativos dos inumeráveis grupos sócio-culturais que tomam parte da cena contemporânea. Entre esses, que, assim avaliamos, vêm-se estabelecidos sob o signo do *reunismo*, certamente figura o Vale do Amanhecer de Tia Neiva.

Diante disso, a nosso ver, o mergulho na história a que nos dedicamos e que resultou na consolidação dos capítulos e das formulações precedentes, estes que nos revelaram traços acentuados da imagem de uma Brasília saturada de comunidades e de disposições espirituais que a põem enlaçada de sagrado e da gênese, do recrudescimento e do perseverar da *liderança religiosa* de Tia Neiva, mostrou-se generoso em nos proporcionar elementos compromissados em nos facultar uma melhor compreensão das *práticas e representações*, como evidencia Chartier<sup>434</sup>, de comunidades que comungam de bens culturais responsáveis por lhes consentir uma têmpera identitária. Conseqüentemente, estamos a constituir o presente engenho acadêmico por força e ânimo de uma *História* (que se encerra e se assume) *Cultural*.

<sup>433</sup> Cf. Rubem Alves. *O que é religião*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 17.

<sup>434</sup> Cf. Roger Chartier. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1990.

Retomemos a nossa conexão com as *fontes acadêmicas* de modo que nos seja permitido dar curso ao raciocínio que se empenha em enfrentar mais ostensivamente a problemática que perpassa e estimula a presente tese: compreender quais as estratégias representacionais que se viram agregadas e que se responsabilizaram pela instauração e longevidade da liderança religiosa de Neiva Chaves Zelaya no Vale do Amanhecer.

Deixamo-nos seduzir e convencer por esse propósito ao interagir com a antropóloga Ana Lúcia Galinkin, que, em seu precursor estudo acadêmico sobre o Vale do Amanhecer, de forma sumarizada, refletiu acerca da distribuição de papéis relacionados às lideranças doutrinárias mais expressivas do contexto sócio-religioso do Amanhecer. Numa leitura dicotômica, teríamos: Tia Neiva, a líder sagrada; Mário Sassi, o líder intelectual.

Em meus estudos precedentes, oportuneizei alguns encaminhamentos que cuidaram de refletir acerca desses mesmos protagonistas, entendendo-os a exemplo de Galinkin como os que atuaram com maior vigor na definição do cenário cultural do Amanhecer. Classifiquei-os, ao lado de Pai Seta Branca<sup>435</sup>, de as *matrizes do movimento religioso*<sup>436</sup>.

No entanto, nossas primeiras contribuições e a de Galinkin, esta última valendo-se abreviadamente dos indicadores teóricos de Peter Worsley<sup>437</sup>, conformaram-se, em nossa avaliação, insuficientes para viabilizar uma compreensão mais abrangente e verticalizada dos papéis e encadeamentos históricos por meios dos quais se definiu a distribuição de poderes responsáveis pela conformação ética, estética, hierática, em suma, pela classificação e ordenação sociocultural do Amanhecer. Vejamos o que registrou Galinkin:

*O movimento religioso dirigido pelo casal Tia Neiva e Mário Sassi corresponde ao que Peter Worsley (1968) caracteriza como movimento*

---

<sup>435</sup> Conforme enunciamos, entidade sobre-humana reconhecida pelos adeptos como o “Supremo Dirigente da Falange do Amanhecer”. Mentor mais representativo e a quem se destinam o maior número de referências ritualísticas e as deferências devocionais mais contumazes no seio doutrinário do Amanhecer. Ver mais: Marcelo Rodrigues dos Reis. *Discurso e Temporalidades: A Construção Memória e da identidade no Vale do Amanhecer (1957-2004)*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2004, p. 12-16.

<sup>436</sup> Marcelo Rodrigues dos Reis. *Discurso e Temporalidades: a construção da memória e da identidade no Vale do Amanhecer (1957-2004)*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2004, p.25.

<sup>437</sup> Peter Worsley. “The Trumpet Shall Sound: A Study of ‘Cargo’ Cults”. In: *Melanesia*. London: Macgibbon & Kee, 1968.

*carismático de liderança bicéfala em que as funções de profeta e de administrador são divididas entre pessoas distintas.*<sup>438</sup>

Por meu turno, referi-me a ambos, Tia Neiva e Mário Sassi, como atores cujas responsabilidades e performances se complementavam e se dissociavam, atualizando e recrudescendo, assim, uma leitura dicotômica e essencialista, que, avaliamos, definiu-se restritiva. Reproduzo de minha própria inquietação original e reflexão compendiada:

*Seria a Doutrina resultado da ação de Tia Neiva exclusivamente? Mário Sassi desempenhou papel igualmente vital na constituição do Vale? Ou, ainda, a quem deve ser creditada a contribuição maior pela concretização do Amanhecer? Ao logos, personificado em Mário Sassi, ou ao mythos, corporificado em Tia Neiva? Posicionando-nos: não há preponderância. Mário extasiava-se diante do fenômeno que Neiva a seus olhos inquisitivos e “racionais” representava. Neiva a ele se referia com orgulho desmedido e gratidão pelo companheirismo e capacidade de traduzir suas lições, simbolicamente vastas e, não raro, emaranhadas. (...) Em resumo, interdependiam-se. Pólos, **na aparência**, opostos, mas sentidamente complementares. Ela, o mítico, a revelação, a mística, a magia, o simbólico, enfim, o sagrado. Ele, a logicidade, a racionalidade, a terrenalidade, o conceitual, enfim, o profano. E mais, viam-se como exemplos.*<sup>439</sup>

Diante do exposto, revalidamos: de fato se definiu entre essas matrizes do movimento uma relação orientada por uma sentida coadjuvação recíproca. No entanto, não se sustenta, reconhecemos, atribuir-lhes papéis essencializados e que os posicione em polaridades abertas. Consoante evidenciamos nas reflexões que se somam ao presente esforço, a Tia Neiva interessavam e lhe interpelavam os temas relacionados a um cotidiano que se definiria fragilmente temporal: as festividades por ela organizadas, a participação em eventos externos ao Vale do Amanhecer, as viagens que realizou, o zelo protetor para com seus familiares, que se definia extensivo aos residentes da Casa Grande, a vaidade que lhe era característica, o apreço pelo violão e a instauração de uma cadeia de afetos que não se via restrita aos domínios do Amanhecer. Mário Sassi, por seu turno, considerados, por

<sup>438</sup> Ana Lúcia Galinkin. *A cura no Vale do Amanhecer*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Brasília, 1977, p.48.

<sup>439</sup> Marcelo Rodrigues dos Reis. *Discurso e Temporalidades: a construção da memória e da identidade no Vale do Amanhecer (1957-2004)*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2004, p. 26-27 (grifos nossos).

exemplo, o seu trânsito pelas leituras espiritualistas e a sua intervenção continuada na dimensão ritualística do Amanhecer, colocava-se igualmente a braços com o sagrado.

Não se sustenta a afirmação categórica de que Neiva e Mário tenham desempenhado papéis distintos na composição da Doutrina do Amanhecer. Importa-nos considerar ainda que o movimento, até sejam trazidos novos elementos ao debate, no que não empenhamos nossa confiança, é o que é se percebido como decorrência da entrega e da performance dessas duas personagens em seu cenário de sonhos e práticas religiosas. Não silenciados, obviamente, os demais atores que em muito contribuíram para a definição desse enredo historicamente composto e espacialmente instituído.

No entanto, torna-se oportuno o registro: ao migrarmos em direção ao imaginário que caracteriza os adeptos do Vale do Amanhecer, essas representações que asseguram a visibilidade e consagram as imagens das *matrizes do movimento religioso* se vêm vigorosas e largamente difundidas. Pai Seta Branca, em conjunto com uma soma copiosa de entes sobre-humanos a que a *clarividente revelou a existência*, personifica a manifestação dominante do sagrado. Tia Neiva, por seu turno, representa o canal humano por onde essa hierofania propaga a sua mensagem. Enquanto isso, Mário, na condição de porta-voz e intérprete autorizado, codificou a fala sagrada, *racionalizando-a* e repassando-a ao grupo que, convencido da proeminência dessas três personagens, viu-se a edificar e a reproduzir um imaginário religioso que informa assinalavelmente seu delineamento identitário e, conseqüentemente, intervém em seu *modus faciendi*, em sua prática social.



Mario e Neiva sentados ao pé da Elipse.

Ao reassumirmos o desempenho de intérprete do movimento doutrinário do Amanhecer, retomamos concomitantemente a nossa reflexão que se distingue por creditar à Tia Neiva a sensibilidade e a disposição de se ajustar a um momento histórico que se lhe

revelou propício à radicação e à propagação de suas visões que se singularizaram por dar a conhecer mundos imaginais de constituição sentidamente incomum.

No entanto, essa *sensibilidade* e essa *disposição* se veriam náufragas não fossem as partilhas originadas das relações interpessoais que oportunizam o alargamento das experiências e precipitam a encarnação do espírito comunal. Esse raciocínio nos convida de imediato a uma reflexão mais ampla acerca da clássica discussão que põe pareados o indivíduo e a sociedade. Especialmente porque, ao nos relacionarmos mais proximamente com uma personagem que se quer distinguir por *revelar* desígnios *superiores*, importa-nos refletir acerca do grau de autonomia de que dispõe para a montagem de sua biografia e a consecução de seus intentos.

Questão merecedora de cuidados reflexivos, portanto, diz respeito ao princípio de autonomia de que se vale o sujeito ao orquestrar sua experiência em diálogo com o meio sociocultural em que se inscreve. A partir da leitura do ensaio de Sabina Loriga, *A biografia como problema*, avançamos na direção desse mérito. Loriga traça um panorama bem cuidado dos estudos históricos endereçados ao campo biográfico.

No entanto, em diálogo como Hegel, a historiadora italiana se esforça por reconhecer o sujeito histórico como um criador dinâmico, uma potência animadora, uma força viva da História<sup>440</sup>. Investe Loriga no propósito confesso de sobrevalorizar a ação do sujeito histórico na composição da trama social em que se vê enredado e da qual é convictamente artífice.

Dessa constatação, há muito, havíamos nos convencido. Contudo, no momento em que Loriga convoca à reflexão Johann Gustav Droysen (1808-1884), filósofo historicista, pareceu-nos inestimável a construção intelectual do hermeneuta alemão direcionada a aclarar o binômio indivíduo-sociedade. Droysen vai considerar:

*Se designarmos por A tudo o que um homem é, possui e faz, esse A é formado de a + x, onde a representa tudo que lhe vem dos elementos exteriores, a saber, de seu país, de sua época, etc., e o pequenino x*

---

<sup>440</sup> Cf. Sabina Loriga. “A biografia como problema”. In: Jacques Revel (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 232.

*constitui sua contribuição pessoal, a obra de sua vontade livre. Por menor que seja esse x, ele tem um valor infinito.*<sup>441</sup>

Muita tinta correu sobre o binômio indivíduo-sociedade, seriam inumeráveis os nomes dos que se uniram a essa reflexão. No entanto, Norbert Elias, em *A sociedade dos indivíduos*, obra que estimamos seminal para o debate em curso, contribuiu à larga para o desenvolvimento desse tema caro aos que se deparam com o princípio de autonomia do sujeito, que se resolve contingencial, considerada a trama sociocultural em que se aquartela.

A exemplo de Droysen, Elias pareceu se empenhar contra a percepção dicotômica em que se opõem indivíduo e sociedade. É clássica a passagem em que afirma que “a história é sempre história de uma sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos”<sup>442</sup>.

Com base nessas contribuições de fundo teórico, nosso entendimento é o de que a contextura presente do Amanhecer é a resultante de um processo histórico-cultural em que seus atores, quaisquer que sejam, oportunizaram e refutaram práticas, anunciaram e disseminaram *verdades*, mas também silenciaram, inspiraram-se e se afirmaram produtores consoante os endossos, as interdições, as incitações e os vácuos provenientes da palavra *revelada e inspirada* daquela que se convenceu em meio ao grupo a *profetisa*.

É ela, como nos esforçamos por evidenciar, a portadora de um *discurso de autoridade*<sup>443</sup>, referendado por uma dimensão sobre-humana, cujo apelo em um universo religioso é decididamente incalculável. Em linhas gerais, define-se como aquela a quem está reservada a competência de enunciar e, na esteira dessa atribuição, instituir os desígnios do sagrado. Isso nos impele a reconhecer o valor *infinito* da variável *x* consignada por Droysen. Retomo as afirmações que antes anunciei:

*Do conjunto de matrizes que estamos a oferecer ao leitor, confessadamente, reconhecemos o peso da imagem de Tia Neiva não só*

---

<sup>441</sup> Johann Gustav Droysen. *Historik*. Stuttgart: Fromann-Holzboog, 1977. Apud “A biografia como problema”. In: Jacques Revel (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 233.

<sup>442</sup> Norbert Elias. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 45.

<sup>443</sup> Cf. Pierre Bourdieu. “A linguagem autorizada. As condições sociais da eficácia do discurso ritual”. In: *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 1998, p. 85-96.

*no que tange à composição da Doutrina do Amanhecer, mas como vetor importante das representações e práticas, tanto sagradas quanto profanas, relacionadas aos jaguares. Sua sobrevivência é marcante. A Clarividente<sup>444</sup> é reiteradamente referenciada em falas ritualísticas, nas narrativas memoriais de seus seguidores, no cenário imagético do Vale do Amanhecer. Permanece viva, candente. A nós importa refletir em que se apóia a edificação dessa liderança que, indiferente à ausência física de Tia Neiva, se perpetua tenazmente.<sup>445</sup>*

Diante de nossa constatação, apoiada em evidências nascidas da empiria, importa-nos, por agora, da teoria extrair elementos que nos autorizem a pensar como se processa a edificação de uma liderança. A reflexão weberiana acerca dos tipos de dominação, especificamente a que gravita em torno da conceituação e caracterização do líder carismático, oferece-nos um aporte teórico indispensável para o reconhecimento do alcance do poder simbólico exercido por aquela que se resume responsável por *ensinar e mostrar o caminho para Deus*. Conforme já assinalamos: evidente é a aura carismática de que se reveste Tia Neiva na condução de seu *roteiro missionário* e na arregimentação de seu discipulado. É Weber ainda quem, a nosso ver, melhor e mais pontualmente caracteriza carisma e as lideranças religiosas que se valem daquele para a persecução de seu caminhar profético:

*Denominamos Carisma uma qualidade pessoal considerada extracotidiana (...) e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos, ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus como exemplar, e, portanto, como líder (...)<sup>446</sup>*

Uma vez mais o pronunciado ícone da sociologia clássica, Max Weber, é quem convidamos para trazer a lume aspectos do desejável diálogo entre a fenomenologia religiosa e as relações de poder, o que contribui decisivamente para nos apontar luzes de orientação quando nos reportamos à figura histórica de Tia Neiva e o exercício de sua liderança religiosa.

---

<sup>444</sup> Reiteramos, de modo abreviado, o que discutimos no terceiro capítulo: o epíteto de “a Clarividente” é copiosamente empregado pela comunidade para se referir à Tia Neiva. Seus seguidores querem acentuar com isso o caráter extraordinário de sua mediunidade: partem da crença de que sua líder seria *clarividente* por ter a “clara visão” tanto do plano terrenal quanto do espiritual.

<sup>445</sup> Marcelo Rodrigues dos Reis. *Discurso e Temporalidades: a construção...* Op. Cit., p. 19.

<sup>446</sup> Max Weber. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 3ª ed. Brasília: UNB, 1994, p. 158.

Os tipos de dominação resultam centrais para Weber no momento em que este objetiva compreender as relações de poder afetas a um dado grupo social. Em nosso caso, ancorados reiteradamente nas proposições teóricas weberianas, concluímos que Tia Neiva igualmente se enquadra como uma autêntica líder carismática:

*Há a autoridade do dom da graça (carisma) extraordinário e pessoal, a dedicação absolutamente pessoal e a confiança pessoal na revelação, heroísmo ou outras qualidades da liderança individual. É o domínio “carismático” exercido pelo profeta [é ela nomeada nos rituais da Doutrina como a Sacerdotisa, igualmente a Profetisa<sup>447</sup>] ou no – campo da política – pelo senhor de guerra eleito, pelo governante plebiscitário, o grande demagogo ou o líder do partido político.<sup>448</sup>*

Tia Neiva se afirmou carismática: assumiu-se dotada de um sentido missionário determinado pelo divino, o de dar à luz o doutrinador; sua *clarividência*, admitida por seus adeptos, conferia a ela qualidades extracotidianas e lhe *autorizava* a comunicação com entes sobre-humanos.

Por oportuno, uma reflexão: a consolidação de seu carisma se fez acompanhar de outros mecanismos de reforço. A clarividência, importou-nos evoluir quanto a essa questão, revelou-se um suporte importante de sua liderança religiosa. Façamos, portanto, uma análise mais detida de como a dimensão da *mediunidade* e suas especificidades no contexto do Amanhecer contribuíram para a distribuição e a afirmação dos papéis.

Lísias Nogueira Negrão, ao refletir acerca das razões responsáveis por definir a liderança do Mestre Yokaanam, parece-nos providente em suas observações. Fala-nos de uma ascendência espiritual edificada com base em prerrogativas espirituais que o tornam distinto dos demais de seu grupo. Vejamos como Negrão, ao versar acerca do fenômeno da *mediunidade*, dá forma textual a sua análise:

---

<sup>447</sup> Em meio à Doutrina do Amanhecer, a Tia Neiva era destinado o epíteto nominal de “A Profetisa”. Ela mesma, em carta manuscrita a 23 de Agosto de 1966, assim se assumiu: “Eu, como médium principal - ou *profetisa* - e mais cento e pouco irmãos que, segundo comunicação de nossos Mentores, estivemos em reajustes por pertencermos a uma tribo de ciganos, desencarnados por volta de 1500, na região da Rússia.” (grifo nosso).

<sup>448</sup> Max Weber. “A política como vocação”. In: Hans Heinrich Gerth et Charles Wright Mills. *Max Weber: ensaios de sociologia*. Trad. Waltersir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979, p. 59.

*A mediunidade representa, a um só tempo, uma “democratização do carisma, isto é, extensão a uma quantidade muito maior de fiéis das qualidades extraordinárias e sobrenaturais típicas dos líderes, mas também uma “hierarquização do carisma”, pois existem vários graus de mediunidade, correspondentes a uma maior ou menor capacidade de persuasão sobre os espíritos. Na Fraternidade, Yokaanam é tido como “o maior médium do Brasil”, que tem acesso ao “mestre Lanuh”, inspirador do “Terceiro Milênio”<sup>449</sup>*

Conforme observamos no capítulo anterior, a mediunidade no Vale do Amanhecer se apresenta como uma característica inerente a todos os seres humanos. Ao médium, é-lhe exigido o desenvolvimento e o exercício de seu potencial mediúcnico. Em deferência a Negrão, reconhecendo-lhe a pertinência da análise e ao partirmos desta, procuraremos ampliar a nossa compreensão do fenômeno.

Ao se *democratizar* a mediunidade, mecanismo imperativo para a justificativa e para manutenção das práticas espirituais dos *jaguares*, que, ao se estender à totalidade dos *encarnados*, não se esgota em seus domínios, indício de uma *democratização* irrestrita que se empenha em nos assegurar a imagem de uma irmandade terrena. Mais uma vez o signo da universalidade, por nós antes explorado porquanto estimado com veemência por Tia Neiva, é colocado em relevo.

Não obstante, em clara correspondência com a imagem sobrevalorizada do Mestre Yokaanam frisada por Negrão, Tia Neiva, observada a *excepcionalidade* de sua *clarividência*, distinguida, superestimada e evocada correntemente por seus adeptos, via-se reconhecida ainda por ser a única *clarividente* na Terra. A idéia de *hierarquização do carisma* se nos parece precisa, uma vez que aviva a imagem de sua liderança e, conseqüentemente, vai ao encontro de nosso entendimento e de nossas reflexões.

Seus adeptos a tratavam por *Mãe Clarividente*, a mãe que a todos abrangia e a clarividência que a tudo divisava. Em meio aos *jaguares*, Seus horizontes temporais e espirituais, no que respeita ao plano simbólico, aparentavam ser intermináveis. Mário Sassi, enquanto nos fala de suas prerrogativas de no Vale do Amanhecer tutelar as angústias dos que a cerceavam, reafirma a noção de indefectibilidade conexas a sua clarividência:

---

<sup>449</sup> Lísias Nogueira Negrão et Josildeth Gomes Consorte. *O Messianismo No Brasil Contemporâneo*. São Paulo: FFLCH/USP, 1984, col. Religião e Sociedade Brasileira, v. 1, p. 252.

*Por esse motivo fundamental, o movimento “Vale do Amanhecer” foi calcado na existência de um espírito clarividente, cujas afirmações e ensinamentos pudessem ser testados e verificados, individualmente, pela experiência de cada participante, sem jamais dar margens a dúvidas ou incertezas.<sup>450</sup>*

De fato, a dimensão de sua autoridade espiritual em meio a seus adeptos se convertia ampla. Contam os veteranos que, tão logo dos Planos Espirituais *recebia* nova determinação para a ampliação do espaço sagrado, o que implicava a materialização de construções capazes de abrigar os rituais, os entusiastas de suas visões prontamente mobilizavam recursos, braçais e financeiros, de sorte a cumprir as ordens da *chefe*, como era chamada por aqueles que se faziam mais próximos e prestimosos. Contumaz, portanto, parecia ser a motivação de seu grupo comprometida com a tarefa de auxiliá-la.

Tia Neiva exerce, portanto, o papel de mediadora privilegiada. Legitima-se a sua ação doutrinal e comunal com base no que poderíamos creditar ser uma liderança constituída e reafirmada continuamente considerada a sua interação mais detida como o amplo território do sagrado.

Sua Autoridade e sua sacralidade, portanto, construíram-se e se estabeleceram nutridas por uma clara relação de interdependência. Seu poder se manifestou e se manteve durador consoante a aura crescente de sacralidade de que a revestiram os adeptos, confiantes em seus dotes mediúnicos excepcionais e em sua palavra divinamente orientada.

Igualmente não seria um excesso e nem tampouco inoportuno considerar que Tia Neiva em seu universo de atuação sociocultural lançou mão do que se convencionou denominar discurso competente. Marilena Chauí apresenta-nos com brevidade o conceito e nos consente, assim avaliamos, estender o mesmo para contextos particulares:

*O discurso competente é aquele que pode ser proferido, ouvido e aceito como verdadeiro ou autorizado (...). O discurso competente é o discurso instituído. É aquele no qual a linguagem sofre uma restrição que poderia*

---

<sup>450</sup> Mário Sassi. *O que é o Vale do Amanhecer?* 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, 1987, p. 13.

*ser assim resumida: não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância.*<sup>451</sup>

Com o reforço da noção de discurso competente, deliberamos: a inspiração e a materialização dos saberes e fazeres ritualísticos e sociais que têm lugar no Amanhecer derivavam no mais das vezes da enunciação de Tia Neiva ou então careciam de sua legitimação. Isso porque atuava a *Clarividente* na condição de canal de comunicação privilegiado com os *mundos espirituais*, com a esfera do sagrado, uma vez que se fazia reconhecer, ao gosto de Weber, entre os da comunidade, como detentora de *poderes extracotidianos*. Tem-se, portanto, que a sistematização dos ritos, a narração dos mitos e a distribuição das competências de interação com sagrado, operações que no campo religioso, reiteramos, têm relevância ímpar, germinavam de sua palavra sagrada.

Deferências sociais, práticas devocionais, reverências ritualísticas e sacralização pessoal são apenas alguns dos índices afirmativos de seu carisma no que se refere às práticas do grupo. Essas distinções e diligências se viam direcionadas àquela que, numa linguagem arquetípica, poderíamos nomear de a *Grande Mãe*<sup>452</sup> do movimento.

Essa reflexão que nos fala de uma *magna mater* cumpre o propósito de nos permitir atravessar o campo do pensamento sociológico weberiano em direção ao limiar dos domínios da Psicologia Analítica. Trata-se, naturalmente, de uma sinalização teórica, a qual, para nós, resulta de uma conversação possível e desejável com Carl Gustav Jung e os desenvolvedores de seu pensamento, mas que se convence compelida a tornar-se mais intensa em projetos que se anunciarão.

Mesmo assim, principiemos esse envolvimento exploratório. Carl Gustav Jung, pai-fundador e sistematizador da Psicologia Analítica, sensível a uma perspectiva psíquica que se põe a influir importantemente na constituição do sujeito cognoscente, falamos da conceituação de um *mundus archetypus*, responsável por abrigar as imagens paradigmáticas partilhadas pelo inconsciente coletivo da humanidade:

---

<sup>451</sup> Marilena Sousa Chauí. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2000, p. 07.

<sup>452</sup> Com respeito ao conceito de Grande Mãe, significativo e clássico é o trabalho realizado pelo destacado aluno de Jung: Erich Neumann. *A Grande Mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*. Trad. Fernando Pedroza de Mattos e Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Cultrix, 2003.

*(...) os arquétipos são fatores e temas que agruparam os elementos psíquicos em determinadas imagens (que denominamos arquetípicas), mas de um modo que só pode ser conhecido pelos seus efeitos. Os arquétipos são anteriores à consciência e, provavelmente, são eles que formam as dominantes estruturais da psique em geral, assemelhando-se ao sistema axial dos cristais que existe em potência na água-mãe, mas não é diretamente perceptível pela observação (...)*<sup>453</sup>

É neste mundo arquetípico, habitado por imagens primordiais, que se encontra a representação da Grande Mãe, descrita, a seguir, pelo norte-americano Joseph Campbell, destacado mitólogo e estudioso de religião comparada:

*Uma antiga oração sumeriana exalta a gloriosa Nana como a Poderosa Senhora, a Criadora. Uma outra tábua antiga se refere à Deusa Nammu como a Mãe que deu à luz o céu e a terra. No Egito, a criação da vida era atribuída a Nut, Hathor ou Ísis, sobre quem está escrito: no início havia Ísis, Mais Antiga que a Antigüidade. Ela era a Deusa da qual todas as coisas surgiram. Na África, existem lendas sobre Mawu, outro nome para a Mãe Criadora. Em Canaã, Asherah ou Ishtar (...) era a Progenitora dos Deuses.*<sup>454</sup>

Todas essas referências a deusas relacionadas por Campbell, presentes destacadamente em panteões os mais diversos da história da humanidade e que servem de parâmetro para o reconhecimento do arquétipo da Grande Mãe, aparentam convergir de modo a ressaltar a afirmação do princípio feminino considerada a sua viva inclinação criadora.

O simbolismo da mãe, consoante as reflexões proporcionadas por Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, guarda íntima relação com o do mar. Ambos são simultaneamente receptáculos e matrizes. Abrigo, acolhimento, segurança, mas também alimentação, fertilização, potência. Há uma ambigüidade que se constrói a partir dessa relação *matrifilial*. Deixemos que os simbologistas eles mesmos se expressem:

*Encontra-se nesse símbolo da mãe a mesma ambivalência que nos da terra e do mar: a vida e a morte são correlatas. Nascer é sair do ventre da mãe; morrer é retornar à terra. A mãe é a segurança do abrigo, do*

---

<sup>453</sup> Carl Gustav Jung. *Interpretação psicológica do dogma da Trindade*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 36.

<sup>454</sup> Joseph Campbell et al. *Todos os nomes da Deusa*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997, p. 14.

*calor, da ternura e da alimentação; é, também, em contrapartida o risco da opressão pela estreiteza do meio e pelo sufocamento pela função de alimentadora e guia: a genitora devorando o futuro genitor, a generosidade transformando-se em captadora e castradora.*<sup>455</sup>

Do alcance semântico que emerge do simbolismo da mãe nasce a convicção de que devemos estar atentos a esse *leito de enchente* pelo qual escoam representações de disposição centrífugas, mas também centrípetas. Ao retomarmos nossa relação com a Psicologia Analítica, evocamos Erich Neumann, reconhecido discípulo de Jung, que se dedicou intensamente a lançar luzes sobre a *imagem primordial* da *Magna Mater*. Neumann, enquanto defende poder essa imagem primordial se ver manifestada e expressa por deusas, por forças da natureza, mas também por xamãs, profetisas e sacerdotisas, instrui-nos acerca dessa aura de primazia característica da Grande Mãe:

*“Mãe” (...) refere-se não somente a uma relação de filiação, mas também a uma complexa condição psíquica do ego, da mesma forma que o termo “grande” expressa o caráter simbólico de superioridade que a figura arquetípica possui em comparação com o que está presente em todos os homens e, aliás, em todas as criaturas.*<sup>456</sup>

Tia Neiva, por seu turno, assim entendemos, incorpora aspectos dessa imagem primordial da Grande Mãe ao passo em que se reconhecem os integrantes da doutrina do Amanhecer como seus filhos. Os adeptos a vêem e a reverenciam como a *mãe do doutrinador*. De *fundadora* à *profetisa*, passando por *mãe*, ou *mãezona*, como a ela se dirigiam os da intimidade da *Casa Grande*, e desaguando no popular *tia*, as formas de tratamento a ela direcionadas são reveladoras da ascendência que consolidou frente a ao grupo.

Uma vez mais aliados ao dado empírico, é pertinente observar: são perceptíveis os incontáveis textos e contextos em que ela mesma, Tia Neiva, num exercício de enunciação de seu autoconceito, reforça essa percepção positiva. Eis um discurso da auto-imagem socialmente construída da matriarca do movimento:

---

<sup>455</sup> Jean Chevalier et Alain Gheerbrant. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p. 580.

<sup>456</sup> Erich Neumann. *A Grande Mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*. Trad. Fernando Pedroza de Mattos e Mª Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 19.

*Querido filho Jaguar, Salve Deus! Meu filho, quis a vontade de Deus que estivéssemos reunidos neste limiar do III milênio para o equilíbrio e o amor, na luz da doutrina crística, a todos os homens e aos espíritos carentes de esclarecimento. (...) Busque sempre em suas origens e heranças, as energias necessárias para cumprir com perfeição sua tarefa cármica e possa sentir-se um homem plenamente realizado, possuindo sempre a paz interior, que é indispensável para que seu sol interior possa irradiar e iluminar sua luz por todo este Universo. Conheço bem os seus caminhos e peço por vocês em meus trabalhos. Com o amor da mãe em Cristo. Tia Neiva*<sup>457</sup>

Mas Tia Neiva, conforme nossas intervenções e argumentações consolidadas, não se assumia uma mulher exclusivamente religiosa, não se limitava apesada a sua roupagem *sacerdotal*. Seu temperamento enérgico e aquecido habita o acervo de memórias dos que privaram de sua companhia. Recorremos uma vez mais às reminiscências de seu fotógrafo. Guilherme Stuckert, de quem Tia Neiva, vaidosa que era, exigia-lhe arrancar dela os melhores ângulos e paciência monástica enquanto se aprontava na busca da condição ideal para ser fotografada, é aquele que, nostalgicamente, ao lembrá-la, em tom de comicidade, assim resumiu a nossa personagem: “um metro e cinquenta de fúria!”. Ao que ela, contou ele, prontamente retrucava: “um metro e cinquenta, não! Um metro e cinquenta e um!”.

Sua personalidade marcante, portanto, definia-se pela coexistência da altivez e da singeleza, pelo diálogo vívido a envolver espiritualidade e espirotuosidade e pelo embate em que digladiavam, de um lado, sua disposição e solicitude inexauríveis e, de outro, sua saúde fragilizada.

Sua liderança, que se convencia carismática, autorizada por uma relação íntima com o sagrado, era exercida consoante a delegação de funções e de responsabilidades a seus seguidores. Eis um aspecto que merece registro: a definição e a seqüente distribuição de poderes no Amanhecer, referendadas por uma determinação de origem sobre-humana, assim entendemos, concorria decisivamente para a afirmação de sua liderança.

Emanava dela, portanto, a recomendação e o referendo da distinção hierárquica reservada aos jaguares e ninfas do Amanhecer. Ao ajustar os sujeitos a suas

---

<sup>457</sup> Tia Neiva. *Carta aberta de nº 06*. Vale do Amanhecer, 09 de Abril de 1977 (grifos nossos).

correspondentes competências, revelando vocação na orientação de seu grupo, Tia Neiva se ajusta ao conceito que Howard Gardner, pai da Teoria das Inteligências Múltiplas, denominou de *inteligência interpessoal*<sup>458</sup>.

Inteligência que se define típica de líderes políticos e religiosos bem-sucedidos, sensíveis à interação com as massas e que apresentam capacidade notável de identificar com presteza e perícia invulgar habilidades específicas, expectativas, emoções, carências e, ao revelar ainda um poder de comunicação assinalável, põem-se habilmente a administrar conflitos e promover mobilizações coletivas.

A essa inteligência interpessoal une-se sua liderança carismática. E vamos mais além: o somatório dessas representações por ela disseminadas e das práticas que autorizou nos permite considerar que tenha a líder religiosa do Vale do Amanhecer se valido do que nomearíamos de um *centralismo carismático*. Não ajuizamos se tratar de uma centralização, uma vez que a partilha do poder por ela promovida o instituiu (o poder) em escalas reduzidas, ramificando-o, fato que naturalmente contribuía para a manutenção de sua proeminência em meio ao grupo.

Entendemos que noção de *centralismo carismático* se ajusta ao líder que, pesada a sua capacidade de estabelecer alianças e gerar relações instruídas por lealdade, revela pronunciado engenho na detecção de valores humanos que venham a desempenhar com proficiência funções peculiares, e que termina por se afirmar o centro-ordenador de uma determinada trama cultural. Tia Neiva, assim nos parece, correspondeu a essa categorização.

Essa noção, a do *centralismo carismático*, que se vê aquilatada se observado o recurso reiterado às fontes por nós satisfeito, convence-nos de que nossa personagem, cuja arte de maior envergadura se deixava satisfazer no momento em que reconhecia em si inabilidades e as sanava mediante a delegação de atribuições aos que detinham a proficiência exigida, deveu-se parte expressiva da longevidade de sua liderança.

Avaliamos ser esse o momento oportuno de reintegrarmos o sociólogo alemão Norbert Elias às nossas reflexões. O autor de *O processo civilizador*, com o que concordamos, defende a idéia de que o indivíduo, ainda que se configure um gênio, por

---

<sup>458</sup> Cf. Howard Gardner. *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 28-37.

maior que seja a sua *estatura*, não dispõe de uma reserva de poder ilimitada. A palavra a Elias:

*Nenhuma pessoa isolada, por maior que seja a sua estatura, poderosa sua vontade, penetrante sua inteligência, consegue transgredir as leis autônomas da rede humana da qual provêm seus atos e para a qual eles são dirigidos. Nenhuma personalidade, por forte que seja, pode (...) deter mais do que temporariamente as tendências centrífugas (...).*<sup>459</sup>

Mas Norbert Elias, acertadamente, não descarta a possibilidade de o indivíduo atuar com maior vigor na composição da paisagem sociocultural em que se inscreve. Compreendida essa atuação, decididamente, em limites instáveis. Essa uma construção teórica que nos importa fundamentalmente. Elias vai assinalar que embora:

*(...) a margem de decisão individual emirja dentro da rede social, não existe uma fórmula geral indicando a grandeza exata dessa margem individual em todas as fases da história e em todos os tipos de sociedade. Justamente o que caracteriza o lugar do indivíduo em sua sociedade é que a natureza e a extensão da margem de decisão que lhe é acessível dependem da estrutura e da constelação histórica da sociedade em que ele vive e age. De nenhum tipo de sociedade essa margem estará completamente ausente. (...) a forma e a extensão da margem individual de decisão podem variar consideravelmente, conforme a adequação e a estatura pessoais do ocupante da função. Aqui, a margem de decisão é não apenas maior, como também mais elástica; nunca, porém, é ilimitada.*<sup>460</sup>

Essas são vozes teóricas que nos permitiram o diálogo com as enunciações originadas daquela a quem no curso de nossas investigações ousamos interpelar. Instruídos, ainda, pelo recurso aos vestígios documentais e pelas memórias dos que se deixaram municiar das provisões de sentido por ela proporcionadas, nosso diagnóstico se apresenta límpido e íntegro: confiamos que o alcance de sua intervenção na idealização e concretização da *Doutrina do Amanhecer* se resolveu estendido.

Ao recuperarmos Elias, entendemos que a elasticidade da *margem de decisão* característica de Tia Neiva não deve ser subestimada: fez-se protagonista de um

---

<sup>459</sup> Norbert Elias. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 48.

<sup>460</sup> Idem, *Ibidem*, p. 49-50.

enredo que leva a sua marca indelével, soube com requintes de gênio gregário persuadir seu elenco de modo que, mesmo ausente, permanece a representar e se nos parece não ser possível divisar seu cenário em desmonte.

Finalmente, com a licença do leitor, avaliamos ser conveniente revalidar nossa confessa identificação com o universo sócio-religioso do Vale do Amanhecer. *Confessa* empatia: esta que é a responsável por *consagrar* o *entusiasmo* pelo *estudo* ao qual, por opção, nos *devotamos*. Os signos parecem por agora entidades entranhadas de sentidos sagrados: confissão, consagração, entusiasmo, estudo e devoção, unificados, concorrem para um encontro hierático com o território de sentidos que reiteradamente nos dispusemos a sondar.

Consideradas as acepções autorizadas pelos signos lingüísticos em destaque, temos: *confessar* equivale a desvelar-se ao passo em que se professam *crenças*, essas que se traduziriam em *convicções* subjetivamente instituídas, interpretações que se vêem rubricadas pelo estudioso. *Consagrar* corresponde a tornar sagrado o que se quer evidenciar e partilhar; em síntese, fazer reverberar um saber de orientação que se destine ao encontro com saberes outros que o instruem e o ampliem. *Entusiasmar* – observou com acerto Adélia Bezerra de Meneses, a etimologia nos faculta reconhecer (de *en* + *theós* = com um deus dentro de si)<sup>461</sup>: significa sobretudo deixar-se atravessar e tomar por divindade, é arrebatarse, o que nos remete à qualidade última do intérprete competente assinalada em *Mensagem*<sup>462</sup> por Fernando Pessoa. *Estudo* se refere à aplicação laboriosa a um conhecimento que se deseja constituir, uma destinação de amor ao saber, uma súplica e simultaneamente uma reverência a Eros. Por fim, *devoção* significa prestar culto a um propósito em que se crê e se estabelece, ao menos aos olhos do cultor resoluto, valioso.

Por tudo isso, em face das inquietações em nós despertadas pela viva interação e pela exploração contínua dos territórios adscritos ao sagrado, percorrermos uma vez mais seus *caminhos e descaminhos*<sup>463</sup>. Ao final desse extenso e árido itinerário, restamos a pretensão honesta de melhor iluminá-lo no meio acadêmico. Por termo, compete-nos

---

<sup>461</sup> Cf. Adélia Bezerra de Meneses. *Do poder da palavra: ensaios de Literatura e Psicanálise*. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 100. Cf. Adélia Bezerra de Meneses. "Tempo: tempos". In: Rinaldo Fernandes (org.). *Chico Buarque do Brasil: textos sobre as canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro*. Rio de Janeiro: Garamond/Fundação Biblioteca Nacional, 2004, p. 151.

<sup>462</sup> Ver a epígrafe da presente tese.

<sup>463</sup> Ronaldo Vainfas. "Caminhos e descaminhos da História". In: Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 449.

ressoar o entendimento de que Tia Neiva se faz presença por seu protagonismo assimilador, reelaborador, produtor, difusor e receptor dos sentidos que consagram e fazem romper o Amanhecer dos Jaguares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esforço por nós empreendido se revelou, ao final, recompensador e proficiente. Recompensador porque o fundo mergulho no mar de signos que caracteriza a doutrina do Vale do Amanhecer em busca daquela que estimamos ser a sua protagonista é de extasiar o pesquisador do campo cultural. Ainda mais se pesada a nossa confessa predileção por temas vinculados ao campo das religiosidades. Monumentos, vestes, gestos, ritos, mitos, narrativas memoriais, documentos históricos pareciam se pronunciar e se puseram a nos interpelar e nos conduzir continuamente.

Proficiente porque transitar pelo Vale do Amanhecer à procura de indicadores que nos pudessem autorizar um encontro extemporâneo com *Tia Neiva* se converteu, ao final do itinerário, uma concretude. Concretude esta derivada não apenas das investidas ao campo, mas das inumeráveis consultas às múltiplas fontes e aos contributos teórico-metodológicos eleitos, das horas a fio a dar forma textual ao que se nos revelava um emaranhado de letras à procura de um arranjo que lhes permitisse a coerência e a estabilidade. Mas tudo isso, confessamos, deu-se sob o signo da realização pessoal do pesquisador.

Em síntese, poderíamos assinalar: nossa pesquisa ambicionou compreender como a mulher Neiva Chaves Zelaya, de origem humilde e pouca escolaridade, cristalizou no que denominaríamos de real seus sonhos os mais insólitos. Ao dotá-los de concretude, com denodo, deu forma e viço a um complexo sistema religioso, ímpar em sua compleição e, sobretudo, inquietador. Mote esse que, confessemos, originou-se consideradas as vivências e as inquietudes do pesquisador.

De sorte a gestar uma relação de contigüidade cognoscente com nossa personagem fez-se indispensável reconhecer aspectos de sua trajetória existencial, de seu quadro de referências simbólicas, epistêmicas, discursivas, enfim, compreender, de forma honesta, como uma mulher, malgrado as privações de ordem material e saúde instável - reveses que a acompanharam proximamente, distinguiu-se por ser a responsável maior pela

consecução de um movimento religioso brasileiro de origem e que, hoje, atravessa fronteiras, e arregimenta adeptos e entusiastas de suas *revelações* em terras do Velho Mundo e do Extremo Oriente<sup>464</sup>. Para tanto, emergencial se anunciou a constituição e o exame das fontes.

O acervo doutrinário do Amanhecer ao referenciar Tia Neiva se apresenta copioso e multiforme. Cartas, fotografias, vídeos, livros publicados, originais da *clarividente*, acervos particulares, impressos da comunidade, enfim, uma farta gama de suportes documentais que, uma vez compulsada, define um repertório de fontes assinalável e que nos permite explorar numerosos territórios temáticos. Percorremos paragens dessa extensa região e delas, acreditamos, arrebatamos uma história que convida aos demais a refazer o percurso em busca de outros sentidos.

Consideradas as análises que encaminhamos à procura desses sentidos possíveis que se deixaram revelar ao sabor de nossas escolhas, gostaríamos de reiterar alguns dos entendimentos a que chegamos e, paralelamente, sinalizar para o leitor outras possibilidades de tratamento com respeito ao fértil campo religioso-cultural em que se converte o Vale do Amanhecer de Tia Neiva.

Primeira verificação: perceptíveis no Amanhecer são os relatos que se esmeram em registrar um transcendente comum. A essa constatação havíamos aportado quando da consecução de nossa dissertação de mestrado. No entanto, em decorrência do aprofundamento que ora encaminhamos, esse tempo transcendente se nos pareceu derivar matricial e fundamentalmente da *palavra revelada* da líder religiosa do Amanhecer.

Originaram-se de sua expressão as representações que sugeriam e sugerem vivamente a *existência* e as *peculiaridades* de mundos, de temporalidades e de entes que se fundem e precipitam a emergência e a afirmação contínuas de um imaginário profuso e singular. A esse imaginário nascido do desempenho de uma mulher acompanhada de um propósito visionário deveu-se e deve-se a anexação dos que se convertem entusiastas de sua *extraordinariedade*. À Baczko, a palavra:

*É assim que o que o fato religioso constitui uma expressão simbólica do facto social. Através dos deuses que os homens criam, estes dão corpo à*

---

<sup>464</sup> A respeito da internacionalização do movimento, ver: Marcelo Rodrigues dos Reis. *A apropriação do tempo na construção do imaginário e da identidade no Vale do Amanhecer*. Monografia de graduação. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2001.

*consciência de pertencerem a um todo comunitário, enquanto as representações colectivas reconstituem e perpetuam as crenças necessárias ao consenso social. Qualquer sociedade é capaz de se erigir em deus ou criar deuses, isto é, produzir representações carregadas de sagrado.*<sup>465</sup>

Baczko está a endossar a imagem que nos revela o poder contundente de engendrar pertenças exercido pelas *representações carregadas de sagrado*. Da *Clarividente*: entes sobre-humanos se fizeram anunciar e reconhecer por intermédio de sua criação simbólica. Com isso, intensificaram-se e definiram-se, em medida considerável, os laços de pertença e de identidade afetos à comunidade que enraizou.

Do exposto, revalidamos o argumento de que não se traduz equívoco constatar que Tia Neiva se revela peça fundamental na composição desse imaginário religioso também porque é notória a recorrência a sua representação no exercício de memória empreendido pelos adeptos do movimento. Uma vez que esses se posicionam interessados em estabelecer uma tradição vigorosa o bastante para legitimar suas ações e igualmente sancionar seus discursos, nas esferas sagrada e profana.

Uma questão candente no Amanhecer e que se apresenta, a nosso juízo, ávida de uma reflexão acadêmica mais aprofundada diz respeito ao campo de estudos de gênero. Procederemos a uma reflexão, com brevidade, acerca de como se dão as relações de gênero no universo sócio-religioso do Vale do Amanhecer de sorte a sinalizar itinerários de pesquisa a serem oportunamente desbravados.

Homens e mulheres assumem papéis sentidamente definidos no contexto da Doutrina do Amanhecer. Posturas e práticas ritualísticas de um e de outro são sugestionadas e confiadas. Diante disso, o masculino e o feminino, por meio de sua conduta pessoal e *espiritual*, intentam atender a essas expectativas estabelecidas pelo grupo.

Mestre: esta a forma de tratamento mais comum internamente empregada para identificar e nomear os homens pertencentes à Doutrina do Amanhecer. Há, entre eles, uma máxima que diz “mestres ensinando mestres”, ou seja, sugere a visão de que todos

---

<sup>465</sup> Bronislaw Baczko. “Imaginação Social”. In: *Enciclopédia Einaudi*. vol.5. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 306-7.

devem estar irmanados a seus “companheiros de jornada” – para usar uma expressão corrente – com a disposição de aprender e de ensinar simultaneamente.

Ninfas: esta, agora, a forma de tratamento empregada para identificar as mulheres que professam a Doutrina. Por que ninfas? Na percepção do Vale, as mulheres simbolizam o amor, a ternura, a dedicação, o perdão, o sacrifício, a sensibilidade etc. Representações que se empenham em diferenciá-las nitidamente do homem, segundo, frise-se, o entendimento da *natureza* feminina à luz do Vale do Amanhecer.

Não param por aí as disjunções simbólicas entre *mestres* e *ninfas*, homens e mulheres. Na prática religiosa, ao pronunciarem suas emissões, as mulheres se denominam e se reconhecem *escravas* de seus respectivos *mestres*. Fato que, segundo a Doutrina, vê-se mal interpretado pelas mulheres, gerando insatisfação do grupo feminino em receber tal qualificação. A *má interpretação* das *ninfas* frente à distinção de *escravas* é comentada pelo mestre José Carlos:

*Algumas ninfas se rebelam contra o termo “escrava”, proferido nas emissões, achando um absurdo elas serem consideradas escravas dos mestres. Na verdade, essa condição só existe na realização de um trabalho da Corrente no plano espiritual, onde ela tem que atuar como se fosse realmente uma escrava de seu mestre, obedecendo e servindo para a perfeita realização daquele trabalho. Fora disso, absolutamente ela não é nem deve ser uma escrava, mas sim a companheira, a incentivadora, a doçura e o amor, o grande apoio para que seu mestre possa caminhar e lutar com confiança, conseguindo ambos as vitórias de suas missões. Devem ser como duas fortes colunas que sustentam o seu Universo. Fala-se que “atrás de um grande Homem sempre existe uma grande Mulher”, mas o que entendemos é que ao lado de um grande Homem é que existe sempre uma grande Mulher, pois o segredo do sucesso e da realização está no caminhar juntos.*<sup>466</sup>

O exposto nos obriga a uma problematização: para a Doutrina, os atributos *naturalmente* associados à mulher, claras representações, constituem uma *realidade* que, com o tempo, sedimenta-se e acaba por fixar os papéis masculino/feminino segundo a convenção de gênero, esta vista como responsável por conotar comportamentos *construídos sócio-culturalmente*.<sup>467</sup>

---

<sup>466</sup> José Carlos do Nascimento Silva. Op. cit., p. 174 (grifos originais).

<sup>467</sup> Sobre as construções de gênero, ver: Jean Delumeau. *História do Medo no Ocidente, 1300-1800*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989 e Eleonora Zicari Costa de Brito. *Corpo, Sexualidade e Gênero: a construção do desvio na justiça de menores*. Tese de Doutorado, Brasília, Departamento de História, UnB, 2001.

Também o padre José Vicente César, por nós consultado ao longo deste estudo, quando, a partir de sua formação teológica integrada ao catolicismo, deixou-se estimular pelo Vale do Amanhecer e por suas personagens, encaminhou uma leitura essencializada em que figurava a própria Tia Neiva, esta que, consoante a percepção do pesquisador eclesial, *por ser mulher*, ver-se-ia mais inclinada a crer em fenômenos extranaturais:

*Outro elemento marcante que pervaga o Vale é o da sinceridade entre todos, líderes, médiuns e mais humildes servidores. Reina naturalmente muita credulidade, ingenuidade mesma, inexplicável em pessoas lidas e cultas como Mário Sassi e o livreiro luso José Manuel dos Anjos Soares Guedes. Então a convicção com que o “Intelectual” narra suas experiências espirituais e mediúnicas, a manipulação das forças sidero-magnéticas, é de deixar o pesquisador abasbacado, desorientado. Ele e a Clarividente mostraram-me grandes fotografias coloridas de cerimônias realizadas no Solar dos Médiuns, em que aparecem lindos raios de linhas brilhantes como se misteriosas faíscas elétricas brotassem do solo. Interessante como pessoas inteligentes, grandes gênios da Humanidade, com o apagar dos anos, na velhice, demonstram tendência a aceitar fatos extra-sensoriais. **Que Tia Neiva esteja convicta de tantos fenômenos “espirituais” que se passem com ela, a gente admite, visto tratar-se de mulheres, por natureza inclinadas a acreditar em fenômenos preternaturais. Mas, no caso do Sr. Sassi, resta um verdadeiro mistério difícil de ser deslindado. Ele vive a pobreza evangélica em todos os riscos da interpretação do Poverello de Assis: Sobriedade, frugalidade, abstenção de bebidas alcoólicas. Moram em construções rústicas com miseráveis instalações higiênicas, falta de esgotos, numa palavra, uma existência de favelados.**<sup>468</sup>*

Obviamente, essa é uma questão merecedora de tratamento diligente. Nossa intenção se prende exclusivamente a instigar estudos futuros. Um segundo corte temático que se nos descortinou ao longo de nosso percurso nos fala com insistência de um processo de parcelarização da autoridade por que passa a doutrina do Amanhecer considerada a vacância de um poder legitimado por uma dimensão sobre-humana, vacância que se estabeleceu com a passagem de Tia Neiva.

Essa a questão que propomos e, a nosso ver, afirma-se proeminente: ante a privação da mãe, como passaram a agir seus *filhos*? Quando da proximidade de sua morte, muito se especulou, por exemplo, acerca de um nome que pudesse lhe suceder em sua

---

<sup>468</sup> José Vicente César. *Atualização – Revista de Divulgação Teológica para o Cristão de Hoje*. n<sup>os</sup> 95/96, Novembro/Dezembro. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1978, p. 390 (grifos nossos)

liderança doutrinária. Essa distinção e incumbência de perpetuá-la, alguns confiavam estar reservada à própria família de Tia Neiva, o que daria origem a uma linhagem de *clarividentes* e que estabeleceria, por via de consequência, uma sucessão legitimada por critérios hereditários.

Consumada a sua partida, no entanto, precipitaram-se outros eventos que dinamizariam as divergências internas nascidas nomeadamente do esvaziamento de poder que de forma manifesta resultava de sua ausência: além de reforçadas as conjecturas e as apostas direcionadas às mulheres pertencentes à família que deveriam assumir a sua condição de *clarividente* e líder espiritual, precipitou-se o surgimento de *ninfas* que afixavam se deixar manifestar por Tia Neiva. Além do que se viu reforçada a dissensão em meio ao corpo de Trinos do Amanhecer.

Correlatamente, a comunidade, em especial os *médiuns* veteranos, passou a se ver diante de divergências em torno do caráter e do encaminhamento dessas questões. Processavam-se, assim, acontecimentos que indicavam com limpidez os efeitos ruinosos derivados da ausência de uma liderança religiosa que para o grupo, conforme procuramos evidenciar, resolvia-se medular.

Dessas perturbações em que se viram enredados os *jaguares*, despossuídos da palavra sagrada da *Grande Mãe*, que se definia a uma só tempo propiciadora e normatizadora, derivaram episódios concretos que se resolveram desagregadores para a comunidade. Como exemplo de verificação, mencionamos o afastamento do mestre Mário Sassi do Vale do Amanhecer, que, em conjunto com outros adeptos, no decurso de 1991, vem a fundar a Ordem Universal dos Grandes Iniciados, na região do Lago Oeste, em Brasília.

Como vemos, o exercício de seu *centralismo carismático*, consoante nossa construção nocional, revelou-se agregador e operou em favor de seu reconhecimento como um líder religiosa. No entanto, uma ressalva: o reconhecimento que conquistou em vida não se resumiu às reiteradas manifestações partidas de seu grupo sócio-religioso.

Como exemplo, um fato amplamente divulgado no Vale do Amanhecer: antes de sua morte<sup>469</sup>, Tia Neiva foi homenageada pelo Sumo Pontífice João Paulo II, de quem recebeu correspondência papal, enaltecendo-a por seus serviços prestados à

---

<sup>469</sup> Tia Neiva morre aos 15 de novembro de 1985, contando 60 anos de idade, vítima de pneumonia adquirida.

humanidade. Honra com a qual, contam seus familiares, mostrou-se radiante. Tais passagens dão mostras de que se tratava de alguém, aos olhos de muitos, mas especialmente de seus seguidores, excepcional. Carisma e liderança distinguiam sua enigmática fisionomia identitária.

O presente esforço, findo, assume-se uma amostra da médium que ganhou projeção nacional, ocupando espaços midiáticos, tanto da imprensa escrita quanto da eletrônica, que teve suas mensagens e revelações muitas vezes exibidas por programas televisivos e divulgadas em jornais e revistas informativas e sua comunidade religiosa explorada em trabalhos acadêmicos e focalizada em documentários. Milhares de pessoas imaginaram, viram, ouviram ou leram a seu respeito.

Não obstante as numerosas contribuições proporcionadas por aqueles que a acompanharam em sua *trajetória hierofânica*, para as quais reservamos um espaço considerável no presente ânimo de pesquisa, a nós resta a estabilidade de endereçar a Tia Neiva o reconhecimento de que a ela coube protagonizar o ato criador que se reflete com fidelidade e impacto na materialização do Vale do Amanhecer.

Mediadora do sagrado, oráculo, profetisa, samaritana. Porta-Voz da *Espiritualidade Maior*, fonte de respostas existenciais que eventualmente importunavam seus seguidores, prenunciadora dos desígnios de sua *tribo*, mãe caridosa que se devotava integralmente aos mais necessitados. Representações que se cristalizaram e parecem se eternizar no interior do movimento.

Consecutivamente às representações que se integram ao universo do sagrado e que se estabelecerem como as que mais amplamente se viram repercutidas, identificamos em Neiva Chaves Zelaya uma face humana, que, incontestavelmente, fazia dela uma mulher em que pulsavam e se fundiam perfis identitários múltiplos. O que nos permitiu romper com uma percepção dualista, que nos fala, em especial, de uma *clara* e pretensa apartação dos mundos sagrado e profano.

Poderíamos para tanto ressaltar sua alegria em viver, mas também os seus conflitos e desilusões. Mencionar ainda fato de não prescindir de sua vida social. As viagens que encaminhou, uma delas, com os pais, a sua terra natal. As idas às festividades que, em número, davam-se no Vale do Amanhecer e, no mais das vezes, eram por ela idealizadas e organizadas. O comparecimento a eventos comemorativos alusivos a seus

familiares e amigos. O cuidado para com a sua apresentação, vaidosa que se afirmava. A relação de amizade estabelecida com o general Uchôa, a quem, em algumas oportunidades, acompanhou em suas pesquisas ufológicas. As visitas que realizou à Cidade Eclética e seus diálogos com o Mestre Yokaanam. O violão, o cantarolar entrecortado, os risos fartos, a mesa em que consagrava aos seus sob o signo do *reunismo*.

Certamente há muito ainda a se conjeturar e a se imaginar acerca de sua existência e de suas realizações. No entanto, essa é a mulher, Neiva Chaves Zelaya, de origem humilde e de ímpeto altivo, que se deixou *conduzir* por regiões ocultas e prodigamente se pôs a exteriorizar e a assentar crenças, rituais, conteúdos míticos, ordenadores éticos, olhares retrospectivos, arranjos estéticos, visões prospectivas, índices e laços de pertencas. Enfim, conformou-se cultora e cuidadora de vidas.

## CORPUS DOCUMENTAL

### 1. ANOTAÇÕES DE CAMPO E ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS ADEPTOS DA COMUNIDADE DO VALE DO AMANHECER

A pesquisa empírica contou com um *corpus* depoimental. Sete foram os entrevistados, a saber:

- Carmem Lúcia Zelaya – Filha de Tia Neiva;
- Gertrudes Chaves Zelaya – Filha de criação de Tia Neiva. A mesma faleceu em 1 de fevereiro de 2006;
- Jairo Zelaya Leite – Neto de Tia Neiva;
- José Carlos do Nascimento Silva – Destacado membro da doutrina;
- Marcos Gevano Zelaya Leite – Neto de Tia Neiva;
- Lísia Meila de Jesus Silva – Jovem ninfa;
- Osvaldeir Gomes de Andrade – Mestre veterano do Vale do Amanhecer.

## 2. MANUSCRITOS

Acervo pessoal da *Clarividente* Neiva Chaves Zelaya – Tia Neiva

## 3. IMPRESSOS

*Canto da Falange de Samaritanas.*

*Carta Aberta nº 1.* Autoria de Tia Neiva. Vale do Amanhecer, 1977.

*Carta Gregos e Troianos,* sem data, de autoria de Tia Neiva.

*Juramento de Tia Neiva.* Proferido em 01/05/1958, no Núcleo Bandeirante.

*Mensagem* de 03 de Novembro de 1959 redigida por Tia Neiva.

*Mensagem de Pai Seta Branca* de 31/12/1971.

*Observações Tumarã.* José Carlos do Nascimento Silva (org.). Brasília, 1999.

*O que é o doutrinador.* Carta escrita por Tia Neiva a 24 de Junho de 1978.

#### 4. PUBLICAÇÕES

ARMOND, Edgar. *Os Exilados de Capela*. 23ª ed. São Paulo: Editora Aliança, 1987.

CÉSAR, José Vicente. *Atualização – Revista de Divulgação Teológica para o Cristão de Hoje*. n.ºs 91/92, Julho/Agosto. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1977.

CÉSAR, José Vicente. *Atualização – Revista de Divulgação Teológica para o Cristão de Hoje*. n.ºs 93/94, Setembro/Outubro. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1977.

CÉSAR, José Vicente. *Atualização Revista de Divulgação Teológica para o Cristão de Hoje*. n.ºs 95/96, Novembro/Dezembro. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1977.

CHRISTIAEN, Yves. *La Mutation du Monde*. De nouveaux cieux... Une nouvelle Terre. Essai d'une nouvelle conscience historique. Paris, Dervy - Livres, 1978.

DAMIÃO, Itamir. *Manual prático do recepcionista*. Vale do Amanhecer: Ordem Espiritualista Cristã, s.d.

KUBITSCHECK, Juscelino. *50 anos em 5: Meu caminho para Brasília*. V. III. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1978.

SABATOVICZ, Nestor. *Manual de Instruções*. Brasília: Vale do Amanhecer, 1990.

SASSI, Mário. *Instruções Práticas para os Médiuns*. Fascículo 1. Brasília: Editora Vale do Amanhecer, 1977.

SASSI, Mário. *Sob os Olhos da Clarividente*. 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, n.d.

SASSI, Mário. *2000 – A Conjunção de Dois Planos*. 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, n.d.

SASSI, Mário. *O que é o Vale do Amanhecer*. 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, 1987.

SASSI, Mário. *No Limiar do III Milênio*. 2ª ed. Brasília: Vale do Amanhecer, 1974.

SASSI, Mário. *O Amanhecer das Princesas na Cachoeira do Jaguar*. Brasília: Vale do Amanhecer, 1994.

UBALDI, Pietro. *A Grande Síntese*. 19ª ed. Campos de Goytacazes: Fraternidade Francisco de Assis, 1997.

XAVIER, Francisco Cândido. *Pátria do Evangelho*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira/Departamento Editorial e Gráfico, 1938.

ZELAYA, Neiva Chaves (Tia Neiva). *Minha Vida, Meus Amores*. Brasília: Vale do Amanhecer, 1985.

ZELAYA, Neiva Chaves (Tia Neiva). *O que é o doutrinador*. Carta escrita em 24 de Junho de 1978.

ZELAYA, Neiva Chaves (Tia Neiva). *Autobiografia Missionária*. Bálamo Álvares Brasil de Lucena (ed.). Brasília: Vale do Amanhecer, 1992.

ZELAYA, Neiva Chaves (Tia Neiva). *Leis e Chaves Ritualísticas*. 3ª ed. Brasília, Vale do Amanhecer, 1994.

## 5. VÍDEOS

“A Doutrina do Amanhecer”. Stuckert Vídeo e Produções Artísticas, 1999.

“Entrevista com Adjunto Amayã, mestre Guilherme”. Biblioteca do Jaguar. Vale do Amanhecer: Biblioteca do Jaguar. DVD, NTSC, son., color. port., 66 min.

“Vale do Amanhecer”. Pimentel Produções. Vale do Amanhecer: Armarinho Pimentel, 2006. Parte 1. O Vale (180 min.): DVD, NTSC, son., color. port., 26 min.

## **6. FOTOGRAFIAS**

Acervo pessoal do autor, exceto as imagens das páginas:

- 124, 130, 135, 143, 226, 228 e 257. (Guilherme Stuckert);
- 63, 65, 81, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91 e 92. (Internet: <http://www.flickr.com/>);
- 138, 139, 140, 141, 153, 156, 157 e 217. (Acervo fotográfico de propriedade dos familiares de Tia Neiva).

## **7. ÁUDIOS**

Gravações doutrinárias (aulas doutrinárias e palestras pronunciadas por Tia Neiva, hinário do Vale do Amanhecer, etc.).

## 8. FONTES IMPRESSAS

Carmem Lúcia Chaves Zelaya, Raul Oscar Zelaya Chaves e Vera Lúcia Chaves Zelaya. *Nossa segunda mãe*. Coluna "Voz da experiência" Jornal do Jaguar, Vale do Amanhecer, nº 4, ano II, 2006, p. 03, mar/abr 2006.

Gilberto Amaral. *Destaques do ano*. Correio Braziliense. 31 dez. 1978. Caderno Social Correio Braziliense. "Tia Neiva" cura tudo lá no Vale do Amanhecer. Brasília, 15 jan. 1973, 12a.

Gertrudes Chaves Zelaya. *Um verdadeiro exemplo de humildade e de amor*. Entrevista concedida a Jairo Oliveira Leite Junior. *Jornal do Jaguar*, Vale do Amanhecer, nº 4, ano II, 2006, p. 03, mar/abr 2006.

João do Valle. "Tia Neiva – o degelo e os seres que surgirão". In: André Luis (resp.). *Informativo do Vale do Amanhecer*. nº 51, 25 mar. 2007. Disponível em <<http://www.valedoamanhecer.com/semanario/sem/semanario51.htm>>. Acesso em 27 de agosto de 2007.

Marlene Anna Galeazzi. O Amanhecer de Tia Neiva. *Última Hora*, Brasília, 10 ago. 1985.

Marlene Anna Galeazzi. Tia Neiva, a médium que salvou a si mesma. Da morte. Revista Manchete. 15 de maio de 1976.

Miguel Falabella. O balão do adeus. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1995. Coluna *Um coração urbano*.

Novidades em Brasília. *Será o centro do universo político*. Brasília, nº 51, jun. 1983.

Revelações de Tia Neiva. *Correio Braziliense*, Brasília, 18 set. 1977. Caderno de Cidade.

Tetê Catalão. Espetáculo Ritual. *Correio Braziliense*, Brasília, 04 jun. 1978. Caderno Questões.

## BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor e Horkheimer, Max. *Temas básicos da sociologia*. 2ª ed. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1978.

AGOSTINHO, Santo. Coleção *Os Pensadores*. Confissões. Livro XI. Tradução de J. O. Santos et A. Pina. São Paulo: Abril, 1973.

ALVES, Rubem. *A volta do sagrado: os caminhos da sociologia da religião no Brasil*. *Religião e Sociedade*, 3, out. 1978.

ALVES, Rubem. *O que é Religião*. 6ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ARAÚJO, Sérgio de. *Fraternidade Eclética Espiritualista Universal: um caso Messiânico?* Roma (Itália), tese de doutoramento, datilografada, 1977.

ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. 2ª ed. São Paulo/Brasília: Martins Fontes/Editora Universidade de Brasília, 1987.

ARRUDA, Ângela. *Teoria das representações sociais e teorias de gênero*. *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas*. Campinas, SP, v.117, Nov. 2002.

AUDI, Edson. *Vida e obra de Allan Kardec*. São Paulo: Lachatre, 1999.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. “Heterogeneidades Enunciativas”. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas-SP. nº 19. 1984.

BACHELARD, Gaston. *O Direito de Sonhar*. São Paulo: Difel, 1985.

BACZKO, Bronislaw. “Imaginação Social”. In: *Enciclopédia Einaudi*. vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média*. São Paulo: Hucitec, 1987

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da Linguagem*. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BASCHET, Jérôme. “Diabo”. In: Le Goff, Jacques; Schmitt, Jean-Claude (coord.) *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. V. 1. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

BAZÁN, Francisco García. *Aspectos incommuns do sagrado*. Tradução: Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2002.

BENATTI, Antonio Paulo. “História, ciência, escritura e política”. In: RAGO, Margareth et GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (org.). *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: Ed. Unicamp, 2000.

BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. v.1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço e Lima REIS, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BLATTCHEN, Edmond. *Paul Ricoeur: nomes de deuses*. Trad. Maria Leonor F. R. Loureiro. São Paulo/ Belém, PA: Editora UNESP/ Editora da UEPA, 2002.

BOSCO, Terésio. *Dom Bosco: uma nova biografia*. 6ª ed. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 2002.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. “A linguagem autorizada: as condições sociais da eficácia do discurso ritual”. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRELICH, Angelo. “Prolegómenos a una Historia de las Religiones”. In: PUECH, Henri Charles. *Historia de las Religiones*. Vol. 1. México: Editora Siglo XXI, 1977.

BRITO, Eleonora Zicari Costa de. *Corpo, Sexualidade e Gênero. A Construção do Desvio na Justiça de Menores (1960/1990)*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, Brasília, 2001.

CAMPBELL, Joseph et al. *Todos os nomes da Deusa*. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos Tempos, 1997.

CARVALHO, José Jorge de. “Idéias e Imagens no Mundo Clássico e Tradição Afro-Brasileira”. In: *Revista Humanidades*. vol. 10. nº 01. Brasília: Ed. UnB, 1994.

CARVALHO, José Jorge de. “Um espaço público encantado: pluralidade religiosa e modernidade no Brasil”. In: *Série Antropologia*. v. 249. Brasília: Ed. UnB, 1999.

CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

CATROGA, Fernando. “Memória e história”. In: Sandra Jatahy Pesavento (org.) *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.

CAVALCANTE, Carmen Luisa Chaves. *Xamanismo no Vale do Amanhecer: o caso Tia Neiva*. São Paulo: Annablume, Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

CEVASCO, Maria Elisa. “Formações Intelectuais: a Nova Esquerda”. In: Maria Elisa Cevasco. *Dez lições sobre os estudos culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick et MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manoela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

CHAUÍ, Marilena Sousa. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 12ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

CHEVALIER, Jean et GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. 6.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

CHRISTIAEN, Yves. *La Mutation du Monde. De nouveaux cieux... Une nouvelle Terre. Essai d'une nouvelle conscience historique*. Paris, Dervy - Livres, 1978.

CORREIA, João Carlos. Religiões e compaixão. *Cadernos ISTA* (Instituto S. Tomás de Aquino), Lisboa, n. 5, 2002. Apud MARCHI, Euclides. *O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades*. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 43, 2005.

CRUZ, Eduardo Rodrigues da. *A Persistência dos Deuses: Religião, Cultura e Natureza*. 1ª ed. São Paulo: UNESP, 2003.

DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DARNTON, Robert. *O Grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DAYRELL, Eliane Garcindo. *Colônia Agrícola Nacional de Goiás; Análise de uma Política de Colonização na Expansão para o Oeste*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1974. Dissertação de Mestrado. Mestrado em História Social.

DE CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. 3ª ed. Campinas, SP: Papius, 1995. (Coleção Travessia do Século).

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: Arte de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente, 1300-1800*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

DIAS, Eurípedes da Cunha. *Fraternidade Eclética Espiritualista Universal: tentativa de interpretação de um movimento messiânico*. Rio de Janeiro: dissertação de Mestrado, datilografado, Museu Nacional, 1975.

DROYSEN, Johann Gustav. *Historik*. Stuttgart: Frommann, 1977.

DUARTE, Lyz Elizabeth Amorim Melo. *A Marcha para Oeste e a Criação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás*. Sociedade e Cultura, Goiânia (GO), v. 2, n. 1/2, p. 37-83, 1999.

DUPRONT, Alphonse. “A religião: Antropologia Religiosa”. In: Le Goff/Nora (org.). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

DURAND, Gilbert. “O retorno do mito: introdução à mitologia. Mitos e sociedades”. In: *Revista FAMECOS. Mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, Editora PUCRS, nº 23, abril de 2004.

DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DURAND, Gilbert. *Mito e sociedade: a mitanálise e a sociologia das profundezas*. Lisboa: A regra do jogo, 1983.

DURKHEIM, Émile. *A Ciência Social e a Ação*. São Paulo: DIFEL, 1998.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FERNANDES, Rosado. “Ulisses em Lisboa”. In: *Euphrosyne: Revista de Filosofia Clássica*. Vol. XIII. Lisboa: Nova Série, Faculdade de Letras, 1985.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Formandos do STBNe/98. *Verbetes para ler Teologia Contemporânea*. Feira de Santana: STBNe, 1998. <http://www.pvn.com.br/miqueias/teologia.html>

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

GALINKIN, Ana Lúcia. *A cura no Vale do Amanhecer*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Brasília, 1977.

GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GEERTZ, Clifford. “O beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder”. In: *Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

GEERTZ, Clifford. *O Saber local*. Petrópolis: Vozes, 1998.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GINZBURG, Carlo. *História Noturna: decifrando o sabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem. Feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GONÇALVES, Djalma Barbosa. *Vale do Amanhecer, Análise Antropológica de um Movimento Sincrético Contemporâneo*. Dissertação de Graduação, Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Brasília, 1999.

GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra Jovchelovitch (eds.). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994.

HALL, Stuart. "A Produção Social da Identidade e da Diferença". In: Tomaz Tadeu da Silva (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

HERMANN, Jacqueline. "História das Religiões e Religiosidades". In: CARDOSO, Ciro Flamarion et VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

HINDE, Robert A. *Why Gods Persist: A Scientific Approach to Religion*. London, Reoutledge, 1999.

HOLSTON, James. *A cidade modernista. Uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

HOUTART, François. *Sociologia da religião*. Ática: São Paulo, 1994.

JENKINS, Keith. *A História repensada*. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Contexto, 2001.

JUNG, Carl Gustav. *Interpretação psicológica do dogma da Trindade*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

KERN, Iara et PIMENTEL, Ernani Figueiras. *Brasília Secreta: enigma do Antigo Egito*. Brasília: Pórtico Editora, 1984.

KERN, Iara. *De Akhenaton a JK. Das pirâmides a Brasília*. 2ª ed. Brasília: Ed. Gráfica Ipiranga, 1984.

LAPLANTINE, François. *As Três Vozes do Imaginário*. Trad. Sérgio Coelho. São Paulo, n. 1, Out, 1993. Disponível em: [http://www.imaginario.com.br/artigo/a0001\\_a0030/a0028.shtml](http://www.imaginario.com.br/artigo/a0001_a0030/a0028.shtml)>. Acesso em: 10 maio 2007.

LARAIA, Roque de Barros *Cultura: um conceito antropológico*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. "Candangos e Pioneiros". In: Série Antropologia. Número 203. Departamento de Antropologia: UnB, 1996.

LE GOFF, Jacques. "Documento/Monumento". In: Enciclopédia Einaudi, Memória-história. (trad.) Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. de Bernardo Leitão. 2ª ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.

LEVI, Giovanni. "Sobre a micro-história". In: Peter Burke. *A escrita da história*. São Paulo: Unesp, 1992.

LEWGOY, Bernardo. *O Grande Mediador. Chico Xavier e a Cultura Brasileira*. 1ª ed. Bauru: EDUSC - PRONEX/CNPQ/Movimentos Religiosos no Mundo Contemporâneo, 2004.

LIBANIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.

LORIGA, Sabina. "A biografia como problema". In: Jacques Revel (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LUCKMANN, Thoman. "The invisible Religion. The problem of Religion". In: *Modern Society*. New York/London: Macmillan, 1967.

LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. Trad. Mario Krauss e Vera Barkow. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUZ, Leila Amaral. *Carnaval da Alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. Rio de Janeiro, UFRJ/PPGAS Museu Nacional, 1998. (Tese de doutorado).

LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MAFFESOLI, Michel. *A transfiguração do político*. Porto Alegre: Sulina, 1997.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. 2 ed. Trad. Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole*. São Paulo: Livros Studio Nobel.

MARCHI, Euclides. *O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades*. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 43, 2005.

MARTELLI, Stefano. *A religião na Sociedade Pós-Moderna: entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MASSENZIO, Marcello. *A História das Religiões na cultura moderna*. São Paulo: Hedra, 2005.

MEIRELES, Cecília Benevides de Carvalho. "Vida". Pequeno Oratório de Santa Clara. In: Cecília Meireles. *Poesia Completa*. v.2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. *Contribuições para o Estudo do Imaginário*. Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

MELTON, John Gordon. "Prefácio". In: PARTRIDGE, Christopher (org.). *Enciclopédia das Novas Religiões. Novos Movimentos Religiosos, Seitas e Espiritualidades Alternativas*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006.

MENDONÇA, Mauro das Graças et LIMA, Samuel do Carmo. *Histórico da gestão ambiental no município de Uberlândia*. Caminhos da Geografia, revista *on line*, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Caminhos de Geografia 1(1)8-17, set/ 2000.

MENESES, Adélia Bezerra de. "Tempo: tempos". In: Rinaldo Fernandes (org.). *Chico Buarque do Brasil: textos sobre as canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro*. Rio de Janeiro: Garamond/Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

MENESES, Adélia Bezerra de. *Do poder da palavra: ensaios de Literatura e Psicanálise*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. "História, cativa da memória? In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. nº 34, São Paulo: s.ed., 1992.

MIRANDA, Antonio. *Canto Brasília*. Brasília: Thesaurus, 2002.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *De Paganos, Judios y Cristianos*. México: Ed. Fondo de Cultura Económica, 1992.

MORIN, Edgar. "Edgard Morin, contrabandista de saberes". In: PESSIS-PASTERNAK, Guita. *Do caos à inteligência artificial: quando os cientistas se interrogam*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1993.

MORIN, Edgar. Ninguém sabe o dia que nascerá. Nomes de Deuses. Entrevistas a Edmond Blatthen. São Paulo-SP: Editora UNESP; Belém-PA: UEPA, 2002.

MOSCOVICI, Serge. "Das representações coletivas às Representações Sociais: elementos para uma história". In: JODELET, Denise (org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. *La Psychanalyse, son image, son public*. Paris: PUF, 1961.

NEGRÃO, Lísias Nogueira et CONSORTE, Josildeth Gomes. *O Messianismo No Brasil Contemporâneo*. São Paulo: FFLCH/USP, 1984, col. Religião e Sociedade Brasileira, v. 1, p. 29-30.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. “Pluralismo e Multiplicidades Religiosas no Brasil Contemporâneo”. In: Revista Sociedade e Estado/Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília: Dossiê *Diversidade Religiosa na América Latina*. Deis Siqueira e Renée de La Torre (orgs.). O Departamento, volume 23 – n. 04, jan/abril 2008, no prelo.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Um movimento messiânico urbano: messianismo e mudança Social no Brasil*. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, datilografado, 1974

NEUMANN, Erich. *A Grande Mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*. Trad. Fernando Pedroza de Mattos e M<sup>a</sup> Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Cultrix, 2003.

NOLA, Alfonse di. “Sagrado/Profano”. In: *Enciclopédia Einaudi*. v. 12. Lisboa: Casa da Moeda/Imprensa Nacional, 1987.

OLIVEIRA, Dorotéo Émerson Storck de. *A Pluralidade de Símbolos no Imaginário Coletivo do Vale do Amanhecer*. Monografia de Prática de Pesquisa de Campo II. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Brasília, 1999.

OLIVEIRA, Márcio de. *A participação goiana na construção de Brasília*. Sociedade e cultura, Goiânia, v. 8, n. jan/jun, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. 3<sup>a</sup> ed. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 5<sup>a</sup> ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. 2<sup>a</sup> ed. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1998.

OTTO, Rudolph. *Lo Santo*. Madrid: Revista de Occidente, 1925.

PARTRIDGE, Christopher (org.). *Enciclopédia das Novas Religiões. Novos Movimentos Religiosos, Seitas e Espiritualidades Alternativas*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006.

PASÍN, Angel Enrique Carretero. *Imaginário y utopias*. Athenea Digital, 7, 40-60. Disponível em: <<http://antalya.uab.es/athenea/num7/carretero.pdf>>. Acesso em 07 de novembro de 2007.

PATLAGEAN, Evelyne. “A História do Imaginário”. In: Le Goff e P. Nora (orgs.). *A Nova História*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PENNA, Lucy Coelho. *Divindades Femininas do Brasil*. Revista Hermes. Publicação do Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo. nº 1; 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Em Busca de uma outra História: Imaginando o Imaginário”. In: Revista Brasileira de História. *Representações*. Vol. 15, nº 29. São Paulo: Ed. Contexto/ANPUH, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

PESSOA, Fernando. “Mensagem”. In: *Fernando Pessoa: poemas escolhidos*. Coleção ler é aprender. São Paulo: Klick Editora/ O Estado de São Paulo, 1997.

PORDEUS, Ismael. *Raízes históricas de Brasília*. Datas e documentos. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1960.

PRANDI, Carlo e FILORAMO, Giovanni. *As Ciências das Religiões*. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1999.

PRIGOGINE, Ilya & STENGERS, Isabelle. 1984. *A Nova Aliança: a metamorfose da ciência*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. “Os tempos da eternidade: os desafios de uma história das idéias religiosas”. In: *Em tempo de histórias: revista dos alunos da pós-graduação da UnB, Brasília*. V. 5, n. 5, 2002.

REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

REIS, Marcelo Rodrigues dos. *A apropriação do tempo na construção do imaginário e da identidade no Vale do Amanhecer*. Monografia de graduação. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2001.

REIS, Marcelo Rodrigues dos. *Discurso e Temporalidades: a construção memória e da identidade no Vale do Amanhecer (1957-2004)*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2004.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Arackci et MUEL-DREYFUS, Francine. "Reencarnações. Notas de pesquisa sobre uma seita espírita em Brasília". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 31, 1987.

RORTY, Richard. “A fé na pós-modernidade”. In: *CEPAT Informa: A sociedade pós-secular – a religião após a religião*. Curitiba, CEPAT, ano 8, nº 86, junho de 2002.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica*. Brasília: EdUnB, 2001.

SALGUEIRO, Roberta da Rocha. *De Pretos-Velhos e Princesas: Imaginário Afro-Brasileiro no Vale do Amanhecer*. Dissertação de Graduação, Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Brasília, 2000.

SANTOS, Michelle dos. *A Construção de Brasília nas tramas de imagens e memórias pela imprensa escrita (1956-1960)*. Dissertação de Mestrado/Universidade de Brasília, 2008. (em andamento).

SAUER, Sergio. *Religião e pós-modernidade: anotações esparsas de um debate contemporâneo*. Fragmentos de Cultura (volume especial sobre Teologia e Religiosidade), Goiânia, v. 13, p. 55-74, 2003.

SAUER, Sergio. *Religião e pós-modernidade: anotações esparsas de um debate contemporâneo*. Fragmentos de Cultura (Goiânia), Goiânia, v. 13, 2003.

SCHMITT, Jean-Claude. “Deus” In: Le Goff, Jacques; Schmitt, Jean-Claude (coord.) *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. V. 1. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

SERRA. Ordep José Trindade. *A Umbanda em Brasília: dois estudos afro-brasileiros*, Salvador: Ed.Ufba, 1988. Ainda: Marcos Silva da Silveira. *Cultos de Possessão no Distrito Federal*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Brasília, 1994.

SERRA. Ordep José Trindade. *No Caminho de Aruanda: a Umbanda candanga revistada*. Afro-Ásia, número 25-26 Universidade Federal da Bahia, Bahia, Brasil, 2001.

SILVA, Ernesto. *História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade*. Brasília: Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal, 1985, p.11.

SILVA, Márcia Regina da. *Vale do Amanhecer: aspectos do vestuário em um contexto religioso*. Dissertação de Graduação, Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Brasília, 1999.

SIQUEIRA, Deis et LIMA, Ricardo Barbosa de (Orgs.). *Sociologia das Adesões: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil*. 1a ed. Rio de Janeiro: Garamond;Vieira, 2003.

SIQUEIRA, Deis. *As novas religiosidades no Ocidente: Brasília, cidade mística*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003.

SIQUEIRA, Deis. *Novas religiosidades na capital do Brasil*. Revista Tempo Social. São Paulo: USP, v. 14, n. 01, p. 177-197, 2002.

SMITH, E. R. et MACKIE. D. M. *Social Psychology*. Nova York: Worth Publishers, 1995.

SOUZA, José Francisco de. *Tia Neiva, la sibila brasileña, estudios histórico, religioso y literario*. Tese de doutorado, Universidad de León, Departamento de Estudios Clásicos, Curso de doctorado en Antigüedad y Humanismo, León, 2001.

SWAIN, Tânia Navarro. “Você disse imaginário?” In: Tânia Navarro Swain (org.). *História no Plural*. Brasília: EDUnB, 1994.

TARNAS, Richard. *A Epopéia do Pensamento Ocidental: para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo*. Tradução: Beatriz Sidou. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

TELES, Ariston Santana. *O médium Dom Bosco*. Brasília: Edição Centro Espírita “Sebastião, o mártir”, 1980.

TERRIN, Aldo Natale. *Nova Era: a religiosidade do Pós-moderno*. São Paulo: Loyola, 1996; Leila Amaral Luz. “As implicações éticas dos sentidos Nova Era de comunidade”. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, ISER, 17/1-2, 1996.

TINGAY, Kevin. “Sociedade Teosófica”. In: PARTRIDGE, Christopher (org.). *Enciclopédia das Novas Religiões. Novos Movimentos Religiosos, Seitas e Espiritualidades Alternativas*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VAINFAS, Ronaldo. “Caminhos e descaminhos da História”. In: Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VEYNE, Paul. *Como se Escreve a História*. 3 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1997.

WEBER, Max. *A política como vocação*. In: Hans Heinrich Gerth et Charles Wright Mills. *Max Weber: ensaios de Sociologia*. Trad. Waltersir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 3ª ed. Brasília: UNB, 1994.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e Diferença: uma Introdução Teórica e Conceitual”. In: Tomaz Tadeu da Silva (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

WORSLEY, Peter. “The Trumpet Shall Sound: a study of ‘Cargo’ cults”. In: *Melanesia*. 2ª ed. New York: Schocken Books, 1968.

ZOLLA, Elémire. *Uscite dal mondo*. Milão: Adelphi, 1992. *Apud* Francisco García Bazán. *Aspectos incommuns do sagrado*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2002.